

sempre

maggie stiefvater

O último volume da série
"Os lobos de Mercy Falls"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sempre

Os Lobos de Mercy Falls

Livro 3

Maggie Stiefvater

Sempre é o final da amável trilogia de Maggie Stiefvater, Os Lobos de Mercy Falls. Desta vez, os riscos estão maiores do que nunca: enquanto o pai de Isabel planeja acabar com todos os lobos de uma vez por todas, Sam e Isabel procuram por maneiras de salvar a matilha, e Cole corre em busca de uma cura para Grace. Porém a peça central da série é o romance — entre Sam e Grace, claro, e entre Cole e Isabel — e a escrita brilhante e pungente de Maggie não desaponta. Sam e Grace roubam momentos doces e de tirar o fôlego juntos, durante o período das imprevisíveis transformações de Grace, e Cole e Isabel lutam para derreter o interior frio um do outro. Os leitores irão se derreter também, e encontrarão um satisfatório, porém não tão perfeito, final.

Prólogo

Isabel

Eu sei ficar muito, muito silenciosa.

A pressa estraga o silêncio. A impaciência põe a caçada a perder.

Eu vou com calma.

Eu sou silenciosa ao me mover pela escuridão. A poeira paira no ar de manhã à noite; a lua cria constelações com essas partículas ao atravessar os galhos acima.

O único som é o da minha respiração, lenta, entre os dentes expostos. A sola dos meus pés não faz barulho na vegetação rasteira úmida. Minhas narinas se abrem. Escuto as batidas de meu coração mais altas do que o som do gorgolejo de um riacho próximo.

Um graveto seco começa a espetar meu pé.

Paro.

Espero.

Caminho devagar. Demoro muito tempo para erguer minha pata e afastá-la do graveto. Estou pensando. *Quieta*. Minha respiração está fria sobre meus incisivos. Escuto um som forte ali perto, que chama e prende minha atenção. Sinto um nó no estômago vazio.

Entro ainda mais na escuridão. Meus ouvidos se aguçam; o sinal acuado está por perto. Um veado? Antes de eu me mexer de novo, um inseto da noite preenche um longo momento com seu som, similar ao som de cliques. Meu coração bate rapidamente, entre cada clique. Qual é o tamanho do animal? Se ele estiver ferido, não vai importar o fato de eu estar caçando sozinha.

Algo resvala no meu ombro. Suave. Macio.

Sinto vontade de me retrair.

Sinto vontade de me virar e de prendê-lo entre meus dentes.

Mas estou quieta demais. Fico parada por muito tempo, e então viro a cabeça para ver o que continua raspando em minha orelha com seu toque delicado.

É algo que não consigo descrever, flutuando no ar, sendo levado pelo vento. Toca minha orelha outras vezes. Minha mente arde e eu me esforço tentando dar um nome àquilo.

Papel?

Não compreendo por que ele está ali, pendurado como uma folha no galho, apesar de não ser uma folha. Eu me sinto inquieta. Além dele, espalhados no chão, estão itens com um odor desconhecido e hostil. A pele de algum animal perigoso, acuado e deixado para trás. Eu recuo, com os lábios pressionados, e ali, de repente, a presa aparece.

Mas não é um veado.

É uma menina, girando na sujeira, segurando a terra com as mãos, choramingando. Nos pontos em que a luz da lua incide em seu corpo, ela aparece pálida contra o chão escuro. Ela emana medo. Sinto o cheiro forte do medo. Já desconfiada, sinto os pelos da minha nuca se arrepiarem. Ela não é um lobo, mas tem o cheiro de um.

Fico bem quieta.

A menina não percebe minha aproximação.

Quando ela abre os olhos, estou bem na sua frente, com meu focinho quase tocando o seu nariz. Ela estava um pouco ofegante, soltando o ar quente em meu focinho, mas quando me vê, para.

Nós nos entreolhamos.

A cada segundo que os olhos dela se prolongam nos meus, mais pelos se arrepiam no meu pescoço e nas minhas costas.

Os dedos dela agarram a terra. Quando ela se move, tem mais cheiro de ser humano do que de lobo. O perigo assovia em meus ouvidos.

Mostro meus dentes a ela; dou um passo para trás. Só consigo pensar em me afastar, ter apenas as árvores ao meu redor, colocar um espaço entre nós. De repente, eu me lembro do papel pendurado na árvore. Sinto-me cercada, com aquela menina estranha na frente e aquela folha esquisita atrás. Minha barriga toca a vegetação rasteira quando me agacho, com o rabo entre as pernas.

Meu rosnado começa tão lentamente que consigo senti-lo em minha língua antes de escutá-lo.

Estou presa entre as coisas que têm o cheiro dela, movendo-me entre os galhos e me deitando no chão. Os olhos da menina continuam fixos nos meus, desafiando-me, prendendo-me. Sou sua prisioneira e não posso escapar.

Quando ela grita, eu a mato.

Capítulo 1

Grace

Então agora eu era uma loba e uma ladra.

Eu me vi humana à beira do Bosque da Fronteira. Em qual beira, não sabia; a mata era ampla, estendia-se por quilômetros. Fácil de percorrer como loba. Não tão fácil como humana. Era um dia quente e agradável — um lindo dia, para os padrões da primavera em Minnesota. Isso se você não estivesse perdida e nua.

Senti dor. Meus ossos pareciam ter sido amassados como massinha e depois voltado a ser ossos. Minha pele coçava, especialmente acima de meus tornozelos, cotovelos e joelhos. Um dos meus ouvidos zumbia. Minha mente estava confusa e sem foco. Tive uma estranha sensação de *déjà vu.*

Meu desconforto aumentou quando percebi que eu estava perdida e nua na mata, e ainda por cima perto da civilização. Enquanto as moscas voavam sem rumo definido perto de mim, eu me levantei e olhei ao redor. Consegui ver a parte de trás de pequenas casas do outro lado das árvores. Aos meus pés, havia um saco de lixo preto e rasgado, com o seu conteúdo espalhado, sujando o chão. Era esquisito, corno se aquela coisa pudesse ter sido meu café da manhã. Eu não queria pensar muito naquilo.

Não queria pensar muito em *nada.* Meus pensamentos retornavam a mim em flashes, tomando forma como sonhos meio esquecidos. E conforme eles voltavam, eu me lembrava de estar naquele momento aquele momento confuso de ter me tornado de novo um ser humano várias vezes. Em dezenas de ambientes diferentes. Aos poucos, fui lembrando que aquela não era a primeira vez que eu havia mudado naquele ano. E eu tinha me esquecido de tudo entre uma mudança e outra. Bem, de quase tudo.

Fechei os olhos com força. Consegui ver o rosto *dele,* os olhos amarelos, os cabelos escuros. Eu me lembrei de como minha mão se encaixava na dele. Eu me lembrei de ter me sentado ao lado dele em um veículo que eu acreditava não existir mais.

Mas não conseguia lembrar seu nome. Como eu podia ter me esquecido do *nome?*

Ao longe, ouvi pneus de carro ecoarem pelo bairro. O som desapareceu aos poucos depois que ele passou, um lembrete de como o mundo real estava perto.

Abri os olhos de novo. Não podia pensar nele. Não pensaria. As coisas aconteceriam de novo comigo. Tudo voltaria à minha mente. Eu precisava me concentrar no momento presente.

Eu tinha algumas opções. Uma era voltar para aquela mata quente e torcer para voltar a ser loba logo. O maior problema com essa ideia era que eu me sentia total e completamente humana naquele momento. O que me deu uma segunda ideia, que seria ficar à mercê das pessoas que viviam na casinha azul ao alcance da minha vista. Afinal, parecia que eu já tinha comido o lixo deles e, pelo visto, o lixo dos vizinhos também. Mas havia muitos problemas com essa ideia. Apesar de eu me sentir totalmente humana naquele momento, como saber quanto tempo isso duraria? E eu estava nua e voltando da mata. Não sabia como explicar isso sem acabar no hospital ou na delegacia.

Sam.

O nome dele voltou de repente, e, junto, mil outras coisas: poemas sussurrados de modo incerto em meu ouvido, o violão nas mãos dele, o formato da sombra sob seu rosto, a maneira como ele passava os dedos sobre a página de um livro enquanto o lia. A cor das paredes da livraria, o som sussurrado da voz dele cm meu travesseiro, uma lista de promessas escrita para nós dois. E o resto também: Rachel, Isabel, Olivia. Tom Culpeper jogando um lobo morto na minha frente e Sam e Cole.

Meus pais. Meu Deus. Meus pais. Eu me lembrei de estar na cozinha da casa deles, sentindo o lobo sair de mim, brigando com eles por causa do Sam. Eu me lembrei de ter enchido a mochila de roupas e fugido para a casa de Beck. Eu me lembrei de ter engasgado com meu próprio sangue...

Grace Brisbane.

Como loba, eu havia me esquecido de tudo isso. E me esqueceria de tudo de novo.

Eu me ajoelhei, porque ficar em pé de repente pareceu difícil, e envolvi as pernas nuas com os braços. Uma aranha marrom passou em cima dos dedos dos meus pés antes que eu pudesse reagir. Os pássaros não paravam de cantar no céu.

A luz sarapintada do sol, quente onde incidia livremente, brincava pelo chão da floresta. Uma brisa morna de primavera soprava pelas novas folhas verdes dos galhos.

A floresta suspirou várias vezes ao meu redor. Em minha ausência, a natureza prosseguiu, normal como sempre, mas ali estava eu novamente, uma realidade pequena e impossível, e eu não sabia mais onde devia ficar ou o que devia fazer.

E então, uma brisa quente, com um cheiro quase irresistível de biscoito de queijo, fez esvoaçar meu cabelo e me deu uma opção. Era evidente que, na casa ao lado, alguém estava se sentindo otimista em relação àquele clima ameno e estendera as roupas para secar. As roupas balançando ao vento chamaram minha atenção. Um varal de possibilidades muito boas. Quem vivia na casa certamente era maior do que eu, mas um dos vestidos parecia ter uma faixa para amarrar na cintura, o que significava que podia dar certo, Com exceção, claro, do fato de roubar as roupas de outra pessoa.

Eu já tinha feito muitas coisas que muitas pessoas podiam não considerar muito corretas, mas roubar não era uma delas. Não daquela maneira. O vestido bonito de uma pessoa que provavelmente teve de lavá-lo a mão e estender no varal para secar. E havia também roupas de baixo, meias e fronhas no varal, o que significava que eles provavelmente eram pobres demais para ter uma secadora. Eu estava disposta a roubar a roupa bonita de uma pessoa para poder voltar a Mercy Falls? Eu era mesmo esse tipo de pessoa agora?

Eu pretendia devolvê-lo. Quando conseguisse.

Passei pelo varal, sentindo-me exposta e pálida, tentando analisar a presa mais de perto. O cheiro de biscoitos de queijo – provavelmente o que me atraíra como loba – dava a entender que havia alguém em casa. Ninguém ignoraria aquele cheiro. Agora que eu havia sentido o cheiro, foi difícil pensar em qualquer outra coisa. Procurei me concentrar no problema que deveria resolver. Será que quem tinha feito os biscoitos estava observando? Ou talvez os vizinhos estivessem? Eu poderia me manter fora de vista se fosse esperta.

O quintal de minha pobre vítima era como o de muitas casas perto do Bosque da Fronteira, repleto das coisas de sempre: caixas de tomate, uma churrasqueira feita à mão, antes de televisão com fios que levavam a lugar nenhum. Cortador de

grama meio coberto por uma lona. Uma piscina infantil de plástico com estampa de girassol. Muitas coisas, mas nada que pudesse realmente ser usado como capa.

Mas eles tinham se distraído a ponto de um lobo roubar o lixo dos fundos da casa. Eu esperava que eles fossem igualmente distraídos e não vissem uma menina nua roubar um vestido de seu varal.

Respirei fundo. Torci para que houvesse um único e forte momento em que eu tivesse de fazer algo simples, como passar por uma prova-surpresa de cálculo ou arrancar um band-aid da perna sem depilação, e então me enfiei no quintal. Em algum lugar, um cachorrinho começou a latir furiosamente. Eu agarrei o vestido.

Acabou antes de eu perceber. De repente, eu estava de volta à mata, com a peça roubada nas mãos, a respiração ofegante, meu corpo escondido por um arbusto cujas folhas podiam ou não ser venenosas.

No fundo da casa, alguém gritou para o cão: "Cale-se, ou vou jogá-lo no lixo!"

Esperei meu coração se acalmar. E então, culpada e triunfante ao mesmo tempo, enfiei o vestido pela cabeça. Ele era bonito, com flores azuis, leve demais para aquela época do ano, e ligeiramente úmido. Precisei apertar um pouco a parte de trás para que servisse cm mim. Quase ficou apresentável.

Quinze minutos depois, eu havia pegado um par de tamancos da porta dos fundos de outro vizinho (um dos tamancos tinha cocô de cachorro grudado na parte de trás, deve ter sido por isso que o calçado fora deixado do lado de fora) e caminhava pela estrada casualmente, como se vivesse ali. Usando meus sentidos de loba, entregando-me a eles como Sam me ensinou muito tempo antes, eu conseguia criar cm minha mente uma imagem mais detalhada da área ao redor, mais do que conseguia enxergar. Mesmo com toda aquela informação, eu não fazia ideia de onde estava, mas sabia de uma coisa: eu não estava perto de Mercy Falls.

Mas eu tinha vim plano, uma ideia do que fazer. Sair do bairro antes que alguém reconhecesse o vestido e os tamancos. Encontrar um estabelecimento ou algum lugar onde conseguir instruções sobre a minha localização, de preferência antes de os tamancos deixarem meus pés com bolhas. Depois: voltar para Sam, de alguma maneira.

Não era o melhor plano do mundo, mas era tudo o que eu tinha.

Capítulo 2

Isabel

Eu calculava o tempo contando as terças-feiras.

Faltavam três terças-feiras até as aulas terminarem para as férias de verão.

Sete terças-feiras desde que Grace desapareceu do hospital.

Cinquenta e cinco terças-feiras até eu me formar e dar o fora de Mercy Falls, Minnesota.

Seis terças-feiras desde que eu vira Cole St. Clair pela última vez.

As terças-feiras eram o pior dia da semana na casa dos Culpeper. Dia de guerra. Bem, todos os dias podiam ser um dia de guerra na nossa casa, mas terça feira era um dia certeiro para isso. Já fazia quase um ano desde a morte de meu irmão Jack, e depois de uma maratona de gritos em família que tomou três andares, duas horas e ainda contou com uma ameaça de divórcio por parte de minha mãe, meu pai voltara a frequenta as sessões de terapia em grupo conosco. Assim, todas as quartas-feiras eram iguais: minha mãe passava perfume, meu pai desligava o telefone e eu sentava dentro do enorme utilitário azul de meu pai, tentando fingir que a parte de trás não cheirava mais a lobo morto.

Às quartas-feiras, todo mundo se comportava maravilhosamente bem. As horas seguintes à sessão de terapia – um jantar em St. Paul, umas compras ou um filme – eram belas e perfeitas. E então, todos começavam a se afastar daquele ideal, com o passar das horas, até que, na terça-feira seguinte, havia novamente explosões e brigas fortes.

Eu costumava me ausentar nas terças-feiras.

Naquela terça-feira, fui vítima de minha própria indecisão. Depois de voltar da escola, não consegui telefonar para o Taylor ou para a Madison para sairmos. Na semana anterior, eu tinha ido a Duluth com os dois e alguns meninos que eles conheciam e gastado duzentos dólares em sapatos para minha mãe, cem dólares em uma camisa para mim, e deixado os meninos gastarem um terço disso em sorvetes que não tomamos. Eu não via sentido naquilo, além de chocar Madison com meus gastos despreocupados no cartão de crédito. E continuava sem ver sentido, agora que estava em casa, com os sapatos aos pés da cama de minha mãe

e a camisa pendurada de modo estranho. Ainda não me lembrava dos nomes dos meninos, apenas tinha a vaga lembrança de que um deles começava com J.

Então, eu poderia me dedicar a meu outro passatempo, entrar em meu utilitário e estacionar na área de mata crescente de algum lugar para escutar música, viajar e fingir que eu estava em outro lugar. Em geral, eu conseguia matar tempo suficiente para voltar um pouco antes de minha mãe ir para a cama e quando o pior da briga já havia passado. Ironicamente, existiam um milhão de maneiras diferentes de sair de casa quando morávamos na Califórnia, na época em que eu não precisava fugir.

O que eu precisava mesmo era telefonar para Grace e ir caminhando ao centro da cidade com ela ou ficar deitada em seu sofá enquanto ela fazia a lição de casa. Eu não sabia se isso seria possível de novo.

Passei tanto tempo analisando as minhas opções, que perdi a chance de escapar. Eu estava em pé na saleta, segurando o telefone, que esperava meus comandos, quando meu pai desceu a escada trotando no mesmo momento em que minha mãe começou a abrir a porta da sala de estar. Fiquei presa entre dois climas opostos. Nada a fazer naquele momento além de me preparar para o pior e torcer para que o anão de jardim não explodisse.

Eu me preparei.

Meu pai me deu um tapinha na cabeça.

- Ei, docinho.

Docinho?

Hesitei quando ele passou por mim, eficiente e poderoso, um gigante em seu castelo. Era como se eu tivesse voltado um ano no tempo.

Olhei para ele quando parou na entrada da casa perto de minha mãe. Esperei pela troca de farpas. Mas eles se beijaram.

- O que vocês fizeram com meus pais? – perguntei.

- Rá! – disse meu pai, com uma voz que poderia ser descrita como *jovial*. – Eu ficaria feliz se você vestisse algo que cobrisse a sua barriga antes de Marshall chegar aqui, se não quiser ficar no seu lado fazendo lição de casa.

Minha mãe me lançou um olhar como se quisesse dizer "eu avisei!", apesar de não ter falado nada a respeito de minha blusa quando voltei da escola.

- O *congressista* Marshall? - perguntei. Meu pai tinha muitos amigos da faculdade que conquistaram postos importantes, mas ele não passava muito tempo com eles desde a morte de Jack. Eu já havia escutado as histórias sobre eles, principalmente quando os adultos começavam a beber.

- Ou o Marshall que transou com a mamãe antes de você?

- Pra você, ele é o sr. Landy - disse meu pai, mas ele já estava saindo da sala e não parecia muito irritado. E acrescentou: - Não seja grosseira com sua mãe.

Minha mãe se virou e seguiu meu pai de volta para a sala de estar.

Escutei os dois conversarem e, em determinado momento, minha mãe até riu.

Em uma terça-feira. Era terça-feira e minha mãe estava rindo.

- Por que ele está vindo aqui? - perguntei com desconfiança, seguindo os dois da sala de estar para a cozinha. Olhei para o balcão.

Metade dele estava coberto com batatinhas e legumes, e na outra metade havia pranchetas, pastas e bloquinhos de anotações.

- Você ainda não trocou de blusa - disse minha mãe.

- Eu vou sair - respondi. Eu tinha acabado de decidir aquilo. Todos os amigos de meu pai se achavam extremamente engraçados e eles eram extremamente sem graça, então minha decisão estava tomada. - Para que Marshall está vindo aqui?

- O sr. Landy - corrigiu meu pai. - Vamos conversar sobre alguns assuntos jurídicos e sobre os últimos acontecimentos.

- Acontecimentos? - eu me aproximei do lado do balcão coberto de papel quando algo chamou minha atenção. A palavra que eu pensei ter visto — *lobos* — estava em todas as partes. Senti um arrepio desconfortável e analisei. No ano anterior, antes de eu conhecer Grace, aquela sensação teria sido o doce arrepio da vingança, ver os lobos prestes a receberem seu castigo por terem matado Jack. Agora, surpreendentemente, eu estava controlada por completo. - Isso tem a ver com os lobos estarem protegidos em Minnesota?

- Talvez não por muito tempo - disse meu pai. - Landy tem algumas ideias. Pode

fazer com que o bando todo seja eliminado.

Era por isso que ele estava tão feliz? Porque ele, Landy e minha mãe iam ficar á vontade para criar um plano para matar os lobos? Eu não podia acreditar que ele estava pensando que isso aliviaria, mesmo que minimamente, a morte de Jack.

Grace estava na mata naquele momento. Ele não sabia, mas estava falando sobre matá-la.

- Fantástico - eu disse. - Vou embora.

- Aonde você vai? - perguntou minha mãe.

- Na casa da Madison.

Minha mãe parou no meio do caminho abrindo um saco de batatas fritas. Eles tinham alimentos suficientes para alimentar o Congresso norte-americano inteiro.

- Você vai mesmo à casa da Madison ou está apenas dizendo que vai à casa dela porque sabe que cu estarei ocupada demais para confirmar?

- Certo - eu disse. - Vou à casa do Kenny e não sei quem vou conseguir chamar para ir comigo. Está feliz?

- Exultante - disse minha mãe. De repente, percebi que ela estava usando os sapatos que eu havia comprado para ela. Por algum motivo, eu me senti estranha. Meus pais sorrindo e minha mãe usando sapatos novos e eu tentando descobrir se explodiram minha amiga com uma arma de grande calibre.

Peguei minha bolsa e corri até meu utilitário. Eu me sentei dentro dele, sem virar a chave nem me mexer, apenas segurando meu telefone e pensando no que fazer. Eu sabia o que *devia* fazer; só não sabia se eu queria fazer isso, Seis terças-feiras desde que eu havia conversado com ele. Talvez Sam atendesse. Eu poderia conversar com Sam.

Não, eu *precisava* conversar com Sam. Porque o congressista Marshall Landy e meu pai podiam decidir algo na reunião de guerra regada a batata frita, eu não tinha escolha.

Mordi o lábio e disquei o número da casa de Beck.

- Hã?

A voz do outro lado da linha era extremamente familiar, e os sussurros

nervosos em meu estômago se transformaram em gritos.

Não era Sam.

Minha própria voz pareceu fria, mesmo não intencionalmente.

- Cole, sou eu.

- Ah - disse ele, e desligou.

Capítulo 3

GRACE

Meu estômago roncando manteve o controle do tempo para mim, por isso pareceu uma eternidade antes de eu entrar em um estabelecimento. O primeiro que eu encontrei foi a loja de pesca do Bem, uma construção cinza na mata que parecia ter se desenvolvido a partir do solo enlameado que o cercava. Precisei atravessar um caminho até um estacionamento de pedras repleto de neve derretida e água de chuva para chegar à porta. Um cartaz acima da maçaneta alertava que se eu estivesse deixando as chaves de minha caminhonete, a caixa de entrega ficava na lateral do prédio. Outro cartaz anunciava que eles tinham filhotes de beagle à venda. Dois machos e uma fêmea.

Pousei a mão na maçaneta. Antes de girá-la, organizei minha história na mente. Sempre havia o risco de eles me reconhecerem – com um susto, percebi que não fazia a menor ideia de quanto tempo havia se passado desde que eu me transformara em loba pela primeira vez ou de como meu desaparecimento poderia ter chamado a atenção. Mas sabia que tudo virava notícia em Mercy Falls.

Entrei, empurrando a porta. Fiz uma careta; o lado de dentro era incrivelmente quente e tinha cheiro de suor. Eu passei pelas estantes de equipamentos de pesca, venenos de rato e plástico-bolha até chegar ao balcão no fundo. Um idoso estava inclinado sobre o balcão, e era evidente, mesmo dali, que ele e sua camisa listrada de botões abertos eram a fonte daquele cheiro.

- Você está aqui por causa dos caminhões? – O homem se endireitou e espiou pelas lentes quadradas de seus óculos. Havia rolos de fita adesiva atrás da cabeça dele. Tentei respirar pela boca.

- Oi – eu disse. – Não estou aqui por causa dos caminhões. – respirei profundamente, fiz cara de assustada e comecei a mentir. – Acontece que eu e minha amiga acabamos de ter uma briga gigantesca e ela me fez sair de seu carro. Eu sei, estou perdida. Posso usar o seu telefone, por favor?

Ele franziu o cenho e eu tentei imaginar, brevemente, se eu estava coberta de lama ou se meu cabelo estava uma bagunça. Levei a mão à cabeça.

E então, ele disse:

- O que foi agora?

Eu repeti a história, tomando o cuidado de não me contradizer e de continuar com cara de assustada. E consegui me sentir assim, um pouco. Não era difícil. Ele ainda parecia desconfiado, então eu disse:

- Telefone? Para eu poder chamar alguém para vir me buscar?

- Bem – disse ele - , vai ser ligação de longa distância?

Senti um pouco de esperança. Eu não fazia ideia se era uma ligação de longa distância ou não, então respondi:

- Mercy Falls.

- Ah – disse ele -, o que não respondeu à minha pergunta. – Bem.

Esperei durante um minuto agonizante. No fundo, escutei alguém rir alto.

- Minha esposa está no telefone – disse ele. – Mas quando ela desligar, acho que você pode usá-lo.

- Obrigada – eu disse. – Onde estamos, afinal? Para eu poder dizer a meu namorado onde me buscar?

- Bem – disse ele. Acho que essa palavra não significava nada para ele, já que a dizia o tempo todo enquanto pensava. – Diga a ele que estamos a um quilômetro e meio de Burntside.

Burnstside. Era um trajeto de quase trinta minutos de carro de Mercy Falls, numa estrada de duas vias totalmente serpenteante. Era desconcertante pensar que eu havia percorrido toda aquela distância sem saber, como uma sonâmbula.

- Obrigada.

- Acho que você tem cocô de cachorro no sapato – disse ele com gentileza. – Estou sentindo o cheiro.

Fingi que estava olhando para os sapatos.

- Acho que sim. Eu estava pensando nisso.

- ...já está lá há um tempo – disse ele. Precisei de um segundo para perceber que ele se referia à esposa e ao telefone.

Eu entendi. E disse:

- Vou ficar por aqui – Ele se mostrou aliviado, como se tivesse se sentido obrigado a fazer para mim enquanto eu ficasse perto do balcão. Assim que eu me afastei para ver uma parede de decorações. Escutei ele voltar a mexer nas coisas atrás do balcão, seja lá o que ele estivesse mexendo. E sua esposa não parava de falar e rir de modo esquisito, e a loja continuava com cheiro de suor.

Observei varas de pesca, uma cabeça de veado usando um boné rosa, e corujas falsas para espantar as aves para longe do jardim. Havia latas de minhocas no canto. Enquanto eu olhava para elas, com meu estômago se agitando de inquietação e a promessa distante da transformação, a porta se abriu de novo, e um homem usando um boné John Deere apareceu. Ele e o senhor suado se cumprimentaram. Encostei o dedo na borda de uma coleira laranja de cão de caça, pensando em meu corpo, tentando imaginar se eu ia me transformar de novo naquele dia.

De repente, prestei atenção ao que os homens estavam falando. O homem de boné John Deere dizia:

- Alguma coisa precisa ser feita. Um deles pegou um saco de lixo da frente da minha casa hoje. Minha esposa pensou ser um cachorro, mas eu vi a pegada...era grande demais.

Lobos. Eles estavam falando sobre os lobos.

Eu.

Eu me encolhi, agachei-me como se estivesse olhando para os sacos de ração de cachorro na estante de metal mais baixa.

O senhor disse:

- Culpeper está tentando organizar algo, pelo que eu soube.

O cara de boné emitiu um som que parecia um ronco com as narinas e a boca.

- O quê, como no ano passado? Aquilo não fez mal algum. Fez só cócegas. Esse é realmente o preço das licenças de pesca deste ano?

- É – disse o senhor. – Não é o que ele está falando agora. Está tentando pegá-los como fez em Idaho. Como os helicópteros e os... assassinos. Essa não é a

palavra. Atiradores profissionais. É isso. Ele está tentando tornar legal.

Meu estômago revirou de novo. Parecia que tudo sempre voltava a Tom Culpeper. O tiro de Sam. Depois, o de Victor. Quando seria o suficiente para ele?

- Boa sorte para passar com isso pelos ambientalistas – disse John Deere. – Aqueles lobos são protegidos ou algo assim. Meu primo entrou numa encrenca das grossas por ter acertado um há alguns anos. Quase acabou com o carro dele também. Culpeper está diante de uma longa estrada.

O senhor esperou muito tempo para responder, ele estava fazendo um som meio estridente atrás do balcão.

- Quer um pouco? Não? Bem, mas ele é um advogado da cidade grande. E o menino dele é aquele que foi morto pelos lobos. Se alguém pode conseguir isso, é ele. Eles mataram aquela matilha toda em Idaho. Ou talvez Wyoming. Algum lugar desses.

A matilha toda.

- Não por pegarem o lixo – disse John Deere.

- Carneiros. Acho que é bem pior os lobos matarem os meninos em vez de os carneiros. Então, pode ser que ele consiga. Quem sabe? – Ele passou. – Ei, senhorita? Senhorita? O telefone está desocupado.

Meu estômago revirou mais uma vez. Fiquei em pé, com os braços cruzados, torcendo e rezando para que John Deere não reconhecesse o vestido, mas ela apenas olhou para mim normalmente antes de se virar. Ele não parecia o tipo de cara que presta atenção aos detalhes das roupas das mulheres. Eu me aproximei dele e o senhor entregou o telefone para mim.

- Serei rápida, um minuto – eu disse. O senhor sequer percebeu que eu tinha dito alguma coisa, então eu me recostei no canto da loja. Os homens continuaram falando, não mais sobre lobos.

Com o telefone na mão, percebi que eu tinha três números para os quais podia telefonar: Sam. Isabel. Meus pais.

Eu não podia telefonar para meus pais.

Não ligaria.

Teclei o número de Sam. Por um momento, antes de apertar a tecla LIGAR, respirei fundo, fechei os olhos e pensei que queria, desesperadamente, que ele atendesse o telefone, mais do que eu admitia a mim mesma. Meus olhos ficaram marejados, e eu pisquei com força.

O telefone tocou. Duas vezes. Três vezes. Quatro. Seis. Sete.

Eu precisava me habituar à ideia de que ele podia mão atender.

- Alô?

Ao escutar a voz, senti os joelhos tremerem. Eu precisei me agachar, de repente, e coloquei uma das mãos na estante de metal a meu lado para conseguir me estabilizar. O vestido roubado se espalhou pelo chão.

- Sam – sussurrei.

Silêncio. Durou tanto tempo, que eu tive medo de que ele tivesse desligado. Perguntei:

- Você está aí?

Ele deu uma risadinha, um som esquisito e trêmulo.

- Eu... não pensei que pudesse ser você, de verdade. Você é...eu não pensei que pudesse ser você.

Eu pensei naquilo: ele estacionando o carro, abraçando-me pelos ombros, eu em segurança, eu sendo eu mesma de novo, fingindo que não o abandonaria mais uma vez depois. Eu desejava aquilo com tanta intensidade, que me fez sentir dor de estômago. Perguntei:

- Pode vir me buscar?

- Onde você está?

- Na loja do Bem. Burntside.

- Jesus – E então: - Estou indo, chego aí em vinte minutos. Estou indo.

- Vou esperar no estacionamento – eu disse. Sequei uma lágrima que caiu sem que eu percebesse.

- Grace... – ele hesitou.

- Eu sei – eu disse. – Eu também.

SAM

Sem Grace, eu vivia mil outros momentos diferentes do atual. Todos os segundos eram preenchidos pela música de alguém ou pelos livros que eu nunca tinha lido. Trabalho. Fazer pão. Qualquer coisa para preencher meus pensamentos. Eu fingia normalidade, fingia que aquele era apenas mais um dia sem ela, e que no dia seguinte ela entraria pela porta, e a vida seguiria como se nunca tivesse sido interrompida.

Sem Grace, eu era uma máquina em funcionamento eterno, movida à minha incapacidade de dormir e ao medo de permitir que meus pensamentos se acumulassem na mente. Todas as noites eram uma cópia dos dias anteriores, e todos os dias eram uma cópia de todas as noites. Tudo parecia errado: a casa lotada com Cole St. Clair e mais ninguém; minhas lembranças com imagens de Grace coberta de sangue, transformando-se em loba; eu, sem mudar, meu corpo fora de alcance das transformações. Eu esperava por um trem que nunca entrava na estação. Mas não podia parar de desejar, porque, caso contrário, quem eu seria? Eu estava analisando meu mundo num espelho.

Rilke disse: " É isso o que o destino é: ser o contrário, ser contrário a tudo e a nada mais além do contrário e sempre o contrário."

Sem Grace, eu só tinha as canções a respeito de sua voz e as canções a respeito do eco deixado quando ela parou de falar.

Até que ela telefonou.

Quando o telefone tocou, eu estava aproveitando o dia quente para lavar o Volkswagen, tirando os últimos resquícios de sal e areia grudados no carro após uma eternidade de neve do inverno. Os vidros da frente estavam abaixados para eu poder escutar música enquanto trabalhava. Tocava uma canção de guitarra intensa com notas e melodia ascendentes que eu nunca associaria á esperança daquele momento, o momento em que ela telefonaria e diria: " Pode vir me buscar?"

O carro e meus braços estavam cobertos de espuma, mas eu não me dei ao trabalho de retirá-la. Simplesmente joguei meu telefone no banco do passageiro e

liguei o motor. Enquanto dava a ré, eu estava com tanta pressa que fiz o motor gritar, gritar e gritar ao tocar as marchas, da ré para a primeira, com meu pé escorregando do pedal. A música alta do motor combinou com as batidas do meu coração.

O céu estava aberto e azul, tomado por nuvens brancas pintadas com cristais finos acima demais da Terra para eu senti-los ali, no chão quente. Eu já estava na estrada havia dez minutos quando me dei conta de que precisava levantar os vidros; o ar havia secado o sabão de meus braços, formando manchas brancas. Eu vi outro carro na estrada e o ultrapassei em uma área de ultrapassagem proibida.

Em dez minutos, Grace estaria no assento do passageiro. Tudo estaria bem. Eu já conseguia sentir os dedos dela entrelaçados nos meus, seu rosto pressionado contra o meu pescoço. Parecia que já fazia anos desde a última vez em que eu a tivera em um abraço, com as mãos pressionadas contra suas costelas. Anos desde que eu a beijara pela última vez. Uma vida desde que escutara sua risada.

A esperança pesou em meu peito. Pensei no fato incrivelmente inconseqüente de que, durante dois meses, Cole e eu jantamos sanduíches de geléia, atum em lata e burritos congelados. Quando Grace voltasse, seriamos melhores. Pensei que tínhamos uma lata de molho de espaguete e um pouco de macarrão. Parecia muito importante preparar um jantar decente para a volta dela.

A cada minuto, mais perto dela. Preocupações chatas abalavam minha mente, e as maiores delas envolviam os pais de Grace. Eles tinham certeza de que eu tinha algo a ver com seu desaparecimento, já que ela havia brigado com eles por minha causa antes de se transformar. Nos dois meses desde seu desaparecimento, a polícia vasculhou meu carro e me interrogou. A mãe de Grace encontrou desculpas para passar pela livraria onde eu trabalhava, olhando fixamente para a vitrine enquanto eu fingia não perceber. Matérias a respeito do sumiço de Grace e de Olivia eram publicadas no jornal da região, e eles diziam tudo a meu respeito, exceto meu nome.

No fundo, eu sabia que isso – Grace como loba, os pais dela como inimigos, eu em Mercy Falls naquele corpo novo – era uma situação complicada, impossível de resolver e esclarecer. Mas certamente, se eu tivesse Grace, as coisas se ajeitariam.

Quase passei pela loja de pesca do Bem, vi uma construção sem placa, escondida por arbustos. O Volkswagen guinou quando entrei no estacionamento; as poças na calçada eram profundas e cheias de uma água lamacenta, que escutei espirrar embaixo do veículo. Ao observar o local, hesitei. Havia alguns caminhões de carga estacionados atrás da casa, e ali, ao lados deles, perto das árvores...

Larguei o carro na beira do estacionamento e saí, deixando-o ligado. Pisei em trilhos de madeira e parei. Aos meus pés, na grama molhada, estava um vestido florido. Alguns metros adiante, vi um tamanco abandonado, e quase um metro depois, virado de lado, seu par. Respirei profundamente e me ajoelhei para pegar o vestido. Em minha mão, o tecido tinha um perfume suave que lembrava o cheiro de Grace. Eu me endireitei e hesitei.

Dali, conseguia ver a lateral do Volkswagen, coberto de terra do estacionamento. Era como se eu nunca o tivesse lavado.

Voltei para dentro do carro e deixei o vestido no banco de trás e levei ás mãos ao meu nariz e à boca, respirando profundamente diversas vezes, com os cotovelos apoiados no volante. Fiquei sentado ali durante vários minutos, olhando, de trás do painel, para os sapatos, abandonados.

Era muito mais fácil quando o lobo era eu.

Capítulo 4

COLE

Aquele era que eu era, agora que era um lobo: eu era Cole St. Clair, e costumava ser a NARKOTIKA.

Eu pensei que não sobraria nada de mim, quando tirasse o baixo da NARKOTIKA, os gritos de algumas centenas de milhares de fás e um calendário com datas de turnê. Mas ali estava, meses depois, e aconteceu de haver carne fresca por baixo da casca que eu havia arrancado. Agora, eu era fã dos prazeres simples da vida: sanduíches de queijo quente sem casca queimada, jeans que não apertavam as melhores partes do meu corpo, um dedo de vodca, dez a doze horas de sono.

Eu não sabia como Isabel se encaixava naquilo.

A verdade é que eu conseguia passar a maior parte da semana sem pensar no queijo quente e na vodca. Mas não podia dizer a mesma coisa de Isabel. Não era nada como sonhar acordado sem parar, aquele tipo de sensação boa. Era meio como um formigamento na virilha. Se você estivesse ocupado de verdade, conseguia esquecer-se quase completamente dele, mas quando parava de se movimentar, a coisa vinha com força total.

Quase dois meses e nem sinal dela, apesar de diversas mensagens de voz superdivertidas deixadas por mim.

Mensagem de voz 1: " Oi, Isabel Culpeper. Estou deitado em minha casa, olhando para o teto. Estou quase pelado. Estou pensando...na sua mãe. Liga pra mim."

Ela tinha telefonado.

De jeito nenhum.

Eu não podia ficar em casa com o telefone me encarando daquele jeito, por isso calcei os sapatos e sai à tarde. Desde que tirara Grace do hospital, eu tinha começado a investigar com mais afinco para descobrir o que nos tornava lobos. Ali no arbusto, não havia como nos analisar e conseguir respostas. Mas eu planejei, alguns experimentos que não precisavam ser feitos em laboratório – apenas de

sorte, meu corpo e bastante coragem. E um desses experimentos seria mais bem-executado se eu conseguisse pegar um dos outros lobos. Então, eu vinha fazendo passeios na floresta. Na verdade, visitas de reconhecimento. Era assim que Victor costumava se referir às nossas idas à loja de conveniência para comprar refeições compostas de plástico e gosto industrializado de queijo seco. Eu vinha fazendo visitas de reconhecimento no Bosque da Fronteira, em nome da ciência. Eu me senti levado a terminar o que havia começado.

Mensagem de voz 2: O primeiro minuto e trinta segundos da música " I've Gotta Get a Message to You", dos Bee Gees.

Naquele dia o tempo estava quente e eu conseguia sentir o cheiro de absolutamente tudo que já tinha urinado na mata. Eu tomei o caminho de sempre.

Cole, sou eu.

Deus, eu estava enlouquecendo. Se não fosse a voz de Isabel, era a de Victor, e as coisas estavam ficando meio pesadas em minha mente. Se não estava imaginando o sutiã de Isabel, estava desejando que o telefone tocasse, e se não estava fazendo isso, estava me lembrando do pai de Isabel arrastando o corpo de Victor pela rua. Entre eles e Sam, eu estava vivendo com três fantasmas.

Mensagem de voz 3: " Estou entediado. Preciso me animar. Sam está se lastimando. Posso acabar matando-o com o violão dele. Assim, eu teria o que fazer e também faria com que ele dissesse alguma coisa. Dois coelhos com uma cajadada só! Eu acho essas expressões antigas desnecessariamente violentas. Ei, Sam conversa com você? Ele só fala bobagens comigo. Deus, estou entediado. Liga pra mim. "

Cilada. Eu ia pensar em meus experimentos, então.

Pegar um lobo estava se tornando uma tarefa incrivelmente complicada. Usando objetos encontrados no porão da casa de Beck, eu coletei um número enorme de armadilhas, arapucas, caixas e objetos, e consegui um número igualmente enorme de animais. Nem um único membro da espécie *Canis lúpus.* Era difícil dizer o que era mais preocupante – pegar mais um animal inútil ou tentar descobrir uma maneira de sair da armadilha ou arapuca sem perder uma das mãos ou um olho.

Eu estava ficando muito rápido.

Cole, sou eu.

Eu não conseguia acreditar que, depois de todo aquele tempo, ela havia telefonado e que suas primeiras palavras não tinham sido um pedido de desculpas. Talvez essa parte viesse em seguida e eu a tivesse perdido ao desligar.

Mensagem de voz 4 : " Hotel California", do The Eagles, inteira, com todas as ocorrências de " California " substituídas por " Minnesota ".

Eu chutei um pedaço de madeira podre e observei quando ele se espatifou em dezenas de pedaços no chão da floresta ensopado pela chuva. Então, eu havia me recusado a dormir com Isabel. Meu primeiro ato decente em muitos anos. Nenhuma boa ação fica impune, minha mãe dizia. Era seu lema. Provavelmente, ela se sentia assim em relação a ter trocado minhas fraldas.

Torci para que Isabel ainda estivesse olhando para seu telefone. Torci para que tivesse retornado a ligação centenas de vezes desde minha saída. Torci para que ela estivesse infectada como eu.

Mensagem de voz 5: " Oi, aqui é Cole St. Clair. Quer saber duas verdades? Uma é que você não atende esse telefone. A segunda é que eu nunca vou parar de deixar mensagens compridas. É meio que uma terapia. Preciso falar com alguém. Sabe o que eu descobri hoje? Que o Victor está morto. Eu concluí isso ontem também. Todos os dias eu entendo isso. Não sei o que estou fazendo aqui. Parece que não tenho ninguém..."

Chequei minhas armadilhas. Tudo estava coberto de lama de chuva que me manteve em casa durante os últimos dias. O chão fazia barulho sob meus pés e minhas armadilhas eram inúteis. Nada naquela do canto. Uma ratazana perto do abrigo, um tipo novo de arapuca, estava totalmente demolida, com os prendedores arrancados do chão, fios por todos os lados, pequenas árvores quebradas, e todos os alimentos comidos. Parecia que eu tinha tentado prender Cthulhu.

Eu precisava pensar como um lobo, o que era bem difícil de fazer não sendo um. Eu juntei as peças estragadas da armadilha e voltei ao abrigo para ver ser conseguia encontrar o que eu precisava reconstruir. Não havia nada de errado com a vida que algumas ferramentas não pudessem consertar.

Cole, sou eu.

Eu não ia retornar a ligação.

Senti o cheiro de algo morto. Não apodrecido ainda, mas em breve.

Eu não havia feito nada de errado. Isabel podia me ligar as mesmas vinte vezes que eu havia telefonado para ela.

Mensagem de voz 6: " Pois é , sinto muito. Aquela última mensagem foi um pouco torta. Gostou do meu jeito de descrever? Sam disse isso um dia desses. Ei, use a seguinte teoria: acho que ele é uma dona de casa inglesa morta reencarnada no corpo de um Beatle. Sabe, eu conhecia uma banda que adotava sotaque falso em seus shows. Cara, eles eram um saco, além de serem um bando de idiotas. Não consigo me lembrar dos nomes deles. Ou estou ficando velho ou já desgastei meu cérebro demais, a ponto de as coisas sumirem. Não é muito justo de minha parte fazer isso só de um lado, não é? Eu sempre falo de mim mesmo nessas ligações. Então, como você está, Isabel Rosemary Culpeper? Tem sorrido w Hot Toddies! Era o nome da banda. The Hot Toddies."

Eu disse um palavrão quando o arame da armadilha que segurava cortou a palma de minha mão. Demorei um pouco para livrar minhas mãos da confusão de metal e madeira. Eu a larguei no chão bem em frente e fiquei olhando. Aquela porcaria não ia capturar nada. Eu podia simplesmente ir embora. Ninguém havia me pedido para brincar de cientista.

Não havia nada dizendo que eu não podia simplesmente partir. Eu não seria um lobo de novo antes do inverno, e poderia estar a centenas de quilômetros dali naquele momento. Podia até voltar pra casa. Mas minha casa era o lugar onde meu Mustang preto estava estacionado. Meu lugar era ali, assim como era com os lobos de Beck.

Pensei no sorriso sincero de Grace. Na confiança de Sam em minha teoria. Em saber que a Grace havia sobrevivido por minha causa. Havia algo vagamente glorioso em ter um propósito de novo.

Levei a palma da mão à boca e suguei o corte. Então, eu me inclinei e peguei todas as peças de novo.

Mensagem de voz 20: " Queria que você respondesse."

Capítulo 5

GRACE

Eu o observei.

Fiquei deitada na vegetação rasteira úmida, com a cauda sob o corpo, dolorida e cansada, mas não consegui deixá-lo para trás. A luz recendia fraca, iluminando as folhas ao meu redor, mas, ainda assim, ele ficou ali. Os gritos dele e a força de meu fascínio me fizeram estremecer. Recostei minha mandíbula nas patas da frente, abaixei as orelhas. A brisa carregou o cheiro dele até mim. Eu sabia. Tudo em mim sabia.

Eu queria ser encontrada.

Eu precisava correr.

A voz dele foi para longe, depois para perto e depois para longe de novo. Em determinados momentos, o menino estava tão distante que eu quase não conseguia escutá-lo. Ergui um pouco o corpo, pensando em segui-lo. Então, os pássaros ficaram mais quietos quando ele se reaproximou e eu corri para me esconder entre as folhas que me cobriam. Cada passada se tornava maior, o espaço entre as idas e vindas aumentava. E eu só ficava mais ansiosa.

Posso segui-lo?

Ele voltou de novo, depois de um longo período de quase silêncio. Dessa vez, o menino estava tão perto que eu conseguia vê-lo de onde estava deitada, escondida e imóvel. Pensei, por um momento, que ele estava me vendo, mas ele manteve os olhos fixos em algum ponto além de mim. O formato dos olhos dele fez meu estômago revirar com incerteza. Algo dentro de mim se repuxou, fazendo de novo. Ele colocou as mãos ao redor da boca e me chamou por entre as árvores.

Se eu me erguesse totalmente, ele me veria. Com certeza. A intensidade da vontade de vê-lo, de querer me aproximar dele, fez com que eu gemesse. Eu quase sabia o que ele queria. Eu quase sabia...

- Grace?

O chamado me assustou.

O menino ainda não me via. Ele apenas havia me chamado no vazio, esperando

uma resposta.

Eu estava sentindo muito medo. Meus instintos me colocaram grudada no chão. *Grace*. O nome ecoou dentro de mim, perdendo o sentido a cada repetição.

Ele se virou, com a cabeça baixa, e se afastou de mim lentamente, em direção à luz fraca que marcava o início da mata. Algo parecido com pânico cresceu dentro de mim. *Grace*. Eu estava perdendo a forma da palavra. Eu estava perdendo algo. Eu estava perdida. Eu...

Fiquei cm pé. Se ele se virasse, não teria como me confundir naquele momento, um lobo cinza-escuro entre árvores negras. Eu precisava que ele ficasse. Se ficasse, talvez diminuísse a sensação ruim dentro de mim. A intensidade da proximidade com ele, ali, fez minhas patas tremerem.

Ele só precisava se virar.

Mas não se virou. Simplesmente continuou caminhando, carregando aquilo que eu havia perdido com ele, carregando o sentido daquele nome — *Grace* — sem saber como tinha chegado tão perto.

E eu permaneci ali, observando-o se afastar.

Capítulo 6

SAM

Eu vivia em uma zona de guerra.

Quando entrei na garagem, a música tomou o lado de fora do carro. O ar ao redor da casa reverberava com notas de baixo; o prédio todo era uma caixa acústica. Os vizinhos mais próximos ficavam a hectares de distância, então eles estavam imunes aos sintomas da doença que era Cole St. Clair. A presença de Cole era tão grande que não cabia dentro de quatro paredes. O som escorria pelas janelas, ressoava, gritava alto de repente no meio da noite. Ao sair do palco, ainda era preciso ser um astro do rock.

Desde que mudou-se para a casa de Beck — não para minha casa, Cole a tinha transformado em uma paisagem alienígena. Era como se não conseguisse se controlar e saísse quebrando as coisas; o caos era um efeito colateral de sua presença. Ele espalhava todas as caixinhas de CDs da casa pelo chão da sala de estar, deixava a televisão ligada nos canais de vendas, queimava algo pegajoso no fundo de uma panela e o largava em cima do fogão. O piso de madeira do chão do corredor do andar de baixo era pontuado por sulcos profundos e marcas de garras que iam do quarto de Cole ao banheiro e voltavam, um alfabeto lupino. Inexplicavelmente, ele tirava todos os copos do armário e os organizava por tamanho em cima do balcão, deixando todas as portas de armários abertas, ou assistia a dezenas de filmes antigos até a metade e deixava as fitas sem rebobinar em qualquer lugar do porão.

Cometi o erro de levar isso para o lado pessoal, na primeira vez em que voltei para casa e encontrei a desordem. Demorei semanas para perceber que não tinha nada a ver comigo. Tinha a ver com ele. Para Cole, tudo tinha a ver com ele.

Saí do Volkswagen e caminhei em direção à casa. Não estava planejando ficar ali tempo suficiente para me importar com a música de Cole. Eu tinha uma lista muito especifica de itens para pegar antes de sair de novo. Lanterna. Benadryl. A caixa de fios da garagem. Eu passaria no mercado para comprar um pouco de carne moída dentro das quais colocaria as drogas.

Eu estava tentando decidir se a pessoa ainda tinha vontade própria como lobo.

Se eu era uma pessoa terrível por planejar drogar minha namorada e arrastá-la até minha casa para deixá-la no porão. Mas... é que havia tantas maneiras simples de morrer como um lobo, apenas um momento a mais na estrada, alguns dias sem caçar, entrar por engano no quintal de um caipira embriagado e dono de um rifle.

Eu podia sentir que ia perdê-la.

Não conseguiria passar mais uma noite com isso na cabeça.

Quando abri a porta dos fundos, as notas de baixo se transformaram em música. O cantor, com a voz distorcida pelo volume, gritou para mim: “Sufocar, sufocar, sufocar.” O timbre da voz parecia familiar, e de repente eu percebi que se tratava da NARKOTIKA, tocando alto o suficiente para confundir as batidas eletrônicas com as batidas do meu coração. Minha caixa torácica reverberava.

Não tentei chamá-lo; ele não conseguiria me ouvir. As luzes que ele havia acendido deixavam registros de suas idas e vindas: passara pela cozinha, atravessara o corredor até seu quarto, entrara no banheiro do andar de baixo e na sala de estar onde o equipamento de som estava. Por um momento pensei em segui-lo, mas não tinha tempo de encontrar ele e também Grace. Achei uma lanterna no armário ao lado da geladeira, peguei uma banana de cima do balcão e fui em direção ao corredor. Logo tropecei nos sapatos cobertos de lama de Cole, que estavam bem na entrada da cozinha para o corredor. Vi que o chão da cozinha estava repleto de lama, com as luzes amarelas e fracas iluminando o caminho que as pisadas de Cole tinham marcado com sujeira, na frente dos armários.

Passei a mão pelos cabelos. Pensei num palavrão, mas não disse. O que Beck teria feito com Cole?

De repente, me lembrei do cachorro que Ulrik trouxe para casa no caminho de volta do trabalho, um *rottweile*r quase adulto que recebera o inexplicável nome de Chofer. Ele pesava tanto quanto eu, era um pouco sarnento no quadril e tinha muita disposição. Ulrik era só sorrisos, falava sobre os cães de guarda e Schutzhund e afirmava que eu passaria a amar o Chofer como se fosse um irmão. Em uma hora desde sua chegada, Chofer comeu dois quilos dc carne moída, mastigou a capa de uma biografia de Margaret Thatcher — acho que ele também comeu grande parte do primeiro capítulo — e deixou um monte grande de cocô em cima do sofá. Beck disse: - Tire esse maldito Langolier daqui.

Ulrik chamou Beck de Wichser e saiu com o cachorro. Beck me disse para não chamar ninguém de Wichser porque era o que os alemães ignorantes diziam quando sabiam que estavam errados e, algumas horas depois, Ulrik voltou, sem Chofer. Nunca mais me sentei daquele lado do sofá.

Mas eu não podia tirar Cole dali. Ele não tinha nenhum lugar para ir. Bem, não era tanto o fato de Cole ser insuportável. Mas, sim, que Cole, sem mais nada para tirar a atenção de cima dele, era insuportável.

Aquela casa era tão diferente quando ficava repleta de pessoas.

A sala de estar ficou em silêncio por dois segundos quando a música terminou e então as caixas acústicas começaram a emitir o som de outra canção da NARKOTIKA. A voz de Cole explodiu pelo corredor, mais alta e mais agressiva do que na realidade era: Arrebente-me em pedaços

Pequenos para caber

Na palma de sua mão, baby

Nunca pensei que você me salvaria

Quebre um pedaço

Rira seus amigos

Quebre um pedaço

Apenas para dar sorte

Quebre um pedaço

Venda, venda

Quebre-me, quebre-me

Minha audição não era tão sensível como na época em que fui um lobo, mas ainda assim era melhor do que a de muitas pessoas. A música parecia um ataque, algo físico a enfrentar.

A sala de estar estava vazia — eu desligaria a música quando voltasse ao andar de baixo — e corri por ela para chegar a escada. Sabia que havia diversos remédios no armário do banheiro do andar inferior, mas não podia pegá-los. O

banheiro do andar de baixo, com a banheira, guardava lembranças demais para eu enfrentar. Felizmente, Beck, sensível a meu passado, mantinha mais remédios no banheiro de cima, onde não havia banheira.

Mesmo ali em cima, eu ainda sentia o baixo vibrando sob meus pés. Fechei a porta depois de entrar e me dei ao pequeno luxo de lavar a espuma do detergente para carros de meu braço e abri o espelho do armário, que estava repleto de evidências do mau gosto de outras pessoas, como é o caso da maioria dos armários de banheiro. Cremes e pastas de dente de outras pessoas, além de antitérmicos e remédios vencidos, escovas de cabelos com fios que não eram da cor dos meus nas cerdas e enxaguante bucal que provavelmente estava vencido havia dois anos. Eu deveria limpar aquilo. Resolveria depois.

Rapidamente peguei o Benadryl e, ao fechar o armário, vi meu reflexo no espelho. Meus cabelos estavam mais compridos do que nunca, meus olhos amarelos mais claros do que nunca em contraste com as olheiras ao redor dele. Mas não foram meus cabelos nem meus olhos que chamaram a atenção. Havia algo em minha expressão que eu não reconheci, algo sem solução e ruim; quem quer que fosse Sam, eu não o conhecia.

Peguei a lanterna e a banana em cima da pia. A cada minuto passado ali, Grace poderia se afastar cada vez mais.

Desci a escada correndo de dois cm dois degraus, em direção à música. A sala de estar continuava vazia, por isso atravessei o cômodo para desligar o som. Era um lugar estranho, os abajures ao lado dos sofás de tecido xadrez lançavam sombras em todas as direções, não havia ninguém ali para escutar a fúria explodindo das caixas acústicas. O que mais me deixava desconfortável, mais do que o vazio, eram os abajures. Eles não combinavam muito bem, com bases de madeira escura e tecido creme; Beck os trouxe um dia e Paul comentou que a casa se parecia, agora, oficialmente, com a da avó dele. Talvez por isso, os abajures nunca fossem usados; sempre usávamos a luz mais forte do teto, o que fazia com que o vermelho desbotado do sofá parecesse menos triste e mantinha a noite do lado de fora. Mas, naquele momento, as duas luzes me faziam pensar em holofotes num palco.

Parei ao lado do sofá.

A sala de estar não estava vazia.

Fora do alcance da luz, havia um lobo deitado ao lado do sofá, remexendo-se, com a boca entreaberta, revelando os dentes. Reconheci a cor do pelo, os olhos verdes me encarando: Cole.

Transformando-se. Eu sabia, pela lógica, que ele devia estar se transformando — só não sabia se de lobo para ser humano ou de ser humano para lobo —, mas, ainda assim, me senti inquieto. Observei por um minuto, desejando ver se eu teria que abrir a porta para deixá-lo sair.

A música forte parou assim que a canção terminou; ainda escutei os ecos fantasmagóricos da batida sussurrando em meus ouvidos. Deixei os equipamentos com cuidado no sofá ao lado, e os pêlos de minha nuca se eriçaram em alerta. Ao lado do outro sofá, o lobo continuava tendo espasmos, com a cabeça movendo-se para o lado diversas vezes, de modo violento e mecânico. As pernas dele estavam esticadas e a saliva escorria da mandíbula.

Aquilo não era uma transformação. Era um ataque.

Eu me assustei ao escutar um acorde de piano soando ao lado de minha orelha, mas era apenas a faixa seguinte do CD.

Eu caminhei ao redor do sofá para me ajoelhar ao lado do corpo de Cole. Havia uma calça no carpete ao lado dele, e próximo dali, uma seringa meio cheia.

- Cole — eu chamei. — O que foi você fez?

A cabeça do lobo fez um movimento para trás, em direção a seus ombros, sem parar.

Cole cantava a música que eu ouvia vinda da caixa acústica, com voz lenta e incerta sobre um fundo de apenas piano, um Cole diferente.

Se eu sou Hannibal,

Onde estão meus Alpes?

Eu não tinha a quem chamar. Não podia ligar para a emergência... Beck estava fora do alcance. Demoraria muito tempo para tentar explicar para Karyn, minha chefe na livraria, ainda que eu pudesse confiar nela. Talvez Grace soubesse o que fazer, mas ela mesma estava na mata, escondida de mim. A sensação de dor me

feriu por dentro como se meus pulmões fossem lixados a cada inspiração.

O corpo de Cole se agitava com os espasmos repetidos e a cabeça se remexia sem parar. Havia algo muito perturbador naquele silêncio, como o fato de o único som a acompanhar todos aqueles movimentos bruscos ser o som da cabeça raspando no carpete enquanto uma voz que ele não mais tinha ressoava das caixas acústicas.

Enfiei a mão no bolso de trás e peguei meu telefone. Só havia uma pessoa para quem telefonar. Apertei as teclas dos números.

- Romulus — disse Isabel, depois de apenas dois toques. Escutei o barulho na estrada. - Estava pensando em telefonar para você.

- Isabel — eu disse. Não consegui fazer minha voz parecer séria o suficiente, não sei por quê. Era como se estivéssemos falando sobre o tempo. — Acho que Cole está tendo um ataque. Não sei o que fazer.

Ela não hesitou.

- Role-o de lado para que ele não engasgue com a própria saliva.

- Ele é um lobo.

Na minha frente, Cole ainda estava tendo um ataque, em luta consigo mesmo. Gotas de sangue tinham aparecido em sua saliva. Pensei que ele tivesse mordido a língua.

- Claro que é — disse ela. Parecia irritada e com isso eu comecei a perceber que ela se importava. - Onde você está?

- Em casa.

- Bem, estarei aí num minuto.

- Você...?

- Eu já disse — respondeu Isabel. — Eu estava pensando em telefonar para você.

Dois minutos depois, seu utilitário entrou na garagem.

Vinte segundos depois, percebi que Cole não estava respirando.

Capítulo 7

SAM

Isabel estava ao telefone quando entrou na sala de estar. Jogou a bolsa no sofá, praticamente sem olhar para mim e para Cole. À pessoa do outro lado da linha ela disse: - Como eu disse, meu cão está tendo um ataque. Não tenho carro aqui. O que posso fazer por ele? Não, não é a Chloe.

Enquanto escutava a resposta, olhou para mim. Por um momento, nós nos entreolhamos, já fazia dois meses e Isabel tinha mudado — seu cabelo, também, parecia mais comprido, mas, como eu, a diferença estava em seus olhos. Ela havia se tornado uma desconhecida. Tentei imaginar se ela pensava a mesma coisa a meu respeito.

Ao telefone, fizeram uma pergunta a ela, que se voltou para mim: - Há quanto tempo está acontecendo?

Desviei o olhar para meu relógio. Minhas mãos estavam frias.

- Uh... seis minutos desde que eu o encontrei. Ele não está respirando.

Isabel passou a língua pelos lábios cor de chiclete. Ela passou o olhar por mim para ver onde Cole ainda se remexia, com o peito parado, um cadáver reanimado, Quando viu a seringa ao lado dele, seu olhar se tornou sombrio. Ela segurou o telefone longe da boca.

- Pediram para tentarmos uma compressa de gelo. Na nuca dele.

Retirei dois pacotes de batata frita congelada do congelador. Quando retornei à sala, Isabel já tinha encerrado o telefonema e estava agachada diante de Cole, uma pose estranha com os sapatos de salto.

Havia algo de chamativo em sua postura; algo na maneira com que inclinava a cabeça. Ela parecia uma peça de arte bonita e solitária, adorável, mas inatingível.

Eu me ajoelhei do outro lado de Cole e pressionei os sacos de batatas atrás de seus ombros, sentindo-me um pouco impotente. Eu estava lutando contra a morte e aquelas eram as armas que eu tinha.

- Agora — disse Isabel —, com trinta por cento menos sódio.

Demorei um pouco para perceber que ela estava lendo a embalagem das batatas fritas.

A voz de Cole ressoou das caixas acústicas ao nosso lado, sensual e sarcástica: Sou dispensável.

- O que ele estava fazendo? — perguntou ela. Não olhou para a seringa.

- Não sei — respondi. — Eu não estava aqui.

Isabel esticou o braço para ajudar a manter os sacos parados sobre Cole.

- Que idiota.

Eu percebi que o tremor diminuíra.

- Está parando — eu disse. E então, por achar que ser otimista demais faria com que o destino tentasse me castigar, completei: — Ou então, ele morreu.

- Ele não morreu — disse Isabel. Mas ela não parecia muito certa do que dizia.

O lobo estava parado, com a cabeça para trás, num ângulo grotesco. Meus dedos estavam vermelhos por conta dos sacos de batatas gelados. Ficamos totalmente em silêncio. Naquele momento, Grace devia estar bem longe de onde ela havia telefonado. Parecia um plano tolo, nem um pouco mais lógico do que salvar a vida de Cole com um saco de batata frita congelada.

O peito do lobo continuava sem movimento. Eu não sabia quanto tempo fazia desde sua última respiração.

- Bem — eu disse, baixinho. — Inferno.

Isabel cerrou o punho no colo.

De repente, o corpo do lobo se remexeu de novo bruscamente. Suas pernas se cruzaram e relaxaram.

- O gelo — disse Isabel. — Sam, acorde!

Mas eu não me mexi. Fui surpreendido pela intensidade de meu alívio quando o corpo do Cole se remexeu. Aquela nova dor eu reconhecia: a transformação. O lobo se mexeu e o pêlo se transformou em pele. As patas se transformaram em dedos, os ombros se alargaram, a coluna se endireitou. Tudo tremia. O corpo do lobo se alongou de modo inacreditável, os músculos enchendo a pele, os ossos

fazendo barulho ao se encaixarem uns nos outros.

E então ali estava Cole, tossindo, com os lábios azulados e os dedos tremendo, tentando puxar o ar. Eu ainda conseguia ver sua pele se esticando e se reposicionando sobre as costelas a cada respiração. Os olhos verdes estavam entreabertos, cada piscada quase longa demais para ser uma piscada.

Escutei Isabel prender a respiração e percebi que eu deveria tê-la alertado para olhar para outro lado. Segurei o braço dela. Ela se retraiu.

- Você está bem? — perguntei.

- Estou bem — respondeu ela, com muita rapidez. Ninguém ficava bem depois de ver aquilo.

A canção seguinte do rádio começou e quando a bateria anunciou a abertura, uma das canções mais famosas da NARKOTIKA, Cole riu, baixinho, uma risada que não parecia ver graça em nada, nunca.

Isabel ficou em pé, repentinamente irada, como se a risada tivesse sido uma agressão.

- Meu trabalho aqui terminou. Estou indo embora.

Cole esticou o braço e a segurou pelo tornozelo. A voz dele saiu arrastada: - IshbelCulprepr — Ele fechou os olhos e os abriu em seguida. Eles estavam pequenos. - Você sabe que fazer. — Ele parou. — Depois do bipe. Bipe.

Olhei para Isabel. As mãos do falecido Victor batiam na bateria de fundo.

Ela disse a Cole:

- Da próxima vez, suicide-se do lado de fora. Dará menos trabalho para o Sam.

- Isabel — eu disse.

Mas Cole não pareceu se importar.

- Estava só — disse ele, e parou. Seus lábios pareciam menos azuis agora que ele estava respirando havia algum tempo. — Estava só tentando encontrar... - Ele parou totalmente e fechou os olhos. Um músculo continuava saltando em seu ombro.

Isabel passou por ele e pegou a bolsa do sofá. Olhou para a banana que eu

havia deixado ao lado dela, com o cenho franzido como se, de todas as coisas que tinha visto naquele dia, a banana fosse a mais inexplicável.

A ideia de ficar sozinho na casa com Cole... com Cole, daquela maneira... era insuportável.

- Isabel — eu disse. Hesitei. — Você não precisa ir.

Ela olhou para Cole, com os lábios contraídos. Seus cílios compridos estavam úmidos. Ela disse: - Sinto muito, Sam.

Quando saiu, ela fechou a porta com força suficiente para fazer tremer todos os copos deixados por Cole sobre o balcão.

Capítulo 8

ISABEL

Mantendo o velocímetro acima dos 100km/h, eu só via a estrada à minha frente.

As estradas estreitas de Mercy Falls pareciam iguais quando escurecia. Árvores grandes, e então árvores pequenas, e depois vacas, árvores grandes e árvores pequenas, e então vacas... Repita a operação. Eu jogava meu utilitário em cantos e beiras de montes e descia por estradas mal-acabadas. Fiz uma curva com tanta rapidez que o copo de café vazio saiu voando do porta-copos. O copo bateu na porta do passageiro e então rolou no chão do carro quando fiz mais uma curva. Mas ainda não parecia rápido o bastante.

O que eu queria era dirigir mais depressa do que a pergunta em minha mente: *E se você tivesse ficado?*

Nunca recebi uma multa de trânsito. Ter um pai advogado de pulso firme com problemas para administrar a própria raiva era um motivo excelente para não querer receber multas; em geral, bastava imaginar o rosto dele ao saber da notícia para me manter dentro do limite de velocidade permitido. Além disso, na rua, não havia motivos para ultrapassar a velocidade. Era a cidade de Mercy Falls, população: 8. Se dirigisse depressa demais, atravessaria a cidade de ponta a ponta.

Mas, naquele momento, um apito e um guarda de trânsito pareciam necessários para meu estado mental.

Eu não fui em direção a minha casa. Já sabia que, de onde estava, podia chegar em casa em 22 minutos. Não era tempo suficiente.

O problema era que ele estava dentro de mim agora. Eu havia me reaproximado de novo e havia pegado Cole. Ele vinha com um conjunto específico de sintomas. Irritação. Alterações de humor. Respiração curta. Perda de apetite. Apatia. Olhos vidrados. Cansaço. Em seguida, viriam as bolhas, como a peste. Depois, a morte.

Pensei realmente que tivesse melhorado. Mas, na verdade, estava apenas em

remissão.

Não era apenas Cole. Eu não contei a Sam a respeito de meu pai, e de Marshall. Tentei me convencer de que meu pai não conseguiria tirar a proteção dos lobos. Nem mesmo com a ajuda do congressista. Eles eram caras influentes em suas cidades, mas isso era diferente de ser um cara influente em Minnesota. Eu não tinha que me sentir culpada por não ter alertado Sam.

Estava tão perdida em pensamentos que não tinha olhado para o espelho retrovisor e visto as luzes azuis e vermelhas piscantes. As sirenes tocavam. Não era um toque comprido, apenas um uivo breve para me mostrar que ele estava ali.

De repente, um guarda de trânsito deixou de parecer uma ótima ideia.

Eu encostei o carro. Peguei a carta de motorista da bolsa. O documento do carro do porta-luvas. Desci o vidro.

Quando o policial se aproximou de minha janela, vi que ele estava vestindo um uniforme marrom e o chapéu marrom e esquisito indicava que ele era um funcionário do Estado, não um policial do condado. Os policiais do Estado nunca davam alertas.

Então, eu estava encrencada.

Ele iluminou meu rosto com a lanterna. Fiz uma careta e acendi a luz de dentro do carro, para que ele desligasse a lanterna.

- Boa noite, senhorita, Carteira de habilitação e documento do carro, por favor. — Ele parecia um pouco irritado. — Você sabia que eu a estava seguindo?

- Bem, claro eu disse. Abaixei a mão até a marcha e coloquei o carro em ponto morto.

O guarda deu um sorriso amarelo que meu pai às vezes dava quando estava ao telefone. Pegou minha carta e o documento do carro sem olhar para eles.

- Eu fiquei atrás de você durante dois quilômetros, até você parar.

- Eu estava distraída - respondi.

- Não se pode dirigir distraída - o guarda disse. - Estou aqui para lhe dar uma multa por dirigir a 115 km/h num local onde são permitido apenas 90 km/h, certo?

Já volto. Por favor, não saia com o carro.

Ele voltou para o carro. Deixei a janela aberta, apesar de os insetos terem começado a bater nos vidros em direção à luz. Imaginando a reação de meu pai àquela multa, me recostei e fechei os olhos. Eu ficaria de castigo. Ele confiscaria meu cartão de crédito. Não poderia mais usar o telefone. Meus pais tinham diversos métodos de tortura desenvolvidos na Califórnia. Eu não precisava me preocupar em ver Sam ou Cole de novo, porque ficaria trancada em casa pelo resto do ano.

- Senhorita?

Abri os olhos e me sentei direito. O policial agora estava ao lado de minha janela mais uma vez, ainda segurando minha habilitação e o documento do carro, com um pequeno talão de multas embaixo deles.

A voz dele estava diferente.

- Na sua habilitação, está escrito o nome Isabel R. Culpeper. Você teria algum grau de parentesco com Thomas Culpeper?

- Ele e meu pai.

O policial bateu a caneta contra seu talão de multas.

- Ah. — Ele devolveu os dois documentos. — Foi o que pensei. A senhorita estava dirigindo muito depressa. Não quero vê-la fazendo isso de novo.

Olhei para os meus documentos. E olhei para ele.

- Mas e...?

O policial levou a mão à aba do chapéu.

- Tenha uma boa noite. Srta. Culpeper.

Capítulo 9

SAM

Eu era um general. Passei a maior parte da noite acordado, analisando mapas e estratégias sobre como confrontar Cole. Usando a cadeira de Beck como minha fortaleza, eu virava de um lado para o outro, rabiscando fragmentos de possíveis diálogos no antigo diário de Beck e usando jogos de paciência como forma de prever o futuro. Se eu vencesse naquele jogo, imporia a Cole as regras que ele teria de seguir para continuar naquela casa. Se eu perdesse, não diria nada e esperaria para ver o que aconteceria. Conforme a noite foi se tornando mais longa, eu criei regras mais complicadas para mim mesmo: se eu vendesse, mas demorasse mais do que dois minutos, escreveria um bilhete a Cole e o colocaria na porta de seu quarto. Se eu vencesse e baixasse o rei de copas primeiro, eu telefonaria para ele do trabalho e leria a lista de regras.

Entre as partidas do jogo de paciência, fui testando frase em minha mente. Em algum ponto, havia palavras que transmitiam minha preocupação com Cole sem que parecesse muito mandão. Palavras que pareciam cuidadosas, porém firmes. Eu não conseguia me imaginar encontrando esse ponto.

Com frequência, eu saía do escritório de Beck e atravessava o corredor escuro até a sala de estar, e aí parava e observava o corpo exausto de Cole até ter certeza de que ele estava respirando. E então, a frustração e a raiva me levavam de volta ao escritório de Beck para realizar mais um planejamento fútil.

Meus olhos ardiam de exaustão, mas eu não podia dormir. Se Cole acordasse, eu poderia conversar com ele. Se pelo menos eu tivesse acabado de vencer num jogo de paciência. Eu não podia correr o risco de ele acordar e não conversar com ele no mesmo instante. Não tinha muita certeza do motivo pelo qual não podia correr o risco... mas eu sentia que não poderia dormir sabendo que havia chances de ele despertar naquele meio-tempo.

Quando o telefone tocou, comecei a me esforçar para fazer a cadeira de Beck girar. Deixei a cadeira completar uma volta, e então, cuidadosamente, peguei o telefone.

- Alô?

-Sam – disse Isabel de modo rápido e indiferente – Tem um minuto para conversar?

Conversar. Eu detestava conversar pelo telefone. Ele não permitia pausas, silêncios e respirações. Era falar ou nada e isso parecia pouco natural para mim. Respondi com cuidado: - Sim.

- Não consegui contar antes – disse ela. A voz de Isabel continuava pungente, com o modo de falar de um funcionário de uma empresa negociadora de dívidas. – Meu pai vai reunir com um congressista e eles falarão sobre tirar os lobos da lista de protegidos.

Tirar, eu digo, com helicópteros e atiradores profissionais.

Eu não disse nada. Não era assunto que eu pensei que ala abordaria. A cadeira de Beck ainda tinha um pouco de impulso, por isso deixei que girasse mais uma vez. Meus olhos cansados pareciam estar grudados em meu crânio. Tentei imaginar se Cole já tinha acordado. Tentei imaginar se ele ainda continuava respirando. Eu me lembrei de um garoto baixinho e atarracado sendo empurrado em direção a um monte de neve por lobos. Pensei em como Grace devia estar distante naquele momento.

- Sam. Você ouviu?

- Helicópteros – eu disse. – Atiradores profissionais. Sim. A voz dela estava tranquila.

- Ou seja, Grace levando um tiro na cabeça a trezentos metros de distância.

Aquilo me atingiu, mas do mesmo modo que os horrores distantes e hipotéticose atingiam, como desastres noticiados na televisão.

- Isabel – eu disse. – O que você quer de mim?

- O que eu sempre quero – disse ela. – Que você faça alguma coisa.

E naquele momento eu senti saudade de Grace, mais do que em qualquer outro momento dos últimos dois meses. Senti tanta falta dela que precisei respirar fundo, como se sua ausência fosse, realmente, algo preso em minha garganta. Não por que tê-la ali resolveria os problemas, ou por que faria Isabel me deixar em paz. Mas pelo motivo pungente e egoísta de que, se estivesse ali, Grace teria respondido à pergunta de um modo diferente. Ela saberia que nem sempre eu

queria uma resposta quando perguntava. Ela me diria para ir dormir, e eu conseguiria. E então aquele dia longo e terrível teria fim, e quando eu acordasse de manhã, tudo pareceria mais plausível. A manhã perdia seus poderes de cura quando chegava e encontrava as pessoas já bem-acordadas e atentas.

- Sam. Meu Deus, será que estou falando sozinha? – Do outro lado da linha, escutei o barulho que os carros faziam quando uma porta era aberta. E então a lufada de entrada do ar quando uma porta se fechava.

Percebi que estava sendo ingrato.

- Sinto muito, Isabel. É que... o dia foi bem comprido hoje.

- E eu não sei? – Os pés dela deslizam pelo chão de pedras. – Ele está bem?

Levei o telefone pelo corredor. Precisei esperar um momento para permitir que meus olhos se ajustassem à luz – estava tão cansado que todas as fontes de luz tinham halos e trilhas fantasmagóricas – e esperei pelo movimento de respiração no peito de Cole.

- Sim – sussurrei – Ele está dormindo.

- Mais do que merecido – Disse Isabel.

Percebi que estava na hora de parar de fingir estar distraído. Provavelmente já tinha passado da hora.

- Isabel –e eu disse -o que aconteceu entre vocês dois?

Isabel ficou em silêncio.

- Você não é da minha responsabilidade – hesitei – Mas o Cole, sim.

- Sam, está um pouco tarde para mostrar autoridade agora. Não achei que ela estava sendo cruel, mas esperta. Apenas imaginar o que a Grace havia me dito a respeito de Isabel – sobre ela ter ajudado Grace quando eu desapareci, quando Grace pensou que eu havia morrido – me manteve ao telefone.

- Apenas me diga. Tem alguma coisa rolando entre vocês dois?

- Não – respondeu Isabel

Eu escutei o sentido real e talvez ela quisesse isso mesmo. Era um não que significava não aquele momento. Pensei no rosto dela ao ver a agulha ao lado de

Cole e tentei imaginar o tamanho da mentira que aquele não era.

- Ele tem muitas coisas para resolver. Ele não é bom para ninguém, Isabel.

Ela não respondeu na hora. Pressionei meus dedos na cabeça, sentindo o fantasma da dor de cabeça da meningite. Analisando as cartas na tela do computador, vi que eu não tinha mais opções. O relógio mostrava que eu tinha demorado sete minutos e vinte e um segundos para perceber que estava perdido.

- Você também... – disse ela – não era.

Capítulo 10

Cole

De volta ao planeta chamado Nova York, meu pai, o dr. George St. Clair, M.D., PhD, Mensa, Inc., era um fã do processo científico. Ele era um bom cientista maluco. Ele se importava com o porquê. Ele se importava com o como. Mesmo quando ele não se importava com o que estava causando na paciente, ele se importava em como criar a fórmula para repetir o experimento.

E eu me importava com os resultados.

Eu também me importava, e muito, em não ser como meu pai, de jeito nenhum. Na verdade, a maior parte das decisões de minha vida se baseava na filosofia de não ser o dr. George St. Clair.

Então, foi doloroso ter que concordar com ele em algo tão importante para mim, mesmo que ele nunca soubesse disso. Mas quando abri meus olhos, com a sensação de que minhas entranhas tinham sido arrancadas, a primeira coisa que fiz foi procurar o diário no criado-mudo ao lado. Eu acordei mais cedo, me descobri vivo no chão da sala de estar – o que foi uma surpresa – e me arrastei até meu quarto para dormir ou concluir o processo de morrer. Agora, meus membros pareciam ter sido montados por uma fábrica com um controle de qualidade ruim. Semicerrando os olhos por causa da luz que poderia ser do dia ou da noite, abri o diário com os dedos que pareciam objetos inanimados. Precisei virar as páginas com a caligrafia de Beck para chegar à minha, e então escrevi a data e copiei o formato que tinha usado nos dias anteriores. Minha caligrafia na página da frente era um pouco mais forte do que as letras que eu rabiscava naquele momento.

EPINEFRINA/MISTURA DE PSEUDOEPINEFRINA 4

MÉDODO: INJEÇÃO ENDOVENOSA RESULTADO: BEM-SUCEDIDO

(EFEITOS COLATERAIS: ATAQUE) Fechei o livro e o apoiei em meu peito. Eu abriria um champanhe para comemorar a descoberta assim que ficasse acordado. Quando o processo deixasse de parecer uma doença.

Fechei os olhos de novo.

Capítulo 11

GRACE

Quando me tornei uma loba, não sabia nada a respeito de como sobreviver.

Quando me uni à matilha pela primeira vez, havia muito mais coisas que eu não sabia: caçar, como encontrar os outros lobos quando me perdesse, escolher um lugar onde dormir. Não conseguia falar com os outros. Não entendia a confusão de gestos e imagens que eles usavam.

Mas eu sabia que morreria se me entregasse ao medo.

Comecei aprendendo a encontrar a matilha. Foi por acaso. Sozinha, faminta e sentindo um vazio que a comida não preenchia de jeito nenhum, eu jogava a cabeça para trás em desespero e me embrenhava na escuridão fria. Era mais um grito do que um uivo, puro e solitário. Ele ecoava contra as rochas perto de mim.

E então, alguns instantes depois, escutei uma resposta. Um uivo alto que não durou muito. E mais um. Demorei alguns minutos para perceber que ele esperava minha resposta. Eu uivei de novo, e o outro lobo respondeu imediatamente. Ele não havia terminado de uivar quando mais um uivo começou, e mais outro. Se os uivos ecoaram, não escutei: eles estavam longe.

Mas a distância não era nada. Aquele corpo nunca se cansava.

Então, aprendi a encontrar os outros lobos. Precisei de dias para aprender o mecanismo da matilha. Havia o grande lobo preto que, claramente, estava o controle. Sua maior arma era o olhar: um olhar pungente conseguia fazer com que os outros membros da matilha se deitassem de barriga para cima. Qualquer um, menos o lobo grande cinza, que era quase tão respeitado quanto o preto: ele apenas abaixava as orelhas e o rabo, uma leve posição de respeito.

Assim, aprendi a linguagem do domínio. Dos dentes à mostra. Dos lábios retraídos. Dos pelos eriçados nas costas.

E com os membros mais inferiores da matilha, aprendi sobre submissão. A barriga virada para cima, os olhos para baixo, o abaixar total do corpo para parecer pequeno.

Todos os dias, o lobo mais inferior, um ser horrível com olhos remelentos, era colocado em seu devido lugar. Ele era atacado, dominado no chão, forçado a ser o último a comer. Pensei que ser o mais inferior seria ruim, mas havia algo pior: ser ignorado.

Havia uma loba branca que ficava afastada na matilha. Ela era invisível. Não era chamada para brincadeiras, nem mesmo pelo brincalhão marrom acinzentado do grupo. Ele brincava com os passarinhos, mas não com ela. Ela era ignorada durante as caçadas, não tinham confiança nela. Mas o tratamento dispensado pela matilha não era totalmente injustificado: assim como eu, ela parecia não saber falar a língua da matilha. Ou talvez eu estivesse sendo gentil demais. Mas falando sério, parecia que ela não se importava em usar o que sabia.

Ela tinha segredos nos olhos.

A única vez em que a vi interagir com outro lobo foi quando ela rosnou para o lobo cinza e ele atacou.

Pensei que fosse matá-la.

Mas ela era forte; uma briga teve início, e no fim um lobo interveio, colocando-se entre eles. Ele gostava de paz. Mas quando o lobo cinza se sacudiu e se afastou, o marrom-acinzentado apaziguador virou-se para a branca e mostrou os dentes, indicando que apesar de ter interrompido a briga, ele não queria que ela se aproximasse.

Depois disso, decidi não ser como ela. Até mesmo o lobo ômega, o mais inferior, era mais bem-tratado. Não havia espaço para estranhos naquele mundo. Então, eu me aproximei do lobo alfa preto. Tentei me lembrar de tudo o que tinha visto; o instinto sussurrou as partes que eu não lembrava. As orelhas murcharam, a cabeça virou e eu me encolhi. Lambi seu queixo e implorei que me aceitasse na matilha. O brincalhão observava a interação; olhei para ele e abri um sorriso de lobo rápido o suficiente para ele ver. Concentrei meus pensamentos e consegui enviar uma imagem: eu correndo com a matilha e participando das brincadeiras, ajudando a caçar.

A recepção foi imediata e boa, como eles estivessem apenas esperando minha aproximação. Naquele momento, eu soube que a loba branca só era rejeitada porque queria ser.

Minhas aulas começaram. Enquanto a primavera se abria ao nosso redor, com botões em flor tão cheirosos, com o solo macio e úmido, eu me tornei o projeto da matilha. O lobo cinza me ensinou a me aproximar da presa, a correr e segurar o focinho de um veado enquanto os outros atacavam seus flancos. O lobo preto alfa cinza me ensinou a seguir trilhas com o faro à beira de nosso território. O brincalhão me ensinou a enterrar alimentos e a marcar território. Eles pareciam se divertir com minha falta de conhecimento. Muito tempo depois de eu já ter aprendido quais eram os sinais para começar uma brincadeira, eles me chamavam com movimentos exagerados, com os cotovelos próximos do chão, as caudas erguidas e balançando. Quando, faminta a ponto de me distrair, conseguia pegar um rato sozinha, eles corriam ao meu redor e comemoravam como se eu tivesse caçado um alce. Quando eu ficava para trás nas caçadas, eles voltavam com um pouco de comida, como faziam com os filhotes, durante muito tempo, eu me mantive viva graças à gentileza deles.

Quando me encolhi no chão da floresta, chorando baixinho, com o corpo tremendo e as entranhas arrasadas pela menina que vivia dentro de mim, os lobos só observavam, me protegendo, ainda que eu não soubesse ao certo do que precisava ser protegida. Éramos os maiores animais daquela mata, caçando os veados, correndo por horas.

E corríamos. Nosso território era vasto; a princípio, parecia não ter fim. Mas por mais que perseguíssemos a presa, corríamos em círculos e voltávamos para a mesma área da mata, um espaço de terra pontuado por árvores de cascos pálidos. Casa. Você gosta dela?

Eu uivava, à noite, quando dormíamos ali. Uma fome que eu nunca conseguia satisfazer aumentava dentro de mim enquanto minha mente vagueava pelos pensamentos que pareciam não caber dentro dela. Meus uivos davam início aos outros; e, juntos, cantávamos e avisávamos os outros de nossa presença e gritávamos chamando membros da matilha que não estavam ali.

Eu estava esperando por ele.

Eu sabia que não viria, mais uivava mesmo assim e, ao fazer isso, os outros lobos passavam para mim imagens de como ele seria: ágil, cinza, de olhos amarelos. Eu devolvia imagens minhas, de um lobo perto da mata, silencioso e cuidadoso, me observando. As imagens, claras como árvores de folhas finas à

minha frente, faziam com que encontrá-lo se tornasse urgente, mas eu não sabia por onde começar a procurar.

E era mais do que seus olhos que me assombrava,. Eles eram a porta de entrada para outras quase lembranças, quase versões de mim mesma que eu não conseguia pegar, uma presa mais fugidia do que o veado mais rápido de todos. Pensei que fosse morrer de desejo ou do que quer que fosse aquilo.

Eu estava aprendendo a sobreviver como um lobo, mas ainda não tinha aprendido a viver como um.

Capítulo 12

Grace

Eu me transformei no início de uma tarde. “Uma” tarde, porque eu não tinha nenhum senso de tempo. Não fazia ideia de quando tinha sido a última vez em que me sentira eu mesma, na loja do Bem. Só sei que, quando dei por mim, eu estava numa área com muita alta perto da casa de Isabel. Estava deitada de bruços em cima da terra úmida que cobria o colorido mosaico que tinha visto muitos meses antes. Estava deitada ali tempo suficiente para os azulejos terem deixado uma marca em meu rosto. Mais abaixo de onde eu estava, patos da lagoa mantinham um conversa intensa. Fiquei em pé, testando as pernas, e tirei boa parte da terra e pedaços de folha úmida de meu rosto.

- Grace.

Os patos pararam de grasnar.

Fiquei incrivelmente feliz por conseguir me lembrar do meu próprio nome.

Tornar-se uma loba reduzia drasticamente minha noção do que seriam milagres. Além disso, dizer aquilo em voz alta provava que eu era um ser humano forte e podia arriscar ir a casa dos Culpeper. O sol chegou a mim por meio dos galhos e aqueceu minhas costas enquanto eu passava pelas árvores. Olhei para ver se o caminho estava livre – eu estava nua, afinal de contas – e atravessei o quintal até a porta dos fundos.

Da última vez que Isabel me levara ali, a porta dos fundos estava destrancada; eu me lembro de ter comentado. Isabel disse que nunca se lembrava de trancá-la.

E havia se esquecido de novo hoje.

Cuidadosamente entrei e encontrei o telefone na cozinha de aço polido e totalmente limpa. O cheiro de comida estava tão atraente que, por um momento, eu fiquei apenas parada, com o telefone na mão, até pensar em apertar as teclas.

Isabel atendeu ao primeiro toque.

- Oi – eu disse. – Sou eu. Estou na sua casa. Não tem mais ninguém aqui.

Meu estômago roncou. Olhei para a caixa de pão; uma embalagem de baguete escapava pela parte de baixo.

- Não se mexa – disse Isabel. – Estou indo.

Meia hora depois, Isabel me encontrou no corredor dos animais de seu pai, comendo uma baguete, vestindo as roupas velhas dela. O cômodo era fascinante, de modo assustador. Em primeiro lugar, era enorme: dois andares, escuro como um museu e muito comprido, tanto quanto a largura da casa de meus pais. Também era repleto de dezenas de animais empalhados. Eu imaginei que Tom Culpeper havia atirado em todos eles. A lei apoiava a caça aos veados? Havia veados em Minnesota? Parecia que se alguém os visse, esse alguém seria eu. Talvez ele os tivesse comprado. Imaginei homens de macacão descarregando animais cm isopor preso em seus chifres.

A porta bateu com estrondo e depois que Isabel entrou, um eco parecido com o das igrejas, e seus sapatos bateram no chão. O som de seus passos apenas aumentava a sensação de igreja.

- Você parece terrivelmente feliz – disse Isabel, já que eu ainda estava sorrindo para o veado. Ela ficou ao meu lado. – Vim o mais depressa que consegui. Pelo visto, você encontrou meu armário.

- Sim – respondi. – Obrigada por isso.

Ela segurou a manda da camiseta que eu vestia, uma camiseta velha e amarela na qual estava escrito SANTA MARIA ACADEMY. “Esta camiseta traz lembranças horríveis. Eu era Isabel C. no passado porque minha melhor amiga se chamava Isabel também. Isabel D. Nossa! Ela era uma vaca.”

- Se eu me transformasse, não queria arruinar nenhuma roupa bacana. – Eu olhei para ela. Estava extremamente feliz por vê-la. Qualquer um de meus amigos talvez tentasse me abraçar depois de uma ausência tão prolongada. Mas eu acho que Isabel não era de abraçar ninguém, em nenhuma circunstância que fosse. Meu estômago revirou, um sinal de que eu não permaneceria como Grace por muito tempo. Perguntei: - Seu pai caçou todos eles?

Isabel fez uma careta.

- Não, de jeito nenhum. Alguns deles ele provavelmente matou com seus

sermões.

Caminhamos por alguns metros e eu parei diante de um lobo de olhos vidrados. Esperei que o horror tomasse conta, mas não aconteceu. As janelas pequenas e redondas abriam caminho para raios de luz, que criavam círculos de luz na pata do lobo. O animal estava encolhido, empoeirado e com os pelos desarrumados e não parecia já ter vivido. Seus olhos tinham sido feitos numa fábrica de algum lugar e eles não davam nenhum indício a respeito do que o lobo tinha sido, se animal ou humano.

- Canadá – disse Isabel. – Perguntei a ele. Não era um lobo de Mercy Falls. Você não precisa ficar olhando para ele.

Eu não sabia muito bem se acreditava nele.

- Você sente falta da Califórnia? – perguntei. – E de Isabel D.?

- Sim – respondeu Isabel, e não se prolongou. – Você telefonou para o Sam?

- Nenhuma resposta. – O telefone dele caía diretamente na caixa postal; provavelmente, ele havia deixado a bateria acabar de novo. E ninguém atendia na casa. Tentei disfarçar a decepção. Isabel não entenderia e eu não sentia vontade de dividir meu pesar, assim como Isabel não queria naquele momento.

- Para mim também não – disse Isabel. – Deixei uma mensagem no trabalho dele.

- Obrigada – eu disse. – Mas a verdade era que eu não sentia muita confiança em Grace. Ultimamente, eu permanecia como humana por mais tempo, e me encontrava em áreas desconhecidas de matas, mas ainda assim não conseguia me manter como ser humano por mais de uma hora. Às vezes, eu não passava temo suficiente como ser humano para m dar conta das mudanças corporais em meu cérebro recente de loba. Eu não fazia ideia de quanto tempo havia se passado. Todos aqueles dias que passavam silenciosamente por mim...

Acariciei o focinho do lobo. Percebi que ele estava empoeirado e duro, parecia uma estante. Queria estar na casa de Beck, dormindo na cama de Sam. Ou até mesmo em casa, preparando-me para terminar meu último mês de aula. Mas a ameaça de me transformar numa loba diminuía todas as outras preocupações de minha vida.

- Grace – disse Isabel. – Meu pai está tentando fazer com que seu amigo congressista ajude a tirar os lobos da lista de animais protegidos. Ele quer realizar uma caçada na área.

Senti meu estômago se revirar de novo. Atravessei o belo piso de madeira até o animal seguinte, uma lebre de tamanho impressionante, enorme, congelada no meio de um salto. Havia uma teia de aranha entre suas patas traseiras. Tom Culpeper – ele tinha que continuar perseguindo os lobos? Não podia parar? Mas eu sabia que ele não podia. Na cabeça dele, não era vingança, era prevenção. Luta de espadas justificada. Se eu tentasse de verdade, conseguiria analisar isso pelo ponto de vista dele e então pararia de vê-lo como um monstro por dois segundos, pelo bem de Isabel.

- Você e Sam! – Disse Isabel. – Vocês nem parecem se incomodar! Não acreditam em mim?

- Eu acredito e você – respondi. Analisei nossos reflexos na madeira brilhante. Era especialmente satisfatória ver a forma obscura e ondulada de um corpo de ser humano. Senti saudade de minha calça jeans preferida. Suspirei.

- Só estou um pouco cansada. É muita coisa para enfrentar ao mesmo tempo.

- Mas precisa ser enfrentada, de um jeito ou de outro. Não importa se você quer ou não. E Sam tem o senso prático de um ... – Isabel não completou.

Aparentemente, ela não conseguia pensar em nada mais singular do que Sam.

- Eu sei que é preciso enfrentar – eu disse, cansada. Meu estômago revirou de novo. – Precisamos retirá-los, mas não sei como fazer isso neste momento.

- Retirá-los?

Caminhei lentamente até o animal seguinte. Um tipo de ganso, correndo com as asas abertas. Possivelmente estava pousando. A luz mais fraca acima brincou com minha visão e fez com que o olho preto do ganso parecesse piscar para mim.

- Obviamente, precisamos tirá-los da mira de seu pai. Ele não vai parar. Precisamos de um local mais seguro.

Isabel riu, uma risada curta que foi mais um sussurro do que um demonstração de alegria.

- Fico feliz por você ter tido uma ideia em dois segundos, sendo que Sam e Cole não conseguiram nenhuma em dois meses.

Olhei para ela, que me olhava de modo divertido, com uma das sobrancelhas erguidas. Devia ser uma demonstração de admiração.

- Bem, pode ser que não funcione. Afinal, retirar uma matilha de animais selvagens...

- Sim, mas pelo menos é uma ideia. É bom ver alguém usando o cérebro.

Fiz uma careta. Olhamos para o ganso. Ele não piscou de novo.

- Está doendo? – Perguntou Isabel.

Percebi que ela estava olhando para minha mão esquerda, que pressionava a lateral de meu corpo, sozinha.

- Só um pouco – menti. Ela não me repreendeu pela mentira.

Nós duas demos um salto quando o telefone da Isabel tocou.

- É para você – disse ela, antes de pegá-lo. Ela olhou para a tela e o entregou a mim.

Meu estômago revirou de novo; não sabia se tinha sido por causa da loba dentro de mim ou por conta de meu nervosismo repentino e inexplicável.

Isabel bateu em meu braço; senti minha pela arrepiar-se com seu toque.

- Diga alguma coisa.

- Oi – eu disse. Foi um gemido.

- Oi – Disse Sam, com a voz baixa quase inaudível – Como você está?

Eu sabia que Isabel estava em pé ao meu lado. Eu me virei na direção do ganso. Ele piscou pra mim de novo. Minha pele não parecia minha, de fato.

- Melhor agora.

Eu não sabia o que dizer em dois minutos depois de dois meses de distância. Eu não queria conversar. Queria me recostar nele e dormir. Mais do que qualquer coisa, eu queria vê-lo de novo, ver em seus olhos que nós tínhamos tido algo real e que ele não era um desconhecido. Não queria um gesto grande, uma conversa complexa – só queria saber que alguma coisa continuava igual depois de tudo ter

mudado. Senti uma onda de raiva pelo telefone inconveniente, por meu corpo incerto, pelos lobos que me transformaram e me arruinaram.

- Estou indo – disse ele. – Dez minutos.

Oito minutos de atraso. Meus ossos doíam.

- Eu realmente... – parei para cravar os dentes nos lábios trêmulos. Aquela era a pior parte: quando tudo começava a doer, mas eu sabia que ficaria mais dolorido depois. - ... quero tomar um pouco de chocolate quando voltar. Sinto falta de chocolate.

Sam fez um barulho suave. Ele conhecia as consequências da transformação, e isso me magoava.

Ele disse:

- Eu sei que é difícil. Pense no verão, Grace. Lembre-se de que parar.

Mus olhos ardiam. Curvei meus ombros diante de Isabel.

- Quero que isso pare agora – sussurrei, e me senti péssima por admitir.

Sam disse:

- Você...

- Grace! – sibilou Isabel, pegando o telefone de mim. – Você precisa sair daqui. Meus pais estão em casa!

Ela desligou o telefone e eu escutei vozes vindas do outro cômodo.

- Isabel! – A voz de Tom Culpeper soou distante. Meu corpo se alongava por dentro. Eu queria me encolher.

Isabel me empurrou na direção de uma porta. Entrei tropeçando em outro cômodo.

Ela disse:

- Entre aí! Fique quieta! Vou cuidar disso.

- Isabel – eu disse. – Não posso...

A batido forte do outro lado do corredor ressoou como um tiro, no mesmo instante em que Isabel bateu a porta na minha cara.

Capítulo 13

Isabel

Por um momento fiquei em dúvida, sem saber se meu pai tinha visto Grace.

Seus cabelos, normalmente penteados, estavam muito bagunçados e seus olhos repletos de choque ou surpresa ou alguma coisa que eu não soube definir. Ele abriu a porta com tanta força, que ela bateu na parede e voltou na direção dele. O alce se balançou. Esperei que ele caísse. Eu nunca havia pensado em como seria bacana se todos aqueles animais começassem a desmoronar como peças de dominó. Meu pai continuava tremendo mesmo depois de o alce ter parado.

Olhei para meu pai para disfarçar minha inquietação.

- Nossa, que drama! – Eu estava recostada na porta da sala de piano. Esperava que Grace não quebrasse nada ali dentro.

- Graças a Deus – disse meu pai, como se eu não tivesse dito nada. – Por que diabos você não atendei o seu telefone?

Olhei para ele com incredulidade. Quase sempre deixava as chamadas de meus pais caírem no correio de voz. E telefonava para eles *depois.* Às vezes. O fato de eu não ter atendido os telefonemas deles naquele dia não deveria ter causado tanta preocupação.

Minha mãe entrou no cômodo, com os olhos vermelhos e a maquiagem um desastre. Levando em consideração que ela normalmente transformava as lágrimas em acessórios, fiquei impressionada. Pensei que aquilo tivesse a ver com o policial que havia me parado, mas não conseguia imaginar minha mãe perdendo as estribeiras por algo como aquilo.

Perguntei, desconfiada:

- Por que a mamãe está chorando desse jeito?

A voz da minha mãe foi praticamente um rosnado.

- Isabel, demos esse celular para você por um motivo!

Fiquei duplamente impressionada. Que bom para ela. Normalmente, ela deixava meu pai dizer todas as frases legais.

- Ele está com você? – perguntou meu pai.

- Meu Deus – respondi. – Está dentro da bolsa.

Meu pai olhou para minha mãe.

- Espero que você o atenda a partir de agora – disse ele. – A menos que você esteja em aula ou sem um dos seus membros, quero que esse telefone seja atendido assim que você vir que somos nós. Ou pode dizer adeus a ele. Um telefone é um...

- Privilégio. Sim, eu sei. – Escutei sons fracos vindos de dentro do cômodo atrás de mim; para encobrir o som, comecei a vasculhar minha bolsa. Quando parou, eu tirei o telefone para provar que estava com ele. Na tela, vi doze chamadas perdidas de meus pais. E nenhuma de Cole, o que era estranho, depois de pelo menos um mês com suas tentativas. Franzi o cenho: - O que está acontecendo, afinal?

Meu pai disse:

- Travis telefonou para mim e disse que a polícia acabou de encontrar um corpo na mata. Uma menina, que ainda não tinha sido identificada.

Aquilo não era bom. Fiquei feliz por saber que Grace estava por perto, na sala de piano fazendo os barulhos esquisitos. Percebi que minha mãe continuava olhando de um jeito importante; eu precisava reagir. E disse: - E vocês simplesmente concluíram que uma pessoa morta qualquer podia ser eu?

- Foi perto de nossa propriedade, Isabel – retrucou minha mãe.

E então, meu pai disse o que eu, de alguma forma, sabia que ele ia dizer: - Ela foi morta por lobos.

Fui tomada por um ódio enorme, de repente, por Sam, Cole e Grace, por não terem feito nada quando pedi a eles que fizessem *alguma coisa.* Ouvi mais barulho vindo da sala de piano. Falei mais alto.

- Bem, fico na escola ou aqui o dia todo. Difícil ser morta na escola. – e então, percebi que precisava perguntar ou parecer culpada: - Quando saberão de quem se trata?

- Não sei – disse meu pai. – Disseram que ela estava bem prejudicada.

Minha mãe disse abruptamente:

- Vou trocar de roupa.

Por um momento, não consegui entender o motivo de sua saída.

Então, percebi que ela devia ter pensado na morte de meu irmão, imaginando Jack rasgado pelos lobos. Eu me tornei impenetrável; sabia como Jack havia morrido de fato.

- Sinto muito por não ter atendido - eu disse alto. – Não queria preocupar a mamãe. Ei, alguma coisa bateu embaixo do carro no caminho para casa. Pode ver o que foi, por favor?

Pensei que ele se recusaria, pensei que entraria no outro cômodo e encontraria Grace se transformando numa loba. Mas ele apenas suspirou e assentiu, já caminhando em direção à outra porta.

Claro que não havia nada embaixo de meu carro para ele encontrar. Mas ele passou tanto tempo procurando que eu pode correr para a sala de piano para ver se Grace havia destruído o Steinway, Só encontrei a janela aberta e uma das cortinas para fora. Eu me debrucei e vi algo amarelo – minha camiseta da Santa Maria Academy presa num dos arbustos.

Aquela era a pior época para Grace ser uma loba.

Capítulo 14

SAM

Então, eu senti falta dela de novo.

Depois do telefonema, perdi horas com... nada. Fiquei totalmente envolvido pela voz de Grace, meus pensamentos se repetiam, as mesmas perguntas sem parar. Tentei imaginar se teria conseguido ver Grace se tivesse recebido sua mensagem antes, se não tivesse saído para procurar sinais de vida no galpão, se não tivesse adentrado a mata e gritado, frustrado com o ataque de Cole e com a ausência de Grace e com o peso de ser eu mesmo.

Eu me detive em perguntas até a luz desaparecer. Horas depois, eu tinha a sensação de ter me transformado, sem sair de dentro de mim. Fazia anos que eu não perdia o tempo dessa forma.

Era uma vez... minha vida. Eu costumava olhar pela janela horas a fio, até minhas pernas começarem a formigar. Foi quando vi Beck pela primeira vez – eu devia ter aproximadamente oito anos, não muito tempo depois de meus pais me deixarem com minhas cicatrizes. Ulrik às vezes me pagava pelas axilas e me puxava de volta à cozinha e para uma vida ocupada por outras pessoas, mas eu era um participante silencioso e assustado. Horas, dias, meses se passaram, perdidos em outro lugar que não admitia Sam nem lobo. Foi Beck quem, enfim, quebrou o feitiço.

Ele me ofereceu um lenço; era um presente bem esquisito para os dias atuais. Beck o balançou para mim de novo.

-Sam. Sua cara.

Toquei meu rosto; ele estava grudento, não mais úmido, por causa das lágrimas.

- Eu não estava chorando – eu disse a ele.

- Sei que não estava – respondeu Beck.

Enquanto eu pressionava o lenço em meu rosto, Beck disse:

- Posso dizer uma coisa? Há muitas caixas vazias em sua cabeça, Sam.

Olhei para ele, sem entender. Mais uma vez, foi um conceito estranho de o

suficiente para atrair mais atenção.

- Há muitas caixas vazias aí, e você pode colocar coisas dentro delas. – Beck entregou a mim mais um lenço para o outro lado de meu rosto.

Minha confiança em Beck naquele momento ainda não estava firme; eu me lembro de ter pensado que ele estava fazendo uma piada de muito mau gosto que eu não entendi. Minha voz estava alterada, até mesmo para mim.

- Que tipo de coisas?

- Coisas tristes – disse Beck. – Você tem muitas coisas tristes em sua mente?

- Não – respondi.

Beck mordeu o lábio inferior e o soltou lentamente.

- Pois eu tenho.

Aquilo foi chocante. Não fiz nenhuma pergunta, mas me inclinei para ele.

- E essas coisas me faziam chorar – continuou Beck. – Elas costumavam me fazer chorar o dia todo.

Eu me lembro de ter pensado que aquilo provavelmente era uma mentira. Não conseguia imaginar Beck chorando. Ele era uma rocha. Mesmo naquele momento, com os dedos no chão, era parecia firme, certo, imutável.

- Você não acredita em mim? Perguntei ao Ulrik. Ele teve de lidar com isso – disse Beck. – E sabe o que eu fiz com aquelas coisas tristes? Eu as coloquei em caixas. Coloquei as coisas tristes em caixas em minha mente, fechei tudo e passei fita ao redor, depois guardei todas no canto e joguei uma coberta por cima.

- Fita para o cérebro? – perguntei, rindo. Afinal, eu tinha oito anos.

Beck sorriu, um sorriso estranho e contido que, naquele momento, eu não entendi. Agora eu sabia que era um alívio fazer piada comigo, por pior que a piada fosse.

- Sim, isso mesmo. E uma coberta por cima. Agora, não preciso mais olhar para aquelas coisas tristes. Eu poderia abrir as caixas em algum momento, creio eu, se quisesse, mas, na maior parte do tempo, eu as deixo lacradas.

- Como você usou as fitas para o cérebro?

- Você vai ter que usar a imaginação. Imagine colocar aquelas coisas tristes nas caixas e imagine fechando-as com a fita para o cérebro. E imagine empurrando-as para um canto de seu cérebro, onde elas não ficarão no meio do caminho para atrapalhar seus pensamentos, e então jogue uma coberta por cima. Você tem coisas tristes, Sam?

Eu consegui ver o canto empoeirado de minha mente onde as caixas ficavam. Eram caixas de guarda-roupa, porque eram as caixas mais interessantes – altas o bastante para se construir casas com o papelão – e havia rolos e mais rolos de fita para o cérebro por cima. Havia lâminas ao lado delas, esperando para cortar as caixas e a mim de novo.

- Mamãe – sussurrei.

Eu não estava olhando para Beck, mas, pelo canto do olho, eu o vi engolir em seco.

- O que mais? – perguntou ele, bem baixo, quase não escutei.

- A água – respondi. Fechei os olhos, consegui vê-la, bem ali, e precisei me esforçar para dizer a palavra seguinte. – Minhas...

Meus dedos estavam em cima das cicatrizes.

Beck estendeu uma das mãos na direção de meu ombro, hesitante. Eu não me afastei, e ele envolveu minhas costas com o braço e eu me recostei em seu peito, sentindo-me pequeno, com oito anos e arrasado.

- Eu – respondi.

Beck ficou em silêncio por muito tempo, abraçando-me. Com meus olhos fechados, parecia que a batida do coração dele pela blusa de lã era a única coisa no mundo, - e então ele disse: - Coloque tudo dentro das caixas, menos você, Sam. *Você* nós queremos manter. Prometa que vai ficar aqui fora conosco.

Ficamos sentados daquele jeito por muito tempo; quando nos pusemos de pé, todas as minhas coisas tristes estavam dentro das caixas, e Beck era meu pai.

Agora, eu saí no quintal antigo e amplo e me deitei no cepo de uma árvore para poder ver as estrelas no céu. Fechei os olhos e lentamente coloquei minhas preocupações em caixas, uma por uma, fechando todas. A autodestruição de Cole em uma, Tom Culpeper em outra. Até mesmo a voz de Isabel foi para uma caixa,

porque eu não conseguia lidar com ela naquele momento.

A cada caixa, fui me sentindo mais leve, um pouco mais capaz de respirar.

A única coisa que não consegui guardar foi a tristeza da saudade que sentia de Grace. Eu a mantive comigo. Eu merecia aquilo. Era minha.

E então, fiquei deitado ali.

Eu tinha que trabalhar de manhã, por isso deveria estar dormindo, mas sabia que não dormiria: sempre que eu fechava os olhos, minhas pernas doíam como se eu tivesse correndo e minhas pálpebras começavam como se tivessem que ficar abertas e eu me lembrava de que precisava acrescentar nomes aos contatos de meus telefones e pensava que precisava dobrar aquela pilha de roupas que eu havia lavado uma semana antes.

Além disso, pensava sobre como precisava conversar com Cole.

O diâmetro do cepo era grande o suficiente a ponto de minhas pernas ficarem somente cerca de trinta centímetros para fora; a árvore – na verdade eram duas crescidas lado a lado – devia ser enorme. Ela tinha cicatrizes pretas sobre o local onde Paul e Ulrik a utilizaram como base para lançar fogos de artifício. Eu costumava contar seus anéis de idade quando era mais jovem. Ela vivera mais tempo do que qualquer um de nós.

No céu, as estrelas eram brilhantes e infinitas, um móbile completo feito por gigantes. Eles me puxaram entre eles, para os espaços e para as lembranças. Ficar deitado de costas me fazia lembrar o ataque dos lobos, há muito tempo, quando eu era outra pessoa. Num momento, eu estava sozinho, minha manhã e minha vida abertas à minha frente como quadros de um filme, sendo cada segundo levemente diferente do anterior. Um milagre de metamorfose sem marcas e imperceptível. E, no momento seguinte, os lobos.

Suspirei. No céu, satélites e aviões se moviam sem dificuldade entre as estrelas; nuvens que guardavam raios moviam-se lentamente vindas do nordeste. Minha mente divagava sem parar entre o presente – o cepo da antiga árvore pressionando meus ombros – e o passado – minha mochila amassada sob meu corpo enquanto os lobos me puxavam para um banco de neve deixado por um arado. Minha mãe havia me abrigado num casaco azul de inverno com listras nos braços e luvas grossas demais para eu conseguir mexer os dedos.

Em minha lembrança, eu não conseguia me escutar. Só via minha boca se mexendo e os membros finos que eu tinha aos setes anos no focinho dos lobos. Observei a mim mesmo como se tivesse fora de meu corpo, um casaco azul e branco preso embaixo de um lobo preto. Sob as patas largas, a roupa parecia murcha e vazia, como se eu já tivesse desaparecido e deixado os vestígios de minha vida humana para trás.

- Veja isso, Ringo.

Eu abri os olhos. Demorei um minuto para perceber a presença de Cole a meu lado, sentado de pernas cruzadas em cima do cepo. Ele era uma forma escura em contraste com um céu cinza, segurando meu violão como se seu corpo fosse cheio de espinhos.

Ele tocou um Ré maior, muito mal, tremendo, e cantou com a voz baixa e rouca: - *Eu me apaixonei por ela no verão...* – uma mudança estranha de tom e um ar melodramático em suas palavras - *...minha adorável menina do verão*.

Meus olhos ficaram marejados quando reconheci a letra da música.

- Encontrei o seu CD – Cole olhou para o braço do violão por muito tempo e então desceu os dedos para continuar tocando. Mas ele havia posicionado os dedos nas cordas erradas, por isso o som saiu mais percussivo do que melódico. Ele deu um gemido de desânimo, e então olhou para mim. – Quando vasculhei seu carro.

Eu apenas balancei a cabeça, reprovando-o.

- De gordura ela é feita, minha adorável gordinha – acrescentou Cole, com mais um Ré. Ele disse de modo simpático: - Acho que eu teria ficado muito parecido com você, Ringo, se eu tivesse mamado leite gelado dos peitos de minha mãe e se lobisomens tivessem lido poesia vitoriana para mim antes de dormir. – Ele percebeu minha expressão. – Ah, não se irrite.

- Não me irrito – respondi. – Você andou bebendo?

- Eu acho que bebi tudo da casa – disse ele.

- Por que você estava no meu carro?

- Porque você não estava – disse Cole. Ele tocou a mesma nota.

- Gruda na cabeça, você percebeu? *Gostaria muito de passar um verão com minha adorável menina do verão, mas não sou homem suficiente para meu esquilo feio de verão...*

Observei um avião cruzar o céu, com as luzes piscando. Eu ainda me lembrava de quando escrevi aquela canção, um verão antes de conhecer Grace de verdade. Foi um daqueles muito rápidos, com tudo ao mesmo tempo, comigo debruçado sobre meu violão na ponta da cama, tentando encaixar acordes nas letras antes de acabar esquecendo a melodia. Eu cantarolava enquanto dobrava as roupas no porão, porque não queria que Beck me escutasse cantando sobre uma menina. O tempo todo querendo o impossível, querendo o que todos nós queríamos: sobreviver ao verão.

Cole interrompeu a cantoria e disse:

- Claro, eu prefiro aquela com a nota menor, mas não daria certo. – Ele experimentou com outro acorde. O violão emitiu um som esquisito.

- O violão só obedece a seu mestre – eu disse.

- Sim – afirmou Cole – , mas a Grace não está aqui. – Ele sorriu para mim. Tocou a mesma nota Ré. – Essa é a única que sei tocar. Veja isso. Dez anos de aula de piano, Ringo, e você me dá um violão e eu mais pareço um bebê babão.

Apesar de eu já tê-lo escutado tocando o piano no disco da NARKOTIKA, era mais difícil imaginar o Cole fazendo aulas de piano. Para aprender a tocar um instrumento musical, era preciso ter certa resistência ao tédio e ao fracasso. A capacidade de se sentar e ficar parado também ajudava.

Observei o raio passar de uma nuvem a outra; o ar estava ficando pesado, como acontece antes de uma tempestade.

- Você está colocando os dedos perto demais da palheta. É por isso que está tremendo. Coloque-os mais para trás da palheta e pressione com mais força. Apenas com as pontas dos dedos, não com os dedos inteiros.

Eu não achava que havia explicado bem, mas Cole mexeu os dedos e tocou um acorde perfeitamente, sem tremer nem perder o tom. Olhando de modo sonhador para o céu, Cole cantou: - *Só um cara bonito, sentado em um cepo...* – Ele olhou para mim. – Você deve cantar a frase seguinte.

Era uma brincadeira que Paul e eu também costumávamos fazer. Parei para pensar se estava irritado demais por ver Cole tirando sarro da minha música para decidir se cantaria ou não. Depois de uma pausa um pouco comprida demais, eu acrescentei, quase totalmente no mesmo tom, meio desanimado: - *Observando todos os satélites.*

- Que beleza, menino-emo – disse Cole. Um trovão soou a distância Ele tocou mais um Ré. Cantou: - *Eu tenho passagem de ida para o condado...*

Eu me apoiei nos cotovelos. Cole batucou e cantou:

- *Porque eu me transformo em cão todas as noites*.

Então, eu disse:

- Você vai tocar essa mesma nota em todas as frases?

- Provavelmente. É minha melhor. Eu sou um artista de um sucesso só.

Peguei o violão e me senti um covarde com isso. Fazer aquela brincadeira com ela era como se eu estivesse aprovando os acontecimentos da noite anterior; o que ele fazia à casa todas as semanas, o que ele fazia consigo mesmo todos os minutos de todos os dias. Mas quando peguei o violão dele e dedilhei as cordas para ver se estavam afinadas, pareceu uma linguagem muito mais familiar do que qualquer uma que eu usaria para manter uma conversa séria com Cole.

Toquei um Fá maior.

- Agora, sim – disse Cole. Mas ele não cantou mais nada. Agora que eu estava segurando o violão, ele pegou meu lugar, deitou-se no cepo e ficou olhando para o céu. Bonito e contido, parecia que ele estava pousando para um fotógrafo, como se o ataque da noite anterior sequer o tivesse abalado.

- Toque o acorde menor.

- Qual...?

- Aquele do adeus.

Olhei para a mata escura e toquei um Lá menor. Por um momento, não se ouviu som algum, apenas um inseto zunindo na mata.

E então, Cole disse:

- Não, cante a canção de verdade.

Pensei na mudança de voz que ele havia adotado ao cantar a letra de minha música a respeito da menina do verão e disse: - Não, eu não... não.

Cole suspirou, como se já esperasse a decepção. No céu, o trovão ressoou, aparentemente antes da nuvem pesada, que estava sobrevoando a liteira das árvores como a mão que esconde um segredo. Segurando o violão distraidamente porque assim eu me sentia mais calmo, olhei para cima. Era fascinante ver como a nuvem, mesmo entre os flashes do raio, parecia acesa do lado de dentro, reunindo a luz refletida de todas as casas e das cidades sobre as quais passava. Parecia superficial no céu escuro: um tom cinza arroxeado e com bordas marcadas. Parecia impossível que algo como aquilo existisse na natureza.

- Pobres tolos – disse Cole, ainda olhando para o céu. – Eles devem ficar bem cansados de nos ver cometendo os mesmos malditos erros o tempo todo.

De repente, me senti incrivelmente sortudo por estar esperando. Porque por mais que me irritasse, exigisse atenção, roubasse meus pensamentos, no fim daquela espera interminável estava Grace. O que Cole estava esperando?

- Agora? – perguntou Cole.

Parei de tocar o violão.

- Agora o quê?

Cole se endireitou e se inclinou mais trás apoiado nas mãos, ainda olhando para cima. Ele cantou, totalmente distraído – mas, claro, por que prestaria atenção? Eu era uma platéia de um só corpo, e ele estava acostumado a tocar para uma de milhares.

- *Mil maneiras de dizer adeus, mil maneiras de chorar...*

Dedilhei o acorde do Fá menor que abria a canção e Cole sorriu envergonhado ao perceber que havia começado no tom errado. Toquei o acorde de novo, e dessa vez eu cantei, mas eu não estava preocupado porque Cole já havia me escutado pelos alto-falantes de meu carro, e, assim, não se decepcionaria.

Mil maneiras de dizer adeus

Mil maneiras de chorar

Mil maneiras de pendurar o chapéu antes de sair

Eu digo adeus, adeus

Eu grito alto

Porque da próxima vez que eu tiver coragem

Pode ser que não me lembre como falar

E enquanto eu catava "Adeus, adeus", Cole começou a cantarolar a música que eu havia gravado em minha demo. O violão estava desafinando... apenas a corda do Si, era sempre a corda do Si – e estávamos um pouco desafinados, mas havia algo de confortável e simpático naquilo.

Foi uma corda fraca lançada entre a distância abismal que nos separava. Não era o suficiente para atravessarmos, mas talvez servisse para me mostrar que a distância podia não ser tão grande quanto eu pensara.

Por fim, Cole fez um "haaaa haaaaa haaaa", imitando o som da plateia. Aí, de repente, ele parou e olhou para mim, com a cabeça inclinada. Seus olhos estavam semicerrados, ele prestava atenção.

E, então, eu os escutei.

Os lobos estavam uivando. Suas vozes distantes eram cadenciadas e melódicas, discordantes por um momento antes de voltarem ao ritmo. Naquela noite, eles pareciam incansáveis, mas belas – esperando, como o restante de nós, por algo que não sabíamos definir muito bem.

Como Cole estava olhando para mim parado, eu disse:

- Essa é a versão deles para a música.

- Precisam melhorar um pouco – respondeu. Ele olhou para meu violão. – Mas não está ruim.

Ficamos sentados em silêncio, escutando os lobos uivarem entre os trovões. Tentei, sem sucesso, escutar a voz de Grace entre elas, mas escutei apenas as vozes com as quais eu havia crescido. Eu tentei me lembrar de que naquela tarde eu havia escutado a voz *real* dela ao telefone. Não significava nada o fato de sua voz estar ausente naquele momento.

- Não precisamos de chuva – disse Cole.

Franzi o cenho.

- De volta ao trabalho, então. – Cole deu um tapa no próprio braço e afastou um inseto invisível de sua pele com dedos habilidosos. Ficou em pé, enfiou os polegares nos bolsos de trás e encarou a mata. – De volta a Nova York, Victor...

Ele parou. Dentro da casa, escutei o telefone tocar. Fiz uma anotação mental para perguntar a ele depois o que queria dizer com “Nova York”. Mas, quando entrei, era Isabel ao telefone, e ela me disse que os lobos haviam matado uma menina, que não era a Grace, mas que eu precisava ligar a maldita televisão.

Liguei e Cole e eu ficamos diante do sofá. Ele cruzou os braços enquanto eu zapeava com o controle remoto.

Os lobos estavam mesmo de volta aos noticiários. Era uma vez, uma menina que tinha sido atacada pelos lobos de Mercy Falls. A cobertura, na época, fora breve e especulativa. A palavra mais usada na época: “acidente”. Agora, dez anos depois, uma menina diferente estava morta e a cobertura seria infinda.

A palavra naquele momento era “extermínio”.

Capítulo 15

GRACE

Aquilo era o pesadelo.

Tudo ao redor estava negro. Não o preto homogêneo de meu quarto à noite, mas a escuridão sem fim de um local sem luz. A água espirrava em minha pele nua, o toque da chuva e então o espirrar mais pesado de água escorrendo de algum ponto acima.

À minha volta, eu conseguia escutar o barulho da chuva caindo em uma floresta.

Não fazia ideia de onde estava.

De repente, a luz me circundou. Agachada e tremendo, eu só tive tempo de ver um raio serpenteante cair além dos galhos escuros acima de mim, meus dedos molhados e sujos estavam esticados na minha frente e os fantasmas roxos das copas das árvores em meu entorno.

E então, a escuridão.

Esperei. Sabia que estava se aproximando, mas eu ainda não estava preparada quando...

O som do trovão parecia vir de algum de dentro de mim. Foi tão alto que eu levei as mãos às orelhas e abaixei a cabeça antes de meu lado racional assumir o controle. Foi um trovão. O trovão não poderia me ferir.

Mas meu coração batia apressado em meus ouvidos.

Fiquei ali, em pé na escuridão – estava tão escuro que *doía* – e envolvi o corpo com os braços. Minha intuição me dizia para procurar abrigo, para ficar em segurança.

E aí, mais uma vez: raio.

Um flash de céu roxo, uma mão entortada de galhos e olhos.

Eu não respirei.

Ficou escuro de novo.

Negro.

Fechei os olhos, e consegui ver a figura em negativo: um animal grande a alguns metros. De olho em mim, sem piscar.

Os pelos de meus braços estavam se arrepiando lentamente, um aviso lento e silencioso. De repente, só consegui pensar na época dos meus onze anos. Sentada no balanço de pneu, lendo. Olhando para frente e vendo olhos... e então sendo arrastada do balanço.

Trovão, ensurdecedor.

Eu me esforcei para escutar o som de alguém se aproximando.

Um raio voltou a iluminar o mundo. Dois segundos de luz e ali estavam eles. Olhos sem cor ao refletirem o raio. Um lobo. A três metros.

Era Shelby.

O mundo ficou escuro.

Comecei a correr.

Capítulo 16

SAM

Acordei.

Pisquei, meus olhos momentaneamente atrapalhados pela claridade da luz de meu quarto no meio da noite. Aos poucos, meus pensamentos se encaixaram e eu me lembrei de ter deixado a luz acesa, pensando que não conseguiria adormecer.

Mas ali estava eu, com os olhos confusos de sono, a luminária da mesa lançando sombras tortas de um lado do quarto. Meu caderno escorregara parcialmente de meu peito, com todas as palavras dentro dele fora de ordem. Acima de mim, as garças de papel giravam em seus barbantes em círculos frenéticos e desajeitados, animados pelo ar do teto. Ele pareciam desesperados para escapar para seus mundos particulares

Quando ficou claro que eu não conseguia voltar a dormir, estiquei a perna e usei o pé descalço para ligar o CD player que estava sobre a mesa na ponta de minha cama. Um dedilhado no violão ressoou pelos alto-falantes, cada nota no ritmo de meu coração. Ficar deitado naquela cama, sem dormir, fazia com que eu me lembrasse das noites antes de Grace, quando eu morava na casa com Beck e os outros. Naquela época, a população de garças de papel acima de mim, repletas de lembranças, não corria o risco de superlotar o habitat enquanto eu fazia a lenta contagem regressiva para o final da minha data de validade, o dia em que eu entregaria à mata. Eu passava boa parte da noite acordado, perdido em meus desejos.

A vontade naquela época era abstrata, no entanto. Eu queria algo que sabia que não podia ter: uma vida depois de setembro, uma vida depois dos vinte, uma vida com mais tempo como *Sam* do que como *lobo*.

Mas, agora, o que eu desejava não era um futuro imaginado. Era uma lembrança concreta de mim na poltrona de couro no escritório dos Brisbane, um romance – *The Children of Men* – na mão, enquanto Grace ficava sentada à mesa, mordendo a ponta de um lápis enquanto fazia a lição de casa. Sem dizer nada, porque não tínhamos que falar, apenas agradavelmente intoxicados pelo cheiro de couro da cadeira ao meu redor e o cheiro fraco de um frango assado no ar e o som de Grace suspirando e virando a cadeira de um lado para outro. Ao lado dela, o

rádio tocava músicas pop, sucessos da parada musical que soavam baixo, ao fundo, até Grace cantar o refrão.

Depois de um tempo, ela perdia o interesse em sua lição de casa e subia na cadeira comigo. “Abra espaço”, dizia ela, apesar de não haver como abrir espaço. Reclamei quando ela beliscou minha coxa, tentando encaixar-se no assento ao lado. “Sinto muito por machucar você”, ela dizia em meu ouvido, mas não era exatamente um pedido de desculpas, porque não se morde o lóbulo da orelha de alguém para pedir desculpas. Eu a beliscava e ela ria ao pressionar o rosto contra minha clavícula. Uma de suas mãos passou entre a cadeira e minhas costas para tocar meus ombros. Eu fingi que continuava a ler e ela fingiu recostar-se em mim, mas continuou beliscando meu ombro e eu continuei fazendo cócegas nela com a mão livre, até ela rir enquanto no beijávamos sem parar.

Não existe gosto melhor do que o riso de alguém em seus lábios.

Depois de um tempo, Grace adormeceu de verdade em meu peito e eu tentei fazer o mesmo, sem sucesso. Então, peguei meu livro de novo, acariciei os cabelos dela e li ao som de sua respiração. O peso dela colocava meus pensamentos no chão e, naquele momento, eu estava presente no mundo mais do que nunca.

Então, analisando as garças de papel nos barbantes, eu soube exatamente o que queria, porque já tinha *tido*.

Não consegui voltar a dormir.

Capítulo 17

GRACE

Eu não podia correr mais do que um lobo.

Nenhum de nós conseguia enxergar muito bem no escuro, mas Shelby tinha olfato e audição de lobo. Eu estava com os pés descalços enroscados em espinhos e minhas unhas eram curtas demais para atacar, além de pulmões que não conseguiam respirar direito. Eu me senti impotente naquela mata fechada. Só conseguia pensar nas lembranças de dentes em meu pescoço, o hálito quente em meu rosto, a neve congelando meu sangue.

O trovão soou de novo, deixando para trás a batida dolorosamente apressada de meu coração.

O pânico não ajudaria em nada.

Acalme-se, Grace.

Tropecei entre as luzes dos raios, esticando os braços. Em parte, eu queria evitar chocar-me com algo, mas também tinha a esperança de encontrar uma árvore com galhos baixos o suficiente para que eu subisse. Essa era a única vantagem que eu tinha em relação a Shelby: meus dedos. Mas todas as árvores ali eram pinheiros finos ou carvalhos enormes – não havia galhos por seis ou quinze metros.

E atrás de mim, em algum lugar: Shelby.

Shelby sabia que eu a tinha visto e por isso já não se importava em não fazer barulhos. Apesar de ela não conseguir enxergar melhor do que eu enxergava na escuridão, eu conseguia escutá-la ainda caminhando em minha direção entre os flashes dos raios, orientada pelo olfato e pela audição.

Eu ficava mais assustada quando não a escutava do que quando podia ouvir seus passos.

Um raio brilhou. Pensei que tivesse visto...

Fiquei congelada, em silêncio, esperando. Prendi a respiração. Meus cabelos estavam grudados em meu rosto e ombros; uma única mecha molhada colada no

canto de minha boca. Era mais fácil prender a respiração do que resistir à tentação de afastar aqueles fios de cabelo. Em pé e parada, eu só pensava nos pequenos problemas: meus pés doíam. A chuva batia em minhas pernas cheias de lama. Eu deveria ter me cortado em espinhos que não vi. Senti meu estômago totalmente vazio.

Tentei não pensar em Shelby. Tentei me concentrar em manter os olhos fixos onde acreditei ter visto minha chave para a segurança, a fim de que eu pudesse traçar um caminho quando um raio viesse de novo. Um raio brilhou mais uma vez, e eu vi, com certeza, o que pensei ter visto antes. Rapidamente, mas estava ali: o contorno escuro do abrigo onde a matilha estocava as provisões. Ficava muitos metros à minha direita, acima de mim, como se fosse uma serrania. Se eu conseguisse chegar ali, conseguiria bater a porta na cara de Shelby.

A floresta escureceu e então o trovão interrompeu o silêncio. Foi tão alto que os outros barulhos pareciam ter sido sugados do mundo por alguns segundos.

Naquela escuridão sem barulho, eu me assustei, com as mãos à minha frente, tentando me manter no caminho para o abrigo. Escutei Shelby atrás de mim, perto, quebrando galho ao saltar em minha direção. *Senti* mais do que ouvi sua aproximação. Os pelos dela rasparam em minha mão. Eu me afastei e então...

Eu

Comecei a

Cair

Minhas mãos se agarraram ao ar

Queda negra sem fim

Sem fim

Só percebi que estava gritando quando perdi o fôlego e o som foi interrompido. Bati em algo frio e sólido e meus pulmões se esvaziaram de uma vez. Tive somente um segundo para perceber que eu caíra na água, e logo engoli muito líquido.

Não havia em cima nem embaixo, só escuridão. Só água enchendo minha boca e minha pele. Estava muito fria. Muito fria. Cores explodiram diante de meus olhos, apenas um sintoma naquela escuridão. Meu cérebro implorava por ar.

Eu me debati para subir à superfície e me assustei. Minha boca estava cheia de lama líquida. Senti quando ela passou em meu rosto, escorrendo dos cabelos.

O trovão soou acima de mim, o som parecia vir de longe; eu tive a sensação de que estava no meio da terra. Tremendo quase o suficiente para não conseguir ficar em pé, eu estiquei as pernas e procurei o fundo. Pronto – quando fiquei em pé, a água chegou à ponta de meu queixo. Estava congelante e imunda, mas pelo menos eu conseguia manter a cabeça fora da água sem me cansar. Meus ombros tremiam com espasmos involuntários. Eu estava com muito frio.

E então, em pé naquela água fria, eu senti. Um caminho lento, muito lento, de náusea que começava em meu estômago e subia pela garganta. O frio. Estava me puxando, pedindo a meu corpo para se transformar.

Mas eu não podia me transformar. Como uma loba, eu teria de nadar para manter a cabeça para fora da água. E não poderia nadar para sempre.

Talvez eu conseguisse sair. Eu em parte nadei e em parte meio que caminhei trôpega pela água gelada, com os braços esticados. Devia haver uma maneira de sair daquilo. Minhas mãos sentiram um muro empoeirado que era bem vertical, esticando-se além do que eu conseguia alcançar. Meu estômago revirava dentro de mim.

Não, eu disse a mim mesma. *Não, você não vai se transformar agora, não agora.*

Eu dei a volta no muro, procurando uma saída. As laterais se estendiam para cima e para longe de meu alcance, sem fim. Tentei acompanhar, mas meus dedos não se enterravam na terra dura, e as raízes se desfaziam com meu peso, fazendo com que eu voltasse para a lama. Minha pele tremia, de frio e pela transformação iminente. Mordi meu lábio inferior, congelado, para tentar controlá-lo.

Podia gritar por socorro, mas ninguém me ouviria.

E o que mais eu poderia fazer? A verdade era que se eu me transformasse em loba, morreria. Não conseguiria nadar por minto tempo. De repente, aquela me pareceu uma maneira horrível de morrer, sozinha, num corpo que ninguém nunca reconheceria.

O frio me atingiu, correu por minhas veias, libertando a doença dentro de mim.

Não, não, não. Mas eu não podia mais resistir. Conseguia sentir a pulsação de meus dedos enquanto a pele tomava outra forma.

A água batia em meu corpo que começava a se transformar.

Gritei o nome de Sam na escuridão até não conseguir me lembrar mais como falar.

Capítulo 18

SAM

-Aqui é onde a mágica acontece-disse Cole. –Você vai vestir sua malha agora?

Estávamos nos fundos da Crooked Shelf, a livraria onde ás vezes eu morava. Eu havia dormido mal com a tempestade e, depois da notícia da noite anterior, não queria ir trabalhar, mas não tive como conseguir dispensa tão em cima da hora. Então eu fui. Preciso admitir que a normalidade dali acalmava minha ansiedade um pouco. Exceto por Cole. Dia sim, dia não, eu o deixava sozinho ao sair para trabalhar, e não me preocupava. Mas, naquela manhã, eu o observara enquanto arrumava minhas coisas e o vi olhando para mim em silêncio, enquanto eu me preparava, e perguntei se ele queria me acompanhar. Eu não havia me arrependido de ter permitido que ele fosse comigo,

Cole estreitou os olhos para me encarar no fim dos curtos degraus, segurando-se nos dois corrimãos, o cabelo todo despenteado. A luz simples da manhã fazia com que ele parecesse inofensivo e tranquilo.

Camuflagem.

Repeti:

-Minha malha?

-E, sua porcaria de super-herói-disse ele. – Sam Rolh, lobo à noite, especialista em livros durante o dia. Você não precisa de uma capa para isso?

-Sim – respondi, destrancando a porta. –O índice de analfabetismo neste país assusta: você precisa de uma capa até para vender um livro de receitas. Você vai ficar nos fundos se alguém entrar, certo?

-Ninguém vai me reconhecer numa livraria – disse Cole. –A parte da frente da loja e tão feia quanto os fundos?

Todas as lojas da Main compartilhavam a mesma viela de fundo, repleta de latas de lixo pichadas, mato que mais parecia árvores pequenas e sacos plásticos que ficavam em base das escadas. Ninguém além dos proprietários e dos funcionários entrava ali: eu gostava da desordem porque parecia tão dominante que eu não achava que precisava limpar ali.

-Ninguém nunca vê esta parte-eu disse. – Não importa se é bonita ou não.

-Então é como a faixa número seis num disco – disse Cole. Ele sorriu da piada interna. –Qual é o plano?

Abri a porta dos fundos.

-Plano? Preciso trabalhar até o meio-dia. Isabel virá antes desse horário para me contar o que descobriu desde ontem à noite. Depois, talvez eu coloque um saco em sua cabeça e vamos almoçar.

A sala dos fundos era uma confusão de papéis e caixas esperando para serem descartadas. Eu não tinha gosto por organização e Karyn, a dona, estabelecera um sistema antigo de descarte que não fazia sentido para ninguém além dela mesmo. Quando Grace viu a bagunça pela primeira vez, ficou horrorizada. Cole, por outro lado, apenas analisou um canivete e uma pilha de marcadores de páginas presos por elástico enquanto eu acendia as luzes.

-Coloque isso no lugar em que encontrou – eu disse.

Enquanto eu abria a loja, Cole caminhava atrás de mim, com as mãos nas costas como um menino que havia recebido a ordem de não quebrar nada. Ele parecia totalmente deslocado ali, um predador educado e agressivo caminhava entre estantes iluminadas pelo sol que parecia simples em comparação a ele. Tentei imaginar se tinha sido uma decisão consciente, sua atitude projetada, ou se fora um subproduto da pessoa dentro dele. E tentei imaginar como alguém como ele, um sol forte, sobreviveria em um lugar simplório como Mercy Falls.

Com os olhos atentos de Cole em mim, calculei meus movimentos ao destrancar a porta da frente, abrir a caixa registradora e ligar o rádio acima de minha cabeça. Eu duvidava de que ele gostava da estética da loja, mas senti uma pontada de orgulho quando ele olhou ao redor. Havia muito de mim ali.

A atenção de Cole estava voltada para as escadas acarpetadas perto do fundo da loja. Ele perguntou:

- O que há no andar de cima?

-Poesia e algumas edições especiais. –Além de lembranças minhas e da Grace, fortes demais para reviver naquele momento.

Cole pegou um livro de literatura para mulheres de uma prateleira, analisou-o

vagamente e voltou a guardá-lo. Ele estava ali fazia cinco minutos e já parecia inquieto. Olhei para o relógio, para ver quanto tempo ainda me restava até que Karyn chegasse e u pudesse partir. Quatro horas de repente pareceram tempo demais. Tentei me lembrar do impulso filantrópico que me levou a permitir que Cole me acompanhasse.

Naquele instante, ao me virar em direção ao balcão, vi uma imagem pelo canto do olho. Foi um daqueles olhares breves que nos deixam surpresos pelo tanto de coisas que conseguimos ver num breve segundo de contato visual. Um daqueles olhares que deveriam ser apenas um borrão esquecido, mas que, na verdade, se tornavam uma imagem registrada. E a imagem registrada naquele momento foi: Amy Brisbane, a mãe de Grace, passando pela vitrine da livraria em direção a seu estúdio de arte. Ela mantinha um braço dos braços sobre o peito, segurando a alça da bolsa como se casa passo pudesse soltá-la de seu ombro. Usava um cachecol fino e claro e seu rosto estava inexpressivo, como fazem as pessoas quando querem passar despercebidas. E eu notei, naquele momento, pelo rosto dela. Que ela havia tomado conhecimento da notícia da menina morta na floresta, e estava pensando que podia ser Grace.

Eu deveria dizer a ela que não era.

Mas havia uma série de pequenos crimes que os Brisbane tinha cometido. Eu conseguia facilmente relembrar o rosto de Lewis Brisbane olhando para mim num quarto de hospital. De ser expulso da casa deles no meio da noite. De passar dias e dias sem ver Grace porque eles, de repente, descobriram os princípios da paternidade. Eu já tinha tão pouco, e eles tiraram aquilo de mim.

Mas a expressão de Amy Brisbane... eu ainda mantinha na mente, apesar de ela já ter passado da vitrine com seus passos desengonçados.

Eles tinham dito a Grace que eu era apenas uma paixão passageira.

Bati o punho na palma de minha mão diversas vezes, arrasado. Sabia que Cole me observava.

Aquele rosto inexpressivo... eu sabia que era o mesmo tosto que eu mostrava naqueles dias.

Eles tinham tornado os últimos dias dela como ser humano, como Grace, terríveis. Por minha causa.

Eu detestava saber daquilo. Detestava saber o que queria e saber o que era certo e saber que as duas coisas não eram a mesma.

-Cole – eu disse. – Cuide da loja.

Cole se virou erguendo uma sobrancelha.

Deus, eu não queria fazer aquilo. Uma parte de mim queria que Cole se recusasse e, assim, tomasse a decisão por mim.

-Ninguém vai chegar. Vou demorar só um segundo. Prometo.

Cole deu de ombros.

-Você e que sabe.

Hesitei mais um segundo, desejando pode fingir que eu tinha visto outra pessoa qualquer passando pela calçada, não a mãe de Grace. Afinal, tinha sido só um rosto, meio escondido por um cachecol, num relance. Mas eu sabia o que tinha visto.

-Não ponha fogo em nada! – Eu abri a porta da frente. Precisei semicerrar os olhos para me proteger da claridade repentina; o sol havia conseguido entrar apenas pela parte da frente da loja, mas do lado ele tomava a rua, com raios longos e brilhantes. Estreitando os olhos, vi que a mãe de Grace já tinha descido quase todo o quarteirão.

Eu me apressei pela calçada irregular atrás dela, atrapalhado por duas senhoras de meia-idade conversando e segurando copos de café e depois uma idosa enrugada formando na frente de artigos usado e, ainda, por uma mulher que empurrava um carrinho para bebês gêmeos, que ocupava boa parte da calçada.

Precisei começar a correr, sabendo que era Cole quem estava cuidando da loja em minha ausência. A mãe de Grace não tinha nem mesmo parado antes de atravessar a rua. Parei, sem fôlego, na esquina, para permitir a passagem de um caminhão de lixo, e logo me aproximei na alcova escura na frente do estúdio dela, de fachada roxa. De perto, ela parecia um papagaio perdendo as penas; seu cabelo rebelde escapava por baixo de uma faixa um lado de sua blusa estava enfiado sem simetria por baixo de uma faixa, um lado de sua blusa estava enfiado sem simetria dentro de sua saia, e o cachecol que eu tinha visto antes havia se soltado, de modo a ficar bem mais comprido de um lado do que do outro.

-Sra. Brisbane-eu disse, minha voz falhando enquanto meus pulmões puxavam o ar. –Espere.

Eu não sabia vem que expressão esperava vislumbrar em seu tosto quando ela me visse. Estava preparado para repúdio ou raiva. Mas ela simplesmente olhou para mim como se eu fosse... nada. Uma perturbação, talvez.

-Sam?- Ela disse depois de uma pausa, como se tivesse que pensar para se lembrar de meu nome. –Estou ocupada. –Ela estava tentando enfiar a chave no buraco da fechadura, sem sucesso. Depois de um momento, largou a chave que estava usando e começou a procurar outra dento da bolsa, que era enorme, uma criação de patchwork, repleta de lixo; se eu precisasse de uma prova de que a Grace não era filha dela, a bolsa seria evidência suficiente. A sra. Brisbane não olhou para mim enquanto procurava. O modo como que ela me ignorou - como se eu não merece nem ódio nem desconfiança-fez com que eu me arrependesse de ter saído da livraria.

Dei um passo para trás.

-Pensei que a senhora deveria saber. Não e a Grace.

Ela se remexeu e olhou para mim com tanta atenção que seu cachecol escorregou de seu pescoço.

- Eu soube pela Isabel – eu disse. –Culpeper. Não é a Grace a menina que eles encontraram.

Minha pequena compaixão se tornou uma má ideia quando percebi que uma mente suspeita poderia entender minha historia num instante.

-Sam – disse ela, como a voz contida, como se estivesse conversando com um menino birrento. Ela manteve a mãe acima da bolsa, com os dedos esticados e sem movimento, como uma manequim de loja. –Tem certeza de que é verdade?

-Isabel pode confirmar-eu disse.

Ela fechou os olhos. Senti uma pontada de satisfação ao ver que ela estava sofrendo com a ausência de Grace, e então me senti péssimo por isso. Os pais de Grace sempre conseguiram fazer com eu me sentisse o pior dos piores. Eu me abaixei depressa para pegar o cachecol, desajeitado. Entreguei a peça a ela.

-Preciso voltar à loja.

-Espere – disse ela. – Entre um pouco. Você tem alguns minutos, não tem?

Hesitei.

Ela respondeu por mim:

- Ah, você está trabalhando. Claro. Você... saiu atrás de mim?

Olhei para meus pés.

- A senhora parecia não saber.

-Eu não sabia – disse ela. Fez uma pausa; quando olhei para ela, seus olhos estavam fechados e ela esfregava a ponta do cachecol no queixo. – O problema, Sam, é que a filha de alguma outra mãe está morta aí e eu só posso fica feliz.

A sra. Brisbane olhou para mim naquele momento, - olhou de verdade, abaixando as mãos e encarando meu rosto.

- Acho que você me considera uma mãe ruim.

Eu não disse nada, porque ela tinha razão. Tirei a importância daquela afirmação erguendo os ombros. Foi o mais perto de uma mentira que eu conseguir chegar.

Ela observou um carro passar.

-Claro que você sabe que brigamos feio com a Grace antes de ela... antes de ela ficar doente. Por sua causa. –Ela olhou para mim para ver se era verdade. Eu não respondi, e ela aceitou aquilo como um sim. –Eu tive um monte de namorados idiotas antes de me casar. Gostava de ficar com garotos. Não gostava de estar sozinha. Acho que acreditei que Grace fosse como eu, mas ela não tem nada a ver comigo, não é? Porque vocês dois têm algo serio, não têm?

Não me mexi.

-Sim sra. Brisbane

-Tem certeza de que não quer entrar? Vai ser difícil começar a chorar aqui, onde todo mundo pode me ver.

Pensei rapidamente em Cole dentro da loja. Pensei nas pessoas pelas quais eu tinha passado na calçada. Duas senhoras com café. Um comerciante fumando. Uma

mulher com dois bêbes. A possibilidade de Cole se meter num problema parecia bem pequena.

-Só um pouquinho-eu disse.

Capítulo 19

Cole

Uma livraria não era o lugar mais divertido para ser abandonado. Caminhei por ali durante alguns minutos, analisando os livros que me chamavam atenção, esfregando o carpete da escada dos fundos para indicar que eu havia passado por ali e procurando algo menos ofensivo para tocar na rádio acima de minha cabeça. O lugar tinha o cheiro de Sam – ou então, acho que ele tem o cheiro da loja. Como tinta e construção antiga e algo mais forte do que café, mas mesmo interessante do que maconha. Era tudo muito... erudito. Eu me senti cercado por conversas das quais não tinha interesse em participar.

Por fim, encontrei um livro sobre como sobreviver nas piores situações e me sentei no banco atrás do balcão, descansando os pés ao lado da caixa registradora enquanto folheava. Não encontrei Ser um lobisomem, nem Vencer um vício ou Aturar a si mesmo.

A porta se abriu com um barulho de sininho e eu não olhei para a frente, imaginando que fosse apenas Sam de volta.

-O que você está fazendo aqui?

Consegui identificá-la pelo desdém na voz e o cheiro de seu perfume antes mesmo de olhar para ela. Nossa, ela era gostosa. Os lábios pareciam ter gosto de balas sortidas. Ela usava uma base pesada e seus cabelos estavam mais compridos do que antes – daria para dar duas voltas com eles em meu pulso, não que eu estivesse eu imaginando essas coisas. Quando ela deixou a porta se fechar lentamente, seus lábios apetitosos se entre abriram.

- Bem-vinda à Crooked Shelf - eu disse, erguendo uma sobrancelha – Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa? Nossa seção de autoajuda é bem abrangente.

-Você não deveria fazer isso - disse Isabel. Ela segurava dois copos de papel e os colocou com um movimento brusco em cima do balcão, longe de meus pés. Eça olhou em meu rosto com uma expressão parecida com repúdio. Ou medo, talvez. Será que Isabel Culpeper tinha emoção? – O que diabos Sam estava pensando? Você sabe que qualquer pessoa pode passar pela rua e ver o seu rosto através da vitrine, não é?

- Seria uma bela visão para as pessoas – eu disse.

- Deve ser bom ser tão tranquilo.

- Deve ser bom se preocupar com os problemas dos outros.

Algo lento e desconhecido corria em minhas veias. Fiquei surpreso e impressionado ao perceber que se tratava de raiva. Não conseguia me lembrar da última vez que sentira raiva – tinha certeza de que havia sido algo entre meu pai e eu – e não conseguia me lembrar do que fazer em relação aquilo.

-Não vou ficar brincando de jogos mentais com você – disse ela.

Olhei para os copos de café que ela havia trazido. Um para ela, outro para Sam. Tanta generosidade não combinava com a Isabel que eu conhecia.

-Você jogaria com o Sam? Perguntei.

Isabel olhou para mim por muito tempo, então balançou a cabeça.

-Meu Deus, você é tão inseguro, não é mesmo?

A resposta para aquela pergunta era sempre sim, mas eu não gostei de vê-la expondo meus vícios mais escondidos. Eu me inclinei para frente para analisar as duas bebidas enquanto Isabel me observava com um brilho de morte nos olhos. Retirando a tampa, vi o conteúdo. Um deles era alguma coisa que tinha cheiro de saudável. Chá verde, talvez, ou pus de cavalo, como seria possível. O outro era café. Tomei um pouco do café. Estava amargo, com leite e açúcar suficientes para torná-lo bebível.

-Isso aí era meu – disse ela.

Sorri abertamente para ela. Eu não queria sorrir, mas disfarcei essa indisposição sorrindo ainda mais.

- E agora é meu. O que quer dizer que estamos quase quites.

-Meu Deus, Cole,o que foi? Quites em quê?

Olhei para ela e esperei que se desse conta. Cinquenta pontos se ela entendesse em trinta segundos. Vinte pontos se entendesse dentro de um minuto. Dez pontos se ela entendesse em... Isabel simplesmente cruzou os braços e olhou pela janela como se estivesse esperando que paparazzi aparecessem para nos flagrar. Surpreendentemente, ela estava tão irritada que eu conseguia sentir pelo

olfato. Meus sentidos de lobo ficaram em alerta: minha pele se arrepiou. Instintos reprimidos me mandavam reagir. Lutar. Escapar. Mas nada parecia adequado. Ela não disse nada, então eu balancei a cabeça e fiz um gesto com a mão imitando um telefone perto da orelha.

-Ah – disse Isabel, e ela balançou a cabeça – Está falando sério? Ainda isso? Os telefonemas? Vamos, Cole. Eu não faria isso com você. Você e tóxico.

-Tóxico? – repeti. Na verdade, eu estaria mentido se dissesse que não me senti lisonjeado. Havia algo forte naquela palavra, algo tentador. Tóxico. – Sim, toxicidade. É uma das minha melhores características. É porque eu não dormi com você? Que engraçado as mulheres gritam comigo porque dormi com ela.

Ela deu uma risada forçada: Há. Há. Há. Seus saltos bateram no chão quando ela deu a volta no balcão para ficar ao meu lado. Senti seu hálito quente em meu rosto; sua raiva era mais alta do que sua voz.

- Esta cara que você está vendo agora é porque fiquei ao seu lado, bem pertinho, há duas noites, vendo você se retorcer e babar por causa de algo que enfiou nas veias. Já tirei você desse buraco uma vez. Estou sempre alerta e de olho em você, Cole. Não poderei ficar por perto para sempre. Você está me arrastando com você. Estou tentando sair.

E mais uma vez, era assim que Isabel sempre me atingia. Aquela honestidade de sua parte e não era muito-tirava meu rumo. A raiva que eu senti antes foi estranhamente difícil de conter. Retirei as pernas de cima do balcão, lentamente, uma por vez, e então me virei no banquinho para ficar de frente para ela. Em vez de se afastar para me dar mais espaço, ela ficou bem ali, em pé entre minhas pernas.

Um desafio. Ou talvez uma entrega.

- Isso – eu disse – é uma mentira. Você só me encontrou na toca do coelho porque já estava lá.

Ela estava tão perto de mim que consegui sentir o cheiro de seu batom. Percebi dolorosamente que os quadris dela estavam bem próximos de minhas coxas.

-Não vou ficar vendo você se matar – disse ela. Um minuto comprado se

passou, no qual não escutamos nada além do ronco de um caminhão de entrega descendo a rua. Ela olhou para mima boca e, de repente, desviou o olhar. – Meu Deus, não posso ficar aqui. Diga a Sam que telefonarei mais tarde.

Eu estiquei os braços e coloquei as mãos no quadril dela, quando ela tentou se virar.

- Isabel – eu disse. Um dos meus polegares pousou em sua pele acima do cós da calça jeans. – eu não tentei me matar.

- Então queria um barato? – Ela tentou se virar de novo. Eu insistir. Não estava segurando forte o suficiente para escapar, então continuamos daquele jeito.

-Eu não estava querendo um barato. Estava tentando me torna um lobo.

- tanto faz. Questão de semântica. – Isabel não queria olhar para mim.

Eu a soltei e levantei para que pudéssemos ficar cara a cara. Eu tinha aprendido há muito tempo que uma das melhores armas de meu arsenal era a minha habilidade de invadir o espaço das pessoas. Ela se virou para me olhar por cima e nos entreolharmos e eu senti uma sensação repentina de retidão, de dizer a coisa certa no mento certo para a pessoa certa, aquela sensação rara de ter a coisa certa a dizer e de crer também;

- Vou dizer isso só uma vez, então é melhor você acreditar em mim primeiro. Estou procurando uma cura.

Capítulo 20

SAM

Ela - Amy, eu tentava pensar nela como Amy e não como a mãe de Grace - abriu a porta e me guiou por uma ante sala escura num tom mais escuro de roxo do que o da frente, e então chegamos a um saguão principal extremamente claro, repleto de telas. A luz entrava pela parede dos fundos, repleta de janelas que davam para um terreno com velhos tratores estacionados. Ignorando a vista, o espaço em si era profissional e requintado - paredes num tom cinza-claro, como um museu, com arames de molduras pendurados em quadros brancos ao longo do teto. Havia quadros nas paredes e recostados nos cantos; alguns deles pareciam ainda estar úmidos.

- Quer água? — perguntou ela.

Eu fiquei de pé no meio da sala e tentei não tocar em nada. Precisei de um momento para colocar a palavra água em contexto; para beber, não para me afogar.

- Não, obrigado — eu disse.

Antes, quando eu vira o trabalho de Amy, ele era estranho e caprichado — animais em áreas urbanas, amantes pintados com cores incomuns. Mas todas as telas que eu estava vendo naquele momento não tinham vida. Ainda que fossem pinturas de lugares — vielas e celeiros — pareciam planetas desertos. Não havia animais, nem namorados. Não havia um ponto principal. A única tela que tinha uma pessoa era a que estava no cavalete. Era uma tela enorme, quase da minha altura, toda branca, exceto por uma pequena pessoa sentada no canto inferior esquerdo. A menina estava de costas para o observador, com os ombros curvados, os cabelos loiros espalhados por suas costas Mesmo sem mostrar o rosto, era evidente que aquela menina era Grace, sem dúvida.

-Vamos, pode me analisar psicologicamente - disse Amy ao me perceber olhando para os quadros.

- Estou tentando parar eu disse. Fazer aquela piadinha parecia uma enganação, como na noite anterior; enquanto brincava de completar a música com

Cole., quando deveria repreendê-lo. Eu estava me aproximando do inimigo.

- Então diga o que está pensando — disse ela. — Você me deixa nervosa, Sam. Já lhe disse isso? Acho que deveria dizer. Bem, vou dizer. Você nunca dizia nada quando estava com Grace, e eu não sabia lidar com isso. Todo mundo diz alguma coisa para mim. Consigo fazer todo mundo falar. Quanto mais você ficava sem dizer nada, mais eu me questionava sobre qual podia ser o problema.

Olhei para ela. Sabia que estava apenas reforçando o que ela dissera, mas eu não soube o que dizer.

- Agora você está brincando comigo — continuou ela. — Em que está pensando?

Eu estava pensando um monte de coisas, mas a maioria delas precisava permanecer como pensamentos, não como palavras. Todas elas eram iradas e acusatórias. Eu me virei na direção de Grace na tela, vi as costas dela viradas para mim, uma barreira real.

- Eu estava pensando que essa não é a Grace que eu conheço.

Ela atravessou o estúdio para ficar ao meu lado. Eu me afastei dela. Fui sutil, mas ela notou.

- Eu entendo. Bem, essa é a única Grace que eu conheço.

Eu disse lentamente:

- Ela me parece solitária. Fria. — Tentei imaginar onde ela podia estar.

- Independente. Teimosa — Amy suspirou de repente e se afastou de mim. — Não pensei que estava sendo uma mãe horrível. Meus pais nunca me deram privacidade. Eles liam todos os livros que eu lia. Iam a todos os eventos sociais aos quais eu ia. Eram rígidos com os horários. Vivia vigiada até entrar para a faculdade, e depois nunca mais voltei para casa. Ainda não converso com eles. Eles ainda me analisam com uma lupa enorme. - Ela fez um movimento de quem segura uma lupa. - Pensei que estávamos sendo ótimos, Lewis e eu. Assim que a Grace começou a querer fazer coisas sozinha nós permitimos. Não vou mentir, também fiquei bem contente por ter minha vida social de novo. Mas ela estava indo muito bem. Todo mundo dizia que os filhos estavam aprontando ou se comportando mal na escola. Se a Grace tivesse começado a ir mal, nós teríamos mudado.

Aquilo não me pareceu uma confissão. Parecia a afirmação de uma artista. Conflito destilado em discurso para a imprensa. Não olhei para a Amy. Apenas olhei para a Grace da tela.

- Vocês a deixaram sozinha.

Houve uma pausa. Talvez ela não esperasse que eu dissesse alguma coisa. Ou talvez não esperasse que eu discordasse.

- Isso não é verdade — disse ela.

- Eu acredito no que ela me contou. Eu a vi chorar por causa de vocês. Aquilo foi de verdade. Grace não é dramática.

- Ela nunca pediu mais — disse Amy.

Naquele momento, olhei fixamente para Amy com meus olhos amarelos. Sabia que ela se sentia desconfortável; todo mundo se sentia desconfortável diante de meu olhar.

- É mesmo?

Amy olhou em meus olhos por alguns segundos e então desviou o olhar. Pensei que ela provavelmente se arrependia de não ter se despedido de mim na calçada.

Mas quando ela olhou para mim de novo, seu rosto estava molhado e o nariz vermelho.

- Certo, Sam, sem enrolação, certo? Sei que em alguns momentos fui egoísta. Em alguns momentos, eu vi o que queria ver. Mas existem duas versões, Sam. A Grace não era a filha mais carinhosa do mundo. — Ela se virou para secar o nariz na blusa.

- Você a ama? — perguntei.

Ela inclinou a cabeça.

- Mais do que ela me ama.

Não respondi. Não sabia o quanto Grace amava os pais. Gostaria de estar com ela e não com a mãe dela, naquele estúdio, sem saber o que dizer.

Amy caminhou para o cômodo do lado. Eu escutei quando ela assoou o nariz antes de voltar do banheiro. Ela parou a alguns metros de onde eu estava,

secando o nariz com um lenço. Tinha uma expressão esquisita, daquelas que as pessoas mostram quando estão prestes a se tornar mais sérias do que o normal.

- Você a ama? — perguntou ela.

Senti as orelhas queimando, apesar de não sentir vergonha de meus sentimentos.

- Estou aqui — respondi.

Ela mordeu o lábio e assentiu, olhando para o chão. Então, sem olhar para mim, ela perguntou: - Onde ela está?

Não me mexi.

Depois de um tempo, ela olhou para mim.

- O Lewis acha que você a matou.

Não senti nada. Ainda não. Naquele momento, aquelas eram apenas palavras.

- Por causa de seu passado — disse ela. — Ele disse que você era quieto e estranho demais, e que seus pais o estragaram. Que não havia como você não ter ficado arrasado depois daquilo, e que você havia matado Grace ao descobrir que não permitiríamos que ela o visse de novo.

Eu quis cerrar os punhos, mas pensei que isso seria ruim, daí me forcei a manter as mãos abertas. Elas pareciam pesos mortos ao lado, inchadas e estranhas para meu corpo. Enquanto isso, Amy me observava, analisando minha reação. Eu sabia que ela queria palavras, mas eu não tinha nenhuma que quisesse dizer. Apenas balancei a cabeça.

Ela deu um sorriso triste.

- Eu não acho que você a tenha matado. Mas então... onde ela está, Sam?

A inquietação cresceu lentamente dentro de mim. Não sabia se ela vinha da conversa, ou do cheiro da tinta ou de Cole sozinho na loja, mas estava ali, mesmo assim.

- Não sei — eu disse com sinceridade.

A mãe de Grace tocou meu braço.

- Se você encontrá-la antes de nós — disse ela - , diga que eu a amo.

Pensei em Grace e naquele vestido solto em minha mão. Grace longe, bem longe na mata, inalcançável.

- Aconteça o que acontecer? - perguntei, apesar de não achar que ela poderia dizer aquilo de um modo que me convencesse. Separei minhas mãos; percebi que estava esfregando o polegar em cima de um de meus pulsos marcados.

A voz de Amy foi firme.

- Aconteça o que acontecer. E eu não acreditei nela.

Capítulo 21

ISABEL

O problema de Cole St. Clair é que você pode acreditar em tudo o que ele diz e, ainda, não acreditar em nada do que ele diz. Ele era tão grandioso que era fácil acreditar que poderia conseguir o impossível. Mas ele também era um lixo sem tamanho no qual não se podia confiar.

O problema era que eu queria acreditar nele.

Cole enfiou as mãos no bolso de trás, como se quisesse mostrar que não me tocaria se eu não tomasse a iniciativa. Com todos os livros atrás dele, ele mais parecia um daqueles pôsteres que vemos em bibliotecas, aqueles com celebridades incentivando a leitura, cole st. clair diz "nunca parem de ler!" Parecia que ele se divertia na posição em que estava.

E estava bem bonito.

De repente, eu me lembrei de um caso no qual meu pai havia trabalhado. Eu não me recordava exatamente dos detalhes — provavelmente eram diversos casos reunidos, na verdade —, mas de um idiota que tinha sido acusado de algo no passado e agora estava sendo acusado de mais alguma coisa. E minha mãe, na época, disse algo parecido com Dê a ele o benefício da dúvida. Nunca me esqueci da resposta de meu pai, porque foi a primeira e única coisa inteligente que eu pensei que ele já tinha dito: "As pessoas não mudam o que são. Apenas mudam o que fazem com o que são."

Então. se meu pai estava certo, significa que, por trás daqueles olhos verdes que me olhavam, ainda era o mesmo Cole de sempre, perfeitamente capaz de ser a pessoa que ele era antes, deitado no chão embriagado e tentando se matar. Eu não sabia se conseguiria lidar com aquilo. Por fim, eu disse: - E a sua cura para a condição de lobo foi... a epilepsia?

Cole fez um som de quem não ligava.

- Ah, aquilo foi apenas um efeito colateral. Vou resolver.

- Você poderia ter morrido.

Ele sorriu, aquele sorriso largo e lindo que ele sabia muito bem que era largo e

lindo.

- Mas não morri.

- Eu não acho que isso conte como não ser suicida — eu disse.

O tom de Cole foi desdenhoso.

- Correr riscos não é ser suicida. Caso contrário, os pára-quedistas precisam de ajuda séria.

- Os pára-quedistas têm pára-quedas ou seja lá o que for que eles tenham!

Cole deu de ombros.

- E eu tinha você e o Sam.

- Nós nem sabíamos que você... — Eu parei, porque meu telefone começou a tocar. Eu me afastei de Cole para ver quem estava ligando.

Meu pai. Aquele devia ser o momento certo para deixar a ligação cair na caixa de mensagens, mas depois da bronca de ontem, eu precisava atender.

Percebi que Cole estava olhando para mim quando abri o telefone.

-Oi?

- Isabel? — meu pai parecia surpreso e... animado.

- A menos que você tenha outra filha — respondi. — O que explicaria muitas coisas.

Meu pai agiu como se eu não tivesse dito nada. Ele ainda parecia estranhamente contente.

- Liguei para você sem querer. Queria telefonar para sua mãe.

- Pois é, você ligou para mim. Para que estava telefonando para ela? Você parece estar meio “alto" — eu disse.

Cole ergueu as sobrancelhas.

- Veja como fala comigo — respondeu meu pai automaticamente - Marshall acabou de me telefonar. A menina foi a foi a última gota. Ela ficou sabendo dos rumores de que nossa matilha de lobos vai sair da lista de protegidos e eles estão armando uma caçada aérea.

O estado vai fazer isso, e não caipiras com rifles, dessa vez. Estamos falando de helicópteros. Eles farão a coisa direito, como em Idaho.

Eu perguntei:

- Isso vai mesmo acontecer?

- Só falta agendarem — disse meu pai. Precisam reunir recursos e mão de obra e tudo mais.

De certo modo, aquela última frase foi familiar... "recursos e mão de obra" era uma bobagem tão típica de Marshall que eu conseguia imaginar meu pai repetindo as palavras depois de tê-las escutado ao telefone minutos antes.

Pronto.

O rosto de Cole havia mudado, abandonando a expressão preguiçosa e linda de antes. Agora, algo em minha voz ou em meu rosto devia tê-lo alertado, porque ele olhava para mim de modo intenso, e eu me senti exposta. Virei o rosto.

Perguntei a meu pai:

- Você tem ideia de quando será? Uma previsão?

Ele estava conversando com outra pessoa. Eles riram.

- O quê? Isabel, não posso falar agora. Talvez um mês, segundo eles. Mas estamos tentando adiantar... depende do piloto do helicóptero e da limpeza da área, creio eu. Nós nos falamos em casa, mais tarde. Ei... por que você não está na escola?

- Estou no banheiro — eu disse.

- Bem, você não precisa atender o telefone na escola — disse ele. Escutei um homem dizer o nome dele ao fundo. — Preciso ir. Tchau, docinho.

Fechei o telefone e olhei para os livros na minha frente. Havia uma biografia de Teddy Roosevelt virada para cima.

- Docinho — disse Cole.

- Não comece.

Eu me virei e nós dois nos entreolhamos. Eu não sabia ao certo quanto ele tinha escutado. Não demorei muito para saber. Ainda havia algo no rosto de Cole

que me deixava inquieta. Antes, a vida sempre era uma piada que ele considerava um pouco engraçada, mas, na maior parte do tempo, tola. Só que, naquele momento, diante daquela nova informação, aquele Cole estava... inquieto. Por apenas dois segundos, era como se eu conseguisse vê-lo todo por dentro, e então a porta se abriu e aquele Cole se foi.

Sam ficou parado na entrada da loja, com a porta fechando-se lentamente atrás dele.

- Más noticias, Ringo - disse Cole, e mais uma vez ele voltava a ser o Cole de antes. - Vamos morrer.

- Meu pai fez aquilo - eu disse. - A caçada vai acontecer. Eles estão esperando pelo piloto do helicóptero.

Sam ficou ali parado, na porta de entrada, por muito, muito tempo, com a mandíbula tensa. Havia algo de estranho e resoluto em sua expressão. Atrás dele, a parte de trás da placa da porta mostrava a palavra FECHADO.

O silêncio se estendeu por tanto tempo, que eu estava prestes a dizer algo, e então Sam disse, num tom de estranha formalidade: - Vou tirar a Grace da mata. Os outros também, mas ela é minha prioridade.

Cole pensou um pouco ao escutar aquilo.

Acho que posso ajudar.

Capítulo 22

SAM

A floresta estava lamacenta e sem movimento depois de dias de chuva. Cole liderou o caminho, a certeza em seus passos provando que ele já havia percorrido aquelas trilhas. Isabel, depois de certa relutância, fora para a escola e, quando Karyn chegou para me substituir, Cole e eu voltamos para a casa de Beck o mais rápido que conseguimos. Enquanto estávamos dentro do carro, Cole me contou sua brilhante ideia para pegar Grace: armadilhas.

Eu não conseguia acreditar que durante todo aquele tempo que pensei que Cole passasse os dias destruindo a casa, ele também estava tentando prender animais. Lobos. Concluí que tudo a respeito de Cole era tão imprevisível que eu não deveria nem me surpreender.

- Quantas dessas coisas você tem? — perguntei quando entramos na mata. Eu podia estar pensando na notícia dada por Isabel, na caça que aconteceria, mas me concentrei em passar pelas árvores. O mundo estava tão úmido que foi preciso um pouco de concentração. A água da tempestade da noite anterior pingava em mim, que estava usando os galhos para me segurar, e meus pés deslizavam na lama.

- Cinco... - disse Cole, parando para bater o sapato num tronco de arvore, pedaços de lama se soltaram do solado. — ...e pouco.

- Como assim, "e pouco"?

Cole continuou caminhando.

- Estou terminando um para Tom Culpeper - disse ele, sem se virar.

Eu não podia dizer que discordava.

- E o que pretende fazer se pegar um?

Cole fez um som exagerado de nojo ao pisar em cima de um monte de fezes secas de veado.

- Descobrir o que faz com que nos transformemos. E descobrir se você está mesmo curado.

Fiquei surpreso por ele ainda não ter me pedido um exame de sangue.

- Talvez depois - disse Cole - eu indique você para parte de uma experiência benigna.

Parecia que eu estava conseguindo conhecê-lo melhor do que pensava.

- Talvez não — eu disse.

Enquanto caminhávamos, senti o cheiro de algo que me fez pensar em Shelby. Parei, virei lentamente, pisei com cuidado em cima de um galho parecido com chicote, de uma cor verde viva e com espinhos.

- O que você está fazendo, Ringo? — perguntou Cole, parando para esperar.

- Pensei ter sentido o cheiro... — parei. Não sabia como explicar.

- Da loba branca? A chata?

Olhei para ele, sua expressão era sagaz.

- Sim, Shelby — eu disse. Não conseguia encontrar o cheiro que havia sentido antes. — Não seria uma boa ideia encontrá-la. Você a tem visto recentemente?

Cole assentiu, tenso. Senti uma certa decepção, fria e indigesta, no estômago. Fazia meses que eu não via Shelby e esperava, com otimismo, que ela tivesse saído da floresta. Não era incomum que lobos deixassem sua matilha. A maior parte das matilhas tinha um bode expiatório, escolhido e levado para longe da comida e empurrado para fora da hierarquia da matilha. Eles costumavam percorrer centenas de quilômetros para dar início a uma nova matilha, em algum lugar distante de seus atormentadores.

Tempos atrás, Salem, um lobo mais velho que eu não cheguei a conhecer como humano, era o ômega, o rejeitado, da matilha do Bosque da Fronteira. Mas eu já vira o bastante de Shelby enquanto tentava vencer a meningite para saber que ela havia caído ainda mais no conceito de Paul e, conseqüentemente, da matilha. Era como se ele soubesse, de alguma maneira, o que ela havia feito a mim e a Grace.

- Por que não é uma boa ideia? - perguntou Cole.

Eu não queria dizer a ele. Conversar sobre Shelby era tirar as lembranças dela das caixas que eu havia guardado com cuidado, e eu acreditava que não queria

fazer aquilo. Eu disse, com relutância:

- Shelby prefere ser loba. Ela... teve uma infância ruim, em algum lugar, e não é muito normal. - Assim que eu disse aquilo, me odiei, porque era a mesma coisa que a mãe de Grace acabara de dizer a meu respeito.

Cole resmungou.

- Como o Beck gosta. — Ele se virou e começou a caminhar, seguindo vagamente a trilha que Shelby havia deixado e, depois de um momento, eu também segui, apesar de estar perdido em meus pensamentos.

Eu me lembrei de Beck levando Shelby para casa, pedindo que nós déssemos tempo a ela, espaço, e algo de que ela precisava, mas que não podíamos oferecer. Meses tinham se passado e então, em um dia quente, Beck perguntou: Podem ver o que Shelby está fazendo?

Ele não achava que ela estava aprontando alguma coisa, ou teria ido pessoalmente.

Eu a encontrei do lado de fora, agachada perto da garagem. Ela se assustou ao ouvir minha aproximação, mas, quando viu que era eu, virou-se, sem preocupação. Eu era como o ar para ela: nem ruim nem bom. Apenas existia. Por isso, ela não reagiu quando caminhei diretamente para onde ela estava agachada, com os cabelos loiros cobrindo seu rosto.

Ela segurava um lápis, e o estava utilizando para raspar pedaços de tripas, esticando pedaços de intestino com a ponta do lápis. Pareciam minhocas. Havia um órgão com um tom verde metálico e aparência oleosa entre eles. Do outro lado das tripas, a poucos centímetros, um pássaro se remexia e movia as patinhas, deitado de barriga para cima e depois de lado, preso pelo lápis de Shelby em seu intestino.

- Isso é o que fazemos com eles, depois nós os comemos — dissera ela.

Eu me lembro de ter ficado ali, tentando escutar um indício de emoção em sua voz. Ela apontava para a cavidade torácica da ave com outro lápis que mantinha na outra mão. Eu me lembrei de que era um de meus lápis, do meu quarto. Batman. Recém-apontado. Imaginá-la dentro do meu quarto foi mais real e assustador do que o animal torturado debatendo-se a beira da calçada de

concreto.

- Você fez isso? - perguntei. Sabia que tinha feito.

Como se eu não tivesse dito nada, Shelby comentou:

- Aqui é onde fica o cérebro dele. O olho de uma avestruz é maior do que o cérebro dele.

Ela apontou para o olho da ave. Eu consegui ver a ponta do lápis pousada diretamente em cima da superfície preta brilhante e algo dentro de mim se contraiu. O Pássaro estava totalmente parado. Sua pulsação era visível em suas entranhas expostas.

- Não... — eu disse.

Shelby enfiou o lápis do Batman no olho do pássaro. Ela sorriu com aquilo, um sorriso distante que nada tinha a ver com alegria. Ela direcionou o olhar para mim, apesar de não ter virado a cabeça.

Fiquei ali, com o coração acelerado como se eu tivesse sido atacado. Minha respiração estava instável, em solavancos. Olhando para

Shelby e para o pássaro, era difícil me lembrar de como era sentir felicidade.

Eu nunca contei a Beck.

A vergonha me fazia refém. Eu não a impedi. Era meu lápis. E, como castigo, nunca me esqueci daquela imagem. Eu a levei comigo, e era milhares de vezes mais pesada do que o corpo daquela ave.

E que besta rude, sua hora enfim chegada

Arrasta-se rumo a Belém para nascer?

Eu queria que Shelby estivesse morta. Queria que o cheiro que Cole e eu estávamos seguindo fosse apenas um fantasma dela, uma relíquia e não uma promessa. Em outra vida, eu desejei que ela simplesmente saísse da floresta à procura de outra matilha, mas eu não era mais aquele Sam. Agora, eu esperava que ela estivesse em algum lugar do qual nunca pudesse voltar.

Mas o cheiro dela, demorando na vegetação rasteira úmida, estava demais. Ela estava viva. Estivera ali. Recentemente.

Eu parei naquele instante, escutando.

- Cole — eu disse.

Ele parou imediatamente, algo em minha voz alertando-o. Por um momento, fez-se silêncio. Nada além do cheiro vivo da mata acordando enquanto eles se aqueciam. Pássaros piando de arvore em árvore. À distância, na mata, um cão latia. E então - um som distante, ansioso e fraco. Se não tivéssemos parado, o barulho de nossos pés o teria encoberto. Mas naquele instante, claramente, eu escutei o assovio, o som de um lobo desesperado.

- Uma de nossas armadilhas? - perguntei a Cole baixinho.

Ele assentiu.

O som veio de novo. Algo parecido com apreensão apertou meu estômago. Eu não achava que fosse Shelby.

Levei o dedo aos lábios e ele balançou a cabeça para mostrar que entendia. Se houvesse ali um animal ferido, eu não queria afastá-lo antes de ajudar.

De repente, nós éramos lobos em pele de ser humano — silenciosos e atentos. Como quando eu caçava, minhas passadas foram compridas e baixas, meus pés mal tocavam o chão da floresta. Eu não precisava me esforçar para adotar a atitude furtiva. Simplesmente me afastei de minha condição humana, e ali ela estava, dentro de mim, esperando que eu a levasse de volta à tona.

Sob meus pés, o chão estava escorregadio e enlameado, com argila úmida e areia. Enquanto descia para uma ravina rasa, com os braços estendidos para me equilibrar, meus sapatos escorregaram deixando marcas sem forma. Parei. Prestei atenção. Escutei Cole sussurrar enquanto se esforçava para manter o equilíbrio atrás de mim. O uivo do lobo foi ouvido de novo. O desespero dele me tocou fundo. Eu me aproximei.

Meu coração batia forte e ressoava em meus ouvidos.

Quanto mais eu me aproximava, mais errado parecia. Consegui escutar o uivo do lobo, mas também escutava o som de água, o que não fazia muito sentido. Nenhum rio corria no fundo daquela ravina, e não estávamos perto do lago. Ainda

assim, barulho de água.

Uma ave cantou sobre nós, alto, e uma brisa ergueu as folhas ao redor, mostrando a vegetação pálida. Cole estava olhando para mim, mas não me via de fato, pois prestava atenção aos sons. Os cabelos dele estavam mais compridos do que eram quando nos conhecemos, sua cor estava melhor. Ele dava a impressão estranha de ser dali, consciente e tenso naquela mata. A brisa espalhava pétalas a nossa volta, ainda que não houvesse árvores em flor à vista. Era um dia comum e belo de primavera na mata, mas minha respiração estava instável e eu só conseguia pensar que me lembraria daquele momento pelo resto da vida.

De repente, tive uma sensação clara e perfeita de afogamento. De água fria e escorregadia, molhando o cabelo do topo de minha cabeça, da água ardendo minhas narinas, de meus pulmões apertados.

Foi uma lembrança fragmentada, totalmente inadequada. Como os lobos se comunicavam.

E então eu soube onde estava o lobo. Deixei de lado minha concentração e percorri os últimos metros.

- Sam! — disse Cole.

Mal consegui parar na hora certa. Sob meu pé direito, o solo estava escorregadio, com água. Eu me afastei, abri uma distância mais segura, e olhei para baixo.

Embaixo de mim, a argila era estranhamente amarela, um pouco de cor irreal sob as folhas escuras. Era um buraco recentemente aberto, a julgar pelas raízes de árvores recém-expostas, dedos de bruxa que apontavam tortos nas laterais. A borda do buraco estava incerta onde havia desmoronado: a chuva devia ter sido forte demais para o teto de uma caverna subterrânea. O buraco tinha entre 2,5m e 4,5m de profundidade, era difícil saber. O fundo estava coberto por algo como água amarela alaranjada ou lama, grossa o suficiente para se prender nas laterais, fina o suficiente para alguém se afogar.

Um lobo flutuava na água, com o pelo endurecido e molhado de lama. Ele não estava uivando, apenas flutuando na água. Tampouco batia as patas. Seu pelo estava sujo demais para eu identificar.

- Você está vivo? — sussurrei.

Ao escutar minha voz, o lobo deu um chute forte e ergueu a cabeça para olhar para mim.

Grace.

Era como uma rádio sintonizada em todas as estações ao mesmo tempo, com tantos pensamentos dentro de mim que nenhum deles contava.

Eu conseguia ver a evidência dos esforços dela: marcas de garra na argila macia da linha da água, pedaços de terra espalhados na beira do buraco, uma faixa de terra na qual havia a marca e um corpo que se arrastara para dentro da água. Ela estava ali fazia um tempo e, quando olhou para mim, percebi que estava cansada de lutar. Vi também que seus olhos estavam cientes, pensativos, repletos de compreensão. Não fosse pela água fria a sua volta, mantendo seu corpo na forma de loba, ela provavelmente estaria na forma humana.

Isso tornava as coisas muito piores.

Ao meu lado, Cole respirou fundo antes de dizer:

- Algo em que ele possa subir? Algo pelo menos para...

Ele não terminou, porque eu já estava perto da beirada do buraco, à procura de algo que pudesse ajudar. Mas com Grace na forma de loba, o que eu poderia fazer? A água estava pelo menos l,8m abaixo de mim, e mesmo se eu conseguisse encontrar algo comprido o suficiente para baixar ali dentro — talvez houvesse alguma coisa no abrigo — teria de ser algo sobre o qual ela pudesse andar, uma vez que não poderia escalar. Será que eu conseguiria convencê-la a caminhar sobre alguma coisa? Se ela tivesse mãos, os dedos, ainda assim não seria fácil, mas pelo menos não seria impossível.

- Tudo isso é inútil — disse Cole, mexendo num galho com o pé.

A única madeira perto do buraco eram dois pinheiros em ruínas, podres, afetados pelas tempestades e pelo tempo, nada incomum. — Há alguma coisa na casa?

- Uma escada — eu disse. Mas eu precisaria de pelo menos trinta minutos para ir e voltar. Eu não achava que ela ainda agüentaria trinta minutos. Fazia frio à sombra das árvores, e imaginei que devia estar ainda mais frio na água. Para

causar hipotermia, qual tinha de ser a temperatura da água? Voltei a me agachar à beira do buraco, sentindo-me impotente. Aquele mesmo pavor sentido ao ver Cole tendo ataques lentamente tomava conta de mim.

Grace tinha ido para a lateral do buraco mais próxima de mim, e eu observei quando ela tentou subir, com as patas tremendo de fadiga. Não conseguiu se erguer nem um pouco para fora da água, pois logo suas patas deslizaram de novo. Sua cabeça estava para fora da água, as orelhas trêmulas estavam meio caídas. Ela demonstrava exaustão, frio e desgaste.

- Ele não vai aguentar até pegarmos a escada — disse Cole. - Ele não tem muito vigor.

Eu me senti enjoado ao pensar na possibilidade da morte. Eu disse, com tristeza:

- Cole, é a Grace.

Ele olhou para mim naquele momento, e não para ela, com a expressão confusa.

Lá embaixo, a loba abriu os olhos para mim, mantendo o olhar por um momento, com os olhos castanhos fixados nos meus amarelos.

- Grace - eu disse. — Não desista.

Isso pareceu fortalecê-la. Ela voltou a nadar, dessa vez em direção a outra parte da parede. Era doloroso reconhecer Grace com aquela determinação. Mais uma vez, ela tentou escalar, um ombro forçando a terra, a outra pata acima da água, na parede íngreme. Suas patas traseiras estavam apoiadas em algo abaixo da superfície da água. Erguendo-se, com os músculos fracos, ela se encostou à parede de lama, fechando um dos olhos para evitar a entrada da lama. Tremendo, ela me encarou com o olho aberto. Era muito fácil ver além da lama, além da loba, além de todo o resto e dentro daquele olho, dentro de Grace.

E então, a parede cedeu. Numa cascata de lama, ela caiu na água. Sua cabeça desapareceu, encoberta. Fez-se um momento de silêncio infinito, no qual não houve movimento na água marrom.

Naqueles segundos em que ela precisou se esforçar para voltar à superfície,

tomei uma decisão.

Tirei minha jaqueta, fiquei em pé diante do buraco e, antes de conseguir pensar nas conseqüências horrorosas, entrei.

Escutei Cole chamar meu nome, tarde demais.

Eu escorreguei pela lateral da parede e caí na água. Meu pé tocou em algo escorregadio, e antes de conseguir determinar se era o fundo do buraco ou apenas uma raiz submersa, fui engolido.

A sujeira da água fez meus olhos arderem por um segundo, mas eu logo os fechei. No momento daquela escuridão, o tempo desapareceu, tornou-se um conceito arbitrário, e então eu consegui me erguer e levantar a cabeça acima da superfície.

- Sam Roth, seu idiota - disse Cole. Havia admiração em sua voz, o que provavelmente significava que eu tinha tomado uma decisão ruim.

A água chegou ao meu pescoço. Estava escorregadia como muco e fria, muito fria. Parecia que eu não tinha pele dentro daquele buraco. Eram apenas meus ossos e a água fria passando ao meu redor.

Grace se pressionou contra a parede oposta, com a cabeça contra a lama, a expressão dividida entre cansaço e algo que sua feição de loba não conseguia demonstrar. Agora que eu sabia qual era a profundidade do buraco, percebi que ela devia estar apoiada nas patas traseiras, recostando-se na parede para poupar sua força.

- Grace - eu disse, e, ao escutar minha voz, seus olhos demonstraram medo. Tentei não levar aquilo para o lado pessoal; os instintos de loba tomavam as rédeas, por mais que eu acreditasse ter visto humanidade dentro deles. Eu ainda precisava repensar meu plano de tentar tirá-la do buraco. Era difícil me concentrar; eu estava com tanto frio que minha pele arrepiada chegava a doer. Minha intuição me dizia para sair da água fria antes que acabasse me transformando.

Estava muito frio.

Acima de mim, Cole estava agachado à beira do buraco. Eu conseguia sentir sua impaciência, escutar as perguntas não feitas, mas não sabia como responder.

Eu me movi na direção dela, para ver como reagiria. Ela se jogou para trás, de modo defensivo, e perdeu o apoio. Desapareceu na água, e dessa vez sumiu durante o intervalo de várias respirações. Quando retornou, tentou, sem sucesso, encontrar seu ponto de apoio de antes, mas a parede não agüentava seu peso. Ela nadou com fraqueza, com as narinas para fora da água.

Não tínhamos muito tempo.

- Devo entrar aí? — perguntou Cole.

Balancei a cabeça negando. Eu estava com tanto frio que minhas palavras mais eram sussurros do que voz.

- Está... frio... demais. Você... vai se... transformar.

Perto de mim, a loba uivou, baixinho, ansiosa.

Grace, pensei, fechando os olhos. Por favor, lembre-se de quem eu sou. Abri os olhos.

Ela desapareceu. Havia apenas um movimento na água afastando a de mim, quando ela afundou.

Eu me lancei para a frente, meus sapatos afundados no chão fofo do buraco e mexi os braços na água. Segundos de agonia se passaram, durante os quais senti a lama em meus braços, raízes em meus dedos.

O buraco, que parecera pequeno visto de cima tornara-se vasto e infinitamente profundo.

Só conseguia pensar: ela vai morrer antes de eu conseguir encontrá-la. Ela vai morrer a centímetros de meus dedos, engolindo água pelo nariz e respirando lama. Reviverei esse momento sem parar todos os dias da minha vida.

Então, finalmente, meus dedos tocaram algo mais firme. Eu senti a solidez de seu pelo molhado. Abracei seu corpo para erguê-la e colocar sua cabeça para fora da água.

Eu não precisaria ter me preocupado com suas mordidas. Em meus braços, ela ficou imóvel, leve, com a água erguendo-a, patética e entregue. Ela se tornou um emaranhado de galhos e lama, fria como um cadáver pelas horas dentro da água. Água marrom borbulhava de suas narinas.

Meus braços não paravam de tremer. Eu encostei a testa contra seu focinho lamacento; ela não se mexeu. Senti as costelas dela contra minha pele.

Ela respirou a água grudenta e suja de novo.

- Grace — eu sussurrei. — Não é assim que as coisas terminam.

Sua respiração estava ofegante. Em minha mente havia uma confusão de ideias e planos... Se eu conseguisse tirá-la ainda mais da água, se eu conseguisse mantê-la mais aquecida, se eu conseguisse deixá-la fora da água até ela recuperar um pouco de força... Mas não me concentrei em nada. Deixando a cabeça dela acima da lama líquida, me movi lentamente, procurando com os pés o apoio que ela havia encontrado antes.

Olhei para a margem do buraco. Cole não estava lá.

Eu não sabia o que sentir.

Movendo-me lentamente, encontrei uma raiz escorregadia e grande que agüentou meu peso, e me apoiei contra a parede, com o corpo de loba de Grace em meus braços. Eu a abracei até sentir seus batimentos estranhos e rápidos contra meu peito. Ela tremia, de medo ou cansaço, eu não sabia ao certo. Também não sabia como faria para nos tirar dali.

Mas sabia de uma coisa: eu não desistiria.

Capítulo 23

COLE

Correr como um louco era simples. Todos os músculos foram criados para isso. Todas as partes do corpo de um lobo funcionavam juntas para um movimento constante e ininterrupto, e a mente de lobo simplesmente não pensaria do cansaço futuro. Assim, corríamos como se nunca fôssemos parar e então, parávamos.

Como ser humano, eu me sentia desajeitado e lento. Meus pés eram inúteis naquela lama, pois juntavam tanta sujeira que eu precisava retirá-la para continuar. Quando cheguei ao meu destino, o abrigo, eu estava sem fôlego e meus joelhos doíam por ter subido correndo. Não havia tempo de parar. Eu já fazia ideia do que pegar no abrigo, a menos que uma sugestão melhor aparecesse. Abri a porta com um empurrão e espiei lá dentro. Coisas que pareciam infinitamente práticas quando eu as vira antes, agora pareciam inúteis e cheias de frescura. Cesto de roupas. Caixas de alimentos. Garrafas d'água. Uma televisão. Cobertores.

Eu arranquei as tampas das latas marcadas como EQUIPAMENTOS, procurando o que eu precisava de fato: um tipo de cabo, corda elástica, uma cobra píton...qualquer coisa com a qual eu conseguisse envolver a boca de uma lata para transformá-la em um tipo de elevador para os lobos. Mas não encontrei nada. Aquele lugar mais parecia um jardim de infância para lobos. Hora do lanche e coisas para dormir.

Xinguei dentro do cômodo vazio,

Talvez eu devesse ter arriscado o tempo extra e voltado para casa a fim de pegar a escada.

Pensei em Sam, tremendo naquele buraco com Grace nos braços.

De repente, ma ocorreu uma cena: o corpo frio de Victor no fundo daquele buraco, com a terra em cima dele. Foi apenas um engano de meus pensamentos, e falso _ Victor estava amarrado quando nós o enterramos _ , mas bastou. Eu não enterraria outro lobo com Sam.

Muito menos a Grace.

O que eu estava começando a entender a respeito de Sam e Grace, o lance de Sam não conseguir viver direito sem ela, era que aquele tipo de amor só dava certo quando se sabia que as duas pessoas sempre estariam próximas para ajudar uma à outra. Se uma metade da equação partisse, ou morresse, ou fosse um pouco menos perfeita naquele amor, ele se tornava a história mais trágica e patética já inventada, risível de tão absurda. Sem Grace, Sam era uma piada sem graça.

Pense Cole. Qual é a resposta lógica?

A voz do meu pai.

Fechei os olhos, peguei duas latas e abri o fundo delas, virando o conteúdo no chão do abrigo, abandonando tudo que havia dentro deles, menos a toalha.

Coloquei uma lata dentro da outra, juntamente com a toalha, e enfiei as tampas embaixo do braço. Parecia que as melhores armas de minha vida sempre tinha sido as mais inofensivas: latas vazias, um CD virgem, uma seringa vazia, meu sorriso num quarto escuro.

Saí do abrigo e fechei a porta.

GRACE

Eu estava morta, flutuando na água mais funda e mais ampla do que eu conseguia dominar.

Eu era

Respiração em bolhas Terra na boca Visão escurecida Um momento

E então um momento E então eu me tornei Grace

Eu estava flutuando, morta na água mais fria do que eu e mais forte do que eu.

Fique acordada.

O calor do corpo dele prendeu-se em minha pele Rasgou

Por favor, se consegue me entender Eu estava do avesso Tudo estava amarelo, dourado, espalhado sobre minha pele Fique acordada.

Eu

Estava

Acordada

Eu

Estava

COLE

O buraco estava muito silencioso quando o alcancei, e eu meio que esperava, por algum motivo, encontrar Sam e Grace mortos. Era uma vez um tempo em que eu teria usado aquela sensação e escrito uma canção, mas esse tempo já tinha passado há muito tempo.

E eles não estavam mortos. Sam olhou pra mim quando me aproximei da beira do buraco. Seus cabelos estavam grudados em sua cabeça de um modo desalinhado, como se tivessem sido remexidos com as mãos, sem atenção, mas é claro que as mãos de Sam não estavam livres. Seus ombros tremiam com o frio e ele encostou o queixo no peito ao estremecer. Se eu não soubesse o que ele segurava, nunca teria imaginado que aquela forma pequena e escura era um animal vivo.

- Cuidado! – eu disse.

Sam olhou para cima quando soltei as duas latas na água. Ele fez uma careta quando a áhua espirrou, molhando minha pele com gotas frias. Senti o lobo dentro de mim se remexer com aquela sensação, que logo se dissipou. Foi um lembrete estranho de que logo eu voltaria a ser um lobo, e não porque eu havia injetado algo em mim como experiência. No final, eu me transformaria porque não podia evitar.

- C-cole? _ perguntou Sam. Ele parecia perplexo.

- Fique em pé nas latas. Uma deve bastar. Grace é muito pesada?

- N-não.

- Então, você pode entregá-la a mim. _ Esperei enquanto ele se remexia pela água até a lata mais próxima. Como estava flutuando, ele teria de empurrá-la para fundo e virá-la de cabeça para baixo para que se tornasse um degrau. Ele tentou se inclinar para segurar a beirada dela enquanto ainda mantinha Grace; a cabeça dela se afastou de seu peito, mole e sem reação. Ficou claro que ele não poderia mexer na lata sem soltar Grace, e soltar Grace era a mesma coisa que fazê-la se afogar.

Sam ficou ali, apenas olhando para a lata que boiava, os braços tremendo sobre Grace. Ele estava totalmente parado. A cabeça, levemente inclinada para o lado, analisando a água ou algo além dela. Seus ombros estavam curvados. Victor já havia me treinado e eu sabia o que aquilo significava. Desistir era a mesma coisa em todas as línguas.

Há vezes que você se senta e deixa os outros brincarem sozinhos e há vezes em que você se levanta e controla a música. E a verdade é que nunca fiquei muito bem parado.

Eu disse:

- Cuida...! _ e não dei a Sam uma chance de reagir, escorreguei um pouco para dentro do buraco. Fez-se um breve momento de vertigem, no qual meu corpo não

tinha certeza até onde cairia e quando eu precisaria me segurar, e então eu me apoiei com o braço na parede um pouco antes de cair na superfície da lama líquida. – *Caramba!* – eu disse, porque a água estava muito, muito, muito fria.

O rosto sujo de Sam demonstrava incerteza, mas ele viu o que eu queria fazer.

- M-melhor andar depressa.

- Você acha? _ perguntei. Mas Sam tinha razão: a água fria me dominava, chamando o lobo dentro de mim. Virei a primeira lata a água entrou nela, e o peso a levou ao fundo. Seguindo pelo tato, tentando manter meu estômago revolto dentro de mim, eu virei a lata e a empurrei em direção à lama do fundo. Peguei a outra, deixei ficar cheia de água, coloquei-a em cima. Peguei a tampa que flutuava e a fechei.

- S-segure-a firme _ Deixe-me colocá-la e...

Ele não terminou, mas não foi preciso. Ele a virou em seus e pisou na primeira lata. Eu estiquei o braço que estava com a mão livre para segurá-lo. O braço dele estava exatamente da mesma temperatura da lama. Grace parecia um cão morto em seus braços, e Sam subiu na segunda lata. As duas latas balançaram e ameaçando cair. Eu era o único apoio que os impedia de cair na água.

- Depressa _ sussurrei. Meu Deus, a água estava fria; eu não conseguia me acostumar a ela. Ia me transformar num lobo, e não, não ia naquele momento, segurei a borda das latas. Sam estava em cima da lata com Grace e seu ombro apoiava-se na beira do buraco. Ele fechou os olhos por um segundo. Ele sussurrou *desculpe* e então jogou o corpo da loba para cima e para fora do buraco, em terra firme. Eu estava a poucos metros, mas vi que foi difícil para ele . Sam se virou para mim. Ele ainda tremia de frio.

Eu estava tão perto do lobo que conseguia sentir em minha boca.

- Você sai primeiro *disse Sam* , a mandíbula tensa para manter a voz firme. – Não quero que você se transforme.

Não era eu que importava, não era eu que precisava sair do buraco, mas Sam não deixou espaço para discussões. Ele saiu das latas e se jogou ao meu lado. Eu senti um no enorme na garganta, apertando e soltando. Parecia que meus dedos estavam dentro de meu diafragma, percorrendo minha garganta na ponta dos pés.

- Suba _ disse Sam.

Senti um formigamento no couro cabeludo. Sam esticou o braço e segurou minha mandíbula com força suficiente a ponto de doer. Ele olhou dentro de meus olhos, e eu senti o lobo dentro de mim reagindo àquele desafio, àquele instinto calado que dava força a seu comando. Eu não conhecia aquele Sam. – Suba _ ordenou ele. – Saia!

E dizendo daquele jeito, foi o que eu fiz. Subi pelas latas, com meu corpo tremendo, os dedos procurando a beira do buraco. A cada segundo fora da água, eu me sentia mais humano e menos lobo, apesar de conseguir sentir meu cheiro,

minha quase transformação. A sensação me tomava sempre que virava a cabeça. Parando um pouco para recuperar os sentidos, saí do buraco. Não foi o movimento mais sensual que já fiz, mas fiquei impressionado, mesmo assim. A alguns metros, Grace estava deitada de lado, imóvel, porém respirando.

Abaixo de mim, Sam subiu sem firmeza na primeira lata e esperou muito tempo para poder se equilibrar.

- Eu...eu só vou ter um segundo antes de esta coisa cair _ disse Sam. – Você pode...?

- Entendi _ respondi.

Ele estava errado; tinha menos de um segundo. Ele havia acabado de chegar à segunda lata, agachado, quando elas começaram a ruir. Ele esticou o braço e, quase no mesmo momento, eu o segurei. As latas caíram na água, e o *splash* foi mais abafado do que eu tria imaginado, enquanto Sam erguia seu outro braço para eu agarrar. Eu me segurei para não escorregar na beirada molhada do buraco e me afastei. Felizmente, Sam era um cara hábil com membros elásticos, caso contrário nós dois teríamos caído de novo dentro da água.

E então terminou. Eu estava sentado, apoiado em meus braços, sem fôlego. Meu corpo inteiro estava marcado com a lama lodosa do buraco. Sam se sentou ao lado de Grace, cerrando e relaxando os punho, olhando para a sujeira que se formava enquanto fazia isso. Grace estava deitada em silêncio ao lado dele, respirando depressa e de modo instável.

Sam disse:

- Você não tinha que descer.

- Eu tinha, sim _ respondi.

Olhei para a frente e vi que ele já estava olhando pra mim. Na mata escura, os olhos dele pareciam muito claros. Olhos de lobo. Eu me lembrei de como ele me segurou pela mandíbula e me mandou subir, despertando meus instintos de lobo, no mínimo. A última vez em que alguém havia olhado para mim daquele jeito, exigindo que eu escutasse e me concentrasse ao longo da transformação, tinha sido a primeira vez em que me transformei. A voz tinha sido de Geoffrey Beck.

Sam esticou o braço e tocou o rosto de Grace; vi os dedos dele se moverem ao passarem sobre as costelas escondidas embaixo do pelo.

- Tem um poema que diz: " Wie lange braucht man jeden Tag, bis men sich keont". _ Ele continuou tocando as costelas da loba, franzindo a testa, até a loba erguer a cabeça levantada inquieta. Sam colocou as mãos no colo.

- Quer dizer: " Quanto tempo demoramos,todos os dias, para conhecer um ao outro." Eu não fui muito justo com você.

Sam dizendo aquilo não importava e importava ao mesmo tempo.

- Guarde a sua poesia chucrute para Grace _ eu disse, depois de fazer uma

pausa. – Você está ficando muito esquisito.

- Estou falando sério _ disse Sam.

Eu disse, sem olhar para ele:

- Eu também estou falando sério. Até mesmo curado, você está incrivelmente anormal.

Sam não riu.

- Aceite o pedido de desculpas, Cole, e não voltarei a dizer nada sobre isso.

- Beleza _ eu disse, ficando em é e jogando a toalha para ele. – Desculpas aceitas. Se quer saber, eu não mereço o "justo".

Com cuidado, Sam envolveu o corpo da loba com a toalha. Ela e remexeu para se afastar de seu toque, mas estava cansada demais para reagir.

- Não fui criado com justiça _ disse ele, enfim. – As pessoas não deveriam merecer gentilezas. Deveriam merecer crueldade.

Pensei, de repente, que aquela conversa tomaria um rumo totalmente diferente se Isabel estivesse ali. Ela teria discordado. Mas isso porque, com Isabel, crueldade e gentileza eram a mesma coisa.

- Mesmo assim _ disse Sam. Mas ele não disse mais nada. Pegou o corpo de Grace, todo enrolado na toalha para que ela não conseguisse se mexer mesmo se tivesse força. Começou a caminhar em direção à casa.

Em vez de segui-lo, eu voltei para a beira do buraco e olhei para dentro. As latas ainda flutuavam na lama lá embaixo, tão cobertas na massa de sujeira que era impossível ver a cor original. Não havia qualquer movimentação na superfície da água, nada que indicasse sua profundidade.

Cuspi no buraco. A lama estava tão densa que sequer se mexeu quando o cuspe entrou em contato com ela. Teria sido horrível morrer ali. Pensei que todas as maneiras pelas quais eu tentava morrer tinha sido um jeito fácil. Não parecia na época, quando me deitava no cão e gritava *chegachegachegachegamelve* para ninguém. Nunca havia pensado que era um privilégio morrer como Cole e não como outra coisa.

Capítlulo 24

Isabel

Havia algo que meus pais costumavam fazer comigo e com Jack, antes de ele morrer. Eles escolhiam um horário em que havia maior probabilidade de estarmos fazendo algo que queríamos fazer, às vezes a lição de casa, mas com mais frequência os planos com amigos – a noite de estreia de um filme que estávamos malucos para assistir era um bom momento – e nos raptavam.

Eles nos levaram ao Il Pomodoro. Quer dizer "O Tomate" para vocês que, assim como eu, não falam polpettone. Il Pomodoro ficava a cerca de uma hora e meia de Mercy Falls também era no meio do nada. Por que viajar de um destino nulo a outro? Porque enquanto a maioria das pessoas conhecia meu pai como um advogado de acusação de arrasar, que arrancava as vísceras de seus oponentes com a facilidade de um velociraptor em ataque, eu conhecia a verdade: meu pai se transformava num gatinho manhoso mas mãos de homens italianos servindo pão de alho a ele, com um tenor cantando ao fundo.

Então, depois de passar um dia duro na escola, doida para acabar a lição e poder ir à casa de Beck e ver o que Sam e Cole estavam aprontando, com um milhão de outras coisas na mente, eu deveria ter parte dos meus pais. Mas já fazia mais de um ano. Eu estava desesperada, sem defesas.

Assim que pus os pés fora da escola, meu telefone tocou. Claro que era meu pai, então tive que atender para evitar ter de enfrentar. Abrindo o telefone, acenei para Mackenzie; ela balançou a mão por cima do ombro sem olhar direito para mim.

- Alô? – disse, apertando o botão do alarme para ver a que distância conseguia destravar o carro.

- Venha logo para casa quando sair – disse meu pau. Escutei o barulho da torneira aberta e os cliques de um estojo de maquiagem. – Vamos ao Il Pomodoro esta noite e vamos sair assim que você chegar.

- Está falando sério? – perguntei. – Tenho lição de casa e preciso acordar cedo amanhã. Vocês podem ir sem mim; será romântico.

Meu pai riu alto. Há. Há. Há.

- Vamos com um grupo, Isabel. Uma festinha de comemoração, na verdade. Todo mundo quer ver você. Já faz um tempão. – Minha mãe murmurou ao fundo. – A sua mãe disse que se você for ela vai pagar a troca de óleo de seu carro.

Abri a porta do meu utilitário e fiz um careta para a poça da água na qual saiu do carro, um sinal de que era primavera – já havia esquentado o bastante para aquecer o inferior do carro quando ele estava fechado.

- Ela já me prometeu isso outro dia ter levado suas roupas à lavanderia.

Meu pai repassou a informação para minha mãe. Fez-se uma pausa.

- Ela está dizendo que vai levar você a Duluth para fazer uma coisa chamada mechas ou reflexos. Espere, tem a ver com o seu cabelo? Não gosto muito de...

- Eu realmente não quero ir – eu o interrompi. Tenho outros planos. E então, um pensamento me ocorreu. – O que vocês estão comemorando, mesmo? Tem a ver com a caça aos lobos?

-Bem, sim, mas não falaremos sobre isso a noite toda – respondeu ele. – Vai ser divertido. Vamos...

- Está bem, eu vou. Diga à mãe que eu preciso cortar o cabelo e não tingir. E não com aquele cara esquisito de quem ela gosta. Ele me deixa parecendo com uma tia. Acho que ele aprendeu a cortar cabelo com os seriados dos anos 1990.

Entrei no carro e dei partida, tentando não pensar na noite que teria de enfrentar. As coisas que eu fazia por Grace e Sam e que nunca faria por mais ninguém.

- Isso me deixa feliz, Isabel – disse meu pai. Eu franzi a testa a volante. Mas meio que acreditei nele

Sempre que íamos ao Il Pomodoro, eu tentava entender como o lugar conseguia atrais meus pais. Éramos californianos, pelo amor de Deus, que deviam conhecer um bom restaurante. E ali estávamos nós, sentados à mesa xadrez vermelha e branca, escutando uma universitária infeliz cantando ópera na ponta de nossa mesa enquanto analisávamos o cardápio e comíamos quatro tipos diferentes de pão, nenhum deles com cara de italiano, todos parecidos com produtos de Minnesota. O salão era escuro e o teto, baixo, forrado por telas

acústicas. Era um túmulo ítalo-americano com uma porção extra de pesto.

Eu tinha me esforçado para ficar perto de meu pai na mesa, porque havia cerca de quinze pessoas, e eu só tinha ido àquele jantar para ficar perto dele e escutar o que dizia. Entretanto, acabei ao lado de uma mulher chamada Dolly, que se sentou entre nós dois. Seu filho, que parecia ter conseguido seu penteado ao ficar de costas, num túnel de vento, sentou-se do meu outro lado. Eu mordiscava a ponta de meu pão e tentava nãos encostar os meus cotovelos nos de meus vizinhos.

Vi um vulto quando algo voou pela mesa, pousando diretamente dentro da gola de minha camisa, acomodando-se entre meus seios. Na minha frente, um amigo do sobrevivente do túnel de vento – um irmão, talvez -, sorria e lançava olhares e meu vizinho. Dolly não percebeu, conversando com meu pai e com minha mãe do outro lado dele.

Eu me inclinei sobre a mesa em direção ao lançador de migalhas.

- Faça isso de novo – eu disse, alto o suficiente para encobrir o barulho da cantora de ópera, de Dolly e de minha mãe, além do cheiro dos pães - , venderei o seu primogênito ao diabo.

Quando me sentei de novo, o menino ao meu lado disse:

- Ele é irritante, sinto muito.

Mas eu percebi que ele queria dizer, na verdade, *Que maneira boa de me ajudar a puxar papo, cara! Nossa! Valeu*! É claro que Grace teria dito *Talvez ele só estivesse tentando ser legal*, porque Grace pensava coisas boas das pessoas.

Mas Jack teria concordado comigo.

Na verdade, era difícil não pensar que, na última vez que eu estivera ali, Jack havia se sentado na minha frente, com fileiras e fileiras de garrafas de vinho atrás dele, exatamente no lugar do menino na minha frente agora. Jack tinha sido muito idiota aquela noite, ainda que eu procurasse não me lembrar dessa parte. Era como se eu não detestava seu comportamento de vez em quando. Então, eu tentava me lembrar de seu rosto sorrindo e sujo na calçada, ainda que naqueles dias parecesse que eu estava me lembrando da lembrança de seu sorriso e não do sorriso em si. Quando pensava muito sobre isso, eu me sentia leve e livre.

A cantora de ópera parou de cantar, recebeu aplausos educados, e foi para um

pequeno palco na lateral do restaurante, onde se reuniu com outra pessoa que vestia uma roupa igualmente desmoralizante. Meu pai aproveitou a oportunidade para bater a colher contra o copo.

- Um brinde àqueles de nós que estão bebendo hoje – disse ele. – Não se levantem, apenas as taças. A Marschall, por acreditar que isto poderia acontecer. E a Jack, que não pode estar aqui conosco... – Ele parou e então disse - ... mas estaria insistindo para receber uma taça, caso estivesse.

Achei aquele brinde bem malfeito, apesar de ser verdade, mas permiti que Dolly e meu vizinho tilintassem a taça contra meu copo de água. Olhei com repúdio para o garoto à minha frente e afastei minha taça antes que ele pudesse erguer a dele m direção à minha. Tiraria a migalha de dentro da minha camisa mais tarde.

Marshall estava sentado à ponta da mesa, e a voz dele reverberava de um jeito que a de meu pai não fazia. Ele tinha uma voz adequada a um congressista, do tipo que ficava boa dizendo coisas como *uma carga tributária a menos para a classe média* e *Obrigado por sua doação e Querida, pode trazer minha blusa com o pato na frente*? Ele disse, de modo eloquente e ressonante:

- Vocês sabiam que aqui estão os lobos mais perigosos da América do Norte? – Ele abriu um sorriso amplo e satisfeito por dividir aquela informação conosco. Sua gravata estava frouxa como se ele estivesse ali com amigos, não a trabalho. – Antes de a matilha de Mercy Falls se tornar ativa, apenas dois ataques fatais cometidos por lobos tinham sido registrados na América do Norte. No total. A seres humanos, claro. No oeste, algumas cabeças de gado foram abatidas, com certeza, por isso eles divulgam aquele número de 220 lobos em Idaho.

- É o número de lobos que os caçadores podem pegar? – perguntou Dolly.

- Isso mesmo – disse Marshall, com um sotaque de Minnesota, mostrando-o de modo tão inesperado que me surpreendeu.

- Parece ser um grande número de lobos – respondeu Dolly. – temos tantos lobos assim aqui?

Meu pai interrompeu delicadamente; comparado a Marshall, ele parecia mais elegante, mais culto. É claro que ainda estávamos no Il Pomodoro, então estava sendo tão culto e elegante quanto conseguia ser ali, mas mesmo assim.

- Não, eles estimam que a matilha de Mercy Falls tenha apenas vinte ou trinta animais. No máximo.

Fiquei tentando imaginar como Sam reagiria àquela conversa. Queria saber o que ele e Cole tinham decidido fazer, se é que tinham decidido alguma coisa. Eu me lembrei daquela expressão estranha e resoluta de Sam na loja, e me senti oca e incompleta.

- Bem, o que torna a nossa matilha tão perigosa, então? - perguntou Dolly, com o queixo apoiado num círculo formado por seus dedos. Ela estava realizando um truque que eu havia aplicado muitas vezes e reconheci. A atitude de desconhecimento interessando era excelente para chamar a atenção.

- A familiaridade com seres humanos – respondeu meu pai. Ele fez um gesto para um dos garçons: *estamos prontos*. – O que mais afasta os lobos é o medo, e quando não têm medo, eles se tornam apenas predadores grandes e territoriais. Houve, no passado, na Europa e na Índia, matilhas de lobos conhecidos por matar homens. – Não havia qualquer indício de emoção em sua voz: quando dissera *matar homens*, não estava pensando em *matar Jack*. Meu pai tinha um propósito, uma missão e, enquanto se mantivesse concentrado naquilo, ele ficaria bem. Era meu velho pai, poderoso e frustrante, mas, acima de tudo, alguém de quem se orgulhar e com quem se surpreender. Eu não via aquela versão de meu pai desde antes da morte de Jack.

Percebi com mau humor que se fosse por Sam, Grace e Cole, eu estaria feliz no restaurante, mesmo sentada no Il Pomodoro. Minha mãe e meu pai conversando e sorrindo como nos velhos tempos. Era um preço pequeno a pagar por tudo aquilo. Eu poderia ter meus pais de volta... mas tinha que perder todos os meus amigos verdadeiros.

- Não, eles têm populações significantes no Canadá – meu pai estava explicando ao homem diante dele.

- Não se trata de um jogo de número – disse Marshall, porque ninguém diria isso se ele não dissesse.

Ninguém teve o que responder àquilo. Todos nos sobressaltamos surpreendidos quando a cantora recomeçou a cantar. Vi, pelo movimento labial de Marshall, que ele dissera “Meu Deus!”, mas não escutei as palavras por causa da

ópera.

Ao mesmo tempo em que senti meu telefone vibrar contra minha perna, algo caiu na gola de minha camisa. Olhei para frente e vi o garoto à minha frente rindo com cara de estúpido para mim, depois de ter lançado mais uma migalha. A música estava alta demais para eu poder dizer algo a ele, o que foi bom, porque só consegui pensar em palavrões. Além disso, sempre que eu olhava para aquele lado da mesa, me lembrava de Jack sentado conosco e de que estávamos sentados ali agra falando sobre os animais que o mataram, e não sobre o fato de que ele nunca mais estaria ali naquele restaurante, e não sobre o fato de que ele nunca mais estaria ali naquele restaurante. Eu me remexi quando algo me tocou, dessa vez, no cabelo. Era o menino do meu lado, seus dedos perto de minha têmpora.

- ... ficou um pouco em seu cabelo – gritou o garoto acima da cantoria. Eu ergui a mão como se dissesse *pare, pode parar*.

Meu pai estava inclinando para frente, na direção de Marshall, conversando aos gritos, tentando se fazer ouvir acima de uma música que parecia muito com Bizet. Eu escutei quando ele gritou:

- De cima, dá para ver tudo.

Peguei meu telefone e o abri. Ver o número de Sam me deixou apreensiva . Ele tinha me enviado uma mensagem de texto repleta de erros.

Encontramos ela. Foi duro, mas Cole agiu como um herói

Achei que devia te avisar. S

Era difícil imaginar as palavras Cole e herói na mesma frase. Herói parecia indicar um tipo de galanteio. Tentei responder embaixo da mesa, fora da vista do menino solícito a meu lado e de Dolly do outro lado, para dizer apenas que eu estava jantando e escutando detalhes e que entraria em contato mais tarde. Ou passaria lá. Quando digitei passar, mais uma vez senti aquele aperto no estômago e uma onda de culpa que me tirou o ar, sem qualquer motivo que eu conhecesse.

A cantoria parou naquele minuto e escutei palmas ao meu redor – Dolly havia erguido as mãos diante do rosto e batia palmas ao lado de meu ouvido – mas meu pai e Marshall continuavam conversando, inclinando-se para frente na mesa, como

se estivesse tocando música alguma ali.

A voz de meu pai foi clara:

- Tirá-los da floresta, como fizemos antes, mas com mais homens, com a bênção do Estado, Organização de Vida Selvagem e tudo isso, e quando eles estivessem ao norte do Bosque da Fronteira, no descampado, os helicópteros e atiradores de elite assumem.

- Índice de sucesso de noventa por cento em Idaho, foi o eu disse? – perguntou Marshall. Ele mantinha um garfo em cima de um petisco como se estivesse fazendo anotações com ele.

- Então, o restaurante não importa – disse meu pai. – Sem a matilha, eles não conseguirão sobreviver sozinhos. É preciso mais do que dois lobos para formar uma luta.

Meu telefone vibrou de novo em minhas mãos, e eu o abri. Sam de novo.

Pensei que ela ia morrer isabel. Estou tão aliviada que doi.

Escutei o menino do outro lado da mesa rindo e percebi que ele havia jogado mais alguma coisa em mim que eu não tinha sentido. Não queria olhar para ele, porque veria apenas o rosto dele contra a parede onde Jack já estivera. De repente, percebi que vomitaria. Não no futuro, não como uma forte possibilidade, mas agora, naquele momento. Eu precisava sair antes de passar vergonha.

Empurrei minha cadeira para trás, encostando-a em Dolly, que estava fazendo uma pergunta idiota. Passei entre mesas, cantores e petiscos feitos de criaturas do mar que nãos vinham de nenhum lugar próximo a Mennesota.

Cheguei ao banheiro – um espaço sem divisórias, todo disposto como o banheiro de uma casa, e não de um restaurante – e me fechei lá dentro. Recostei-me na parede, com a mãos diante da boca. Mas não vomitei. Comecei a chorar.

Eu não deveria ter me permitido, porque teria de voltar à mesa com o rosto inchado, o nariz e os olhos vermelhos e todo mundo saberia – mas não pude me conter. Era como se elas estivessem me sufocando, minhas lagrimas. Precisei puxar o ar para respirar entre os soluções. Em minha mente, só havia as imagens de Jack sentado à mesa, agindo como um tolo, o som da voz de meu pai falando sobre atiradores de elite em helicópteros, o fato de Grace ter quase morrido sem que eu

soubesse, meninos idiotas jogando comida na minha camisa, a mensagem honesta de Sam a respeito de Grace.

Jack estava morto, meu pai sempre conseguia o que queria, eu desejava e detestava Cole St. Clair e ninguém, ninguém nunca sentiria aquilo por mim, como Sam se sentiu em relação a Grace quando escreveu aquela mensagem.

Eu estava sentada no chão do banheiro, encostada no armário embaixo da pia. Eu me lembrei de como tinha sido insensível ao ver Cole acabado no chão da casa de Beck - não da última vez, mas sim, quando ele me dissera que precisava sair de seu corpo ou se matar. Naquele momento, eu o considerei fraco, egoísta, fazendo-se de coitado. Mas agora eu entendia. Naquele exato momento, se alguém tivesse dito *Isabel, posso fazer isso passar, tome esta pílula*... eu talvez a tivesse aceitado.

Bateram à porta.

- Está ocupado – eu disse, irritada por minha voz ter saído grossa, diferente do normal.

- Isabel? – Era minha mãe.

Eu chorava tanto que minha respiração estava ofegante. Tentei falar normalmente.

- Já vou sair.

Ela girou a maçaneta. Na pressa, eu não havia trancado a porta.

Minha mãe entrou e fechou a porta. Eu olhei para baixo, humilhada. Eu só conseguia ver seus pés, a centímetros dos meus. Ela estava usando os sapatos que eu havia comprado para ela. Aquilo me deu vontade de chorar de novo e, ao tentar engolir meu choro, emitiu um som estranhamente sufocado.

Minha mãe se sentou no chão do banheiro ao meu lado, com as costas viradas para a pia também. Ela tinha cheiro de rosas, como eu. Apoiou os cotovelos nos joelhos e passou a mãos pelo rosto sério de dra. Culpeper.

- Vou dizer que você vomitou – disse ela.

Levei as mãos à cabeça.

- tomei três taças de vinho. Então, não posso dirigir. – Ela pegou as chaves e as segurou perto o bastante de meu rosto, e eu consegui vê-las pela abertura entre

meus dedos. – Mas você pode.

- Mas e o papai?

- Papai pode pegar uma carona com Marshall. Eles formam um belo casal.

Olhei para ela.

- Eles vão me ver.

Ela balançou a cabeça.

- Vamos sair por este lado. Não precisamos passar pela mesa. Eu vou telefonar para ele. – Ela usou um lenço de sua bolsa para secar meu queixo. – Odeio este maldito restaurante.

- Certo – eu disse.

- Certo?

- Certo.

Ela se levantou e segurei sua mão para ela poder me puxar.

- Mas você não deveria se sentar no chão. É imundo e você pode pegar um rotavírus ou SARM ou algo assim. Por que tem um pedaço de pão em sua camisa?

Tirei as migalhas com delicadeza. Em pé diante do espelho, uma ao lado da outra, minha mãe e eu éramos muito parecias, só que meu rosto estava molhado de lágrimas, com a maquiagem borrada e o dela, não. O oposto exato dos últimos dozes meses.

- Certo – eu disse – Vamos antes que eles comecem a cantar de novo.

Capítulo 25

GRACE

Eu não me lembrava de ter sido despertada. Só me lembrava de estar ali. Sentei-me, piscando por conta da luz forte, levando as mãos ao rosto e acariciando minha pele. Eu sentia dor - não como se tivesse me transformado, mas como se tivesse sido atropelada. Sob meus pés, o chão estava frio e implacável. Não havia janelas e uma fileira lâmpadas brilhantes acima da pia tornava o local permanentemente claro como o dia.

Precisei de um momento para me recompor o suficiente para olhar ao redor e então mais um momento para processar que estava vendo. Um banheiro. Um cartãopostal emoldurado de algumas montanhas perto da pia. Um chuveiro com box de vidro, sem banheira. Uma porta fechada. De repente, me lembrei - aquele era o quarto do andar superior da casa do Beck. Ah. A ficha caiu de uma vez: eu tinha voltado a Mercy Falls. Eu tinha voltado para o Sam.

Assustada demais para me sentir alegre, fiquei em pé. Sob meus dedos, o piso estava sujo de lama e terra. A cor -um amarelo feio-me fez tossir, engasgando com a água que não estava ali.

Percebi um movimento e fiquei paralisada, com a mão sobre a boca. Mas era eu, apenas: no espelho, uma versão nua da Grace com muitas costelas e olhos arregalados apareceu, com a boca tampada por dedos. Abaixei a mão para tocar a costela mais inferior e, como se tivessem combinado, meu estômago roncou.

-Você parece um animal. -sussurrei a mim mesma, e vi meus lábios se mexerem. Ainda era minha voz. Que bom.

No canto da pia, havia uma pilha de roupas, dobadas com extremo cuidado por alguém que normalmente dobrava muitas roupas ou nenhuma. Eu as reconheci como sendo as roupas que eu levava na mochila, que eu tinha comprado ao ir à casa de Beck tantos meses antes. Vesti minha camiseta preferida, branca de manga comprida e uma camiseta azul por cima dela; elas como velhas amigas. Depois calça jeans e meias. Não havia sutiã nem sapatos - eles estavam no

hospital ou para onde as coisas deixadas no hospital por meninas ensanguentadas iam.

A verdade era que eu era uma menina que se transformava em lobo e tinha quase morrido, mas o que me irritaria o dia todo era o fato de ter que ficar sem sutiã.

Embaixo das roupas, havia um bilhete. Senti um arrepio esquisito na barriga ao reconhecer a caligrafia familiar de Sam, com as letras unidas e quase ilegíveis

''Grace,

Provavelmente, essa foi a pior coisa que já fiz, trancar minha namorada no meu banheiro. Mas não sabíamos mais o que fazer com você até que se transformasse. Deixei suas roupas aqui. A porta não está trancada, então pode abri-la quando tiver dedos. Mal posso esperar para vê-la. S.''

Felicidade. Era esse o sentimento. Segurei o bilhete e tentei me lembrar dos acontecimentos que ele havia relatado. Tentei me lembrar de ter ficado trancada ali, de ter sido tirada da mata. Foi como tentar me lembrar do nome de um ator depois de ver seu rosto vagamente conhecido. Meus pensamentos giravam enlouquecidamente e saíam de meu controle. Nada, nada, e então...me deparei com a lembrança de escuridão e lama. Shelby. Eu me lembrei de Shelby. Precisei engolir em seco, com dificuldade, e então olhei para meu reflexo no espelho de novo. Meu rosto era de medo, levei a mão ao pescoço.

Não gostava de minha cara de medo; eu ficava parecendo uma outra menina que eu não conhecia. Fiquei em pé ali me recompus cuidadosamente até reconhecer a Grace do espelho, e então tentei girar a maçaneta. Como Sam dissera, a porta estava destrancada, e eu adentrei o corredor.

Fiquei surpresa ao ver que era noite. Conseguia escutar o barulho dos eletrodomésticos no andar de baixo, o ar das passagens do sistema de aquecimento, os sons que uma casa ocupada fazia quando pensava que ninguém estava escutando. Eu me lembrei de que o quarto de Sam ficava à esquerda, mas a entrada estava escura. À minha direita, mais uma porta no fim do corredor estava aberta, e a luz o iluminava. Escolhi essa opção, passando por fotografias antigas de Beck e de outras pessoas sorrindo e, bem esquisito, passei por uma coleção de

meias penduradas na parede numa disposição artística.

Espiei pela porta e vi o quarto de Beck. Depois de meio segundo, percebi que eu não tinha motivos para acreditar que aquele era o quarto de Beck. Era repleto de tons verdes e azuis, madeira escura e padrões simples. Uma luminária de leitura na mesa de cabeceira iluminava uma pilha de biografias e um par de óculos de leitura. Não havia nada que o identificasse. Era apenas uma sala muito confortável e simples, da mesma maneira que Beck parecia confortável e simples.

Mas não era Beck deitado no colchão; era Cole, estendido transversalmente, com os pés para fora, ainda calçados, os dedos apontados para o chão. Um pequeno livro de couro estava virado para baixo ao lado dele. Do outro lado, havia uma bagunça de papéis soltos e fotografias.

Cole parecia estar dormindo entre a bagunça. Eu comecei a me afastar, mas quando pisei numa parte barulhenta do chão, ele fez um barulho sob o edredom azul.

-Você está acordado? -perguntei.

-Hã?

Ele virou o rosto quando eu dei a volta até os pés da cama. Eu me sentei dentro de um quarto de hotel, um quarto bacana, organizado e desconhecido com roupas de cama combinando, luminária acesa no criado-mudo e a sensação de relaxamento.

Cole olhou para mim. Seu rosto era sempre um choque: tão bonito que eu precisava me esforçar para deixar esse fato de lado e convencer com ele como uma pessoa normal. Ele não tinha como evitar sua beleza. Eu ia perguntar a ele onde Sam estava mas, pensando bem, isso parecia mal-educado, usar Cole apenas como uma fonte de informação.

-Este é o quarto do Beck? -perguntei. Cole esticou o braço em minha direção fazendo um sinal de positivo. -Por que você está dormindo aqui?

-Eu não estava dormindo -disse ele. E virou-se de barriga para cima -Sam numa dorme. Estou tentando aprender os segredos dele.

Recostei-me na beirada da cama, não foi exatamente sentar, mas também não fiquei de pé. Pensar que Sam não dormia me deixou um pouco triste.

-Os segredos dele estão nestes papéis?

Cole riu. Seu riso foi curto e percussivo, parecendo um som de um disco. Um tipo de som solitário, na minha opinião.

-Não, aqui estão os segredos de Beck. -ele estendeu o braço até tocar o diário de couro com os dedos. -O diário de Beck. -pousou a outra mão em alguns dos papéis soltos. Eu vi que ele estava deitado em cima de mais folhas. -Financiamento da casa, testamento, documentos do seguro, registros de dentistas e receitas para remédios com os quais Beck tentou curar a matilha.

Fiquei um pouco surpresa por saber que tais coisas existiam, mas não deveria ter me sentido assim. Aquelas não eram as coisas que Sam normalmente teria procurado - fatos não eram as coisas mais interessantes para ele - e possivelmente aquelas eram informações sobre as quais sempre tivera conhecimento e que já havia descartado como inúteis.

-Você acha que Beck ficaria feliz se soubesse que você está mexendo nas coisas dele? -suavizei a pergunta com um sorriso.

-Ele não está aqui - respondeu Cole. Mas, então, pareceu pensar melhor sobre sua resposta, e disse: - Beck disse que queria que eu comandasse as coisas por ele. E então saiu. Essa é a única maneira que eu conheço de aprender as coisas. É melhor do que reinventar a roda.

-Pensei que Beck quisesse que Sam assumisse por ele. - então, respondi minha própria pergunta. -Ah, acho que ele pensou que Sam não se transformaria em pessoa de novo. Por isso ele recrutou você.

Bem, era por isso que ele recrutava alguém. O motivo que o levara a escolher Cole, especificamente, era menos certo. Em algum momento, ele deve ter visto aquele cara que estava na minha frente e pensado que ele seria um bom líder de matilha. Em algum momento, ele deve ter visto algo de si em cole. Eu pensei que pudesse ver isso, talvez. Sam tinha os gestos de Beck, mas Cole tinha...a força da personalidade de Beck? A confiança? Havia algo como a força de caráter de Beck em Cole; Sam era gentil e Cole era determinado.

Mais uma vez, Cole deu aquela mesma risada cínica. E, mais uma vez, escutei a força nela, mas, foi como Isabel, como quem aprendi a retirar o cinismo e escutar a verdade: o cansaço e a solidão. Eu ainda perdia muitas das nuances que Sam

captava, mas não era difícil escutar quando se prestava atenção.

-Recrutar me perece um verbo muito nobre -disse Cole sentando-se, encolhendo as pernas contra o corpo como em posição de índio. -Faz com que eu me lembre de homens em uniformes, grandes causas e em cantar para proteger o estilo americano. Beck não queria que eu morresse. Por isso ele me escolheu. Ele pensou que eu me mataria e acreditou que assim poderia me salvar.

Eu não permitiria que ele saísse impune depois daquilo.

-As pessoas se suicidam todos os dias -eu disse. -Parece que são trinta mil americanos por ano, algo assim. Você acha mesmo que foi por isso que ele escolheu você? Eu não. Não tem lógica. Entre todas as pessoas do mundo, obviamente ele escolheu você por um motivo muito específico, ainda mais levando em conta o fato de você ser famoso e um risco. Quer dizer, lógica. Lógica.

Cole sorriu para mim, um sorriso repentino e largo que agradava por ser verdadeiro.

-Eu gosto de você -disse ele. -Pode ficar.

-Cadê o Sam?

-Lá embaixo.

-Obrigada -eu disse. -Olivia já apareceu?

A expressão dele não mudou, mostrando sua falta de conhecimento a respeito do que eu dizia. Senti meu coração acelerado, levemente.

-Quem? -perguntou.

-Um dos outros lobos -eu disse. -Uma de minhas amigas que foi mordida ano passado. Tem a minha idade.

Era doloroso pensar que ela estava na mata passando pela mesma coisa que eu havia passado.

Algo estranho percorreu o rosto de Cole naquele momento, rápido demais para eu conseguir interpretar. Eu simplesmente não era boa em entender as expressões das pessoas. Ele desviou o olhar, reunindo alguns dos papéis, colocando-os no chão de um modo que fez com que ficassem desordenados de novo. –Não a vi.

-Tudo bem -eu disse. –-Melhor eu procurar o Sam. -fui em direção à porta, sentindo uma ansiedade esquisita borbulhar em meu peito. Sam estava ali, eu estava ali, eu estava muito firme. Eu ficaria com ele de novo. De repente, senti um medo irracional de vê-lo e que as coisas fossem diferentes, de alguma forma. Senti medo de que o que eu sentisse não combinasse co o que visse, ou que os sentimentos dele em relação a mim tivessem mudado. E se tivéssemos que começar de novo, do zero? Ao mesmo tempo, fui tomada pela consciência de que meus medos não faziam o menos sentido e de que eles não desapareceriam enquanto eu não visse Sam de novo.

-Grace -disse Cole quando eu comecei a sair.

Eu parei na porta.

Ele deu de ombros.

-Nada.

Quando cheguei ao corredor, Cole já estava deitado de novo na cama, com papéis espalhados sob ele, e ao redor dele, cercado por tudo que Beck havia deixado pra trás. Ele poderia ter se mostrado perdido, cercado por todas aquelas lembranças e palavras, mas, em vez disso, parecia motivado, fortalecido pela dor sempre estivera ali.

Capítulo 26

ISABEL

Por algum motivo, dirigir com meus pais sempre me tornava uma motorista pior. Por mais que tivesse experiência ao volante, com meu pai ou minha mãe no banco do passageiro, eu instantaneamente começava a brecar forte demais, a fazer curvas cedo demais e acionava o limpador de pára-brisa sempre que queria mudar de estação no rádio. E apesar de eu sempre ter sido uma pessoa que não falava com alguém que não podia me escutar (Sam Roth estava se tornando uma exceção notável a essa regra), com meus pais no carro, de repente eu me via criticando a placa do carro dos outros e reclamando da lerdeza de alguns motoristas, ou até comentando que alguns acionavam a seta dois quilometros antes do ponto onde pretendiam entrar.

Foi por isso que, quando meu farol iluminou o caminhão meio saindo da estrada, eu disse:

-Que lugar maravilhoso para estacionar.

Minha mãe, que estava sonolenta e compreensiva por conta do vinho e da hora, prestou atenção no mesmo instante:

-Isabel, pare atrás deles. Pode ser que precisem de ajuda.

Eu só queria chegar em casa para pode telefonar para Sam ou Cole e descobrir o que estava acontecendo com Grace. Estávamos a pouco mais de três quilômetros de casa; aquilo parecia um pouco injusto da parte do universo. Pela luz do farol, o veículo estacionado assustava um pouco.

-Mãe, é você quem diz que não devo parar, para não ser estuprada ou raptada por um democrata.

Minha mãe balançou a cabeça e tirou um pó compacto de sua bolsa.

-Não disse isso. Parece coisa do seu pai. -ela desceu o visor para se olhar no espelho pequeno e iluminado. -Eu teria dito libertário.

Eu fui diminuindo a velocidade. O caminhão -estava parecendo um caminhão com uma daquelas capas altas na carga, do tipo que o comprador provavelmente precisa mostrar o documento de identidade para provar ter mais de cinqueta anos

- parecia pertencer a um bêbado que havia parado para vomitar.

-De qualquer modo, o que faríamos? Não sabemos... trocar um pneu. -eu me esforcei para pensar em qual outro motivo o levaria a parar ali, além de vomitar.

-Ali está um policial - disse minha mãe. E eu vi carro da policia parado no estacionamento também; suas luzes tinham sido bloqueadas pelo enorme caminhão. Ela disse num tom casual: - Pode ser que eles estejam precisando de ajuda médica.

Minha mãe vivia com a esperança de alguém precisar de ajuda médica. Estava sempre disposta a ajudar alguém que se ferisse no parquinho, quando eu era pequena. Ela observava os funcionários da cozinha dos restaurantes fast food, esperando acontecer um desastre. Na Califórnia, ela costumava parar em locais de acidente todas as vezes. Como super-heroína, sua fala era: ''Alguém precisa de um médico? Sou médica!'' Meu pai, certa vez, disse que eu precisava ser paciente com ela: ela enfrentara dificuldades para se formar na faculdade por conta de problemas familiares, e adorava a novidade de poder dizer às pessoas que era médica. Tudo bem, está certo, vá em frente, mas pensei que ela já tivesse superado isso.

Suspirando, estacionei atrás do caminhão. Consegui sair com o veículo da estrada melhor do que motorista do caminhão, mas não foi uma maravilha. Minha mãe saiu do utilitário sem pensar, e eu a segui mais lentamente. Havia três adesivos na traseira do caminhão: VAMOS EXÉRCITO!, DESLIGUE O TELEFONE E DIRIJA, e, INEXPLICAVELMENTE, EU QUERIA ESTARA EM MINNESOTA.

Do outro lado do caminhão, um policial conversava com um homem ruivo que vestia uma camiseta branca e suspensórios porque tinha barriga, mas não tinha traseiro. O mais interessante é que eu conseguia ver uma arma em cima do banco do motorista pela porta aberta do caminhão.

-Dra. Culpeper - disse o oficial com simpatia.

Minha mãe adotou seu tom de voz meigo, aquele que envolvia tanto uma pessoa que ela não percebia que estava sendo sufocada.

-Policial Heifort. Só parei para ver se o senhor precisava da minha ajuda.

-Bem, isso é muito gentil da sua parte, com certeza - disse Heinfort. Ele estava

com a mão sobre o coldre. -Esta é a sua filha? É tão bonita quanto você, doutora. -Minha mãe negou. Heinfort insistiu. O homem ruivo apoiou o peso do corpo na outra perna. Eles conversaram brevemente a respeito dos mosquitos naquela época do ano. O ruivo disse que eles ainda não eram muitos, que a coisa ficaria muito pior. Ele os chamava de ''pernilongos''.

-Para quê a arma? -perguntei.

Todos olharam para mim.

Dei de ombros.

-Só queria saber.

Heifort disse:

-Bem, parece que o sr. Lundgren aqui decidiu fazer a caça aos lobos sozinho e saiu à procura deles.

O ruivo, o sr. Lundgren, se opôs:

-Bem, policial, o senhor sabe que não foi isso que aconteceu. Só calhou de eu encontrar um e dar um tiro de meu caminhão. Não é a mesma coisa.

-Acho que não -disse Heifort. -Mas há um animal morto aqui e ninguém deveria estar atirando neste local depois do pôr do sol. Muitos menos com um revólver 38. Eu sei que o senhor sabia disso, sr. Lundgren.

-Espere -eu disse-Você matou um lobo? -enfiei as mão nos bolsos da jaqueta. Apesar de não estar muito frio, estremeci.

Heifort fez um gesto na direção da parte da frente do caminhão, negando com a cabeça.

-Meu marido me disse que ninguém tinha permissão para caçá-los antes da caça aérea -disse minha mãe com sua voz meiga um pouco mais áspera. -Para não fazer com que eles se escondam por medo.

-É isso mesmo -disse Heifort.

Eu me afastei e caminhei na direção para onde Heifort apontara, sabendo que o home ruivo me observava. Consegui ver um pedaço do pelo do animal deitado de lado na grama. SANTO DEUS e SANTO ANTONIO, EU SEI QUE PEÇO MUITAS COISAS TOLAS, MAS ESTA É IMPORTANTE: POR FAVOR, NÃO PERMITA QUE SEJA

Grace.

Apesar de eu saber que ela devia estar segura com Sam e Cole, prendi a respiração e me aproximei. O pelo grosso era movimentado pelo vento. Havia um pequeno furo que sangrava em sua coxa, outro no ombro e por fim, um atrás do crânio. A parte de cima da cabeça dele estava meio nojenta onde a bala havia saído do outro lado. Se eu quisesse ver se os olhos eram familiares, teria de me ajoelhar, mas não me dei o trabalho de checar.

-É um coiote -eu disse de modo acusatório.

-Sim, senhora -respondeu Heifort. -Grande, não é?

Voltei a respirar. Até mesmo uma menina da cidade, como eu, sabia a diferença entre um coiote e um lobo. Voltei a acreditar que o sr. Lundgrenn havia tomado umas a mais ou só queria testar seu novo revólver.

-Vocês não têm tido muito problemas como este, não é? -minha mãe perguntou a Heifort. Ela estava perguntando isso daquele jeito que tinha quando queria descobrir algo por intermédio de meu pai e não sozinha. -As pessoas têm resolvido as coisas sozinhas? Vocês estão escondendo esses casos?

-Estamos fazendo o melhor que podemos - disse Heifort. -A maioria das pessoas tem sido muito sincera. Elas não querem estragar as coisas. Mas eu não me surpreenderia se um ou dois caos escapassem de nosso controle. Sabe como os homens são... -disse isso fazendo um gesto para o sr. Lundgren, como se ele fosse surdo. -Como eu disse, estamos fazendo o melhor possível.

Minha mãe não parecia muito satisfeita. Seu tom de voz estava um pouco frio quando ela disse:

-É isso o que digo aos meus pacientes também. -ela franziu o cenho para mim. -Isabel, não toque nisso.

Como se eu estivesse a ponto de fazer isso. Voltei pelo caminho de grama, parando ao lado dela.

-Você não andou bebendo esta noite, certo, doutora? -perguntou Heifort, quando minha mãe se virou para partir. Ele e ela trocaram olhares. Hostilidade disfarçada.

Minha mãe lançou um amplo sorriso para ele.

-Andei, sim. -ela fez uma pausa para deixá-lo pensando. -Mas Isabel está dirigindo. Vamos, filha.

Quando entramos no carro, assim que fechou a porta, ela disse:

-Credo! Detesto esse homem. Isso deve ter me ensinado a nunca mais ser boazinha e solidária.

Eu não acreditei naquilo nem por um segundo. Da próxima vez que ela pensasse que poderia ajudar, pularia do carro antes mesmo de ele parar. Independentemente de precisarem dela ou não.

Acho que estava ficando muito parecida com minha mãe.

-Seu pai e eu temos conversado sobre voltarmos a morar na Califórnia -disse minha mãe. -Quando tudo isso terminar.

Quase bati o carro.

-E quando pretendiam me contar?

-Quando a situação ficasse mais definida. Eu tenho algumas propostas de emprego por lá. É só uma questão de tempo e do valor que conseguiríamos vendendo a casa.

-Repito: QUANDO vocês pretendiam contar para mim? -perguntei meio ofegante.

Minha mãe parecia perplexa.

-Bem, Isabel, logo, logo, você vai para a faculdade e todas as suas opções de faculdade, menos duas, ficam na Califórnia. Vai ser mais fácil para nós visitarmos você. Eu pensei que você detestasse viver aqui.

-Eu detestava. Detesto. Só não...consigo acreditar que não me contaram a respeito dessa possibilidade antes de... -eu não sabia como concluir a frase, por isso parei.

-Antes do quê?

Ergui um de meus braços. Teria erguido os dedos, mas um precisava segurar o volante.

-Nada. Califórnia. Que legal. Oba. -pensei na situação: dar meus casacos

pesados em caixas, ter uma vida social. viver num local onde nem todos conhecessem a história sórdida a respeito da morte de meu irmão. Trocar Grace, Sam e Cole por uma vida de planos para celular, dias com temperaturas de 30 graus e livros. Sim, a faculdade na Califórnia sempre tinha sido um plano, mas para o futuro. Aparentemente, o futuro estava chegando mais depressa do que eu esperara.

-Não acredito que aquele homem confundiu um coiote com um lobo. -disse minha mãe quando entrei em nossa garagem. Eu me lembrei de nossa mudança para aquela casa. Em minha opinião, a casa parecia aquelas de filme de terror. Vi que eu havia deixado a luz do meu quarto acesa, no terceiro andar, e ele parecia um quarto de livro de criança, grande e espaçoso, em estilo Tudor, com uma janela amarela no andar de cima. -Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

-Bem -eu disse.- Algumas pessoas vêem o que querem ver.

Capítulo 27

GRACE

Encontrei Sam recostado na grade da varanda da frente, um corpo comprido e escuro quase invisível à noite. Era engraçado ver como Sam, apenas com a curva de seus ombros e a maneira com que abaixava a cabeça, conseguia transmitir tanta emoção. Até mesmo para alguém como eu, que custava a perceber que um sorriso podia não ser exatamente um sorriso, era fácil notar a frustração e a tristeza no contorno de suas costas, em seu joelho esquerdo flexionado, no modo como um de seus pés ficava voltado para dentro.

De repente, eu me senti tímida, incerta e ansiosa como na primeira vez em que o vira.

Sem acender a luz da entrada, me aproximei dele na grade, sem saber o que dizer. Eu senti vontade de sair correndo, pular em seu colo, abraçá-lo, bater em seu peito e sorrir como uma maluca, ou talvez chorar. Eu não sabia muito bem como me comportar naquela situação.

Sam se virou para mim e, na luz fraca da janela, vi que sua barba estava por fazer. Em minha ausência, ele tinha envelhecido. Estiquei o braço e passei a mão em sua barba, e ele sorriu.

- Isso machuca? — perguntei. Passei mais a mão. Eu havia sentido saudade de tocá-lo.

- Por que machucaria?

Porque estou fazendo isso do jeito errado, talvez? — sugeri.

Eu estava extremamente feliz por estar ali, passando a mão no rosto dele.

Tudo estava muito ruim, mas tudo também estava bem. Eu queria estar sorrindo e pensei que meus olhos provavelmente estavam, porque ele estava sorrindo um pouco, um sorriso confuso, como se ele não tivesse certeza de que deveria fazer isso.

- E também, oi — eu disse.

Naquele momento, Sam sorriu e disse com delicadeza:

- Oi, meu anjo. - Ele envolveu meus ombros com os braços finos e me abraçou com força e eu o abracei pelo peito e apertei o máximo que consegui. Eu adorava beijar Sam, mas nenhum beijo poderia ter sido tão maravilhoso quanto um abraço. Apenas a respiração dele contra meu cabelo e minha orelha amassada contra sua camiseta. Era como se, juntos, fôssemos uma criatura mais forte, Grace e Sam.

Ainda me apertando em seu abraço, Sam perguntou:

- Você já comeu alguma coisa?

- Um sanduíche. Também encontrei um chinelo. Não para comer.

Sam riu. Eu fiquei tão feliz ao escutar aquele riso, estava tão sedenta por ele.

Ele disse:

- Não somos muito bons fazendo compras.

Encostada na camiseta dele, que cheirava a amaciante de roupas, eu murmurei:

- Não gosto de ir ao mercado. É a mesma coisa toda semana. Gostaria de ganhar dinheiro suficiente um dia para delegar essa tarefa a alguém. É preciso ser rico para isso? Não quero uma casa chique. Só quero pagar alguém para fazer as compras.

Sam pensou. Ele ainda não tinha me soltado.

- Acho que cada pessoa precisa fazer as próprias compras.

- Aposto que a Rainha não faz compras pessoalmente.

Ele respirou em meus cabelos.

- Mas ela sempre come a mesma coisa todos os dias. Geleia de enguia, sanduíches de hadoque e também bolinhos com Marmite.

- Eu acho que você nem sabe o que é Marmite eu disse.

- É algo que você coloca no pão e é nojento. Foi o que o Beck me disse. — Sam parou de me abraçar e apoiou os braços na grade. Olhou para mim:

- Está com frio?

Precisei de um momento para perceber o que ele queria dizer: Você vai se transformar?

Mas eu estava me sentindo bem, bem firme. Balancei a cabeça para negar e fiquei ao seu lado na grade. Ficamos ali por um momento, na escuridão, olhando para a noite. Quando olhei para Sam mãos estavam unidas. Os dedos de sua mão esquerda com tanta força que ela estava branca.

Recostei a cabeça em seu ombro, apenas sua camiseta entre meu rosto e a pele dele. Ao sentir meu toque, Sam suspirou - não um suspiro infeliz — e disse:

- Acho que aquilo ali é a aurora boreal.

Virei o olhar sem erguer a cabeça.

- Ali. Acima das estrelas. Está vendo? Onde está meio rosa. Semicerrei os olhos. Havia um milhão de estrelas.

- Ou pode ser a luz do posto de gasolina. Sabe, aquele QuiKMart perto daqui.

- Que pensamento deprimente e prático - disse Sam. - Queria que fosse algo mágico.

- A aurora boreal, não é mágica, assim como o QuikMart não é - eu disse. Já tinha feito um trabalho sobre ela, por isso tinha mais consciência da ciência dela do que antes. Mas eu precisava admitir que achava a ideia do vento solar e dos átomos unidos para criar um show de luz um tanto mágica, sim.

- Esse pensamento também é deprimente é prático.

Levantei a cabeça para olhar para ele.

- Ainda assim, é bonito.

- A menos que seja o QuikMart, mesmo — disse Sam. Ele olhou para mim naquele momento, de um modo pensativo que fez com que eu me sentisse um pouco inquieta. Ele disse com relutância, como se de repente se lembrasse dos bons modos:

- Está cansada? Posso entrar com você, se quiser.

- Não estou cansada — eu disse. — Só quero ficar um pouco com você. Antes de

tudo ficar difícil e confuso.

Ele franziu o cenho. E então, de repente, disse:

- Vamos ver se é aurora boreal mesmo.

- Você tem um avião?

- Tenho um Volkswagen — ele respondeu com coragem. — Teríamos de ir a um local mais escuro. Mais distante do que o QuikMart. Nas matas de Minnesota. Quer?

Naquele momento, ele ostentava aquele sorrisinho tímido que eu adorava. Parecia que eu não o via há muito tempo.

Perguntei:

- Está com as chaves?

Ele levou a mão ao lado externo do bolso. Eu fiz um gesto indicando o andar de cima.

- E o Cole?

- Ele está dormindo, como todo mundo a essa hora — disse Sam.

Não disse a ele que Cole não estava dormindo. Ele percebeu minha hesitação e a interpretou de modo equivocado.

- Você é a prática de nós dois. Não é uma boa ideia? Eu não sei, talvez não seja.

- Eu quero ir eu disse. Estiquei o braço e segurei a mão dele com firmeza.

- Não vamos demorar.

Ao entrarmos no carro na rua escura, era como se estivéssemos conspirando para algo maior do que apenas seguir as luzes do céu. Poderíamos ir a qualquer lugar. Procurando a promessa de mágica. Sam ligou o aquecedor e eu mudei a posição do banco — alguém o havia puxado para frente. Esticando o braço na direção do painel, Sam apertou minha mão rapidamente antes de engatar a ré para sair da garagem.

- Pronta?

Eu sorri para ele. Pela primeira vez desde o hospital, desde antes do hospital, eu estava como a antiga Grace, aquela que conseguia fazer tudo o que decidia fazer.

- Eu nasci pronta.

Descemos a rua acelerados. Sam esticou o braço para acariciar a parte de cima de minha orelha com o dedo; a ação fez com que ele entortasse um pouco o carro. Voltando logo para a estrada, ele riu de si mesmo, só um pouco, endireitando o volante.

- Olhe pela janela — disse ele. —Já que eu não consigo me lembrar de como se dirige, diga-me para onde ir. Onde for mais claro. Confio em você.

Fiquei olhando pela janela e observando o brilho no céu. A princípio, foi difícil identificar de onde as luzes vinham, por isso direcionei Sam pelas estradas mais escuras primeiro, mais distantes das luzes da casa e da cidade. E agora, conforme os minutos passavam, ficava mais fácil encontrar um caminho para o norte. Cada curva nos levava para mais longe da casa de Beck, mais longe de Mercy Falls, mais longe do Bosque da Fronteira. E então, de repente, estávamos a quilômetros de nossas vidas reais, percorrendo uma estrada e o mundo se abria ao nosso redor. Numa noite como aquela, não era difícil acreditar que as pessoas conseguiam enxergar apenas com a luz das estrelas.

- Em 1859 - eu disse - , ocorreu uma tempestade solar que deixou a aurora boreal tão forte, que as pessoas conseguiam ler sob ela.

Sam não duvidou do que eu disse.

- Por que você sabe disso.

- Porque é interessante - respondi.

O sorriso dele havia voltado. Aquele sorrisinho de animação que mostrava que ele admirava o lado esquerdo de meu cérebro, superdesenvolvido.

- Conte-me outra coisa interessante. - eu disse.

- Até parece — disse Sam, mas estava claro que ele acreditava em mim - Conte-me mais alguma coisa interessante.

Estiquei o braço para tocar a mão dele, pousada em cima do câmbio. Quando

passei o polegar pelo lado interno de seu pulso, senti arrepios sob os dedos. As pontas dos meus dedos encontraram a cicatriz dele, a pele estranhamente lisa, os cantos ainda repuxados e altos.

- Não consigo sentir nada em minha cicatriz — disse ele. — Não tem qualquer sensibilidade.

Por um breve momento, envolvi o punho dele com a mão, com o polegar apertando sua pele. Consegui sentir sua pulsação leve.

- Poderíamos continuar — eu disse.

Sam ficou em silêncio e no começo achei que ele não tivesse entendido o que eu queria dizer com aquilo. Mas aí vi suas mãos se remexendo no volante. Pela luz do painel, eu vi que ainda havia lama embaixo das unhas de sua mão direita. Diferentemente de mim, ele não havia se livrado de sua pele suja.

Perguntei a ele:

- Em que está pensando?

A voz dele pareceu grudenta quando ele respondeu, como se tivesse que arrastar as palavras para fora.

- Que a esta hora, no ano passado, eu não teria querido — Sam engoliu em seco. - Estava pensando agora, que se pudéssemos, eu iria. Consegue imaginar isso?

Eu conseguia. Eu conseguia imaginar uma vida bem, bem distante, começando do zero, só nós dois. Mas assim que imaginei — as meias de Sam estendidas em cima de um radiador sob a janela, meus livros espalhados numa pequena mesa de cozinha, xícaras sujas de café viradas de cabeça para baixo dentro da pia — pensei no que eu teria de deixar para trás: Rachel, Isabel, Olivia e, por fim, meus pais. Eu os havia deixado de modo tão conclusivo, por meio do milagre duvidoso de minha transformação, que a antiga raiva que eu sentia por eles parecia tola e distante. Agora, eles não tinham mais poder sobre meu futuro. Ninguém tinha, além do clima.

E então, de repente, pela janela do carro de Sam, vi a aurora, clara forte obviamente não um reflexo das luzes do posto.

- Sam! Sam! Veja! Vire, vire, vire, vá por ali!

Girando lentamente no céu a nossa direita estava um laço sinuoso e desajeitado. Ele pulsava e brilhava como se tivesse vida. Sam virou à esquerda numa estrada estreita e mal pavimentada que levava por um campo escuro sem fim. O carro se enfiava em buracos e chacoalhava e pedregulhos batiam na traseira. Bati os dentes quando passamos por uma lombada. Sam emitiu um som de *aaaahhhhh* e sua voz tremeu com a vibração do carro.

- Pare aqui! — ordenei.

O campo se estendia amplo em todas as direções. Sam puxou o freio de mão e juntos nós olhamos pelo para-brisa.

No céu, acima de nós, estava a aurora boreal. Como uma estrada cor-de-rosa brilhante, ela serpenteava pelo ar e desaparecia atrás de árvores, uma aura de um tom roxo mais escuro de um lado. As luzes reluziam e se espalhavam, crescendo e diminuindo, resistindo e encolhendo. Em determinado momento, a luz se tornou algo singular, um caminho para o céu, e em seguida parecia uma coleção de muitos brilhos, um exército feito de luz, marchando em direção ao norte.

- Você quer sair? — perguntou Sam. Minha mão já estava na maçaneta. Do lado de fora, o ar estava bem frio, mas eu me sentia bem, por enquanto. Aproximei-me de Sam diante do carro, e ele se recostou no capô. Quando apoiei as mãos no carro ao lado dele, senti o capô quente por causa do motor, um alívio para o frio da noite.

Juntos, olhamos para cima. O campo preto e liso ao nosso redor tornava o céu grande como o mar. Com a loba dentro de mim e Sam ao meu lado, estranhas criaturas, senti que, de certa forma, éramos uma parte intrínseca daquele mundo, daquela noite, daquele mistério sem limites. Meu coração bateu com mais força, por um motivo que não entendi. De repente, eu me dei conta de que Sam estava a poucos centímetros de mim, observando-me, sua respiração visível diante de seu rosto.

- De perto assim, e difícil acreditar eu disse, e minha voz acentuou o *acreditar* — que elas não são mágicas.

Sam me beijou.

Seu beijo foi dado na lateral de meus lábios, porque eu olhava para cima, mas foi um beijo de verdade, não um cheio de cautela me virei para ele para podermos nos beijar de novo, direito. Meus lábios estavam ardentes com a sensação não familiar da barba rala dele e quando Sam tocou meu braço, percebi claramente os calos nas pontas de seus dedos em contato com minha pele. Dentro de mim havia desejo. Não consegui entender como algo que havíamo feito tantas vezes poderia parecer agora tão desconhecido novo e assustador.

Quando nos beijamos, não importava o fato de eu ter sido loba horas antes, ou de que voltaria a ser. Não importava que mil problemas nos tomariam quando deixássemos aquele lugar. Só uma coisa importava: nossos narizes se tocando, a maciez dos lábios dele, o desejo dentro de mim.

Sam se afastou e recostou o rosto em meu pescoço. Permaneceu ali, abraçando-me com força. Foi tão forte que tive dificuldade para respirar naquele abraço, e o osso de meu quadril estava sendo pressionado contra o capô de um jeito que doía, mas eu nunca, de jeito nenhum, pediria que ele se afastasse.

Sam disse alguma coisa, mas as palavras foram abafadas contra minha pele.

- O quê? — perguntei.

Ele me soltou e olhou para o ponto onde eu apoiava a mão, em cima do capô.

Pressionou o polegar sobre meu dedo indicador e analisou o formato de nossos dedos juntos, como se fosse algo fascinante.

Senti saudade de olhar seu rosto - disse ele com suavidade. Mas olhou para mim ao dizer isso.

Acima de nós, as luzes brilhavam e mudavam. Não tinham começo nem fim, mas parecia que estavam nos deixando. Pensei de novo a respeito da lama nas unhas dele, nos arranhões de suas têmporas. O que mais havia acontecido na mata?

- Eu senti saudade de *ter* meu rosto - eu disse. Pensei que dizer aquilo seria engraçado, mas nós não rimos. Sam tirou a mão de cima da minha e olhou para a aurora boreal. Ele continuava olhando para o céu como se não estivesse pensando em nada, e de repente eu percebi que estava sendo cruel por não ter dito nada amoroso para ele depois do que ele me disse, por não ter dito nada que ele precisasse ouvir depois de passar tanto tempo longe. Mas o momento de dizer algo adequado já havia passado, e eu não sabia como dizer algo que não parecesse melodramático.

Pensei em dizer eu te amo, mas até mesmo pensar em dizer aquilo parecia esquisito Não entendi por quê; eu o amava , sim, tanto que doía.

Mas não sabia como dizer isso. Então, estendi a mão e Sam a segurou.

SAM

Fora do carro, as luzes eram ainda mais lindas, como se o ar frio ao nosso redor soprasse e brilhasse em tons de violeta e cor-de-rosa.

Estiquei a mão para cima como se para tocar a aurora. Estava frio, mas um frio bom, na temperatura certa para me sentir vivo. O céu estava tão limpo que podíamos ver todas as estrelas. Agora que tinha beijado Grace, não conseguia parar de pensar em tocá-la. Pensava em todas as partes que queria tocar: a pele macia perto de seu cotovelo, a curva logo acima do osso do quadril, a linha de sua clavícula. Queria beijá-la de novo, queria muito, queria senti-la mais, mas, em vez disso, ficamos de mãos dadas, com a cabeça para trás, e juntos nos viramos lentamente, olhando para o infinito. Foi como cair ou voar.

Eu me dividi entre querer apressar aquele momento, em algo mais, e querer permanecer ali, vivendo num estado de ansiedade e segurança constantes. Assim que voltássemos para dentro da casa, a caça aos lobos se tornaria algo real de novo, e eu não estava pronto.

Grace, de repente, perguntou:

- Sam, você vai se casar comigo?

Eu me remexi, olhei para ela, mas Grace continuava admirando as estrelas como se tivesse feito qualquer pergunta trivial a respeito do clima. Mas seus olhos tinham uma expressão tensa e atenta que traíam seu tom casual.

Não sabia o que ela queria que eu dissesse. Senti vontade de rir. Percebi de repente que ela estava certa - sim, a mata a tomaria de mim nos meses frios, mas ela não ia morrer ;eu não a havia perdido para sempre. E ela estava ali comigo, naquele momento. Comparando, tudo parecia pequeno, administrável, secundário.

De repente, o mundo parecia um lugar promissor e amigável. De repente, eu vi o futuro, e era nele que eu queria estar.

Percebi que Grace ainda esperava por uma resposta. Eu a puxei para mais perto, até estarmos frente a frente sob as luzes da aurora.

- Você está me pedindo em casamento?

- Apenas para esclarecer — respondeu Grace. Mas ela estava sorrindo, um sorriso modesto e verdadeiro, porque já tinha lido meus pensamentos. Perto de sua têmpora, fios finos e loiros se agitavam na brisa; pareciam fazer cócegas, mas ela não se incomodou. — Quero dizer, não quero viver em pecado.

E então eu ri, apesar de o futuro ser um lugar perigoso, porque eu a amava, e ela me amava, e o mundo era lindo e tomado pela luz cor-de-rosa que nos envolvia.

Ela me beijou suavemente.

- Diga que sim. — Ela estava começando a tremer.

- Sim — eu disse. — Combinado.

Aquilo pareceu algo físico que eu segurava.

- Você está sendo sincero? — perguntou ela. — Não diga se não quiser realmente.

Minha voz não pareceu tão sincera quanto eu queria.

- Estou sendo sincero.

- Certo — disse Grace e, de repente, mostrou-se contente e firme, certa de meus sentimentos. Suspirou brevemente e mudou a posição das mãos de modo que nossos dedos ficassem entrelaçados. — Agora, você pode me levar para casa.

Capítulo 28

SAM

Quando voltamos para casa, Grace se deitou e dormiu quase instantaneamente, e eu invejei sua facilidade para adormecer Ela estava imóvel no escuro, morta de cansaço. Não pude me juntar a ela; tudo dentro de mim estava muito acordado. Minha mente repassava os acontecimentos vividos, mostrando os fatos do dia sem parar, até que todos eles pareceram se tornar um único e longo evento, impossível de separar em minutos.

Então, eu a deixei no andar de cima e desci sem alarde. Na cozinha, procurei as chaves do carro dentro de meu bolso e as coloquei em cima do balcão. Era estranho a cozinha estar como antes. Tudo deveria ter mudado depois da noite anterior. O barulho da televisão no andar superior era o único indício de que Cole estava em casa; fiquei feliz por estar sozinho. Havia tanta alegria e tanta tristeza dentro de mim, que nem conseguia pensar em falar. Ainda podia ver o contorno do rosto de Grace contra meu pescoço e sua expressão ao olhar para as estrelas, esperando minha resposta. Eu ainda não estava pronto para diluir aquilo conversando com alguém.

Em vez disso, tirei a jaqueta e fui para a sala de estar. Cole havia deixado a televisão dali ligada também, mas sem som, então desliguei e encontrei meu violão onde o deixara, encostado no braço da poltrona. O corpo do instrumento estava um pouco sujo por ter ficado do lado de fora; havia uma marca nova de batida na ponta, por descuido meu ou de Cole.

Desculpe-me, pensei, porque continuava querendo ficar calado. Toquei as cordas delicadamente; a mudança de temperatura, por ter ficado lá fora e agora estar dentro de casa, havia feito com que ele desafinasse um pouco, mas menos do que eu imaginei. Ainda dava para tocar, mas procurei deixá-lo perfeito. Passei a faixa por cima da cabeça, familiar e simples como uma camiseta favorita, e me lembrei do sorriso de Grace.

Comecei a tocar. Variações de Sol maior, o mais maravilhoso acorde conhecido da humanidade, infinitamente feliz. Eu poderia viver num acorde Sol com Grace, se ela quisesse. Tudo de simples e bom sobre mim podia ser resumido por esse

acorde. Era o segundo acorde que Paul havia me ensinado, sentado ali naquele sofá xadrez velho. Primeiro acorde: E menor, o Mi. “Porque", dissera Beck, pela sala, repetindo a frase de um de seus filmes preferidos, uma lembrança que doía um pouco agora, "em toda vida, precisa chover um pouco”.

"Porque”, disse Paul, “em todas as canções precisamos de um refrão menor”.

O Mi menor era bom para um novato como eu. Era muito mais difícil tocar o Sol maior. Mas Paul fazia a alegria parecer simples.

Era desse Paul que eu me lembrava agora, não o Paul que havia me derrubado na neve quando eu era criança. Assim como era da Grace que dormia no andar de cima de quem eu me lembrava, e não da loba com os olhos dela que encontramos no buraco.

Eu havia passado grande parte da vida com medo ou vivendo com a lembrança de ter medo.

Não mais.

Dedilhei as cordas enquanto caminhava pelo corredor, em direção ao banheiro. A luz já estava acesa, por isso não precisei parar de tocar ao ficar ali, olhando para a banheira do outro lado do cômodo.

A escuridão tomava conta dos meus dois lados, as lembranças me pressionavam. Continuei tocando o violão, dedilhando uma canção a respeito do presente para afastar o passado. Fiquei ali, em pé, olhando para a banheira vazia.

Água pingando com constância Lavada com sangue

O peso da faixa de ombro do violão era grande. A pressão das cordas contra meus dedos me mantinha ali, no momento. No andar de cima, Grace dormia.

Dei um passo para dentro do banheiro; meu reflexo no espelho me assustou quando me movi. Fiquei parado observando a mim mesmo. Aquele era meu rosto agora?

Água subindo pelo tecido de minha camisa

Não é Sam

Três dois

Passei os dedos para as cordas do Dó maior. Enchi a cabeça com tudo que podia fazer com aquele acorde: *Ela se aproximou no verão, minha adorável menina de verão.* Eu me lembrei do que Grace havia dito mais cedo. *Você vai se casar comigo?*

Grace teve muito trabalho ao me salvar. Agora, era a hora de eu me salvar.

Meus dedos não pararam enquanto caminhei em direção à banheira, meu violão cantava mesmo que eu não cantasse e fiquei em pé ao lado da banheira, olhando para dentro. Por um momento, ela tornou apenas um objeto comum, mundano, como uma pia seca esperando ser cheia.

Então, meus ouvidos começaram a soar.

Vi o rosto de minha mãe.

Eu não podia fazer aquilo.

Meus dedos encontraram o Sol maior e tocaram mil variações dele sem mim, canções que eles podiam tocar enquanto meus pensamentos passavam para outras coisas. Canções que eram um pedaço de algo maior do que eu mesmo, um reservatório sem fim de felicidade que qualquer pessoa poderia acessar.

Hesitei, meus acordes ressoando no azulejo e voltando para mim. As paredes estavam próximas de mim; a porta parecia estar muito longe, muito atrás.

Entrei na banheira, meus calçados rangendo baixinho na superfície seca. Meu coração pulsava contra a camiseta. Abelhas zuniam em minha cabeça. Mil minutos além daqueles vividos ali dentro, minutos com lâminas, minutos nos quais tudo que eu era descera pelo ralo, minutos com mãos que me empurravam para dentro da água. Também havia Grace mantendo minha cabeça acima da superfície, a voz de Grace me chamando para voltar, Grace segurando minha mão.

E, mais importante do que tudo isso era *aquele minuto.* O minuto no qual eu, Sam Roth, havia chegado ali por vontade própria, com minha música nas mãos, forte, finalmente forte.

Rilke disse:

Entre esses invernos há um tão infinitamente inverno que apenas passando

por ele seu coração sobreviverá.

Foi assim que Cole me encontrou, uma hora mais tarde. Sentando de pernas cruzadas na banheira vazia, com o violão no colo, e os dedos dedilhando um Sol maior, cantando uma música que eu nunca havia cantado.

Capítulo 29

Sam

Acorde-me

Acorde-me, você disse

Mas eu também estava dormindo

Estava sonhando

Mas agora vou acordar

Ainda acordando

Consigo ver o sol

Capítulo 30

GRACE

Eu estava bem acordada.

Tudo no quarto estava parado e escuro, e eu tinha certeza de ter acabado de sonhar exatamente com aquele momento, mas com alguém ao lado da cama.

- Sam? – sussurrei, pensando que só havia dormido alguns minutos, que ele havia me despertado ao se deitar.

Atrás de mim, escutei Sam roncar baixinho. Percebi, naquele momento, que não havia apenas cobertores ao meu lado, mas sim um cobertor feito Sam. Em circunstâncias normais, o presente de sua presença teria me animado e me feito dormir de novo, mas eu tinha tanta certeza de que alguém estivera ao lado da cama que foi desconcertante ver que ele estava deitado a meu lado. Os pelos de meu pescoço se arrepiaram em alerta. Conforme meus olhos foram se ajustando lentamente à escuridão, as garças de papel de Sam se tornaram visíveis, balançando e girando, movimentadas por um vento invisível.

Escutei um barulho.

Não foi uma batida. Foi um golpe interrompido, como algo caindo e sendo pego. Prendi a respiração, apurando o ouvido... vinha de algum lugar do andar de baixo – e ouvi mais uma batida abafada. A sala de estar? Algo derrubando alguma coisa no quintal?

- Sam, acorde – chamei-o com urgência.

Eu me assustei quando vi o reflexo dos olhos de Sam na escuridão ao meu lado; ele já estava acordado e em silêncio. Escutando, como eu.

- Você ouviu isso? – sussurrei.

Ele assentiu. Não vi direito, mas percebi que ele balançava a cabeça contra a fronha.

- Garagem? – sugeri. Ele assentiu de novo.

Mais um som abafado parecia confirmar minha opinião. Sam e eu levantamos

da cama bem devagar; nós dois ainda vestíamos a roupa de quando saímos pra ver a aurora boreal. Sam seguiu na frente quando descemos as escadas e atravessamos o corredor, então fui eu quem viu Cole sair no corredor para descer também. Seus cabelos estavam arrepiados. Eu nunca tinha pensado que ele dedicava tempo a cuidar deles – com certeza, astros de rock desleixados não tinham que se esforçar para ficar com aparência desleixada -, mas naquele momento ficou claro que ele cuidava para evitar que os cabelos se arrepiassem. Usava apenas uma calça de moletom. Parecia mais irritado do que assustado.

Com voz baixa e muito mais sonolenta do que acordada, Cole disse: - Que diabos foi isso?

Nós três ficamos ali, descalços, e prestamos atenção por mais alguns minutos. Nada. Sam passou a mão pelos cabelos, deixando-os despenteados de um jeito engraçado. Cole ergueu um dedo diante dos lábios e apontou para a cozinha, na direção da porta dos fundos. Realmente, se a gente prestasse atenção conseguiríamos escutar um barulho que vinha daquela direção.

Cole se armou com uma vassoura que ficava atrás da geladeira. Escolhi uma faca que estava no suporte de madeira em cima do balcão. Sam olhou para nós dois, achando graça, e foi desarmado.

Ficamos diante da porta à espera de outro barulho. Um minuto depois, escutamos mais uma batida, dessa vez mais alto do que antes, em algo metálico. Cole olhou para mim e ergueu as sobrancelhas. Ao mesmo tempo, abriu a porta enquanto eu estiquei o braço para acender a luz.

E ali estava:

Nada.

Dentro da garagem, perguntei:

-Tem alguém aí?

Cole, parecendo traído, disse a Sam: - Não acredito que havia outro carro aqui e você não me disse.

A garagem estava, como a maioria das garagens, repleta de coisas estranhas e fedidas que não se quer deixar dentro de casa. A maior parte do espaço era tomada por uma perua BMW, empoeirada por estar parada, mas também havia

ali um cortador de grama, um aparelho de musculação coberto por pequenos soldados de metal e uma placa de carro de Wyoming acima da porta, com o letreiro BECK 89.

Olhei de novo para a perua.

Eu disse:

- Shh, vejam!

Havia um aparador de grama encostado no capô do carro. Entrei na garagem, na frente dos rapazes, e então percebi que a tampa do capô estava mei aberta. Pressionei a mão sobre ela.

- Esta tampa estava assim antes?

- Si. Há uma década – disse Sam, unindo-se a mim. A perua não era bonita, e a garagem tinha o cheiro fluido que vazara dela antes. Ele apontou para uma caixa de ferramentas virada perto da traseira da BMW. – Mas isto não estava assim.

- Escutem – disse Cole.

Escutei o que Cole tinha escutado: um som embaixo do carro.

Tentei me abaixar, mas Sam segurou meu braço e se ajoelhou para olhar.

- Minha nossa! – disse ele. – É um guaxinim.

- Coitadinho – eu disse.

- Pode ser um filhote assassino – disse Cole de modo sarcástico.

- Cala a boca – disse Sam de modo brincalhão, ainda olhando por baixo do veículo. – Estou pensando numa maneira de tirá-lo.

Cole passou por mim, segurando a vassoura como se fosse um bastão.

- Estou mais interessado em saber como ele entrou.

Deu a volta por trás do carro até a porta lateral da garagem, que estava entreaberta. Bateu na porta.

Eu retruquei:

- Sherlock deveria encontrar uma maneira de tirar esse rapaz daí.

- Ou essa menina – corrigiu Cole, e Grace olhou para ele com aprovação. Segurando a faca da cozinha, ela parecia decidida, sensual, alguém diferente da Grace com quem eu estava acostumado. Sua tirada com Cole talvez devesse ter me feito sentir ciúme, mas me deixou feliz: prova, mais do que qualquer outra coisa, de que eu estava começando a ver Cole como um amigo. Todo mundo alimento o desejo secreto de que seus amigos sejam todos amigos uns dos outros.

Caminhei até a parte da frente da garagem, com cascalhos espetando a sola de meus pés descalços de forma desconfortável, e abri a porta da garagem. Ela rolou até o teto com um barulho alto e a calçada escura com o Volkswagen surgiu na minha frente. Era uma paisagem misteriosa e solitária. O vento frio da noite, com cheiro de folhas e botões novos, atingiu meus braços e dedos do pé, e uma poderosa mistura do vento frio e da noite ampla tomou conta de mim. Por um momento, fiquei sem reação diante da força do meu desejo.

Com certo esforço, me virei para Cole e Grace. Ele já estava tentado enfiar a vassoura embaixo do carro, mas Grace observava a noite com uma expressão que eu sentia espelhar a minha. Algo como contemplação e ânsia. Ela me viu olhando para ela e seu rosto não mudou. Eu tive a impressão... tive a impressão de que ela sabia como eu me sentia. Pela primeira vez em muito tempo, me lembrei de ter ficado esperando na mata para que ela se transformasse, esperando que nós dois nos transformássemos em lobo ao mesmo tempo.

- Vamos seu cretino – Cole resmungou ao animal embaixo do carro. – Eu estava tendo um sonho muito bom.

- Você acha que eu deveria ficar do outro lado com alguma outra coisa? – perguntou Grace, olhando para mim um pouco antes de virar.

- Uma faca seria um pouco de exagero – sugerir, afastando-me da porta da garagem. – Há uma vassoura aqui.

Ela olhou para a faca e a colocou dentro de uma banheira para pássaros, outra

tentativa fracassada de Beck de obter itens de decoração.

- Odeio guaxinins – disse Cole. – É por isso que sua ideia de afastar os lobos é meio problemática, Grace.

Grace, armada com uma vassoura de pelos, enfiou a parte de pelos da vassoura embaixo do carro com eficiência.

- Não acho que essa seja uma comparação muito boa.

Consegui ver o focinho do guaxinim por baixo da BMW. De repente, ele espacou da vassoura de Cole e correu para perto da porta da garagem a fim de se esconder atrás de um regador do outro lado do carro.

- Por quê, seu pequeno idiota? – perguntou Cole.

Grace se aproximou e empurrou o regador com cuidado.

Houve um momento de hesitação, e o guaxinim voltou para debaixo do carro no mesmo instante. Mais uma vez, desviando totalmente da porta aberta. Grace, com seu comportamento totalmente lógico, ergueu uma das mãos.

- A porta fica bem ali. É a parede inteira.

Cole, mostrando-se um pouco mais entusiasmado do que a tarefa exigia, procurou embaixo do carro com a vassoura de novo. Completamente aterrorizado com aquele ataque, o guaxinim correu de volta para o regador. O cheiro de seu medo era forte como o odor de seu pelo, e vagamente contagioso.

- É por isso que os guaxinins não dominam o mundo – disse Cole, com a vassoura deitada no chão ao lado dele, como se fosse Moisés vestindo uma calça de moletom.

- É por isso que sempre levamos tiros – eu disse.

Grace olhou para onde o guaxinim estava escondido, no canto. Sua expressão dava pena.

- Nada de lógica complexa – disse ela.

- Nada de noção de espaço – eu completei. – Os lobos têm muita lógica complexa. Só não têm lógica humana. Nem noção de espaço. Nem de tempo. Nem de limite. O Bosque da Fronteira é pequeno demais para nós.

- Então, passemos os lobos para um local melhor – disse Grace. – Algum lugar com uma melhor disposição de seres humanos por quilômetro quadrado. Algum lugar com menos Tom Culpepers.

- Sempre existirão Tom Culpepers – eu disse ao mesmo tempo em que Cole disse, e Grace sorriu sem jeito para nós dois.

- Teria de ser um local bem distante – argumentei. – E não poderia ser propriedade privada, a menos que fosse nossa, e eu não acho que sejamos ricos assim. E não poderia ser um local onde já existissem lobos, ou pode ser que eles matassem muitos de nós no começo. E teria de existir presas ali, ou morreríamos de fome. Além disso, não sei como vocês pegariam uns vinte lobos. Cole tem tentado e naõ teve muita sorte nem para pegar um que fosse.

Grace exibia sua cara de teimosa, um sinal de que ela estava perdendo o senso de humor também.

- Tem uma ideia melhor? – perguntou ela.

Eu dei de ombros.

Cole coçou o peito com a ponta da vassoura e disse:

- Bem, sabe como é, eles já foram levados a outro lugar antes.

Grace e eu ficamos atentos ao que ele diria em seguida.

Cole começou a dizer com uma voz preguiçosa, que usava para explicar lentamente as coisas que as pessoas queriam escutar:

- O diário de Beck começa quando ele é um lobo. Mas o diário não começa em Minnesota.

- Certo – disse Grace. Onde então?

Cole apontou com a vassoura para a placa que ficava acima da porta, BECK 89.

- Então, a verdadeira população de lobos começou a voltar e, como o Ringo aqui disse, começou a matar os lobos de meio-período e ele concluiu que sua única opção era se mudarem.

Senti uma pontada de traição. Não porque Beck tivesse mentido para mim sobre sua origem – eu tinha certeza de que nunca havia perguntado a ele diretamente se ele sempre estivera aqui, em Minnesota. E não porque aquela

placa não estivesse à vista. Mas, sim, por causa de... Wyoming. Cole, como bom curioso que era, sabia coisas a respeito de Beck que eu não sabia. Uma parte de mim não acreditava que isso se devia ao fato de Cole ter tido a coragem de ler o diário de Beck. Mas outra parte dizia que não.

- No diário, ele explica como fez isso? – perguntei.

Cole olhou para mim de modo estranho.

- Um pouco.

- Um pouco como?

- Apenas disse que Hannah os ajudou muito.

- Nunca ouvi falar de Hannah – comentei. Percebi que dissera aquilo com cautela.

- Não deve ter ouvido, mesmo – respondeu Cole. Mais uma vez, ele fez aquela cara engraçada. – Beck disse que ela não tinha sido loba por muito tempo, mas não conseguia se manter humana tanto quanto os outros. Ela parou de se transformar naquele ano depois de eles se mudarem. Ele disse que Hannah parecia mais capaz de manter pensamentos humanos quando era loba do que os outros. Não muito, mas se lembrava de rostos e voltava a lugares onde estivera como humana, mas como loba.

Agora entendi por que ele estava olhando para mim. Grace me observava também. Desviei o olhar.

- Vamos tirar o guaxinim daqui.

Ficamos em silêncio por alguns momentos, um pouco confusos pela sonolência, até eu perceber ter escutado uma movimentação perto de mim. Hesitei por um momento, com a cabeça inclinada, prestando atenção para identificar a fonte.

- Ei – percebi. Encolhido atrás de uma lata de lixo de plástico, bem ao meu lado, havia um segundo guaxinim maior, me encarando com olhos desconfiados. Muito mais habilidoso em se esconder do que o primeiro, obviamente, pois eu não havia notado sua presença até então. Grace esticou o pescoço, tentando identificar por cima do carro o que eu estava olhando.

Eu não tinha nada além das mãos, então foi o que usei. E me abaixei e peguei a

alça da lata de lixo. E, muito lentamente, eu a empurrei em direção à parede, forçando o guaxinim a ir para o outro lado.

Na mesma hora, o guaxinim lançou-se ao longo da parede e saiu para a noite. Sem parar. Foi para fora sem hesitar.

- Dois? – perguntou Grace. – O... – ela parou quando o primeiro guaxinim, inspirado pelo sucesso do amigo fujão, saiu correndo atrás dele sem parar pelo caminho.

- Ufa – disse ela. – Tomara que não tenha mais nenhum. Agora dá para entender o conceito da porta.

Fui até a garagem fechar o portão, mas, ao fazer isso, olhei para Cole. Ele estava olhando fixamente para onde os guaxinins tinham ido, com a testa franzida numa expressão que não agradava muito quem via.

Grace começou a falar e então olhou para Cole também. E se calou.

Durante um minuto, ficamos em silêncio. À distância, os lobos tinham começado a uivar, e os pelos de meu pescoço estavam eriçados.

- Essa é a nossa resposta – disse Cole. – Foi o que Hannah fez. `

È assim que levaremos os lobos para longe da mata. – Ele se virou para mim.

- Um de nós precisa guiá-los para fora.

Capítulo 31

GRACE

Parecia um acampamento quando acordei de manhã.

Quando eu tinha treze anos, minha avó pagou para eu ir a um acampamento de verão por duas semanas. Camp Blue Sky para Meninas. Eu adorei – duas semanas com todos os momentos planejados, todos os dias repletos de atividades, objetivos impressos em folhetos coloridos de 22 x 2 cm todas as manhãs. Era o oposto da vida com meus pais, que riam da ideia de se criar rotina. Foi fantástico e a primeira vez em que percebi que podiam existir outros caminhos para a felicidade diferente daquele planejado pelos meus pais. Mas o principal do acampamento é que *não era* a minha casa. Minha escova de dentes estava suja por ter sido enfiada no bolso pequeno de minha mochila por uma mãe que havia se esquecido de comprar uma nécessaire antes de minha partida. O beliche machucava meu ombro quando eu tentava dormir. O jantar era bom, mas salgado, e um pouco longe demais da hora do almoço e, diferentemente de como eram as coisas em casa, eu não podia apenas ir à cozinha para comer um biscoito. Era divertido, diferente e um pouco errado, a ponto de ser desconcertante.

Então, eu estava ali na casa de Beck, no quarto de Sam. Não era exatamente um lar – *lar* ainda trazia à mente a lembrança de travesseiros que tinham o cheiro de meu xampu, e meus exemplares velhos de romances de John Buchan que eu havia comprado num bazar da biblioteca, por isso eles eram muito queridos, e o sim da água da torneira enquanto meu pai se barbeava e se aprontava para trabalhar, o rádio bem baixinho, sons graves no escritório, e a lógica infinitamente confortável de minha rotina. Será que aquele lar ainda existia para mim?

Sentada na cama de Sam, eu estava zonza de sono e surpresa por tê-lo encontrado deitado ao meu lado, virado para a parede com os dedos esticados contra ela. Eu não conseguia me lembrar de uma manhã na qual tivesse acordada antes dele e, me sentindo um pouco neurótica, eu observei até ver seu peito subir e descer sob a camiseta surrada.

Saí da cama, esperando vê-lo acordar a qualquer momento, dividida entre a vontade de tê-lo acordado e a de que ele continuasse a dormir, mas Sam

permaneceu naquela pose estranha, como se tivesse sido jogado em cima da cama.

Eu estava muito dividida entre a falta de sono e o estado de alerta que tomavam conta de mim, por isso demorei mais tempo do que pensei que demoraria para chegar ao corredor e então mais um tempo para lembrar onde era o banheiro. Quando cheguei lá não havia escova de cabelo nem de dentes, e a única coisa que consegui encontrar para vestir foi uma das camisetas de Sam com um logo de uma banda que não reconheci na parte da frente. Então, usei a escova de dentes dele, dizendo a mim mesma, a cada escovada, que aquilo não podia ser mais nojento do que beijá-lo, e quase acreditando nisso. Encontrei a escova de cabelo dele ao lado de uma lâmina com aparência ruim e usei uma, mas não a outra.

Eu me olhei no espelho. Parecia que eu estava vivendo a vida do lado errado. O passar do tempo não significava nada aqui.

- Quero dizer a Rachel que estou viva.

Não pareceu razoável, até eu pensar nas coisas que poderiam dar errado.

Voltei a conferir o quarto – Sam ainda dormia – e desci. Uma parte de mim queria que ele estivesse acordado, mas a outra gostava daquela sensação silenciosa de estar sozinha, mas não solitária. Fez com que em me lembrasse de todas as vezes em que ficara sentada mas em silêncio, duas luas na mesma órbita.

No andar de baixo, encontrei Cole esparramado no sofá, dormindo com um braço esticado em cima da cabeça. Lembrando que havia uma cafeteira no porão, eu atravessei o corredor na ponta dos pés e desci a escada.

O porão era um local confortável, mas meio desorientador – abafado e sem janelas, onde toda a luz vinha de luminárias, tornando impossível saber a hora. Era estranho voltar ao porão, e eu senti uma tristeza esquisita e fora de hora. A última vez em que me sentira triste ali tinha sido conversando com Beck depois de Sam ter se transformado num lobo. Naquela época, pensei que ele tivesse partido para sempre. Agora, Beck que havia se perdido.

Liguei a cafeteira e me sentei na cadeira em que havia sentado quando conversei com Beck. Atrás da cadeira dele, estavam as estantes com centenas de livros que ele nunca leria de novo. Todas as paredes estavam cobertas por eles; a cafeteira estava aninhada nos poucos centímetros de estante sem livros. Tentei

imaginar quantos havia ali. Eram dez a cada espaço de trinta centímetros? Talvez mil livros. Talvez mais do que isso. Até mesmo dali, eu vi que eles estavam perfeitamente organizados: não ficção por assunto, romances por autor.

Eu queria uma biblioteca como aquela quando tivesse a idade de Beck. Não *esta* biblioteca. Uma caverna de palavras que eu tivesse criado sozinha. Eu não sabia se isso seria possível agora.

Suspirando, fiquei em pé e analisei as estantes até descobrir que Beck tinha alguns livros de educação, e então me sentei no chão com eles, cuidadosamente colocando a caneca de café ao meu lado. Não sabia ao certo quanto tempo passara lendo quando escutei a escada ranger baixinho. Olhei para cima e vi pés descalços descendo: Cole, com cara de quem havia acabado de acordar, uma linha marcando seu rosto, onde o travesseiro o pressionara.

- Oi, Brisbane – disse ele.

- Oi – respondi. – St. Clair.

Cole tirou a cafeteira da tomada e levou tudo para onde eu estava. Ele encheu minha xícara de novo e encheu outra para si, silencioso e solene durante todo o processo. Em seguida, virou a cabeça para ler os títulos dos livros que eu havia escolhido.

- Estudo à distância, não é? Coisa difícil logo de manhã.

Abaixei a cabeça.

- Era o que Beck tinha.

Cole continuou a ler:

Tirar nota máxima no exame de vestibular, Cursos on-line. Como ser um lobo educado sem sair do conforto do seu porão. Você se incomoda, não é? Estou me referindo à escola.

Olhei para ele. Não pensei que tivesse parecido chateada. Não pensei que *estivesse* chateada.

- Não. Ai, está bem. Incomoda, sim. Eu queria fazer faculdade. Queria terminar o ensino médio. Eu *gosto* de estudar. – Percebi, depois de ter dito aquilo, que Cole havia escolhido a NARKOTIKA em vez de faculdade. Eu não sabia muito bem como

explicar a ele a emoção que sentia quando analisava os catálogos de curros – todas as possibilidades – ou o simples prazer de abrir um novo caderno e um novo livro ao lado dele. Como me interessava por estar em algum lugar com um monte de outras pessoas que também gostavam de estudar. De ter um pequeno apartamento que eu pudesse comandar como se fosse uma rainha, da minha maneira, o tempo todo. Sentindo-se um pouco tola, acrescentei: - Acho que isso é meio bobo, não é?

Mas Cole olhou com atenção para dentro de sua xícara de café e disse: - Mmmm, estudar. Eu gosto. – Ele pegou um dos livros e o abriu numa página qualquer. O título do capítulo era *Estudar o mundo de sua* poltrona e havia a gravura de um menino fazendo isso. – Você se lembra de tudo o que aconteceu no hospital?

Ele estava perguntando como quem quer saber mais, então contei. Ele descreveu os acontecimentos da noite, desde quando eu havia começado a vomitar sangue, até Sam e ele conversando comigo no hospital, Cole, questionando a ciência para me salvar. E então, ele me disse que meu pai bateu em Sam. Pensei que tivesse entendido errado.

- Mas ele não bateu de verdade, certo? Você quer dizer apenas...

- Não, ele bateu, mesmo – comentou Cole.

Tomei um gole do meu café. Não sabia o que era mais estranho, pensar em meu pai batendo em Sam ou perceber o tanto de cosias que eu havia perdido dentro do hospital ou enquanto me transformava. De repente, o tempo que passei como loba pareceu tempo perdido, horas que eu nunca recuperaria. Como se meu tempo de vida tivesse sido reduzido abruptamente pela metade.

Parei de pensar naquilo e passei a imaginar meu pai agredindo Sam.

- Eu acho – afirmei – que isso me deixa brava. Sam não revidou, não é?

Cole riu e se serviu de mais café.

- Então eu não estava realmente curada – concluí.

- Não. Você simplesmente não se transformava, o que é a mesma coisa. As St. Clairs... espero não se importe, estou dando às toxinas de lobo meu nome, para tentar ganhar o Prêmio Nobel da Paz ou o Pulitzer ou qualquer um - ...foram todas

formadas dentro de você.

- Então o Sam não está curado também – deduzi. Pousei minha xícara de café e afastei os livros de mim. Pois se tudo aquilo tivesse sido um desperdício, tudo o que havíamos feito, seria demais. Pensar em ter uma biblioteca só minha e uma cafeteira vermelha parecia totalmente inalcançável.

- Bem – respondeu Cole. – Não sei sobre isso. Afinal, ele se tornou... Veja, aqui está o menino-milagre. Bom dia, Ringo.

Sam havia descido quase sem emitir qualquer som e agora estava em pé no começo da escada. Seus pés estavam vermelhos por causa do banho quente. Vê-lo fazia como que eu me sentisse menos pessimista, ainda que sua presença não fosse resolver nada, que já estivesse resolvido.

- Estávamos falando sobre a cura – disse Cole.

Sam atravessou o espaço até mim.

- Desculpe, não ouvi. *The Cure*, a banda? – Ele se sentou com as pernas cruzadas ao meu lado. Ofereci café para ele, que recusou.

- Não, a cura. A sua cura. E aquela da qual estou cuidando. Tenho passado muito tempo pensando em como você faz para se transformar.

Sam fez uma careta.

- Eu não consigo me transformar.

- Não é frequente, Ringo – admitiu Cole. – Mas você faz isso, sim.

Senti uma leve pontada de esperança. Se alguém podia entender como os lobos do Bosque da Fronteira faziam, esse alguém seria Cole. Ele havia me salvado não é?

- Como quando você me salvou dos lobos – eu disse. – E que tal clínica, quando injetamos em você – Aquela noite parecia ter acontecido muito tempo antes, na clínica da mãe de Isabel, incentivando o lobo que Sam era a se tornar um ser humano. Mais uma vez, a lembrança da tristeza me pressionou. – Você já pensou sobre isso?

Sam parecia petulante quando Cole começou a falar sobre a adrenalina e sobre as Cole St. Clair e sobre o fato de que ele estava tentando usar as transformações

incomuns de Sam como a base da cura.

- Mas se fosse adrenalina, alguém que lhe desse um susto, com um “bu”! não faria você se transformar? – perguntei.

Cole deu de ombros.

- Tentei usar uma EpiPen, é adrenalina pura, e deu quase certo.- Sam franziu a testa para mim, e eu tentei imaginar se ele estava pensando no que eu estava pensando p que “quase” funcionando era meio perigoso.

Cole retrucou:

- Simplesmente não está fazendo meu cérebro reagir do modo certo; não está acionando a mudança da mesma maneira que o frio ou a constituição da St. Clair aciona. É difícil repetir sem saber o que está acontecendo. É como fazer o desenho de um elefante pelo sim que ele emite na jaula ao lado.

- Bem, fico impressionado por você ter percebido que era um elefante – resmungou Sam. – Aparentemente, Beck e os outros não acertaram nem a espécie. – Ele ficou em pé e estendeu o braço na minha direção. – Vamos fazer o almoço.

Mas Cole não tinha terminado.

- Ah, Beck não queria ouvir – disse ele. – Ele não queria perder aquele tempo como lobo. Sabe de uma coisa? Se meu pai estivesse envolvido em tudo isso, ele faria algumas ultrassonografias, ressonâncias, cerca de 1.400 eletrodos, acrescentaria dois vidros de remédios venenosos e uma ou duas baterias de carro, e três ou quatro lobisomens mortos depois, ele conseguiria a cura. Caraca, ele é bom no que faz.

Sam abaixou a mão.

Queria que você não falasse sobre Beck desse jeito.

- De que jeito?

- Como se ele fosse... – Sam parou. Ele franziu o cenho para mim, como se a maneira de encerrar a frase estivesse escondida em minha expressão. Eu sabia o que ele estava prestes a dizer. *Como você*. Cole esboçou um sorriso forçado.

- O que acha disso? – perguntou Cole. Ele fez um gesto para a cadeira em que

Beck havia se sentado antes, fazendo-me pensar que ele também tivera uma conversa com Beck no porão. Aquilo seria esquisito, por algum motivo: Cole ter uma história com Beck da qual não soubéssemos. – O que acha de me dizer quem Beck foi para você e eu direi quem foi ele para mim? E então, Grace, você pode nos dizer qual versão parece a mais certa.

- Eu não acho... – comecei.

- Eu o conheci por doze anos – interrompeu Sam. – Você o conheceu por doze segundos. Minha versão ganhou.

- É mesmo? – perguntou Cole. – Ele contou sobre como era como advogado? Ele contou sobre como viver em Wyoming? Ele contou sobre a esposa? Ele contou sobre onde encontrou Ulrick? Ele contou o que estava fazendo a si mesmo quando Paul chegou?

Sam disse:

- Ele me contou como se tornou um lobo.

- Para mim também – acrescentei, sentindo que deveria apoiar Sam. – Ele me disse que foi mordido no Canadá e acabou com Paul em Minnesota.

- Não que ele estava no Canadá querendo morrer, e que Paul o mordeu para impedi-lo de se matar?

- Ele disse isso a você porque era o que você precisava ouvir – argumentou Sam.

- E ele contou a você a história sobre a caminhada e sobre Paul estar aqui em Minnesota porque era o que *você* precisava ouvir – disse Cole. – Diga-me como Wyoming entra nessa história, porque ele não disse a nenhum de nós dois sobre isso. Beck não veio do Canadá para Merci Falls quando descobriu que já havia lobos aqui, assim como não foi mordido enquanto caminhava. Ele simplificou a história para não ficar mal com você. Ele a simplificou para mim porque não achava relevante me convencer. Não me diga que você não duvidou dele, Sam, porque não é possível. O cara fez com quem você se infectasse e então o adotou. Você deve ter pensado nisso.

Senti pena de Sam, mas ele não desviou o olhar nem olhou para baixo. Seu rosto estava totalmente sem expressão.

- Já pensei nisso – disse ele.

- E no que você está pensando? – perguntou Cole.

Sam respondeu:

- Não sei.

- Você deve estar pensando em alguma coisa.

- Não sei.

Cole ficou em pé e deu um passo para ficar ao lado de Sam, e a força usada por ele foi intimidante, de certa forma.

- Não quer perguntar isso a ele?

Sam, por sua vez, não parecia intimidado.

- Não é uma opção.

Cole insistiu:

- E se fosse? E se pudesse falar com ele por quinze minutos? Posso encontrá-lo. Posso encontrá-lo e tenho algo que deve forçá-lo a se transformar. Não por muito tempo. Mas por tempo suficiente para conversarmos. Devo admitir que também tenho algumas perguntas para ele.

Sam franziu o cenho.

- Faça o que quiser com seu corpo, mas não vou morrer com alguém que não possa me dar sua permissão.

A expressão de Cole era de profundo pesar.

- É adrenalina, não sexo promíscuo.

A voz de Sam estava séria.

- Não vou arriscar matar Beck apenas para perguntar por que ele não me disse que vivia em Wyoming.

Foi a resposta óbvia, aquela que Cole devia saber que Sam daria. Mas Cole esboçava um sorriso forçado de novo, quase inexistente.

- Se conseguíssemos pegar Beck e o transformássemos em ser humano – defendeu ele. – Pode ser que eu consiga fazer com que ele volte, como Grace. Você

arriscaria a vida dele por isso?

Sam não respondeu.

- Diga que sim – disse Cole. – Diga que devemos encontrá-lo, e é o que farei.

E aquilo, pensei, era o motivo pelo qual Sam e Cole não conseguiam se dar bem.

Mas pensando bem, Cole tomava as decisões ruins por bons motivos, e Sam não podia justificar isso. Agora, Cole balançava aquele objeto tentador diante de Sam, aquilo que ele queria mais do que tudo, juntamente com a coisa que ele menos queria. Eu não sabia ao certo qual queria que ele desse.

Vi Sam engolindo em seco. Virando-se para mim, ele perguntou com delicadeza: - O que devo dizer?

Eu não sabia p que dizer que ele já não soubesse. Cruzei os braços. Poderia pensar em mil motivos a favor e contra, mas todos eles começavam e terminavam com o desejo que eu via no rosto de Sam naquele momento.

- Você precisa conseguir viver consigo mesmo – eu respondi a ele.

Cole disse:

- Ele vai morrer por aí de qualquer forma, Sam.

Sam deu as costas para nós dois, com as mãos unidas atrás da cabeça. Olhou para as fileiras de livros de Beck. Sem olhar para nós, ele disse: - Tudo bem. Sim. Encontre-o.

Olhei para Cole por um tempo.

No andar de cima, a chaleira começou a apitar e Sam subiu a escada em silêncio para fazê-la parar. Uma boa desculpa para sair dali. Eu sentia um nó no estômago quando pensava em tentar fazer Beck se transformar. Eu havia me esquecido facilmente do quanto arriscávamos sempre que tentávamos aprender mais sobre nós mesmos.

- Cole – interpelei-o -, o Beck é extremamente importante para Sam, Isto não é um jogo. Não fala nada de que não tenha certeza, OK?

- Sempre tenho certeza do que faço – retrucou ele. – Às vezes simplesmente não tenho certeza de que deveria existir final feliz.

Capítulo 32

GRACE

Aquele primeiro dia como ser humano de novo foi esquisito. Eu não conseguia ficar bem sem minhas roupas e minha rotina, sabendo que a loba dentro de mim ainda espreitava imprevisivelmente dentro de meus membros. De certo modo, fiquei feliz com a incerteza de ser um novo lobo, porque eu sabia que isso acabaria na mesma transformação motivada pela temperatura pela qual Sam passara quando eu o conheci. E eu adorava o frio. Não queria temê-lo.

Numa tentativa de me adaptar a um tipo de normalidade, sugeri que preparássemos um bom jantar, o que acabou sendo mais difícil do que pensei. Sam e Cole haviam estocado a casa com uma estranha combinação de alimentos, a maioria dos quais podia ser descrita como "de micro-ondas" e outros que podiam ser descritos como "ingredientes". Mas encontrei as coisas para fazer panquecas e ovos — o que sempre era uma refeição adequada, em minha opinião - e Sam se aproximou sem nada dizer para ajudar enquanto Cole ficou deitado no chão da sala de estar, encarando o teto.

Olhei para trás.

- O que ele está fazendo? Pode me passar a escumadeira...?

Sam entregou a espátula para mim.

- Acho que o cérebro dele está doendo. - Ele se posicionou atrás de mim para pegar os pratos e, por um momento, seu corpo ficou pressionado contra o meu, sua mão na minha cintura para me estabilizar. Senti uni desejo forte.

- Ei – eu disse e ele se virou, com os pratos na mão. – Largue esses pratos e volte aqui.

Sam começou a caminhar na minha direção, mas então, ao fazer isso, o movimento chamou minha atenção.

- Ei... o que é isso? – perguntei, minha voz se tornando um suspiro. – Pare!

Ele ficou paralisado e seguiu meu olhar quando encontrei o que havia chamado minha atenção — um animal atravessando o quintal escuro. A grama estava iluminada pela luz que vinha das duas janelas da cozinha. Por um momento, eu o

perdi de vista e então, ali, eu o encontrei perto da churrasqueira.

Por um momento, meu coração deu um solavanco, porque era um lobo branco. Olivia era uma loba branca, e eu não a via fazia muito tempo.

Mas então, Sam disse:

- Shelby - e eu vi, quando ela se mexeu, que ele tinha razão. Não percebi a graça que Olivia tinha como loba, e quando a loba branca levantou a cabeça, foi um movimento suspeito e rápido. Ela olhou para a casa, e os olhos definitivamente não eram de Olivia, e então ela se agachou e espiou ao lado da churrasqueira.

- Que bacana - comentei.

Sam franziu o cenho.

Observamos em silêncio enquanto Shelby passava da churrasqueira a outro ponto no meio do jardim, onde ela voltou a marcar território. Estava sozinha.

- Acho que ela está piorando - disse Sam. Pela janela, vi que Shelby estava em pé há muito tempo, olhando fixamente para a casa.

Senti, com estranheza, que ela olhava para nós dentro da cozinha, ainda que para ela fôssemos apenas sombras paradas, no máximo.

Mesmo dali, consegui ver seus ânimos exaltados.

- Ela - nós dois nos assustamos quando Cole começou a falar atrás de nós - é psicótica.

- Como assim? - perguntei.

Já a vi por aí enquanto eu fazia as armadilhas. Ela é corajosa e cruel também.

Bem, eu sabia disso. Com um leve tremor, me lembrei da noite em ela havia se lançado por uma janela de vidro para me atacar então, seus olhos na tempestade de raios.

- Ela tentou me matar muitas vezes.

- Ela está com medo – Sam interrompeu. Ele ainda estava observando Shelby, cujos olhos estavam vidrados para ele, e para mais ninguém. Foi terrivelmente assustador.

- Ela está com medo, sozinha, irritada e com ciúme. Com você, Grace, e Cole, e

Olivia, a matilha está mudando muito depressa e ela não tem muito o que fazer. Está perdendo tudo.

A última panqueca que eu havia começado estava queimando. Tirei a frigideira de cima do fogão.

- Não gosto de vê-la aqui perto – eu disse.

- Eu acho... que você não precisa se preocupar – disse Sam. Shelby continuava imóvel, olhando para ele. – Acho que ela culpa a mim.

De repente, Shelby se assustou, ao mesmo tempo em que escutamos a voz de Cole no quintal: - Saia daqui, sua cadela psicótica!

Ela se embrenhou na escuridão quando a porta de trás se fechou.

- Obrigada, Cole – eu disse. – Isso foi totalmente sutil.

- Essa é uma das minhas melhores características – disse Cole. Sam continuava olhando pela janela com a testa franzida.

- Gostaria de saber se ela...

O telefone tocou em cima do balcão da cozinha, interrompendo-o e Cole atendeu. Ele fez uma careta e então entrego o telefone para eu responder.

No identificador de chamadas, vi que era Isabel.

- Alô?

- Grace. - Esperei quo ela fizesse algum comentário sobre minha situação como ser humana, algo fora de hora e sarcástico. Mas ela só disse: Grace.

- Isabel - eu respondi, apenas para dizer algo. Olhei para Sam que parecia confuso, refletindo minha expressão.

- Sam ainda está aí com você?

- Sim. Você... quer falar com ele?

- Não. Só queria ter certeza de que você... — ela parou.

Havia muito barulho onde ela estava.

- Grace, o Sam disse a você que encontraram uma menina sem vida na mata? Morta por lobos?

Olhei para Sam, mas ele não tinha escutado o que Isabel dissera.

- Não – respondi, sem saber o que pensar.

- Grace. Eles já sabem quem foi.

Tudo dentro de mim ficou e silêncio.

Isabel continuou:

- Foi a Olivia.

Olivia.

Olivia.

Olivia.

Vi tudo ao meu redor com precisão perfeita. Havia uma fotografia na geladeira, de um homem em pé ao lado de um caiaque c fazendo sinal de paz e amor. Havia também um ímã antigo com o formato de um dente com o nome e número de telefone de um dentista. Ao lado da geladeira, havia um balcão com alguns objetos pequenos sobre a *superfície* sem cor. Em cima dela, havia também uma garrafa velha de Coca-Cola, de vidro, com um lápis e uma daquelas canetas que parecem uma flor. A torneira da cozinha pingava a cada onze segundos, e a gota d'água descia em sentido horário na borda da pia antes de rolar ralo abaixo. Eu nunca havia notado como tudo naquela cozinha tinha um tom escuro. Marrom, vermelho e laranja, tudo em balcões, gabinetes e azulejos c fotografias apagadas nas portas dos armários.

- O que você disse? - perguntou Sam. - O que você disse a ela?

Não entendi por que ele me perguntava aquilo se eu não havia dito nada. Franzi a testa e vi que ele segurava o telefone, que eu não me lembrava de tê-lo entregado.

Pensei Sou uma amiga péssima*,* porque não estou triste*.* Simplesmente estou aqui, olhando para a cozinha e pensando que se isso fosse meu, eu encontraria um tapete de modo que meus pés não ficassem frios no chão sem proteção. Eu não devia amar Olivia, porque não *sinto* nem vontade de chorar.

Estou pensando nos tapetes e não no fato de ela estar morta.

- Grace - disse Sam. Ao fundo, eu vi Cole se afastar, segurando o telefone,

falando nele. - O que você precisa de mim?

Pensei que aquela era uma pergunta muito estranha de se fazer. Apenas olhei para ele.

- Estou bem – respondi

Sam rebateu.

- Não está, não.

- Estou – eu disse. – Não estou chorando. Nem estou com vontade de chorar.

Ele afastou meus cabelos, tirando-os *de trás de* minhas orelhas, puxando-os para trás *como se* quisesse fazer um rabo de cavalo, e os segurou. Ele cochichou: - Mas vai ficar.

Encostei *minha* cabeça no ombro *dele; ela* parecia incrivelmente pesada, impossível de manter ereta.

- Quero telefonar *para* as *pessoas* e checar se elas estão bem. Quero telefonar para a *Rachel* - eu disse. - Quero telefonar para John. Quero telefonar para a *Olivia. — Tarde* demais, percebi o que havia dito, e abri a boca *como* se, *de alguma forma, pudesse* retirar as minhas palavras e trocá-las por *algo* mais lógico.

- Ah, Grace – disse Sam, tocando meu queixo, mas sua pena era algo distante.

Ao telefone, escutei Cole dizer, com um tom de voz totalmente diferente que eu nunca o escutara usar: - Bem, não há muito que possamos fazer agora em relação a isso, não é?

Capítulo 33

Sam

Naquela noite, foi Grace quem ficou acordada. Eu me sentia como uma xícara vazia, à espera do líquido; era apenas uma questão de tempo para que ficasse cheia o bastante para me firmar.

Meu quarto estava escuro, exceto pelas luzes de Natal penduradas no teto. pequenas constelações num céu claustrofóbico. Eu tentava puxar o cordão ao lado da cama e ficar no escuro, mas a fadiga sussurrava em meu ouvido e me distraía. Eu não conseguia entender por que estava tão cansado depois de ter conseguido dormir na noite anterior. Era como se meu corpo tivesse readquirido o gosto de dormir agora que Grace estava de volta e não me cansasse de descansar.

Grace se sentou ao meu lado, de costas para a parede, as pernas enroladas nos lençóis e passava a palma da mão por meu peito, o que não estava me ajudando a ficar acordado.

- Ei - murmurei, esticando o braço para tocá-la, as pontas dos dedos tocando seu ombro de leve. - Deite-se comigo e durma.

EIa esticou os dedos e os pousou sobre meus lábios; seu rosto demonstrava ansiedade e estava diferente, como se uma outra garota estivesse usando uma máscara com o rosto de Grace à meia-luz.

- Não consigo parar de pensar. - Aquela sensação era bem familiar, por isso me apoiei nos cotovelos; seus dedos deslizaram de meus lábios e voltaram a meu peito.

- Você deveria estar deitada — eu disse. — Vai ser melhor.

Grace demonstrava dor e incerteza em seu rosto; ela era uma menininha. Eu me sentei e a puxei em minha direção. Juntos, nós nos encostamos à cabeceira, e ela repousou a cabeça em meu peito onde sua mão estivera antes. Seus cabelos cheiravam a xampu.

- Não consigo parar de pensar nela – sussurrou Grace, mais corajosa agora que nós estávamos olhando um para o outro. – E então, começo a pensar que deveria estar em casa agora, e, Sam, não quero voltar.

Eu não soube o que dizer. Não queria que ela voltasse, mas sabia que ela precisava voltar. Se Grace fosse humana, curada, eu teria dito que precisávamos voltar e falar com seus pais. Teríamos dado um jeito; teríamos feito com que eles entendessem que tínhamos um relacionamento sério, e então em viveria sem ela em minha cama até ela se mudar adequadamente. Eu detestaria, mas conseguiria viver assim. Eu havia dito que queria fazer aquilo com ela, e ainda queria.

Mas agora não havia como. Agora, Grace era uma garota que também era loba, e por mais que ela dissesse que não queria voltar, e por mais que eu não tivesse certeza de como os pais dela reagiriam, eu queria que ela ficasse comigo. Um dia, em breve, sofreríamos para pagar por aqueles momentos juntos, mas eu não achava que estávamos errados por vivê-los. Passei os dedos pelos cabelos dela até chegar num pequeno nós; precisei tirar os dedos e começar de novo.

- Não vou obrigar você.

- Teremos de resolver isso uma hora ou outra – disse Grace. – Queria ter dezoito anos. Queria ter me mudado há muito tempo. Queria que fôssemos casados. Queria não ter que pensar numa mentira.

Pelo menos eu não era o único a achar que eles não lidariam bem com a verdade.

- Nada – argumentei convicto. – será resolvido esta noite. – Quando eu disse isso, reconheci, com certa ironia, o raciocínio de Grace, a frase que ela havia usado tantas vezes antes para tentar fazer com que eu dormisse.

- Tudo fica repassando, repassando, repassando – disse Grace. – Conte-me uma história.

Parei de tocar seus cabelos porque o toque repetitivo estava me fazendo ficar sonolento de novo.

- Uma história?

- Como quando você me contou sobre Beck tê-lo ensinado a caçar.

Tentei pensar em uma história, algo que não precisasse de grandes explicações. Algo que a fizesse rir. Todas as história de Beck pareciam inadequadas agora, tomadas pela dúvida. Tudo sobre ele que eu não havia visto com meus próprios olhos parecia mentira.

Procurei outra lembrança e disse:

- Aquela perua BMW não foi o primeiro carro que Ulrik teve Quando cheguei aqui, ele tinha um Ford Escort pequeno. Era marrom e bem feio.

Grace suspirou, como se aquele fosse o começo confortável de uma história de ninar. Ela se agarrou a minha camiseta; o toque me despertou imediatamente e me fez pensar cm pelo menos quatro coisas, que não eram histórias para dormir, nem maneiras altruístas de confortar uma menina triste.

Engoli em seco e me concentrei na lembrança.

- Ele tinha muitos problemas. Quando passávamos por lombadas, ele raspava no chão. O escapamento, acho. Certa vez, Ulrik atropelou um gambá na cidade e o arrastou até em casa.

Grace riu rapidamente e sem emitir som, o tipo de riso que se dá quando não se sabe o que fazer. Insisti:

- Também tinha cheiro de problema. Como freio gasto ou borracha queimada, ou como se o corpo do gambá não tivesse sido totalmente retirado.

Parei, lembrando-me de todas as vezes que viajara no carro, no banco do passageiro, esperando dentro do veículo enquanto Ulrik entrava no mercado para comprar cerveja, ou quando ficava no acostamento enquanto Beck xingava o motor silencioso e se perguntava por que não havia pegado seu maldito carro. Isso tinha acontecido na época em que Ulrik era humano, quando seu quarto ficava ao lado do meu, e eu Costumava acordar com o som de pessoas fazendo amor, apesar de ter certeza de que Ulrik estava sozinho. Não contei essa parte a Grace.

- Era o carro que eu costumava dirigir para ir à livraria - comentei. - Ulrik comprou aquela perua BMW de um cara que estava vendendo rosas no acostamento da estrada em St. Paul**,** por isso peguei o Escort. Dois meses depois de eu tirar minha habilitação, enfrentei um pneu furado. - Eu tinha dezesseis anos, no sentido mais ingênuo da palavra: ao mesmo tempo eufórico e aterrorizado por dirigir de volta para casa depois de sair do trabalho sozinho pela primeira vez, e pensei que fosse morrer quando o pneu fez um barulhão que parecia um tiro.

- Você sabia trocar pneus? — perguntou Grace. Ela fez a pergunta como se soubesse trocar.

- De jeito nenhum. Precisei estacioná-lo na neve rala no acostamento e usei o celular que eu havia acabado de ganhar de presente de aniversário para telefonar para o Beck e pedir ajuda. Era a primeira vez que estava usando o telefone, e teve que ser para dizer que não conseguia trocar um pneu furado. Um tiro na minha virilidade.

Grace riu de novo, baixinho.

- Virilidade - repetiu.

- Um tiro na minha virilidade - reafirmei, feliz por escutá-la rindo. Pensei na lembrança. Beck havia demorado muito para chegar, pois pegou uma carona com Ulrik, que estava indo trabalhar. Ignorando minha cara de desânimo, Ulrik acenou animado para mim da janela da BMW. “Até mais, menino-o!” Sua perua desapareceu, a lanterna vermelho-neon no mundo cinza da neve. — Então o Beck chegou - eu continuei, percebendo que, afinal, havia contado uma história sobre Beck, mesmo sem querer. Talvez todas as minhas histórias tivessem Beck no meio. — Ele disse “Então você matou o carro?” Ele estava todo encapotado com cascos, luvas e cachecóis, mas, apesar deles, já estava tremendo. Ele assoviou ao ver o pneu comicamente murcho. “Que beleza. Atropelou um alce?"

- Você tinha atropelado? — perguntou Grace.

- Não - respondi. - Beck tirou sarro de mim e me mostrou onde ficava o estepe e...

Parei de falar. Eu queria contar a história de quando Ulrik finalmente vendera o Escort, de quando ele cozinhara dois quilos de bacon e os colocara no porta-malas para quando as pessoas viessem olhar, porque ele havia lido que os corretores de imóveis assavam biscoitos para vender casas a mulheres. Mas eu havia me distraído com meu cansaço e a história que eu tinha começado agora terminava com o sorriso de Beck desaparecendo no tempo que levou para que os faróis aparecessem no monte e desaparecessem do outro lado – com uma pilha de cachecóis, blusas de lã e luvas no chão ao lado do eu com uma roda inútil na mão e a lembrança de Beck dizendo nome ao se transformar.

- E o quê?

Tentei pensar em uma maneira de mudar a história, para torná-la mais animada, mas, ao fazer isso, me lembrei de um aspecto dela no qual não pensava

havia anos.

- O Beck se transformou. Eu ainda estava ali com a maldita roda na mão e ainda tão idiota quanto antes.

E fiquei ali, pegando o casaco e diversas camisetas dele do chão, tirando o excesso de neve, jogando todas no porta-malas no Escort. Bati a porta com vontade. Em seguida, uni as mãos atrás da cabeça e dei as costas para a estrada e para o carro. Porque a perda de Beck ainda não tinha começado a doer. Mas o fato de eu estar abandonado na estrada, por outro lado, me afetou imediatamente.

Grace emitiu um som baixo e triste, sentindo pena daquele Sam de tanto tempo antes, mas aquele Sam precisou de muito tempo para perceber o que tinha perdido em poucos minutos.

- Fiquei ali por um tempo, olhando para todos os objetos inúteis do porta-malas; por exemplo, Ulrik mantinha uma máscara de hóquei ali, e ela ficava olhando para mim como se dissesse *Você é um idiota, Sam Roth. E* então escutei um carro parando atrás de mim; eu havia me esquecido completamente dessa pane, só lembrei agora. Grace - e quem você acha que parou para ver se eu precisava de ajuda?

Grace esfregou o nariz na minha camiseta.

- Não sei. Quem?

- Tom Culpeper - respondi.

- Não! - Grace se afastou para poder olhar para mim. - Sério?

Naquele momento, ela voltava a ser mais ela mesma à luz fraca, os cabelos despenteados por ficar deitada em meu peito e os olhos mais vivos, e minha mão que repousava em sua cintura queria desesperadamente escorregar para dentro de sua camisa para traçar um caminho até a ponta de sua coluna, tocar seus ombros e fazer com que ela pensasse apenas em mim.

Mas aquele não era um caminho que eu começaria a percorrer sozinho. Eu não sabia o que ela pensava a respeito disso. E sabia esperar.

- Sim - respondi, em vez de beijá-la. – Sim, Tom Culpeper.

Grace deitou-se de bruços.

Que maluquice.

“Vocêé o filho de Geoffrey Beck”, Tom Culpeper disse. Mesmo com pouca iluminação, eu havia percebido que seu utilitário estava coberto de gelo, areia e sal – neveira, como Ulrik dizia, uma mistura de neve e sujeira – e que os faróis lançavam um caminho torto de luz entre o Escort e eu. Depois de pensar um pouco, ele disse: “Sam, não é? Parece que você precisa de ajuda.”

Eu me lembrei de ter pensado naquele momento como era bom ouvir meu nome sendo dito em um tom tão simples, para apagar a lembrança de como Beck o dissera enquanto se tranformava.

- Ele me ajudou – eu disse. – Na época, acho que ele dava uma impressão diferente. Isso deve ter ocorrido um pouco depois de nos mudarmos para cá.

- Isabel estava com ele? – perguntou Grace.

- Eu não lembro de Isabel – respondi. – Eu procuro não pensar nele como alguém cruel, Grace. Por causa da Isabel. Eu não sei o que eu pensaria a respeito dele, se não fossem os lobos.

- Se não fossem os lobos – disse Grace -, nenhum de nós pensaria nada.

- Era para a história ser divertida, tinha até bacon nela – admiti. – Era pra eu fazer você rir.

Ela suspirou com força, como se o peso do mundo tivesse causado aquele suspiro, e eu sabia como ela se sentia.

- Tudo bem. Apague as luzes – pediu ela, esticando o braço para ajeitar o edredom em cima de nós dois, quando nos deitamos. Ela tinha um leve odor de lobo, e eu não acreditava que ela passaria a noite toda sem se transformar. – Esotu pronta para mandar o dia de hoje embora.

Sentindo-me muito menos sonolento do que antes, coloquei o braço para fora da cama para puxar o pluge da tomada. O quarto ficou escuro, e depois de um momento, Grace sussurrou que me amava, parecendo um pouco triste. Eu a abracei com força, triste por saber que me amar era algo muito complicado.

A respiração dela começava a ficar mais lenta quando sussurrei isso a ela. Mas eu não dormi, fiquei acordado, pensando em Tom Culpeper e em Beck, em como a verdade deles parecia ficar tão escondida. Não conseguia esquecer a imagem de

Tom Culpeper caminhando pela neve na minha direção, com o nariz vermelho de frio, perfeitamente disposto a ajudar um garoto que não sabia trocar um pneu numa noite fria. E entre flashes repetitivos daquela imagem, eu via os lobos surgindo de manhã para arrastar meu corpo pelo chão, para mudar minha vida para sempre.

Beck havia feito aquilo. Beck havia decidido me pegar. Muito antes de meus pais decidirem que não me queriam, ele planejara me levar. Eles facilitaram as coisas para ele. Eu não sabia como viver com esse fato sem que me corroesse, sem que envenenasse todas as lembranças boas que eu tinha de minha infância. Sem que arruinasse tudo que Beck e eu tínhamos.

Eu não conseguiria entender como alguém podia ser Deus e o diabo ao mesmo tempo. Como a mesma pessoa podia destrui-lo e savá-lo. Se tudo o que eu era, bom e ruim, estava envolvido com ele, como eu saberia amá-lo ou odiá-lo?

No meio da noite, Grace acordou, com os olhos arregalados e o corpo tremendo. Ela disse meu nome, como Beck dissera anos antes no acostamento, e então, como Beck, ela me deixou apenas com uma muda de roupas e mil perguntas sem resposta.

Capítulo 34

ISABEL

O telefone celular de Sam me despertou às sete da manhã seguinte. Normalmente, eu me arrumava para ir à escola às sete da manhã, mas era fim de semana, e por isso eu estava deitada na minha cama, calçando meus tênis de corrida. Eu corria porque era vaidosa e corre, deixava as minhas pernas ótimas.

Atendi o telefone.

- Alô? — Não sabia ao certo o que esperar.

- Eu sabia — disse Cole. — Sabia que você atenderia o telefone se pensasse que era o Sam.

- Ai, meu Deus. Você existe de verdade?

- Existo de verdade, sim. Posso entrar?

Saí da cama, fui até a janela e espiei. Consegui ver a ponta de uma perua meio feia na frente da casa.

- Você está dentro dessa geringonça?

- Ela fede — disse Cole. — Eu convidaria você para sair e conversar comigo na privacidade do carro, mas é meio forte seja lá o que for que causa o odor.

- O que você quer, Cole?

- Seu cartão de crédito. Preciso comprar uma rede de pesca, alguns equipamentos e alguns tranqüilizantes que eu juro não serem tarja preta. Além disso, preciso deles até amanhã.

- Aposto que você está tentando ser engraçado.

- Eu disse ao Sam que poderia pegar o Beck. Vou fazer uma armadilha usando um buraco que Grace encontrou caindo dentro e atrair Beck até lá com sua comida preferida, que ele registrou em seu diário enquanto contava uma história a respeito de um incêndio na cozinha.

- Você está tentando ser engraçado. Caso contrário, vou dizer que você é um doido ao telefone.

- O odor é o elo mais forte com a memória.

Eu suspirei e voltei a me deitar na cama, com o telefone ainda na orelha.

- O que isso tem a ver com evitar que você seja morto pelo meu pai?

Fez-se uma pausa.

- Beck já mudou os lobos de lugar antes. Quero perguntar a ele sobre isso.

- E uma rede de pesca, alguns equipamentos e remédios ajudarão você a fazer isso?

- Se não ajudarem, vou me divertir.

Olhei para o teto. Muito tempo antes, Jack havia jogado papel molhado no ponto do teto onde começava o telhado inclinado, e ele continuava ali.

Suspirei.

- Beleza, Cole. Encontro você na porta lateral, perto das escadinhas que você já subiu uma vez. Estacione essa coisa em algum lugar que meus pais não vejam quando acordarem. E não faça barulho.

- Nunca faço barulho — disse Cole, e o telefone ficou silencioso ao mesmo tempo em que a porta de meu quarto se abriu.

Ainda deitada de costas, olhei para a porta e não me surpreendi ao ver Cole entrando. Ele fechou a porta com cuidado. Vestia uma calça cargo e uma camiseta preta lisa. Parecia uma celebridade, mas eu estava começando a perceber que isso tinha a ver com sua postura, não com o que vestia. Dentro do meu quarto, que era bonitinho, com tecidos leves e travesseiros que brilhavam e espelhos que retribuíam sorrisos, Cole parecia deslocado, mas eu começava a entender que isso, também, tinha a ver com como ele estava, não onde estava.

- Então, hoje, você é a Barbie Corredora — disse ele. Eu me lembrei que estava vestindo um short e calçando meus tênis. Ele caminhou até minha penteadeira e espirrou perfume no ar. E balançou a para afastar a névoa.

- Hoje, sou a Barbie Mal-humorada - respondi.

Cole pegou meu terço da penteadeira, passando o polegar em cima de uma das contas. Ele segurava o objeto com um gesto familiar, apesar de ser difícil imaginar Cole St. Clair entrando numa igreja sem incendiá-la. - Prensei que a porta lateral

estivesse trancada.

- Não muito.

Fechei os olhos. Olhar para ele estava fazendo com que eu me sentisse... cansada. Senti o mesmo peso dentro de mim que havia sentido no II Pomodoro. Pensei que o que eu realmente precisava era ir parar onde ninguém me conhecesse e começar de novo, sem as decisões de antes, sem as conversas ou expectativas.

A cama rangeu quando Cole subiu nela e se deitou de costas ao meu lado. Ele cheirava a limpeza, como creme de barbear e praia, e percebi que ele devia ter caprichado antes de ir à minha casa. Isso também fazia com que eu me sentisse esquisita.

Fechei os olhos de novo.

- Como está a Grace? Em relação à Olivia?

- Não sei. Ela se transformou ontem à noite, por isso a trancamos no banheiro.

- Eu não era amiga da Olivia — eu disse. Parecia importante que ele soubesse. — Eu não a conhecia, na verdade.

- Eu também não. — Cole fez uma pausa. E disse com a voz diferente: — Eu gosto da Grace.

Ele disse aquilo como se fosse algo sério e, por um momento, pensei que ele estivesse falando sobre gostar de verdade, e não compreendi muito bem. Mas, então, ele esclareceu: - Gosto do relacionamento dela com o Sam. Acho que nunca acreditei no amor, na verdade. Pensava que era algo criado pelo James Bond, há muito tempo, só para transar.

Ficamos deitados ali, sem falar, por mais alguns minutos. Do lado de fora, as aves acordavam. A casa estava sem silêncio; a manhã não estava fria o suficiente para ligarmos o aquecedor. Era difícil não pensar que Coe estava deitado bem ali do meu lado, ainda que calado, principalmente porque ele cheirava bem e eu me lembrava exatamente de como era beijá-lo. Eu também conseguia me lembrar da última vez em que vira Sam beijar Grace, e eu me lembrava, mais do qualquer coisa, de como a mão de Sam ficou, pressionando Grace enquanto eles se beijavam. Não achava que tinha sido daquela maneira quando Cole e eu nos

beijamos. Pensar naquilo estava confundindo as coisas dentro de mim de novo, por desejar Cole e não saber se era o mais certo. Eu me sentia culpada, suja, eufórica, como se já estivesse me entregado.

- Cole, estou cansada - eu disse. Não entendi por que disse aquilo.

Ele não respondeu. Simplesmente ficou deitado ali, mais quieto do que pensei ser possível.

Irritada com o silêncio dele, fiquei pensando se deveria perguntar se ele havia me escutado.

Por fim, num silêncio tão grande que escutei seus lábios se separarem antes de falar, ele disse: - Às vezes, eu penso em telefonar para minha casa.

Eu sabia que Cole era egocêntrico, mas aquilo, em minha opinião, era inédito em nossa relação, ele rebatendo uma confissão minha com outra dele.

E continuou:

- Acho que vou telefonar para minha casa e dizer à minha mãe que não estou morto. Acho que vou telefonar para o meu pai e perguntar se ele gostaria de bater um papo para discutir o que a meningite causa às células. Ou, então, acho que vou telefonar para o Jeremy, ele era meu baixista, para dizer que não estou morto, mas não quero que me procurem mais. Dizer a meus pais que não estou morto, mas que nunca mais voltarei para casa. — Ele ficou quieto por tanto tempo depois disso que pensei que tivesse terminado de falar. Ficou em silêncio tempo suficiente para eu ver a luz da manhã em meu quarto em tom pastel ficar mais clara quando a névoa começou a se desfazer.

E então ele disse:

- Mas fico cansado só de pensar em fazer isso. Faz com que eu me lembre daquele sentimento que tinha antes de partir. Como se meus pulmões fossem feitos de chumbo. Como se eu não conseguisse sequer começar a pensar em me importar com alguma coisa. Como se eu quisesse que todos eles estivessem mortos ou que eu estivesse, Porque não suporto a força dessa história entre nós. Isso tudo antes de pegar o telefone. Estou tão cansado que não quero mais acordar.

Mas percebo agora que não foram eles que fizeram com que eu me sentisse assim. Fui eu, apenas, o tempo todo.

Não respondi. Estava pensando naquela revelação no banheiro do II Pomodoro. Aquela vontade de terminar, de uma vez, de sentir que terminei, de não querer nada. Pensando que Cole havia descrito exatamente a fadiga que eu sentia.

- Faço parte do que você detesta em si mesma - disse Cole.

Aquilo não foi uma pergunta.

É claro que ele fazia parte do que eu detestava em mim mesma.

Tudo fazia parte do que eu detestava em mim mesma. Não era algo pessoal.

Ele se sentou.

- Vou embora.

Ainda conseguia sentir o calor no colchão, no ponto em que ele estivera.

- Cole — eu disse. — Você acha que sou digna de ser amada?

- Como assim? Com carinho e...?

- Eu me refiro a "digna de ser amada" — respondi.

Cole não desviou o olhar. Por um momento, eu tive a estranha sensação de que conseguia vê-lo exatamente como era quando mais jovem e como seria quando estivesse mais velho. Foi uma visão forte e secreta do futuro dele.

- Talvez — respondeu ele. — Mas você não deixa ninguém tentar.

Fechei os olhos e engoli em seco.

- Não sei a diferença entre não lutar e desistir — eu disse.

Apesar de meus olhos estarem bem fechados, uma única lágrima quente rolou pelo meu rosto, do lado esquerdo. Fiquei muito brava por ela ter escapado. Muito brava.

Senti a cama afundando quando Cole se aproximou. Senti mais do que vi quando ele se inclinou sobre mim. Sua respiração, quente e comedida, eu senti no rosto. Duas respirações. Três. Quatro. Eu não sabia o que queria. E então, não escutei mais as respirações e, um segundo depois, senti os lábios dele nos meus.

Não foi como o beijo que havíamos dado antes, faminto, cheio de desejo, desesperado. Foi um tipo diferente de todos os beijos que eu já tinha dado. Aquele beijo foi tão suave que era como a lembrança de um beijo, delicado em meus

lábios, como se alguém passasse os dedos sobre eles. Meus lábios se entreabriram e esperaram; foi muito silencioso, um sussurro, não um grito. Cole tocou meu pescoço, com o polegar pressionado em minha pele perto da mandíbula. Não era um toque do tipo eu quero mais. Era um toque que dizia eu quero isso. Foi totalmente sem som. Acho que nós dois não estávamos respirando.

Cole se sentou, lentamente, e eu abri os olhos. Sua expressão, como sempre, era impassível, o rosto que ele mostrava quando algo importava. Ele disse: - É assim que eu a beijaria se a amasse.

Ele ficou em pé, pegou as chaves do carro de cima da cama. Não olhou para mim ao sair, e fechou a porta.

A casa estava tão silenciosa que escutei seus passos na escada, os cinco primeiros lentos e hesitantes, e então todos os outros apressados. Levei o polegar ao pescoço onde Cole estivera e fechei os olhos. Não senti vontade de lutar nem de desistir. Não havia percebido que exista uma terceira opção, e mesmo se tivesse percebido, não teria percebido que ela tinha a ver com Cole.

Soltei o ar, a respiração comprida e ruidosa sobre lábios recém-beijados. Então, me sentei e peguei meu cartão de crédito.

Capítulo 35

SAM

Eu não estava muito a fim de ir trabalhar na manhã seguinte, já que o mundo estava acabando, mas não consegui pensar numa desculpa convincente e plausível para dar a Karyn, então saí de casa e dirigi até Mercy Falls. Não conseguia tolerar os sons feitos por Grace, a loba, acabando com as paredes do banheiro do andar de baixo, então foi um alívio, de certo modo, sair dali, ainda que eu me sentisse culpado por pensar dessa maneira. O fato de eu não estar ali para ver seu pânico não significava que ela não o sentiria.

O dia estava lindo, sem sinal de chuva pela primeira vez em uma semana. O céu estava azul, o tom do verão, meses antes, e as folhas das árvores pareciam ter mil tons de verde, desde o verde-elétrico, plástico, até outro, um pouco mais claro do que a cor preta. Em vez de estacionar atrás da loja, como sempre fazia, estacionei na rua principal, longe o suficiente do centro da cidade para não ter de usar o parquímetro. Em Mercy Falls, havia poucos quarteirões. Deixei a jaqueta no banco do passageiro do Volkswagen, enfiei as mãos nos bolsos e comecei a caminhar.

Mercy Falls não era uma cidade rica, mas era pitoresca, a seu próprio modo e, por conta disso, era uma cidade com boas condições. Seu charme e sua proximidade com a bela Boundary Waters atraíam os turistas e os turistas traziam dinheiro. Mercy Falls tinha várias ruas de lojas do tipo butique para tirar o dinheiro dos turistas. As lojas eram daquelas que faziam os maridos esperarem dentro do carro ou fazia com que eles fossem a uma loja de ferragens na Grieves Street, mas, ainda assim, eu olhava pelas janelas enquanto caminhava. Eu me mantinha na beira da calçada para que o sol da manhã me atingisse. Era bom senti-lo em minha pele, um pequeno prêmio de consolação naquela semana terrível e maravilhosa.

Passei na frente de uma loja que vendia roupas e objetos diversos, e parei diante da vitrine. Um manequim sem cabeça exibia um vestido branco de verão. Era uma peça simples, com faixas finas sobre os ombros, uma faixa solta na cintura. O vestido era de algodão. Imaginei Grace vestida com ele, as faixas estreitas sobre

seus ombros, um triângulo da pele nua abaixo de sua garganta, a barra cobrindo seus joelhos. Consegui imaginar seu quadril sob o fino material, minhas mãos prendendo o tecido ao redor de sua cintura quando a puxasse para mim. Era um vestido solto, que combinava com o verão e com a grama na altura da panturrilha, e o cabelo loiro ainda mais claro sob o sol forte.

Fiquei ali por um momento, analisando-o, querendo o que ele representava. Parecia algo tolo em que se pensar naquele momento, quando tanta coisa estava em jogo. Apoiei o peso do corpo de um lado do corpo e depois do outro, três vezes, prestes a partir, a retomar o caminho. E todas às vezes, aquela imagem de Grace — do vento erguendo a barra do vestido, pressionando o tecido em sua barriga e seios — me mantinha fixo na frente da vitrine.

Comprei a peça. Tinha quatro notas de vinte na carteira — Karyn havia pagado em dinheiro na semana passada — e parti dali com uma delas e um pequeno pacote com o vestido dentro. Voltei para guardá-lo no carro e entrei na Crooked Shelf, olhando para a calçada que se estendia à minha frente, sentindo o calor e a incerteza de ter comprado um presente que custava mais do que um dia de trabalho. E se ela não gostasse? Talvez eu devesse ter guardado o dinheiro para comprar uma aliança. Ainda que ela realmente quisesse se casar comigo, o que parecia algo impossível, uma aliança era algo distante. Eu não fazia ideia de quanto uma aliança custava, e talvez precisasse começar a economizar. E se eu dissesse que havia comprado um presente, ela esperasse receber a aliança e se decepcionasse? Eu me senti, ao mesmo tempo, como o rapaz de dezenove anos mais velho do mundo e o mais jovem — o que eu estava fazendo pensando em alianças, e por que não havia pensado nisso antes? E talvez, com sua natureza prática, Grace ficasse irritada por eu ter comprado um presente para ela em vez de fazer algo a respeito da caça.

Então, eram essas coisas em que pensava quando entrei na livraria. Com a mente tão longe do corpo, a loja parecia um local solitário quando foi aberta. Era sábado, então, uma hora depois de eu abrir a loja, Karyn entrou pela outra porta, recolhendo-se na pequena sala dos fundos para fazer os pedidos e a contabilidade. Karyn e eu tínhamos um relacionamento fácil; era bom saber que ela estava na loja mesmo quando não estávamos conversando.

Não havia clientes na loja e eu estava inquieto, por isso voltei para a sala de

trabalho. O sol recendia pela janela da frente, forte, chegando até o fundo da loja. Ele aquecia meu corpo, um calor confortante, e me recostei na porta.

- Oi — eu disse.

Karyn já estava sentada, cercada por notas e catálogos de livro. Ela me olhou com um sorriso simpático. Para mim, tudo em Karyn era sempre simpático — ela era uma daquelas mulheres que sempre se mostravam à vontade consigo mesmas e com o mundo, usando moletom ou pérolas. Se ela me achava estranho desde o desaparecimento de Grace, não demonstrou. Eu queria poder dizer a ela como precisava daquela atitude, aquela simpatia imutável.

- Você parece feliz — disse ela.

- É mesmo?

- Mais feliz — respondeu. — O movimento está maior?

Dei de ombros.

- Tem sido tranqüilo. Varri a loja. E tirei algumas marcas de dedos da vitrine.

- Crianças... quem precisa delas? — perguntou Karyn. Era uma pergunta retórica. Ela continuou: — Se o tempo esquentar, as pessoas virão. Ou se aquela seqüência de Tate Flaugherty saísse, as pessoas viriam aos montes. Talvez devêssemos preparar a vitrine para ela. O que acha de um tema Alasca para *Mayhem in juneau*?

Fiz uma careta.

- Parece que Minnesota já está desgastada com esse tema Alasca.

- Hahaha. Verdade.

Pensei em meu violão, na aurora boreal sobre minha cabeça, canções que eu precisava escrever sobre os últimos dias.

- Deveríamos expor biografias de músicos - eu disse. - Seria uma boa vitrine.

Karyn fez gesto para mim com seu lápis.

- Acertou em cheio. - Ela abaixou o lápis e bateu na carta diante dela, um gesto que de repente me lembrou Grace. - Sam, sei que Beck está... doente, e isto talvez não seja uma prioridade para você, mas já pensou no que fazer na faculdade?

Hesitei com aquela pergunta e cruzei os braços. Ela olhou para meus braços cruzados como se eles fossem parte da resposta. Respondi:

- Ainda não pensei muito. - Mas não queria que ela pensasse que eu estava desmotivado, então disse: - Estou esperando para ver onde Grace vai estudar.

Percebi, logo em seguida, que aquela frase estava errada, por cerca de três motivos diferentes, e o principal deles era o fato de Grace estar desaparecida, oficialmente.

Mas Karyn não pareceu confusa nem com pena de mim. Apenas me olhou por um bom tempo, os lábios sérios e um dos polegares apoiados no queixo. Naquele momento, tive a impressão de que ela sabia sobre nós, de alguma forma, e que eu e Beck pensávamos que ela não sabia.

Não pergunte.

Ela disse:

- Eu estava pensando porque, se você não vai para a faculdade, talvez quisesse trabalhar em período integral aqui.

Não era o que eu esperava que ela dissesse, por isso não respondi Karyn disse:

- Sei o que está pensando, que não vai ganhar muito aqui. Posso aumentar o salário em dois dólares por hora.

- Você não tem dinheiro para isso.

- Você vende muitos livros para nós. Eu me sentiria melhor por saber que você está atrás do balcão. Sempre que você está aqui, eu não preciso me preocupar com o andamento das coisas.

- Eu... — Eu me sentia agradecido pela oferta. Não por precisar do dinheiro, mas porque precisava da confiança. Senti o rosto quente, um sorriso à mostra.

Karyn pressionou.

- Eu me sinto um pouco culpada por tentar manter você longe da faculdade por mais um ano, mas se for esperar...

Escutei a campainha da porta da frente tocar ao ser aberta. Um de nós teria de ir até lá, e gostei da interrupção. Não porque a conversa estivesse esquisita ou ruim, muito pelo contrário. Eu precisava de um momento para pensar naquilo,

analisar bem para saber o dizer e o que demonstrar quando conversássemos de novo. Senti que estava parecendo ingrato demais, lento demais. Perguntei:

- Posso pensar?

- Eu ficaria surpresa se não quisesse pensar — disse Karyn. - Você é um pouco previsível, Sam.

Sorri para ela e voltei para a frente da loja, e por isso estava sorrindo quando o policial me viu. Meu sorriso se desfez. Na verdade ele se prolongou por um momento a mais, meus lábios mostrando uma emoção que havia desaparecido segundos antes. O policial podia estar ali por qualquer motivo. Podia estar ali para falar com Karyn. Podia estar ali para perguntar alguma coisa rápida.

Mas sabia que não era o caso.

Percebi que se tratava do policial William Koenig, que era jovem, calmo, familiar. Quis pensar que nossas interações anteriores pesariam muito em meu favor, mas seu rosto me dizia tudo o que eu precisava saber. Ele não demonstrava nada em sua expressão, como alguém que estava sendo forçado a se arrepender da generosidade do passado.

- Você é um homem difícil de encontrar, Sam — disse Koenig quando me aproximei dele, lentamente. Minhas mãos estavam meio bobas soltas ao lado do corpo.

- Sou? — perguntei. Eu me senti nervoso e defensivo, apesar de o tom de voz dele ser calmo. Eu não me importava em ser encontrado.

E também não gostava que me procurassem.

- Eu disse a eles que este era o lugar onde encontraríamos você disse Koenig.

Assenti.

- Foi um chute muito bom. — Pensei em perguntar *Em que posso ajudá-lo?,* mas eu não queria saber. Queria ficar em paz para processar tudo que havia acontecido comigo nas últimas 72 horas.

- Precisamos fazer algumas perguntas a você — disse Koenig. Atrás dele, a porta rangeu quando uma mulher entrou. Ela segurava uma bolsa roxa enorme para a qual eu não conseguia parar de olhar.

- Onde estão os livros de autoajuda? — perguntou ela. Parecia alheia ao fato de haver um policial bem na minha frente. Talvez as pessoas conversassem com policiais de modo casual o tempo todo. Era difícil imaginar.

Se Koenig não estivesse ali, eu teria dito a ela que todos os livros já escritos eram livros de auto ajuda e que gostaria que ela fosse mais específica. E ela teria partido com quatro livros em vez de um, porque era o que eu conseguia fazer. Mas com Koenig ali, simplesmente respondi:

- Ali. Atrás da senhora.

- Vamos à delegacia — disse Koenig. — Para mantermos a sua privacidade.

Para a minha privacidade.

Aquilo não era bom.

- Sam? — disse Koenig.

Percebi que ainda estava observando aquela bolsa de couro roxo se mover lentamente pela loja. O telefone celular da mulher tocou e ela agora conversava.

-Tudo bem — retruquei. — Preciso mesmo fazer isso, certo? Koenig respondeu:

- Você não tem que fazer nada. Mas as coisas são bem menos feias sem uma intimação.

Assenti. Palavras. Eu precisava dizer alguma coisa. O que eu precisava dizer? Pensei em Karyn, nos fundos da loja, acreditando que tudo estava bem porque eu estava ali.

- Preciso dizer à minha chefe que terei de sair. Tudo bem?

- Claro que sim.

Eu o senti olhando para mim enquanto caminhava até os fundos da loja.

- Karyn - chamei-a, recostando-me no batente. Não consegui deixar a voz num tom casual, mas tentei. Percebi que nem sempre eu chamava pelo nome e foi meio esquisito.— Sinto muito, mas preciso sair um pouco. Hum, o policial Koenig... eles querem me fazer algumas perguntas.

Por um segundo, sua expressão permaneceu inalterada, mas logo ficou mais séria.

- O quê? Eles estão aqui agora?

Ela se levantou da cadeira e me afastei da porta para ela poder confirmar que Koenig estava ali no corredor, olhando para uma das garças de papel que eu havia pendurado em cima do balcão.

- O que está acontecendo? - perguntou ela. Usou a com a mesma rapidez e eficiência que usava ao conversar com um cliente difícil; não tinha tom de brincadeira e não demonstrava emoção. A Karyn Mulher de Negócios, como dizíamos. Ela se transformava numa mulher totalmente diferente.

- Senhora - disse Koenig se desculpando. Aquela era uma reação normal à Karyn Mulher de Negócios -, um de nossos investigadores tem algumas perguntas a fazer ao Sam. Ele me pediu para levá-lo à delegacia para conversar com privacidade.

- Conversar — repetiu ela. — O tipo de conversa que seria melhor na presença de um advogado?

- Isso fica a critério do Sam. Mas ele não está sendo acusado de nada neste momento.

Neste. Momento.

Karyn e eu entendemos. Neste momento era outra maneira de dizer ainda. Ela olhou para mim.

- Sam, você quer que eu chame o Geoffrey?

Eu sabia que meu rosto estava me entregando, porque ela respondeu à própria pergunta.

- Ele não está disponível, não é?

- Não preciso — eu disse.

- Isso me parece abuso — Karyn disse a Koenig. — Ele é um alvo fácil porque não é como todas as pessoas. Se Geoffrey Beck estivesse na cidade, teríamos essa conversa?

- Com todo o respeito, senhora — ponderou Koenig. — Se Geoffrey Beck estivesse na cidade, provavelmente seria a ele que faríamos perguntas.

Karyn se calou, com a expressão de insatisfeita. Koenig deu um passo atrás do

corredor do meio e fez um gesto em direção à porta frente. Eu consegui ver um carro de polícia estacionado na frente esperando por nós.

Fiquei imensamente grato por Karyn me defender. Por agir como se eu fosse problema dela. Ela disse:

- Sam, ligue para mim. Se precisar de qualquer coisa. Se não se sentir à vontade. Quer que eu vá junto?

- Não precisa — respondi de novo.

- Ele não terá problemas - disse Koenig. - Não estamos tentando colocar ninguém contra a parede aqui.

- Sinto muito por ter que sair - disse a Karyn. Normalmente ela passava poucas horas na loja aos sábados, e deixava a livraria nas mãos de quem estivesse trabalhando. Eu havia arruinado todo o seu dia.

- Sam, você não fez nada de errado - disse Karyn. Ela se aproximou e me abraçou com força. Ela cheirava a jacinto. A Koenig, ela disse, tirando a Katyn Mulher de Negócios de cena e aplicando uma acusação em seu tom de voz. - Espero que isso valha a pena para vocês.

Koenig permitiu que eu atravessasse o corredor na frente dele.

Percebi que a mulher da bolsa roxa estava me observando partir, com o telefone celular ainda na orelha. O volume estava alto o bastante a ponto de conseguirmos ouvir a mulher do outro lado da linha perguntando: *"Estão prendendo ele?"*

- Sam - disse Koenig -, apenas diga a verdade.

Ele não sabia o que estava pedindo.

Capítulo 36

COLE

Quando saí da casa dos Culpeper, apenas dirigi. Eu estava com a velha perua BMW de Ulrik, um pouco do dinheiro que levara, ninguém para me dizer para não ir.

No rádio, eu escutava uma música de uma banda que havia tocado na abertura de nosso show, uma vez. Eles foram ótimos ao vivo e fiquei contente, algo difícil de conseguir naquele momento. Eu deveria ter agradecido por eles terem nos feito parecer bacanas. O nome do vocalista era Mike, Mack ou Abel, alguma coisa assim. Depois do show, ele me abordou, totalmente bêbado, e me disse que eu era sua maior influência. Conseguia ver a semelhança.

Agora, um milhão de anos depois, eu escutava o DJ descrever o single como o único sucesso da banda. Segui dirigindo. O telefone de Sam continuava em meu bolso, e não estava tocando, mas não me importei, pela primeira vez. Eu tinha a sensação de ter deixado uma mensagem para Isabel que não exigia um retorno. O que eu tinha dito bastara.

Os vidros da janela estavam abaixados e meu braço pendia para fora, o vento batendo nele, minha mão úmida. A paisagem de Minnesota se estendia dos dois lados da estrada de mão dupla. Eu só via pinheiros, rochas espalhadas aleatoriamente, casas e lagos que de repente brilhavam atrás das árvores. Pensei que os moradores de Mercy Falls podiam ter decidido construir casas feias para compensar toda a beleza natural. Para impedir que o local explodisse, ou algo assim, por um excesso de excentricidade.

Fiquei pensando no que havia dito a Isabel, a respeito de telefonar para minha família. Eu estava sendo sincero. A ideia de telefonar para meus pais parecia impossível e impalatável. No diagrama de Venn que éramos eu e eles, o espaço onde nossos círculos se encontravam ficada vazio.

Mas ainda assim eu pensava em telefonar para Jeremy. Jeremy, o residente yogi-baixista. Tentei imaginar o que ele estava fazendo sem mim e Victor. Gostava de imaginar que ele havia usado seu dinheiro para ser mochileiro na índia ou algo

assim. O mais especial a respeito de Jeremy, o que me dava vontade de telefonar para ele e para mais ninguém, era que ele e Victor sempre me conheceram melhor do que ninguém. Era isso que a NARKOTIKA era: uma maneira de conhecer Cole St. Clair. Victor e Jeremy haviam passado anos de suas vidas ajudando a descrever a dor de ser eu mesmo a centenas de milhares de ouvintes.

Eles faziam isso com tanta freqüência que podiam fazer sem mim.

Eu me lembrei de uma entrevista na qual eles se saíram tão bem que eu não me incomodei em responder a mais nenhuma pergunta. Estávamos sendo entrevistados de nosso quarto no hotel. Era bem cedo, porque tínhamos um vôo mais tarde. Victor estava de ressaca e chato. Jeremy comia barrinhas no café da manhã sentado à pequena mesa com tampo de vidro no cômodo. O quarto tinha uma varanda estreita com vista para o nada, e eu havia aberto a porta e estava deitado no concreto. Eu estava fazendo abdominais com os pés presos na última parte do cordame, mas naquele momento estava apenas observando os rastros que os aviões deixavam no céu. O entrevistador se sentou com as pernas cruzadas numa das camas desarrumadas. Ele era jovem, com os cabelos espetados, arrumado e seu nome era Jan.

- Quem escreve mais canções? — Jan perguntou. — Ou é uma coisa que vocês fazem em grupo?

- É algo que fazemos em grupo — disse Jeremy, de seu modo lento e simples. Ele havia adotado um sotaque do sul quando passou a praticar o budismo.

- Cole escreve as letras e eu levo café para ele beber, e então Cole escreve a música e Victor leva biscoitos para ele comer.

- Então é você que escreve a maior parte das letras, Cole? - Jan aumentou a voz para que eu conseguisse escutá-lo melhor da varanda. - De onde tira sua inspiração?

De onde eu estava na varanda olhando para cima, conseguia ver duas coisas: as laterais de tijolinhos aparentes dos prédios do outro lado da rua, ou um quadrado de céu sem cor. Todas as cidades eram iguais quando nos deitávamos e olhávamos para cima.

Jeremy puxou um pedaço de sua barrinha; conseguimos ouvir as migalhas se espalhando pela mesa. Da outra cama, soando corno se estivesse de TPM, Victor

disse:

- Ele não vai responder isso.

Jan mostrou-se verdadeiramente confuso, como se eu tivesse sido a primeira pessoa a não responder a uma de suas perguntas.

- Por quê?

- Porque não. Ele detesta essa pergunta — disse Victor. Seus pés estavam descalços; ele estalou os dedos dos pés. - É uma pergunta meio idiota, cara. A vida, não é? É nela que nos inspiramos.

Jan fez uma anotação. Ele era canhoto e escrevia de um modo esquisito, como se fosse um boneco Jen com as peças encaixadas meio tortas. Torci para que ele estivesse escrevendo Nunca mais fazer essa pergunta.

- Certo. Bem, seu *One/Or the Other* acabou de estrear na parada dos 10 mais da Billboard. O que vocês acham desse sucesso incrível?

- Vou comprar uma BMW para a minha mãe — disse Victor. — Não, vou comprar a Bavaria. É lá que as BMWs são feitas, certo?

- O sucesso é um conceito arbitrário — disse Jeremy.

- O próximo será melhor — completei. Eu não havia dito isso em voz alta antes, mas agora tinha que fazê-lo, então era verdade.

Jan tomou mais anotações. Ele leu a pergunta seguinte que havia em seu papel.

- Bem, isso quer dizer que vocês derrubaram o disco do Human Parts Ministry da parada dos 10 mais, onde estava havia quarenta semanas. Ou melhor, quarenta e uma. Prometo que não haverá erros na entrevista impressa. Como estava dizendo, o Joey do Human Parts Ministry disse acreditar que *"Looking Up or Down"* foi um sucesso que durou tanto tempo na preferência do público porque muitas pessoas identificavam com as letras. Vocês acham que os ouvintes se identificam com as letras de *One/Or the Other?*

One/ Or the Other era sobre o Cole que eu escutava nos monitores do palco versus o Cole que vagava pelos corredores do hotel à noite.

Era o que definia *One/Or the Other:* saber que eu estava cercado por adultos

com vidas que eu não me imaginava vivendo. Era o murmúrio dentro de mim que me dizia para fazer algo e não encontrava nada para fazer que significasse alguma coisa, a parte de mim que era como uma mosca batendo num pára-brisa. Era a vaidade do envelhecimento. Era um trecho de piano tocado da maneira certa de primeira. Era a primeira vez em que chamei Angie para sair e ela estava vestindo um casaco que a deixava parecida com sua mãe. Eram as estradas que davam em becos e carreiras que terminavam com mesas e canções gritadas numa academia à noite. Era a percepção de que aquela era a vida, e eu não me encaixava ali.

- Não — eu disse. — Acho que tem a ver com a música.

Jeremy terminou de comer sua barrinha. Victor estalou os dedos.

Observei pessoas do tamanho de germes voarem num avião do tamanho de uma formiga.

- Fiquei sabendo que você cantava no coral da igreja, Cole — disse Jan, consultando suas anotações. — Ainda é um católico praticante? E você, Victor? Jeremy, eu sei que você não é.

- Eu acredito em Deus — disse Victor. Não pareceu convincente.

- E você, Cole? — perguntou Jan.

Observei o céu vazio, à espera de outro avião. Era isso ou olhar para as laterais vazias dos prédios. Um ou outro.

- Olha o que eu sei sobre o Cole — disse Jeremy. Marcado pelo silêncio, parecia que ele estava num palanque. — A religião do Cole é ridicularizar o impossível. Ele não acredita no impossível. Ele não acredita no não. A religião de Cole é esperar que alguém diga a ele que algo não pode ser feito, para ele poder fazê-lo. Qualquer coisa. Não importa o que seja, desde que não possa ser feito. Vou contar uma história até então desconhecida. No começo dos tempos, havia um mar e um vazio, e Deus colocou o oceano no mundo e fez um vazio em Cole.

Victor riu.

- Pensei que você tivesse dito ser budista — disse Jan.

- Em meio-período — respondeu Jeremy.

Ridicularizar o impossível.

Agora, os pinheiros se estendiam tão alto dos dois lados da estrada que eu me sentia passando no meio do mundo. Mercy Falls estava muitos quilômetros atrás de mim.

Voltei a ter dezesseis anos, e a estrada se abria à minha frente, infinitas possibilidades. Eu me sentia limpo, vazio, perdoado. Poderia dirigir para sempre, para qualquer lugar. Poderia ser qualquer pessoa.

Mas senti a atração do Bosque da Fronteira ao meu redor e, nessa ocasião, o fato de ser Cole St. Clair deixou de parecer uma maldição.

Eu tinha um propósito, um objetivo, e era o impossível: encontrar uma cura.

Eu estava muito perto.

A estrada voava sob o carro; minha mão estava fria pela exposição ao vento. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sentia poderoso. A mata havia tomado aquele vazio, o que pensava que nunca poderia ser cheio, satisfeito, e ela havia me feito perder tudo — coisas que eu não sabia que queria manter.

E, no fim, eu era Cole St. Clair, em uma nova pele. O mundo estava a meus pés e o dia se estendia por quilômetros.

Tirei o telefone de Sam do bolso e teclei o número de Jeremy.

- Jeremy — eu disse.

- Cole St. Clair — respondeu ele, lento e tranqüilo, como se não estivesse surpreso.

Fez-se uma pausa do outro lado da linha. E como ele me conhecia, não precisou esperar que eu falasse.

- Você não vai voltar para casa, certo?

Capítulo 37

SAM

Eles me interrogaram num a cozinha.

A delegacia de policia de Mercy Falls era pequena e parecia mal-preparada para interrogatórios. Koenig me guiou pelo corredor e passamos por uma sala repleta de despachantes – eles pararam de conversar para olhar para mim – e por dois escritórios repletos de mesas e pessoas uniformizadas diante de computadores, até chegarmos a um pequeno cômodo com pia, geladeira e duas maquinas de salgadinhos, Estava na hora do almoço e o cômodo cheirava a refeições mexicanas congeladas e a vômito. Estava muito quente.

Koenig me direcionou a uma cadeira de madeira diante de uma mesa dobrável e tirou dali alguns guardanapos, um prato com uma barra de limão pela metade e uma lata de refrigerante. Ele os jogou no lixo e ficou em pé do lado, perto da porta, de costas para mim. Eu só conseguia ver sua nuca, a linha de seu cabelo curto, um corte imperfeito; a cicatriz chegava a um ponto no qual desaparecia para dentro de sua camisa. Pensei que talvez não tão dramática quanto a historia -, pensar que todo mundo tinha uma historia por trás de uma marca externa ou interna de repente me deixou exausto, o peso de todos aqueles passados não revelados.

Koenig estava conversando baixinho com alguém no corredor. Eu só peguei algumas palavras.

- Samuel Roth... não... intimação... corpo?... o que ele acha?

Senti um enjôo no mesmo instante, piorado pelo calor. Meu estômago não parava revirar e, de repente, tive a terrível sensação de que, apesar do calor, *por causa* do calor, eu ia me transformar ali naquela cozinha pequena e não teria como escapar.

Apoiei a cabeça nos braços; a mesa tinha cheiro de comida de comida velha, mas estava fria contra a minha pele. Meu estomago revirava e se contraia e, pela primeira vez em meses, me senti inseguro em meu próprio corpo.

Por favor, não se transforme. Por favor, não se transforme.

Repeti isso em minha mente a cada respiração.

- Samuel Roth?

Levantei a cabeça. Um policial de olhos caídos estava em pé na porta. Cheirava a tabaco. Parecia que tudo naquele cômodo era feito para um ataque certo aos meus sentidos de lobo.

- Sou o policial Heifort. Você se importa se o policial Koenig permanecer na sala enquanto conversamos?

Eu não estava bem para falar, por isso balancei a cabeça negando, os braços ainda pressionados contra a mesa. Meu peito parecia leve e solto dentro de mim.

Helfort puxou a cadeira do lado oposto – ele precisou afastá-la o suficiente para conseguir abrir espaço para sua pança. Segurava um bloco de anotações e uma pasta que colocou sobre a mesa. Atrás dele, Koenig apareceu na porta, os braços cruzados no peito. Koenig tinha muito mais cara de policial, na minha opinião, muito profissional e firme, mas a familiaridade de sua presença me acalmava. O policial pançudo parecia feliz demais com a ideia de me interrogar.

- Aqui – disse ele -, faremos algumas perguntas a você, que deve responde-las da melhor maneira que conseguir, tudo bem? – A voz dele tinha uma jovialidade que não se refletia em seus olhos.

Eu assenti.

- Por onde ande seu pai, Sam? Não temos visto Geoffrey Beck há bastante tempo – perguntou Heifort.

-Ele está doente – respondi. Era mais fácil usar uma mentira que eu já tinha usado antes.

- É uma grande pena – comentou Heifort. -O que ele tem?

- Câncer – retruquei. – Olhei para a mesa e murmurei. - Ele está fazendo um tratamento em Minneapolis.

Heifort anotou aquela informação. Desejei que ele não tivesse feito isso.

- Qual é o endereço do centro, você sabe? – perguntou ele.

Dei de ombros. Tentei dar de ombros e expressar tristeza ao mesmo tempo.

Koenig disse:

- Vou tentar descobrir depois.

Heifort também anotou aquilo.

Eu perguntei:

- Por que estão me interrogando? – Suspeitei que aquilo não tivesse a ver com Beck, mas, sim com Grace, e uma parte importante de mim resistia à ideia de ser preso pelo desaparecimento de alguém que eu havia abraçado na noite anterior.

- Bem, já que perguntou... – disse Helfort, e pegou uma pasta debaixo do bloco de anotações. Tirou uma fotografia e a colocou na minha frente, era um close de um pé. Um pé de menina, comprido e fino, os dois pés e o que eu conseguia ver da perna estavam entre folhas. Havia sangue entre os dedos.

Fiz uma longa pausa entre uma respiração e outra.

Heifort colocou mais uma foto em cima da primeira. Fiz uma careta e desviei o olhar, aliviado e aterrorizado.

- Isso quer dizer alguma coisa a você?

Era uma fotografia com flash forte de uma menina nua, pálida como a neve, muito magra, esticada nas folhas. Seu rosto e seu pescoço estavam destruídos. E eu a conhecia, na ultima vez em que vira aquela menina, ela estava bronzeada, sorrindo e alegre.

Ah, Olivia. Sinto muito.

- Por que está me mostrando isso? – perguntei. Não consegui olhar para a foto. Olivia não merecia ser morta por lobos. Ninguém merecia morrer daquele jeito.

- Pensamos que você pudesse nos dizer – disse Heifort. Enquanto falava, foi colocando mais fotos na minha frente, cada uma de um lado diferente da menina morta. Eu queria que ele parasse. Preciso que ele parasse. - Afinal, ela foi encontrada a poucos metros da propriedade de Geoffrey Beck. Nua. Depois de passar muito tempo desaparecida.

Um ombro nu manchado de sangue, A pele suja de terra. As palmas vindas para cima. Fechei os olhos, mas não conseguia deixa de ver as imagens da fotos. Senti que elas entravam em mim, viviam dentro de mim, tornavam-se algo que preencheria meus pesadelos.

- Eu não matei ninguém-afirmei. Tal negativa soou falsa. Como se tivesse sido dita num idioma que eu não dominava, eu disse aquilo com a inflexão tão errada que as palavras nem sequer fizeram sentido unidas.

-Esse foi trabalho de lobos - disse Heifort. - Eles a mataram. Mas não acho que eles a deixaram nua naquela propriedade.

Abri os olhos, mas não olhei para as fotografias. Havia um quadro de avisos na parede e nele eu vi um papel no qual se lia; *POR FAVOR, LIMPE O MICRO-ONDAS SE SEU ALMOÇO EXPLODIR DENTRO DELE. OBRIG. A GERÊNCIA.*

- Eu juro que não tive nada a ver com isso. Não sabia onde ela. Não fui *eu*. - Senti um aperto dentro de mim por saber quem tinha sido. Acrescentei; - Por que eu faria isso?

- Para ser sincero, filho, não faço a menor ideia – disse Heifort. Eu não entendi por que ele havia dito *filho*, já que seu tom de voz não combinava nem um pouco com aquilo. - Algum filho da puta doente fez isso, e é difícil entender o motivo, Só sei de uma coisa: duas meninas que conheciam você desapareceram no ultimo ano. Você foi a ultima pessoa a ver uma delas. Seu pai adotivo desapareceu há meses e você é o único que parece saber onde ele está. Agora, encontramos um corpo perto de sua casa, nu e comido pela metade, e parece o tipo de coisa que apenas um baita filho da puta doente faria. E no momento tenho na minha frente um cara que foi abusado pelos pais e isso complica bem a sua vida. Quer fazer algum comentário?

A voz dele era lenta e cordial durante todo o tempo em que falava. Koeing estava analisando a planta de um navio que nunca estivera de Minnesota.

Quando Heifort havia começado a falar, uma pontada de raiva surgiu de mim, e a cada momento essa pontada ficava mais e mais forte. Depois de tudo o tinha passado, eu não seria reduzido a uma definição de uma frase. Olhei para Heifort e não recuei. Vi seus olhos mais sérios e sabia que, como sempre, o amarelo dos olhos era desconcertante. Senti uma calma repentina e grande, e em minha voz escutei ecos de Beck.

- Há alguma pergunta a ser feita, policial? Pensei que o senhor quisesse que contasse o que fiz nos últimos dias, ou que eu descrevesse minha relação com meu pai ou dissesse ao senhor que eu

Faria qualquer coisa por Grace. Mas me parece difícil demais, porque o senhor quer que eu defenda a minha saúde mental. Não sei o que o senhor acha que eu fiz. Está me acusando de raptar meninas? Ou de matar meu pai? Ou o senhor só acha que estou atormentado?

- Ei, espere um minuto – disse Heifort. - Não acusei você de nada, Sr Roth. Trate de abaixar essa crista de ira adolescente agora mesmo, porque ninguém aqui o está acusando de nada.

Não me senti mal por ter mentido para ele antes, pois ele estava mentindo para mim naquele momento. Até parece que ele não estava me acusando.

- O que quer que eu diga? - Joguei todas as fotos da menina, Olivia para ele. - *Isso* é horrível. Mas não tenho nada a ver com essa coisa.

Heifort deixou as fotos onde elas estavam. Ele se virou na cadeira para olhar para Koenig, mas a expressão deste não se alterou. E então, ele se virou para mim de novo, com a cadeira rangendo. Esfregou um dos olhos.

- Quero saber onde Geoffrey e Grace Brisbane estão, Samuel. Eu já tenho experiência suficiente para saber que não existem coincidências. E você sabe qual é fator comum em todos esses casos? Você.

Eu não disse nada. Eu não era o fator comum.

- Você vai cooperar e me dizer algo sobre isso ou vai apenas fazer com que eu siga pelo caminho mais duro? - perguntou Heifort.

- Não tenho nada a dizer a você – eu disse.

Heifort ficou olhando para mim por muito tempo, como se esperasse que a minha expressão revelasse algo.

- Acho que seu pai não ajudou nem um pouco ensinando a você um linguajar de advogado – disse ele, por fim. - Você só tem isso a dizer?

Eu tinha muito mais a dizer, mas não para ele. Se Koenig estivesse fazendo as perguntas, eu teria dito a ele que não queria que Grace tivesse desaparecido. Que queria que Beck de volta. Que ele não era meu pai adotivo, mas sim meu pai. Que eu não sabia o que tinha acontecido com a Olivia, mas que estava tentando manter a sanidade. Eu queria que eles me deixassem em paz. E só. Deixem-me sozinho para lidar com essas coisas do meu jeito.

Eu disse: -Sim

Heifort estava franzido a testa para mim. Eu não sabia se ele acreditava em mim ou não. Depois de um tempo, ele disse:

- Acho que terminamos por enquanto. William, cuide dele, OK?

Koenig assentiu rapidamente enquanto Heifort se levantava. Respirar ficou mais fácil quando Heifort sumiu pelo corredor.

- Vou acompanhá-lo até seu carro – disse Koenig. Ele fez um gesto para que eu me levantasse. Eu me levantei, surpreso por sentir o chão firme sob meus pés. Minhas pernas estavam meio bambas. Comecei a atravessar o corredor atrás de Koenig, mas ele parou quando seu celular tocou. Ele pegou o aparelho de seu cinto e olhou para o visou.

- Espere um pouco – disse ele. - Preciso atender esse telefonema. Alô, aqui é William Koenig. Certo, senhor. Espere. O que houve agora?

Enfiei as mãos nos bolsos. Minha cabeça estava meio confusa; exausta por conta do interrogatório, por eu não me alimentar, pelas imagens de Olivia. Consegui escutar a voz de Heifort ecoando pela porta aberta da sala de despacho à minha esquerda. Os despachantes riram de algo que ele havia dito. Era esquisito imaginar que ele conseguia mudar daquele jeito – passar pela raiva diante da morte da menina e no minuto seguinte fazer piadinhas no escritório.

Ao telefone, Koenig estava tentando convencer alguém de que se sua esposa de quem ele havia se separado tinha levado seu carro, não se tratava de roubo, mas, sim, de uso de propriedade conjugal.

Escutei:

- Oi, Tom.

Provavelmente existiam dezenas de Toms em Mercy Falls. Mas eu soube naquele instante de qual Tom se tratava. Reconheci o cheiro de sua loção pós-barba e o arrepio em minha pele.

A sala de despacho tinha uma janela que dava para o corredor do outro lado de onde estávamos, e eu vi Tom Culpeper. Ele estava balançando as chaves dentro da bolsa do casaco – um daqueles casacos grandes descritos como “casacões

clássicos", que custavam quatrocentos dólares e costumavam ser usados por pessoas que passavam mais tempo em Land Rovers do que em celeiros. O rosto dele estava pálido e cansado, como ficava o rosto de alguém que não havia dormido, mas sua voa soava calma e controlada. Voz de advogado

Tentei decidir o que podia ser pior: correr o risco de ter que falar com Culpeper ou enfrentar o cheiro de vomito na cozinha. Pensei em me esconder.

Heifort disse:

- Tom! Ei cara. Espere, quero falar com você. - Ele saiu da sala de despachos, atravessou o corredor que levava à sala onde Culpeper estava, e abriu a porta. Pôs a mão no ombro de Culpeper. Era claro que eles se escondiam. - Está aqui a trabalho ou apenas criando problemas?

- Vim conferir o relatório do IML - disse Culpeper. - O que o filho de Geoffrey Beck disse?

Heifort deu passo para trás, curto o bastante para que Culpeper pudesse ver além dele, pudesse me ver.

- Por falar no diabo... – disse Culpeper.

Teria educado cumprimentá-lo. Não disse nada.

- Como vai seu velho? – perguntou Culpeper. Sua pergunta soou irônica, não apenas era evidente que ele não se importava, e também porque Culpeper estava longe de ser o tipo de pessoa que diria "seu velho" que o sarcasmo ficou evidente. Ele acrescentou:

- Fico surpreso por ele não estar aqui com você.

Minha estava séria.

_ Ele estaria se pudesse.

- Tenho conversado com Lewis Brisbane – disse Culpeper. - Falando sobre a assessoria jurídica. Os Brisbane sabem que estou por perto para ajudar se precisarem.

Não consegui pensar direito a respeito das implicações de Tom Culpeper atuar como advogado e confidente dos pais de Grace. De qualquer modo, a possibilidade de um futuro cordial com eles parecia muito distante. A possibilidade de qualquer

futuro que eu idealizava parecia extremamente distante.

- Você está totalmente desgastado, não é? – Tom Culpeper perguntou surpreso, e eu percebi que estava calado havia muito tempo, sem perceber o que minha expressão estava demonstrando enquanto eu estava perdido, incrédulo. Ele balançou a cabeça, mais surpreso do que cruel perante a estranheza de nossa situação difícil. - Um conselho: tente a alegação de insanidade. Que Deus abençoe a America.

Beck sempre gostou dos doidos.

Helfort, felizmente, tentou não sorrir.

Koenig desligou o telefone. Seus olhos estavam semicerrados.

-Senhores – disse, -Levarei o Sr. Roth de volta a seu carro agora, a menos que precisem dele para mais alguma coisa.

Heifort balançou a cabeça, lento e misterioso.

Culpeper se virou na minha direção, com a s mãos no bolso. Não havia raiva em sua voz. Claro, não haveria – ele estava com todas as cartas do jogo.

- Quando vir seu pai de novo – disse ele a mim -, pode dizer que os lobos desaparecerão em quartoze dias. Isso devia ter sido feito há muito tempo. Não sei o que vocês pensaram que estavam fazendo, mas acabou.

E eu vi Tom Culpeper cuidando de mim, sem ser vingativo. Apenas tinha uma ferida que se abria com muita frequência sem conseguir cicatrizar. Eu não podia julgá-lo. Ele não sabia a verdade. Não podia saber. Ele achava que eram apenas animais, e que nós, vizinhos descuidados, tínhamos prioridades loucas.

Mas eu também via que aquilo não pararia enquanto todos nos não estivéssemos mortos.

Koenig segurou meu braço e olhou para trás na direção de Culpeper.

- Acredito que o senhor está confundindo o filho com o pai sr. Culpeper.

- Pode ser – disse Culpeper. - Mas sabe como é... tal pai...

Koenig disse:

- Está na hora de irmos.

Capítulo 38

Grace

Sam demorou para chegar em casa.

Eu não me preocuparia.

Sem ele, eu ficava inquieta e não servia para nada na casa de Beck;

pelo menos enquanto vivia como loba, não sentia falta do que fazer e de objetivo tão grandes.

Eu não tinha percebido como grande parte de meu dia, antes, era repleto de lição de casa, cozinhar, planejar coisas malucas com Rachel e ainda mais lição de casa, Olivia, idas à biblioteca, consertar o quadro na sala que meu pai não consertava. Ler era uma recompensa pelo trabalho; sem trabalho, eu não conseguia me sentar com um livro para ler, ainda que o porão de Beck fosse cheio de livros.

Antes, eu só me preocupava em me formar com boas notas para não ter que me preocupar com a escolha da faculdade. E então, depois de conhecer Sam, mantê-lo humano foi mais uma tarefa acrescentada à lista.

Agora, nada disso precisava ser feito.

Eu tinha tanto tempo livre que o tempo livre não fazia sentido. Eu me sentia como se estivesse de férias da escola. Minha mãe havia dito, certa vez, que eu não sabia ter tempo de sobra e que deveria ser sedada quando estivesse de férias. Na época, pensei que tinha sido meio exagerado da parte dela, mas agora tudo fazia sentido.

Lavei as seis peças de roupa que eu tinha na casa de Beck, limpei a pilha de pratos da pia e, por fim, telefonei para Isabel porque não podia telefonar para mais ninguém e se eu não conversasse com alguém, começaria a chorar por causa de Olivia e isso não ajudaria em nada.

- Pode me dizer por que é uma má ideia contar a Rachel que estou viva? — questionei Isabel assim que ela atendeu.

- Porque ela vai enlouquecer, ter um acesso e vai fazer escândalo; os pais dela acabarão descobrindo, ela não vai mentir e todo mundo ficará sabendo —

disse Isabel, — Mais alguma pergunta? Não.

- Rachel sabe ser sensata.

- Ela acabou de saber que uma de suas amigas foi morta pelos lobos. Ela não será sensata.

Eu não disse nada. A única coisa que mantinha a minha mente no lugar era não pensar na morte de Olivia como algo concreto. Se eu começasse a pensar em como poderia ter acontecido, que não deveria ter sido rápido, que ela não merecia morrer — se eu começasse a pensar em como devia ter sido ficar deitada na neve sentindo a pele sendo arrancada por lobos, imaginando que Sam não estava lá para impedi-los — eu não acreditava que Isabel havia dito aquilo. Senti vontade de desligar naquele instante. A única coisa que me manteve na ligação foi saber que se desligasse ficaria sozinha com aquela imagem da morte de Olivia rolando em minha cabeça sem parar.

Isabel disse:

- Pelo menos foi assim que eu fiquei com a história do Jack. Sensata não é uma palavra que eu usaria para me descrever. Engoli em seco.

- Grace, não leve isso para o lado pessoal. É um fato. Quanto antes você aceitar os fatos, melhor ficará. Agora, pare de pensar nisso. Por que quer contar à Rachel?

Pisquei para afastar as lágrimas. Fiquei contente por Cole não estar ali. Ele me considerava uma dama de ferro e eu não queria convencê-lo do contrário. Apenas Sam podia ver como eu era insegura, porque, quando Sam sabia, era como se *eu* soubesse. Eu disse a Isabel:

- Porque ela é minha amiga e não quero que ela pense que estou morta. E porque gostaria de conversar com ela! Ela não é tão tola quanto você pensa.

- Que sentimental — disse Isabel. Não de um jeito cruel. — Você me pediu para dizer por que era uma má ideia e eu disse. Não mudarei a minha resposta.

Suspirei. Foi um suspiro exagerado e demonstrava mais tristeza do que eu queria.

- *Tudo bem* disse Isabel, como se eu tivesse gritado com ela. — Converse com ela. Mas não me culpe se ela não souber lidar com a verdade. — Ela riu,

uma piada que só ela entendeu, antes de continuar:

- Eu não contaria a ela sobre os lobos. Isto é, se você se importa com o que eu penso.

- Eu sempre me importo. Só às vezes é que não.

- Essa é a Grace de antes. Bem melhor. Estava começando a pensar que você se tornaria uma bobona.

Sorri porque aquilo era o máximo de uma demonstração de carinho que teria de Isabel. Então, pensei em outra coisa.

- Pode fazer mais uma coisa por mim? — perguntei.

- Não acaba nunca.

- Bem, não sei como descobrir de outra maneira. Não sei nem se você consegue descobrir sem fazer as pessoas suspeitarem. Mas se tem alguém que pode, esse alguém é você.

- Continue me elogiando, Grace. Tudo ajuda.

- Seu cabelo também é bem lindo — comentei, e ela riu. — Eu quero saber se ainda posso me formar se eu fizer aulas no verão.

- Para isso, você não teria que ser *humana*? Não que os idiotas deste ano sejam...

- Estou chegando lá — argumentei. —Já faz um tempo que não me transformo. Acho que posso dar um jeito. Assim que eu deixar de ser desaparecida.

- Quer saber do que precisa? De um bom advogado — disse Isabel.

Eu já tinha pensado nisso. Não tinha certeza do que a Lei Estadual de Minnesota dizia a respeito de fugas, como meu caso seria classificado, certamente. Era muito injusto que eu ficasse com uma marca em meu histórico por causa daquilo, mas eu daria um jeito.

- Conheço uma menina que tem um pai advogado.

Isabel riu de verdade ao escutar aquilo.

- Vou descobrir — disse ela. — Mas você deve tomar cuidado para terminar o

ensino médio sabendo que se transforma num exemplar de outra espécie nas horas vagas. É bem legal ver que algumas coisas nunca mudam. *Geek.* Nerds. Mascotinho da professora. Oh... mascotinho... isso ficou engraçado, agora que você tem pelos.

- Fico feliz por poder diverti-la — comentei, fingindo estar magoada.

Isabel riu de novo.

Eu também.

Capítulo 39

SAM

Dessa vez, Koenig fez um gesto para que eu me sentasse no banco da frente da viatura. O carro tinha ficado quente sob o sol forte, e Koenig combateu a alta temperatura ligando o ar condicionado no máximo. Estava tão quente que pequenas gotas caíam em meu rosto. O lobo que ainda devia existir dentro de mim não se mexeu. Tudo cheirava a desinfetante de pinho.

Koenig desligou o rádio. Estava tocando rock dos anos 1970.

Eu pensava em Culpeper atirando em minha família de dentro de um helicóptero.

O único som no carro era o chiado do rádio preso no ombro de Koenig. Meu estômago roncou alto, e Koenig se inclinou para abrir o porta-luvas em meus joelhos. Havia um pacote de biscoitos salgados ali dentro e duas barrinhas doces.

Peguei os biscoitos.

- Obrigado — agradeci. Eles não tinham sido oferecidos de maneira a impedir um agradecimento.

Koenig não olhou para mim.

- Eu sei que Heifort está enganado — disse ele. — Eu sei que o fator comum não é você.

Percebi que ele *não virou na direção da livraria. Estávamos* saindo de Mercy Falls.

- *Então, o* que aconteceu de fato? — perguntei. Havia algo parecido com ansiedade no ar. Ele poderia ter dito *Beck* ou Bosque da *Fronteira* ou qualquer outra coisa. Mas não acreditei que ele fosse dizer algo

Os lobos — disse Koenig**.**

Prendi a respiração. A voz do policial, abafada e intermitente no rádio.

- Unidade dezessete?

Koenig apertou um botão do rádio e inclinou a cabeça para o próprio ombro.

- Estou a caminho com um passageiro. Chamarei quando estiver tudo certo.

- Dez-quatro — respondeu ela.

Ele esperou um minuto e então disse, ainda sem olhar para mim:

- Agora, conte-me a verdade, Sam, porque não temos mais tempo a perder. Conte-me agora a verdade, não o que você disse a Heifort. Onde está Geoffrey Beck?

Os pneus faziam barulho na estrada. Não estávamos perto de Mercy Falls. As árvores passavam por nós, e eu me lembrei do dia em que dirigi para buscar Grace na loja de artigos de pesca. Parecia ter acontecido há um milhão de anos.

Eu não tinha como confiar nele. Ele não estava preparado para a verdade e, mesmo que estivesse, aquela era a nossa regra número um: não contar a ninguém a verdade a nosso respeito. Muito menos para um policial que tinha acabado de me ver sendo acusado de sequestro e assassinato.

- Não sei — resmunguei. Minha voz quase inaudível no meio do barulho da estrada.

Koenig fechou a boca e balançou a cabeça.

- Eu estava presente na primeira caça aos lobos, Sam. Não foi legal e me arrependo dela. A cidade toda estava em choque pela morte de Jack Culpeper. Eu estava lá quando eles os levaram pela mata para encurralá-los no lago. Eu vi um lobo naquela noite e nunca, jamais esqueci. Eles afastarão aqueles lobos da mata e atirarão em todos por cima, Sam, e eu vi os documentos que provam isso. Agora, vou perguntar de novo e você vai me dizer a verdade porque você e os lobos não têm escolha, só têm a mim. Seja sincero, Sam. *Onde está Geoffrey Beck*?

Fechei os olhos.

Com os olhos fechados, *vi* o corpo morto de *Olivia. Vi* o rosto de Tom Culpeper.

- Está no Bosque da Fronteira.

Koenig suspirou profundamente, entre os dentes.Grace Brisbane também — disse ele. — Certo?

Eu não abri os olhos.

- E você — disse Koenig. — Você estava lá. Diz pra mim que estou louco. Diz que estou errado e que me enganei quando vi um lobo naquela noite com os olhos de Geoffrey Beck.

Abri os olhos. Eu precisava ver qual era sua expressão ao dizer aquilo. Ele olhava diretamente para frente pelo para-brisa, com a testa franzida. A incerteza o tornava mais jovem; tornava o uniforme menos assustador.

- Você não está errado — retruquei.

- Não existe câncer.

Neguei balançando a cabeça. Koenig não virou a cabeça, mas ele assentiu levemente, como se para si mesmo.

- Não existem pistas que levem a Grace Brisbane não porque ela desapareceu, mas porque ela é... — Koenig parou. Não conseguia dizer aquilo.

Percebi que eu estava deixando bastante coisa fluir naquele momento. Estava deixando o tempo passar para ver se ele terminaria a frase ou não. Se ele agarraria a verdade como Isabel fizera ou se a afastaria, se a moldaria para encaixá-la em uma religião ou se a mudaria para combinar com um ponto de vista menos estranho, como meus pais.

Continuei olhando para ele.

- Um lobo. — Koenig manteve os olhos na estrada, mas suas mãos seguravam o volante com força. — Não podemos encontrar Grace nem Beck porque eles são lobos.

- Sim.

Koenig balançou a cabeça.

- Meu pai costumava me contar histórias sobre lobos. Ele me dizia que tinha um amigo na escola que era lobisomem e *costumáva*mos rir dele. Não sabíamos se ele estava contando uma história ou se era verdade.

- É verdade. — Meu coração ficou acelerado por ter revelado o segredo. De repente, diante da suspeita dele, me lembrei de todas as conversas que tivera com Koenig. Estava tentando ver se isso mudava a maneira como eu o via, e não

mudava.

- Então por que... não acredito que estou perguntando isso, mas por que eles continuam sendo lobos se a matilha está prestes a ser eliminada?

- É involuntário. Depende da temperatura. Lobo no inverno, ser humano no verão. Menos tempo a cada ano, e por fim, ficamos lobos para sempre. Não continuamos pensando como seres humanos quando nos transformamos. — Franzi a testa. Aquela explicação estava se tornando menos verdadeira a cada dia que passávamos com Cole. Era muito estranho ver algo em que acreditávamos começar a mudar, como descobrir que a gravidade não mais existia às segundas-feiras.

- Estou explicando a grosso modo. Mas é o básico. — Eu me senti esquisito dizendo *a grosso modo* também; uma expressão como aquela se devia ao fato de Koenig falar com formalidade.

- Então, a Grace...

- Está desaparecida porque ela continua instável nesse clima. O que poderia dizer aos pais dela?

Koenig pensou um pouco.

- A pessoa nasce como lobo?

- Não, a velha técnica dos filmes de horror. Mordida.

- E Olivia?

- Foi mordida ano passado.

Koenig resmungou.

- Incrível. Eu sabia. Eu encontrava coisas que me levavam a isso, e não conseguia acreditar. E quando Grace Brisbane desapareceu do hospital e deixou para trás apenas aquele avental... disseram que ela estava morrendo, mas não teria como ela ter partido sozinha.

- Ela precisava se transformar — eu disse baixinho.

- Todos no departamento culparam você. Eles têm procurado uma maneira de crucificá-lo. Tom Culpeper, principalmente. Ele tem feito de tudo e todos os outros estão apoiando — Naquele momento, ele demonstrou um pouco de amargura, e

eu olhei para ele de um modo totalmente diferente. Consegui vê-lo sem o uniforme, em casa, pegando uma cerveja da geladeira, brincando com o cachorro, assistindo à TV. Uma pessoa de verdade, com identidade diferente da do cara de uniforme. — Eles adorariam poder enforcar você por isso.

- Que ótimo — retruquei. — Porque a única coisa que posso dizer para eles é que não fiz nada. Até Grace ficar estável o suficiente para reaparecer. E Olivia...

Koenig parou.

- Por que eles a mataram?

Shelby não saía de minha mente, seus olhos vidrados em mim através da janela da cozinha, o desespero e a raiva que pensei ter visto ali.

- Não acho que foram "eles". Há uma loba que está por trás de todos os problemas. Ela já atacou Grace. Atacou Jack Culpeper também. Os outros não matariam uma menina. Não no verão. Existem outras maneiras de conseguir alimento. — Eu precisava tentar me esforçar, para afastar de minha mente a lembrança do corpo destruído de Olivia.

Ficamos em silêncio por um ou dois minutos.

- Então, a situação é a seguinte — disse Koenig, e também fiquei um pouco contente por ver que ele parecia um policial independentemente do que dissesse. — Eles têm permissão para eliminar a matilha. Quatorze dias não é muito tempo. Você está me dizendo que alguns deles provavelmente não conseguirão se transformar antes disso, e alguns deles não conseguem se transformar mais. Então, estamos falando de assassinato em massa.

Finalmente. Era um alívio e aterrorizante ao mesmo tempo escutar o plano de Culpeper definido daquela forma.

- E não há muitas opções aqui. Você poderia revelar a história dos lobos, mas...

- Não acho que seja uma boa ideia — interrompi apressadamente.

- Eu ia dizer que não acho isso viável. Dizer a Mercy Falls que temos uma matilha de lobos com uma doença infecciosa incurável logo depois de eles descobrirem que eles mataram

uma garota...

- Não vai terminar bem — concluí a frase.

- E a outra opção é tentar motivar mais grupos de direitos dos animais a salvar as matilhas de lobos. Não deu certo em Idaho, eacredito que o prazo curto tornará isso impossível, mas...

Confessei:

- Pensamos em tirá-los daqui...

Koenig considerou minha ideia.

- Continue.

Eu me atrapalhei com as palavras. Koenig foi tão preciso e lógico que senti, de novo, a necessidade de ser igual.

- Para algum lugar distante das pessoas. Mas então... isso poderia nos levar a uma situação pior, a menos que soubéssemos como pessoas são. E eu não sei como a matilha ficará no novo lugar, sem limites. Não sei se devo tentar vender a casa de Beck para comprar terra... Não temos dinheiro suficiente para comprar uma propriedade

inteira. Os lobos se espalham muito, por quilômetros e quilômetros. Então, existe sempre a possibilidade de termos problemas.

Koenig tamborilou os dedos no volante, com os olhos semicerrados. Um momento comprido de silêncio se passou. Fiquei contente, porque precisava daquilo. As ramificações de minha confissão a Koenig pareciam imprevisíveis.

- Estou falando enquanto penso — disse Koenig, por fim. — Mas eu tenho uma propriedade, que fica a algumas horas de Boundary Waters. Era do meu pai, mas eu a herdei.

Comecei a falar.

- Eu... não...

- É uma península — disse ele. — Bem grande. Era um resort antes, mas já

fechou por conta de políticas antigas da família. Os limites são marcados por uma cerca. Não é a melhor, apenas fios entre árvores em alguns pontos, mas pode ser reforçada.

Ele olhou para mim no mesmo instante em que eu olhei para ele, e percebi que estávamos pensando: pode ser isso.

- Eu não acho que uma península, mesmo sendo grande, seria do tamanho suficiente para abrigar a matilha. Teríamos de alimentá-los

- eu comentei.

- Então, você pode alimentá-los — disse Koenig.

- Há pessoas acampadas? — perguntei.

- Fica de frente para terras de mineração — respondeu Koenig.

A empresa de mineração não está ativa desde 1967, mas eles mantêm a terra. Por esse motivo é que o resort não deu certo.

Mordi o lábio. Era difícil acreditar na esperança.

- Teríamos de levá-los para lá, de alguma forma.

- Discretamente — disse Koenig. — Tom Culpeper não aceitaria perder a chance de matá-los nem trocá-la pela mudança.

- E depressa — eu disse. Estava pensando no tempo que Cole desperdiçara tentando, sem sucesso, prender os lobos, e quanto tempo seria preciso para pegarmos vinte e poucos lobos e como nós os transportaríamos para o norte.

Koenig ficou em silêncio. Por fim, disse:

- Talvez não seja uma boa ideia. Mas pode ser uma opção.

Uma opção. Opção significava um caminho plausível de ação, e eu não sabia se seria possível. Mas o que mais tínhamos?

Capítulo 40

Grace

O dia interminável finalmente acabou quando Sam voltou para casa com uma pizza e um sorriso intranquilo. Enquanto comíamos, ele me contou tudo o que Koenig havia dito. Nós nos sentamos com as pernas cruzadas no chão de seu quarto, com a luminária e as luzes de Natal acesas, a caixa de pizza entre nós. A luminária ficava perto parede inclinada, e a maneira com que a parede mudava a luz fazia o quarto parecer quente e cavernoso. O CD player ao lado da cama de Sam estava ligado, baixo, com uma voz grossa cantando acompanhada de um piano.

Sam descreveu tudo o que havia ocorrido, fazendo movimentos com os dedos no chão a cada coisa que contava, como se, inconscientemente, tirasse do caminho a última coisa que estava dizendo antes de passar para a seguinte. Tudo era uma grande confusão e eu me sentia completamente perdida, mas não conseguia parar de pensar em como gostava de observá-lo naquela luz amarela. Ele não era mais tão suave como quando nos conhecemos, não era mais tão jovem, mas os ângulos de seu rosto, seus gestos rápidos, a maneira como mordia o lábio inferior para pensar antes de continuar... eu era apaixonada por tudo aquilo.

Sam perguntou o que eu achava.

— Do que?

— De tudo isso. O que devemos fazer?

Ele estava confiando muito em minha capacidade de ser lógica. Eu tinha muito a assimilar: Koenig descobrindo o segredo dos lobos a ideia da mudança e de confiamos nosso destino a alguém q mal conhecíamos. Como saber se ele guardaria nosso segredo?

— Preciso de mais uma fatia de pizza para responder a essa – pedi. – Cole não quis?

— Ele me disse que estava em jejum. Não quero saber o motivo. Ele não parecia estar infeliz — respondeu Sam.

Arranquei a borda da fatia de pizza: Sam pegou o resto. Suspirei. Sair do

bosque da Fronteira era desanimador — Acho que não precisaria ser algo permanente. Estou me referindo à permanência dos lobos na península. Podemos pensar em algo melhor depois, quando o assunto da caçada morrer.

— Em primeiro lugar, precisamos tira-los daqui. — Ele fechou a cabida pizza e passou o dedo sobre o logo.

— Koenig disse se ajudaria você a se livrar de encrenca? Sobre o meu desaparecimento? Obviamente ele sabe que você não sequestrou e nem me matou — afirmei. — Ele tem o poder de tirá-los do seu pé?

— Não sei. Ele não disse nada.

Temei manter a frustração afastada. Não estava frustrada com ele.

— Você não acha que isso é meio importante?

— Acho que sim. Mas os lobos só têm duas semanas. Eu posso me preocupar em limpar meu nome depois. Acho que os policiais rio encontrarão nada que possa me incriminar — disse ele. Mas não estava olhando para mim.

— Pensei que os policiais não suspeitassem mais de você — eu disse.— Pensei que Koenig soubesse.

— Koenig sabe. E mais ninguém. Ele só não pode dizer a eles que eu sou inocente.

— Sam!

Ele deu de ombros, sem olhar em meus olhos.

— Não posso fazer nada em relação a isso agora.

Imaginá-lo sendo interrogado na delegacia era doloroso. Pensar que meus pais pudessem acreditar que ele me machucaria era pior ainda. E era inimaginável que ele pudesse ser julgado por assassinato.

Uma ideia surgiu.

— Preciso contar aos meus pais sugeri. Pensei na conversa que tive com Isabel mais cedo. — Ou à Rachel. Ou a alguém.

— Você é o cara mais legal do mundo — eu disse a ele, me sentindo indigna e má — Não precisava me dar nada. Fico feliz por saber pensa em mim durante

minha ausência. — Estiquei o braço e encostei a mão em seu rosto. Ele virou o rosto e beijou a palma da minha mão; seus lábios fizeram o desejo apertar por dentro. Minha voz soou um pouco mais baixa quando perguntei: — Quer que eu experimente agora?

No banheiro, precisei de muito tempo para entender como vesti-lo, ainda que não fosse complicado. Eu não estava acostumada a usar vestido e fiquei com a impressão de que não vestia nada por baixo. Fiquei em pé na beira da banheira para poder me olhar no espelho, tentando imaginar o que fizera Sam olhar para aquele vestido e dizer *Vou comprar para a Grace*. Seria porque ele pensou que eu gostaria? Porque achou sexy? Porque queria me dar um presente e o vestido foi a primeira coisa que apareceu? Eu não sabia ao certo se havia diferença no fato dele pedir ajuda a uma vendedora ou em encontrar o vestido na arara e imaginar meu corpo dentro dele.

No espelho, achei que parecia uma universitária, confiante, bonita. Certa de que precisava exibir o melhor de seu corpo. Passei a mio na parte da frente do vestido; a saia se remexeu e balançou em minhas pernas. Consegui ver a curva de meus seios. De repente. senti uma urgência de voltar para o quarto para que Sam pudesse me ver. Parecia urgente que ele me visse e me tocasse. Mas quando entrei no quarto de repente, fui tomada por uma forte decepção. Sam estava sentado no chão, recostado na cama, com os olhos fechados, escutando música, longe de seu quarto mas ele abriu os olhos quando fechei a porta. Fiz uma careta, retorcendo as mãos nas costas.

—O que você acha? — perguntei.

Ele ficou em pé

—Ah — exclamou.

Eu disse:

— O único problema é que não consegui fazer o laço nas costas sozinho. Sam respirou fundo e se aproximou de mim. Senti meu coração batendo forte mesmo sem entender por quê. Ele segurou as pontas da faixa e envolveu meu corpo com os braços. Mas em vez de fazer o laço ele soltou as pontas e pressionaram as mãos em minhas costas, as mãos quentes em cima do algodão fino do vestido. Tive a sensação de que não havia nada entre os dedos dele e minha pele. Seu rosto

estava encostado em meu pescoço. Consegui escutar sua respiração, com medida, contida.

Sussurrei:

— Então, você gostou?

E então, de repente, estávamos nos beijando. Já fazia muito tempo que não nos beijávamos daquele jeito, como se fosse realmente sério — por um segundo, só consegui pensar *Acabei de comer pizza,* mas então percebi que Sam também tinha acabado de comer. Ele escorregou as mãos e as pousou em meu quadril, amassando e tecido, apagando minhas dúvidas, os dedos pressionando com desejo. Só aquilo, só o calor das mãos dele em cima do vestido, segurando o meu quadril, foi o suficiente para acender o desejo dentro de mim. de um modo intenso que doía. Suspirei.

— Posso parar — disse ele. — Se você não estiver pronta.

— Não — respondi. — Não pare.

Então, ajoelhados na cama, continuamos nos beijando, e ele continuou me tocando, com cuidado, como se nunca tivesse me tocado antes. Era como se ele não conseguisse se lembrar de minha forma, como se a redescobrisse. Ele sentiu meus ombros pressionados contra o tecido do vestido. Passou as mãos por eles. Seus dedos contornaram a curva de meus seios no decote do vestido.

Fechei os olhos. Havia outras coisas no mundo que exigiam a nossa atenção, mas, naquele momento, só conseguia pensar em minhas coxas e em Sam passando as mãos por elas embaixo da saia, empurrando o tecido como se formasse nuvens ao meu redor. Quando abri os olhos, com as mãos em cima das de Sam, havia centenas de sombras abaixo de nós. Todas elas eram Sam ou eu, mas em impossível saber qual era qual.

Capítulo 41

Cole

Aquela nova preparação parecia um veneno.

—Às vezes depois da meia-noite, eu saía. O lado de fora era escuro como a morte, mas eu prestava atenção para ter certeza de que entra sozinho. Sentia meu estomago apertar de fome, uma sensação dolorosa e produtiva, ao mesmo tempo. Prova concreta de que eu estava funcionando. O jejum havia me deixado inquieto e observador, um tipo de "barato" meio cruel. Coloquei meu caderno com os detalhes de minhas experiências no degrau para Sam poder saber aonde eu havia Ido se não voltasse. A mata me chamava. Ela não dormia nem mesmo quando todos dormiam.

Encostei a agulha no lado de dentro de meu pulso e fechei os olhos.

Meu coração já saltava como um coelho.

Dentro da seringa, o líquido não tinha cor, era como a saliva e muito fino. Nas minhas veias, era como laminas e areia, fogo e mercúrio. Como uma faca atingindo todas as vértebras de minha coluna. Eu tinha exatamente vinte e três segundos para pensar se havia morrido dessa vez e mais onze para perceber que torcia para não morrer. Três mais depois disso para me arrepender de não ter ficado na minha cama. E restavam dois para pensar *Caramba*!

Saí do meu corpo humano, me livrando de minha pele com tanta rapidez que eu a sentia escorregar de meus ossos. Meu coração estava explodindo. Acima de mim, as estrelas giravam e entravam em foco. Eu me segurei na escada, na parede, no chão, em tudo que não estava se movendo. Meu caderno escorregou do degrau, meu corpo acompanhou, e então comecei a correr.

Eu havia encontrado. A mistura que eu usaria para arrancar Beck de seu corpo de lobo.

Mesmo sendo lobo, eu ainda estava me curando, as articulações se encaixando, a pele se fechando ao longo de minha coluna, as células se reinventado a cada passo. Eu era uma máquina incrível. Aquele corpo de lobo que eu usava estava me mantendo vivo mesmo quando me assaltava e roubava meus pensamentos de ser humano.

Você é Cole St. Clair.

Um de nós tinha que conseguir manter o raciocínio se quiséssemos levar os lobos dali. Tínhamos que, pelo Menos, nos lembrar do suficiente para reunirmos os lobos, levá-los a um lugar. Tinha que existir uma maneira de convencer um cérebro de lobo a manter um objetivo simples.

Cole St. Clair.

Tentei me prender aquilo. Eu queria me prender àquilo. De que adiantaria, conseguir me transformar, dominar o lobo por apenas alguns momentos, se não conseguia triunfar?

Cole.

Não havia nada que aquela mata tinha a dizer que eu não pudesse escutar. O vento gritava em meus ouvidos enquanto eu corria. Minhas patas estavam firmes em cima de galhos caídos e passavam por amontoados de folhas, e as unhas batiam enquanto eu morria pelas rochas expostas. O chão se inclinava, terminando num escoamento, e eu passei por cima. No ar, percebi que não eslava sozinho. Meia dúzia de corpos saltou sobre mim, formas claras na noite escura. Os odores deles os identificavam mais específicos do que nomes. Minha matilha. Cercado por esses outros lobos, eu me senda seguro, firme, invencível. Dentes batiam perto de meu ouvido, de modo brincalhão, imagens brilhavam entre nós: o escoamento crescendo e se tornando uma ravina. O chão macio onde uma toca de coelho esperava para ser tampada. O céu, escuro e infinito sobre nós.

O rosto de Sam Roth.

Hesitei.

As imagens surgiam e desapareciam. Mas difíceis de ver, conforme a maioria dos lobos me deixaram. Meus pensamentos rendiam para manter o conceito de um nome e de um rosto. Sam. Comecei a caminhar, a imagem e as palavras da minha mente até não terem mais ligação uma com as outras. Quando um dos lobos se virou para se lançar contra mim, percebi que não estava pronto para um combate. O outro lobo lambeu meu queixo, confirmando o domínio que eu já havia notado. Depois de um momento me irritei, apenas para ter um pouco de tranquilidade. Voltei pelo caminho pelo qual chegara, com o focinho no chão, as orelhas em pé. Procurava por algo que não conseguia entender.

Sam Roth.

Caminhei lentamente pela mata escura, cuidadosamente. No mínimo, eu caçava para conseguir uma explicação para aquela imagem: um rosto humano.

Senti os pelos arrepiados, algo rápido e inexplicável.

E então o corpo dela me acertou.

A loba branca enterrou os dentes em meu pescoço enquanto eu procurava me equilibrar sob seu peso. Ela havia me surpreendido e não me segurava com muita força, por isso, com um ataque, eu a afastei. Nós andamos em círculos, um encarando o outro. Ela mantinha a orelha em pé, escutando os meus movimentos, e a escuridão me escondia. Seu pelo branco, por outro lado, ficava aparente como uma ferida. Sua postura toda demonstrava agressividade. Ela não cheirava a medo, mas não era grande. Ela recuaria e, se não recuasse, a briga não duraria muito.

Eu a subestimei.

Quando ela me acertou pela segunda vez, suas patas estavam envolvendo meus ombros como um abraço, e seus dentes encontraram um espaço sob a minha mandíbula. Sua pegada foi mais forte e mais perto da minha garganta. Deixei que ela me empurrasse contra o chão. De barriga para cima, para eu poder chutar sua barriga com as patas traseiras. Isso só a deteve por um momento. Ela era rápida, eficiente, destemida. Segurou minha orelha em seguida, e eu senti o calor explodindo para fora de mim antes de sentir a umidade do sangue. Quando me afastei dela, senti que minha pele se rasgava sob seus dentes. Nos lançamos em luta, peito a peito. Segurando seu pescoço, senti pelo e pele em minhas presas, e continuei segurando com toda a minha força. Ela escapava de mim como se fosse água.

Agora, ela segurava minha face, e os dentes chegavam aos ossos. Ela segurou melhor, a coisa que mais importava.

Meu olho.

Me lancei para trás, desesperado, tentando me desvencilhar antes que ela acabasse com minha cara e destruísse meu olho. Não tinha dignidade. Chorei e abaixei as orelhas, tentando ser submisso, mas ela não estava interessada. Mas

ela não estava interessada. Rosnava e fazia meu crânio tremer. Meu olho explodiria com aquele tremor se ela não o furasse antes.

Os dentes dela escorregaram para mais perto. Meus músculos tremiam. Preparavam-se para a dor.

De repente, ela chorou e me largou. Recuei, balançando a cabeça, o sangue manchando Minha cara, a orelha ainda ardendo de dor. Na minha frente, a loba branca se acovardava diante de um grande lobo cinza. E havia um lobo preto atrás dele, com as orelhas em pé, agressivo. A matilha havia retornado.

O lobo cinza se virou para mim e, atrás dele, vi as orelhas do lobo branco se erguerem em posição de entrega. Sem o olhar dele sobre ela, ela se rebelava. Era como se dissesse: *Eu desisto, por ora, enquanto você observa*. Seus olhos estavam fixos. Era uma ameaça, eu conseguia entender. Eu tinha que assumir meu lugar abaixo dela na matilha, ou, algum dia, lutar com ela de novo. Talvez a matilha não estivesse por perto para impedi-la.

Eu não estava preparado para recuar.

Retribuí o olhar.

O lobo cinza deu alguns passos em minha direção, passando para mim as imagens do meu rosto destruído, Cheirou a minha orelha com cuidado. Ele estava sendo cauteloso; eu tinha cada vez menos cheiro do que eu era quando não era lobo. Meu corpo estranho estava se esforçando muito para curar meu rosto e me puxar de volta para ser humano. Não estava frio o bastante para manter naquela pele.

A loba branca olhou para mim.

Percebi que eu não tinha muito tempo. Meu cérebro estava se estendendo de novo.

Ao meu lado o lobo cinza resmungou, e eu me remexi até perceber que o resmungo era para a loba branca. Ele se afastou de mim, ainda rosnando, e agora o lobo preto também rosnava. A loba branca deu um passo para trás. Um passo ,mais um. Eles estavam me deixando.

Senti um arrepio por meu corpo, terminando embaixo e meu olho, ardendo. Eu estava me transformando. O lobo cinza – Beck - saltou em cima da loba branca,

empurrando-a para mais longe de mim.

Eles estavam me salvando.

A loba branca olhou em meus olhos uma última vez. *Naquele momento.*

Capítulo 42

ISABEL

Passei o fim de semana esperando Grace me telefonar e me convidar para ir à casa de Beck, e quando percebi que ela provavelmente também estava esperando que eu me convidasse, como sempre, já era segunda-feira. E a caixa de brinquedos perigosos de Cole já tinha chegado e pensei que poderia entregá-la e ver Grace ao mesmo tempo. Assim, não pareceria que eu tinha ido lá apenas para ver Cole. Eu sabia o que era bom pra mim. Mesmo não gostando de saber.

Quando Cole abriu a porta da casa de Beck, ele estava sem camisa e um pouco suado. Parecia que ele estava cavando com as próprias mãos e havia um leve arranhão acima de seu olho esquerdo. Ele tinha um sorriso amplo e bondoso no rosto. Era uma expressão linda, apesar de seus cabelos estarem despenteados e ele estar vestindo apenas uma calça de moletom. Havia algo inegavelmente teatral em cole, mesmo quando o seu palco era o mundo.

- Bom dia – disse ele, observando o clima quente. – O dia esta com cara de Minnesota. Eu não tinha percebido.

O dia estava lindo, um daqueles dias perfeitos de primavera que Minnesota parecia não ter dificuldades em inserir entre semanas de frio ou no meio de uma onda de calor, no verão. O gramado cheirava a arbustos que haviam sido plantados e modo irregular na frente da casa.

- Já é boa tarde – repliquei. – Suas coisas estão no carro. Você não disse qual tipo de sedativos precisava, por isso comprei o pior que encontrei.

Cole esfregou a palma suja da mão no peito e esticou o pescoço como se conseguisse ver o que eu havia trazido pela porta de entrada.

- Você me conhece muito bem. Entre, eu estava fazendo um chá fresco. Minha noite foi maluca.

Uma musica tocava na sala de estar atrás dele; era difícil acreditar que Grace estava naquela casa.

- Não sei se vou entrar – retruquei.

Cole riu, um riso que indicava que meu comentário era apenas um charme, e

entrou descalço em meu utilitário.

- No banco da frente ou de trás?

- Bem atrás. – A caixa não era enorme e eu poderia tê-la levado, mas preferia ver Cole segurando-a, não eu.

- Entre em minha oficina menininha – disse Cole.

Eu o segui para dentro da casa. Estava mais frio do que do lado de fora, e o ar cheirava a queimado. A musica alta reverberava na sola de meus sapatos; eu praticamente precisava gritar para me fazer ouvir.

- Onde estão Sam e Grace?

- Ringo saiu de carro há algumas horas. Ele deve ter levado Grace com ele. Não sei para onde foram.

- Você não perguntou?

- Não somos casados – respondeu Cole e acrescentou, num tom mais baixo: - Ainda.

Fechou a porta com o pé, segurando a caixa, e declarou: - Cozinha.

Com a música oferecendo uma trilha sonora de caos, fui até a cozinha, onde o cheiro de queimado estava mais forte. O local parecia uma zona de guerra. Em cima do balcão, havia muitos copos, canetas, seringas, livros, um saco de açúcar aberto e com conteúdo vazando. Todos os armários eram cobertos com fotos dos lobos de Mercy Falls em sua forma humana. Procurei não tocar em nada.

- O que está queimando?

- O meu cérebro – respondeu Cole. Ele usou o ultimo espaço vazio do balcão para colocar a caixa ao lado do forno de micro-ondas. – Perdoe a bagunça. Vamos ter amitriptilina no jantar.

- O Sam sabe que você transformou a cozinha dele num laboratório de drogas?

- Sim, foi aprovado por Sam Roth. Quer café antes de prepararmos a armadilha?

Senti açúcar na sola de minhas botas. Respondi: - Eu não disse que ajudaria você a montar isto.

Cole examinou o interior de uma caneca antes de colocá-la na minha frente e enchê-la com café.

- Eu li nas entrelinhas. Açúcar? Leite?

- Você está doidão? Por que está sem camisa?

- Eu durmo sem roupa – disse Cole. Ele colocou leite e açúcar em meu café. – Conforme o dia passa, vou vestindo mais roupas. Você deveria ter chegado uma hora antes.

Olhei para ele fixamente.

- Além disso, não estou doidão – completou ele. – Fico ofendido com essa pergunta.

Ele não parecia ofendido.

Dei um gole no café. Não estava horrível.

- O que está fazendo de verdade aqui?

- Algo para não matar Beck – disse ele. Conseguia parecer alheio e interessado nos componentes químicos ali presentes ao mesmo tempo. – Sabe o que seria excelente? Se você me ajudasse a entrar no laboratório da sua escola esta noite.

- Tipo... invadir?

- Tipo... preciso de um microscópio. Não conseguirei fazer muitas descobertas cientificas num laboratório de brinquedo. Preciso de equipamentos de verdade.

Eu o observei. Era difícil resistir àquele Cole elétrico e confiante. Reprovei a sugestão.

- Não vou ajudar você a invadir minha escola.

Cole ergueu a mão.

- Tudo bem, então quero meu café de volta.

Não tinha percebido como estava precisando falar alto para ser ouvida, mas ocorreu uma pausa entre as faixas e pude diminuir o tom.

- Ele é meu agora – afirmei, repetindo o que ele havia dito na loja. Mas posso ajudar você a entrar na clinica da minha mãe.

- Você é firmeza – disse ele.

- O que você quer dizer com isso? – respondi.

- Sei lá. Sam disso isso outro dia. Gostei e repeti.

Aquilo era, basicamente, tudo o que precisava saber a respeito de Cole. Ele via algo que não entendia muito bem, gostava e simplesmente passava a dizer.

Procurei em minha bolsinha.

- Trouxe algo a mais pra você também.

Entreguei a ele um pequeno Mustang, preto e brilhante.

Cole o aceitou e o colocou na palma de sua mão. Ficou parado; eu não havia percebido que ele estava inquieto um minuto antes. Depois de um instante, ele disse: - Aposto que este é mais rápido do que o de verdade.

Ele o guiou na beira do balcão, emitindo um som suave para o motor. No fim do balcão, ele o lançou ao céu. E disse: - Não permitirei que você o dirija.

- Eu não ficaria bem num carro preto – respondi.

- Cole, de repente, esticou o braço e colocou a mão em minha cintura. Seus olhos se arregalaram. E disse: - Você fica bem com qualquer coisa. Perfeita, Isabel Culpeper.

Ele começou a dançar. E, de repente, como cole estava dançando, eu também estava. E aquele Cole era ainda mais persuasivo do que o último. Era o sorriso dele transformado em algo real, um objeto físico feito com suas mãos envoltas em meu corpo e seu corpo esguio pressionado contra o meu. Eu adorava dançar, mas sempre percebera que estava dançando, consciente do que meu corpo fazia. Naquele momento, com a música tocando e Cole dançando comigo, tudo se tornou invisível, exceto a música. Eu fiquei invisível. Meu quadril se tornou a caixa de som. Minhas mãos no corpo de Cole eram os fios do sintetizador. Meu corpo não era nada além da batida forte e pulsante da canção. Meus pensamentos eram flashes entre as batidas.

Batida:

Minha mão na barriga de Cole

Batida:

Nosso quadril em movimento

Batida:

A risada de Cole

Batida:

Éramos uma pessoa

Saber que Cole era bom naquilo porque era o que ele fazia não tornava aquilo menos maravilhoso. Além disso, ele não estava tentando ser maravilhoso sem mim... todos os movimentos de seu corpo serviam para nos fazer dançar juntos. Não havia ego, apenas a musica e nossos corpos.

Quando a faixa terminou, Cole deu um passo para trás, sem fôlego, com um sorriso no rosto. Não entendia por que ele queria parar. Eu queria dançar até não conseguir me manter em pé. Queria que nossos corpos ficassem pressionados um no outro até que não houvesse separação.

- Você é um vicio – confessei.

- Você já deveria saber.

Capítulo 43

SAM

Como Grace estava se sentindo melhor, passamos o dia fora. Ela se abaixou dentro do carro quando entrei na Dollar Parade para comprar algumas meias e camisetas e no mercado para adquirir alguns itens de uma lista que ela havia escrito para mim. Era prazeroso fazer coisas comuns, coisas rotineiras. O único problema era saber que Grace estava trancada dentro daquele carro, oficialmente desaparecida, e eu estava preso ao Bosque da Fronteira, envolvido com a matilha ainda, e nós dois éramos prisioneiros na cada de Beck, esperando que nossos verídicos fossem anunciados.

Levamos os produtos para casa e eu dobrei a lista de Grace, transformando-a em uma garça de papel e a prendi no teto do quarto com as outras. Ele se virou na direção da janela devido à corrente de ar, mas quando eu a toquei com meu ombro, sua linha se enroscou com a garça ao lado.

- Quero ver a Rachel – disse Grace.

- Certo – respondi. Eu já estava com as chaves na mão.

Chegamos à antiga escola de Grace bem antes do horário de saída, por isso ficamos sentados em silencio e esperamos o sinal tocar. Assim que tocou, Grace se abaixou no banco de trás, fora da vista das pessoas.

Havia algo de estranho e terrível em estar diante da escola antiga dela, esperando que os alunos começassem a sair em grupos, esperando o ônibus. Eles caminhavam em duplas ou trios. Tudo era muito colorido: bolsas de uma alça penduradas no ombro, camisetas brilhantes com lemas de times, folhas verdes no estacionamento. A conversa deles parecia discreta porque os vidros do carro estavam fechados e, sem o som, eu pensei que eles conseguissem se comunicar totalmente por meio da linguagem corporal. Havia muitas mãos se remexendo, ombros em contato, cabeças inclinadas para trás durante o riso. Eles não precisavam de palavras se quisessem ficar em silencio tempo suficiente para aprender a falar sem elas.

Olhei para o relógio do carro. Estávamos ali havia apenas alguns minutos, mas

parecia mais tempo. O dia estava lindo, mais perto do verão do que da primavera, um daqueles dias nos quais o céu azul sem nuvens parecia maior e longe do alcance. Os alunos continuavam saindo da escola, nenhum conhecido ainda. Fazia muito tempo desde a época em que eu esperava Grace sair da escola, desde quando eu tinha que me esconder do clima.

Eu me sentia muito mais velho do que todos eles. Eles eram alunos do ultimo ano, então alguns deviam ter a minha idade, o que era inconcebível. Não consegui me imaginar entre eles, com a mochila nos ombros, esperando o ônibus ou caminhando até o carro. Eu tive a sensação de que nunca tinha sido tão jovem. Havia um universo alternativo no qual um Sam Roth não havia encontrado os lobos, não havia perdido os pais, e nunca tinha saído de Duluth? Como seria aquele Sam, indo para a escola, acordando no dia de natal, beijando a mãe no dia da formatura? Será que esse Sam sem cicatrizes tinha um violão, uma namorada, uma boa vida?

Eu me senti como um voyeur. Eu queria ir.

Mas ela estava ali. Trajando um vestido reto marrom com meia-calça roxa de listras por baixo. Rachel caminhava sozinha no lado mais distante do estacionamento, num tipo de marcha triste. Desci os vidros. Não havia como fazer aquilo sem se sentir dentro de um livro de suspense. *O menino a chamava de seu carro. Ela se aproximava; ela sabia que ele era suspeito para a policia, mas sempre se mostrara tão gentil...*

- Rachel! – chamei.

Rachel arregalou os olhos e precisou de muito tempo para exibir uma expressão mais agradável. Ela parou a cerca de três metros da janela do motorista, os pés unidos e as mãos segurando as alças da mochila.

- Oi – disse ela. Parecia cansada ou triste.

- Posso conversar com você por um minuto?

Rachel olhou para trás, para a escola, e então para mim.

- Claro – disse. Mas não se aproximou mais. A distancia incomodou. Aquilo significava que tudo o que eu dissesse a ela teria de ser dito aos gritos e a três metros de distância dentro do estacionamento, o que não poderia acontecer.

- Você se importaria de se aproximar mais um pouco? – perguntei.

Rachel deu de ombros, mas não se aproximou.

Deixei o carro ligado e saí fechando a porta.

Rachel não se mexeu quando me aproximei, mas franziu o cenho levemente.

- Como vai? - perguntei num tom gentil.

Rachel olhou para mim, com o lábio inferior preso entre os dentes. Ela parecia tão triste que era difícil achar que a decisão de Grace de estar ali estivesse errada.

- Sinto muito por Olivia – falei.

- Eu também – disse ela. Usou um tom de voz firme. – John não está nada bem.

Demorei um pouco para lembrar que John era irmão de Olivia.

- Rachel, estou aqui para falar da Grace.

- O que tem a Grace? – ela demonstrou apreensão. Queria que ela confiasse em mim, mas percebi que não havia motivos para isso.

Fiz uma careta e olhei para os alunos que lotavam o ônibus. Parecia uma propaganda de uma escola: céu perfeito e azul, folhas verdes brilhantes, ônibus escolares num amarelo de doer os olhos. Rachel apenas incrementava a imagem: aquelas listras davam a impressão de que precisavam ser encomendadas pelo catálogo. Rachel era amiga de Grace, que acreditava que ela conseguiria guardar segredo. Mesmo acreditando no bom-senso de Grace, era surpreendentemente difícil reconhecer a verdade.

- Antes de tudo preciso saber se você consegue guardar segredos, Rachel.

Ela disse:

-Estão dizendo umas coisas bem feias a seu respeito, Sam.

Suspirei.

-Eu sei... eu ouvi. Espero que você saiba que eu não machucaria a Grace, mas... você não precisa acreditar na minha palavra, Rachel. Só quero saber se, caso se tratasse de algo importante, muito importante, você conseguiria guardar um segredo. Seja honesta.

Consegui perceber que ela queria baixar a guarda.

- Consigo guardar segredo – disse ela.

Mordi o lábio e fechei os olhos por apenas um segundo.

- Não acho que você a tenha matado – disse ela, muito firme, como se estivesse dizendo que não acreditava que choveria à noite, porque o céu estava limpo, sem nuvens. – Se é que isso ajuda.

Abri os olhos. Ajudava muito.

- Certo, vou contar e vai parecer meio maluco, mas... Grace está viva, ela continua em Mercy Falls e está bem.

Rachel se inclinou na minha direção.

- Você está mantendo Grace amarrada em seu porão?

O lado ruim é que eu estava fazendo aquilo em partes, sim.

- Que coisa, Rachel. Não estou mantendo Grace amarrada contra a vontade dela. Ela está escondida e não quer aparecer ainda. É uma situação meio difícil...

-Ai, meu Deus, você a engravidou – disse Rachel. Ela ergueu as mãos. – Eu sabia, eu sabia...

-Rachel... – eu interrompi. – Rach. Rachel.

Ela continuava falando.

-Conversamos tanto sobre isso e ainda assim ela usou a inteligência...Não acredito...

- Rachel – chamei-a de novo. – Ela não está gravida.

Ela olhou para mim. Percebi que nos dois estávamos nos cansando um pouco da conversa.

-Tudo bem. O que foi, então?

- Bem vai ser um pouco difícil de acreditar. Não sei bem como contar. Talvez seja melhor você ficar sabendo por Grace.

- Sam – disse Rachel. – Todo mundo teve aulas de educação sexual.

De repente eu interrompi.

- Rachel, não. Ela me disse que eu deveria dizer “Pedro das peças e Partes” a você. Não faço ideia do que quer dizer, mas ela disse que você saberia o que era.

Consegui ver que as palavras rodavam em sua mente enquanto ela pensava no sentido e decidia se eu as havia descoberto por algum meio sombrio. Ela perguntou: - Então por que ela não está me dizendo isso pessoalmente?

- Porque você não quis se aproximar do carro! – respondi. – Ela não pode sair do carro, e eu posso. Ela está desaparecida, lembra? Se você tivesse se aproximado quando eu a chamei, ela acenaria para você do banco de trás.

Ela continuou hesitando e eu passei a mão pelo rosto.

- Olha Rachel, vá até ali e veja. Vou fica aqui. Não vou acertar uma garrafa na sua cabeça e colocar você no porta-malas. Você vai se sentir melhor?

- Se você ficar longe, talvez – disse Rachel. – Sinto muito, Sam, mas eu assisto à TV. Sei como essas coisas são.

Respirei fundo.

- Olha. Ligue para o meu telefone celular. Está no carro. Ela está no carro. Ela vai atender e você poderá falar com ela. Não precisa se aproximar.

Rachel pegou o telefone do bolso do lado de sua mochila.

_Qual é o seu número?

Respondi e ela teclou apertando bem os botões.

- Está chamando – ela disse.

Apontei para o Volkswagen. Dava para escutar o celular tocando bem baixinho.

- Ninguém atende – disse Rachel de modo acusador. Ao dizer isso, o vidro do lado do motorista desceu e Grace espiou do banco do passageiro.

- Pelo amor de deus – sussurrou ela. – Vocês vão deixar todo mundo desconfiado aí, parados. Vocês pretendem entrar ou o quê?

Rachel arregalou os olhos.

Levei as mãos atrás da cabeça.

- E agora você acredita em mim? – perguntei.

- Você vai me dizer por que ela está escondida? – perguntou Rachel.

Fiz um gesto em direção à Grace.

- Acho que vai ser melhor se ela disser.

Capítulo 44

GRACE

Pensei que minha aparição bastaria para Rachel. O fato de eu estar viva e respirando parecia uma prova forte da inocência de Sam, mas, no fim, Rachel continuava desconfiada. Demorei muito tempo para fazê-la entrar no carro, mesmo depois de ela ter me visto.

- O fato de você estar com Grace não quer dizer que eu tenha certeza a respeito disso tudo - disse Rachel, espiando pela porta de trás aberta com uma expressão de desconfiança. - Pode muito bem ser que você esteja dando cogumelos psicodélicos para ela em seu porão e queira fazer a mesma coisa comigo.

Sam olhou para a escola, com os olhos semicerrados sob o sol quente. Ele provavelmente estava pensando a mesma coisa que eu, ou seja, que a maioria das pessoas em Mercy Falls não confiava nele, e se alguém o visse dentro do estacionamento com uma menina com cara de desconfiada, as coisas poderiam ficar desagradáveis. Ele disse: - Não sei muito bem como rebater a acusação.

- Rachel, não estou drogada - afirmei. - Entre no carro. Rachel franziu o cenho para mim e então olhou para Sam.

- Só quando você me disser por que quer ficar escondida.

- É uma história meio comprida.

Rachel cruzou os braços.

- Resuma.

- Ela precisa ser muito bem-explicada.

Rachel não se moveu.

-Resuma.

Suspirei.

-Rachel, eu me transformo em loba. Não se assuste.

Ela esperou para ver se eu diria algo a mais, para fazer sentido. Mas não havia como tornar as coisas mais fáceis para ela, tendo que resumir.

- E por que eu me assustaria? - perguntou Rachel. - Só porque você é uma

pessoa maluca dizendo coisas malucas? É claro que você se transforma em lobo. E eu também me transformo em zebra. Veja estas listras, elas sobraram.

- Rachel - disse Sam com delicadeza. - Eu juro que essa história vai fazer muito mais sentido quando for explicada direito. Se você der a Grace a chance de... ir a um lugar mais reservado ... vai ser estranho, mas não impossível.

Rachel olhou para ele, irritada, e então para mim.

- Sinto muito, Grace, mas não acho que seja a melhor ideia permitir que ele me leve a seu esconderijo. Ela estendeu a mão a Sam, que a olhou como se fosse uma arma. Remexendo os dedos, ela disse: - Deixe-me dirigir.

- Dirigir? Para minha casa? — perguntou Sam.

Rachel assentiu.

Sam parecia um pouco irritado, mas, felizmente, sua voz mudou.

- Qual é a diferença de eu dirigir até lá?

- Não sei! Vou me sentir melhor. — A mão dela continuava estendida. — Nos filmes, ninguém dirige em direção á própria morte.

Sam olhou para mim. Era como se implorasse *Grace,* me *ajuda!*

- Rachel — argumentei com firmeza, — Você por acaso sabe dirigir um carro com câmbio manual?

- Não — disse ela. — Mas aprendo depressa.

Olhei para ela com cara de brava.

- Rachel!

- Grace, você precisa admitir que isso é muito esquisito. Pode dizer. Você desaparece do hospital e Olivia está... e então Sam de repente aparece com você e, bem, os cogumelos alucinógenos esquisitos estão parecendo a explicação mais plausível, principalmente agora que você começou a falar de lobos. Porque agora só falta a Isabel Culpeper aparecer dizendo que todo mundo vai ser abduzido por alienígenas, e vou dizer uma coisa, não vou conseguir lidar com isso em meu estado emocional fragilizado. Eu acho que...

Suspirei.

- Rachel.

-Tudo bem — disse ela. Jogou a bolsa no banco de trás e entrou.

Enquanto íamos para a casa de Beck, Sam ao volante, eu atrás dele, Rachel no banco da frente, de repente senti uma saudade forte de casa. Com a sensação de ter perdido minha vida. Não conseguia pensar no que estava perdendo — certamente não os meus pais, que não eram presentes o bastante para que eu sentisse falta deles — e então percebi que a emoção estava sendo originada pelo cheiro forte de morango silvestre dos cabelos de Rachel. Eu sentia saudade daquilo Das tardes e noites com Rachel, deitada no quarto dela ou na cozinha de seus pais, ou acompanhando Olivia num dos passeios para tirar fotografias. Eu não sentia falta de casa, na verdade, porque minha casa não era um lar. Sentia falta das pessoas. Da vida.

Eu me virei e estendi a mão na direção de Rachel, meus dedos não conseguiam alcançá-la muito bem. Ela não disse nada, apenas segurou minha mão com força. Ficamos assim durante o restante do trajeto, eu meio virada e ela um pouco inclinada, e nossas mãos apoiadas na parte de trás do seu assento. Sam também não disse nada, apenas desculpou-se quando trocou a marcha cedo demais e o carro estremeceu um pouco.

Mais tarde, quando voltamos para casa, eu contei tudo a ela, a história toda, desde o momento em que os lobos me arrastaram do balanço até o dia em que quase morri. E tudo entre esses dois acontecimentos. Sam parecia mais nervoso do que nunca, mas eu não me preocupei. No momento em que segurei a mão de Rachel no carro, soube que, naquela nova vida estranha, Rachel era uma das coisas que eu conseguiria manter.

Capítulo 45

ISABEL

Eu era contra crimes quando uma contravenção resolvia. Usar o laboratório da escola seria invasão. Usar uma das chaves extras do consultório de minha mãe seria apenas uma entrada não autorizada. Era o melhor a se fazer. Eu havia deixado meu utilitário no estacionamento do mercado do outro lado da rua para que ninguém que passasse de carro em frente à clínica visse algo incomum. Eu seria uma excelente criminosa. Talvez um dia me tornasse uma. Era jovem ainda e havia a possibilidade de a faculdade de medicina não dar certo.

- Não quebre nada - pedi a Cole fazendo um gesto para que ele fosse na minha frente. Possivelmente um pedido inútil, em se tratando de Cole St. Clair. Ele atravessou o corredor, observando os quadros nas paredes. A clínica de baixa retida era um projeto de meio-período para minha mãe, que também trabalhava no hospital da região. Quando ela abriu a clínica, as paredes eram decoradas com artes para as quais ela não tinha espaço em nossa casa ou das quais havia se cansado. Ela queria que a clínica tivesse um ambiente de lar, como disse quando chegamos a Mercy Falls. Após a morte de Jack, ela havia doado muitos quadros de nossa casa; quando se recuperou, levou os quadros da clínica para que fossem substituídos. Agora, a clínica tinha uma decoração que eu gostava de chamar de *Período Farmacêutico Tardio.*

- No fim do corredor à direita — indiquei. — Não aí; aí é o banheiro.

A luz da tarde estava diminuindo quando tranquei a porta, mas não importava. Quando acendi as luzes florescentes, fomos iluminados por uma luz que não mudava, era a "luz da clínica". Eu sempre dizia a minha mãe que se ela quisesse dar ar aconchegante á clínica, lâmpadas de verdade ajudariam muito a dar ao ambiente mais cara de casa do que de supermercado.

Cole já havia entrado no pequeno laboratório de minha mãe, e eu o segui devagar. Eu havia matado aula para levar o pacote a Cole, mas não tinha dormido muito... estava desperta e ocupada. Eu também havia ajudado Cole a montar uma armadilha incrivelmente engenhosa, tomando cuidado para não cair no buraco do qual ele dissera ter tirado Grace. E agora eu estava ali, esperando a

clínica ser fechada para poder voltar, tendo dito aos meus pais que iria a uma reunião do conselho de classe. Eu já estava pronta para terminar. Além disso, nós não tínhamos nos alimentado muito bem e eu já me sentia meio martirizada por toda a causa dos lobos. Parei na recepção e abri o frigobar que ficava embaixo do balcão. Peguei dois sucos e os levei comigo. Suco era melhor do que nada.

No laboratório, Cole já estava sentado numa cadeira, virado para o encosto, inclinado sobre o balcão onde o microscópio ficava Ele levantou uma das mãos em direção ao teto. Demorei um pouco para ver que ele tinha furado o dedo e mantinha a mão erguida para diminuir o sangramento.

- Você quer um curativo, ou prefere continuar imitando a Estátua da Liberdade? — perguntei. Coloquei o suco ao lado dele e, pensando melhor, abri a tampa e levei a garrafa aos lábios dele, para que pudesse beber. Ele balançou o dedo machucado em um tipo de agradecimento.

- Não consegui encontrar os curativos — disse Cole. — E isso quer dizer que eu não procurei. Isso é metanol? Olha, é, sim.

Peguei um curativo para ele e empurrei a cadeira para que ficasse do seu lado. Não precisei empurrar muito. O laboratório era, na verdade, a sala de arquivos, com gavetas e prateleiras repletas de remédios tarja-preta e amostras, caixas de bolas de algodão, gazes e palitos, frascos de álcool e peróxido de hidrogênio. Uma máquina de urinálise, microscópio, porta-tubos de ensaio. Não havia muito espaço para duas cadeiras e dois corpos.

Cole havia espalhado um pouco do seu sangue numa lâmina de vidro e o analisava pelo microscópio.

- O que você está procurando? - perguntei.

Ele não respondeu; seu cenho estava tão franzido numa expressão de concentração tão grande que suspeitei que ele não tivesse me ouvido. Eu gostava um pouco de vê-lo daquele jeito, não fingindo, apenas ... sendo Cole, com intensidade. Ele não resistiu quando segurei sua mão e limpei o sangue.

- Pelo amor de Deus — exclamei. — O que você usou para se cortar, um facão ?· Coloquei um curativo no dedo e soltei a mão dele. Imediatamente, ele usou a mão para ajustar o microscópio.

O silêncio pareceu durar por muito tempo, mas foi provavelmente por apenas um minuto. Cole se afastou do microscópio, sem olhar pra mim. Ele riu, um riso curto, de surpresa, com as mãos esticadas na frente de seu rosto, unidas pelas pontas dos dedos. Levou os dedos aos lábios.

- Deus - disse ele, e então riu de novo, aquele riso abreviado.

Eu estava confusa.

- O que foi?

- Dê uma olhada. — Cole afastou a cadeira e empurrou a minha para ficar no lugar da dele. — O que você vê?

Eu não conseguiria ver coisa nenhuma, já que não sabia o que procurar. Mas resolvi ir na onda dele. Eu me aproximei do microscópio e espiei. E Cole tinha razão: consegui ver, no mesmo instante, o que ele vira. Havia dezenas de células de glóbulos vermelhos, sem cor e normais. Havia também dois pontos vermelhos. Eu me afastei.

- O que é isso?

- É o lobo - disse Cole. Ele girava o assento da cadeira em seu eixo. - Eu sabia, eu *sabia.*

- O que você sabia?

- Ou eu estou com malária ou é assim que o lobo é. Nas minhas células. Eu sabia que eu estava tendo os sintomas de malária. Eu sabia, caramba!

Ele ficou em pé, porque com sua ansiedade, não conseguiria mais ficar sentado.

- Que ótimo, menino gênio. O que isso quer dizer para os lobos? Que eles podem ser tratados como se tivessem malária?

Cole estava olhando para um quadro na parede. Ele mostrava os estágios de crescimento de um feto em cores vibrantes que haviam deixado de ser vibrantes nos anos 1960. Ele balançou a mão para mim.

- A malária não tem cura.

- Não seja tolo - repreendi-o. - As pessoas ficam curadas da malária.

- Não - retrucou Cole, e contornou um dos fetos com o dedo. - Eles só

conseguem impedir que a malária mate.

- Então você está dizendo que não existe cura - concluí. - Mas existe um modo de impedir que eles ... você já salvou Grace da morte. Não compreendo qual é a grande revelação aqui.

- Sam. Sam é a revelação. É uma confirmação. Eu preciso trabalhar mais nisso. Preciso de papel - disse Cole, virando-se na minha direção. - Preciso ...

Ele parou, sua excitação diminuindo lentamente. Foi desanimador ir até ali para encarar uma revelação científica pela metade, que eu não conseguia entender. E estar na clínica depois de escurecer me fazia lembrar de quando Grace e eu havíamos levado Jack para lá. Estava trazendo de volta todo o fracasso, e perda e me dava vontade de me enfiar em minha cama, em casa.

- Comida — sugeri. — Descansar. É disso que eu preciso. Sair daqui. Cole franziu o cenho para mim, como se eu tivesse sugerido "patos" e “yoga”.

Fiquei em pé e o encarei.

- Diferentemente de vocês que têm infecções de lobo no sangue, eu lenho que ir para a escola amanhã cedo, principalmente porque matei aula hoje para estar aqui.

- Por que está brava?

- Não estou brava — eu disse. — Estou cansada. Só quero ir para casa, acho.

A ideia de ir para casa também não parecia muito boa.

- Você está brava — insistiu ele. — Estou quase terminando, Isabel. Quase consegui entender uma coisa. Eu acho que... estou muito perto. Preciso conversar com o Sam. Se conseguir fazer com que ele converse comigo.

E então ele era só um cara cansado e bonito, não um astro do rock com milhares de fãs que queriam saber onde ele estava ou um gênio com um cérebro tão grande que se rebelava a usá-lo e tentava inventar maneiras de se ferir.

Ao vê-lo daquela forma, senti que precisava de algo dele, ou de alguém, e isso provavelmente significava que ele também precisava de algo de mim, ou de alguém, mas a revelação era como ver manchas em uma lâmina. Saber que significava algo para alguém não era a mesma coisa que ter sentido para mim.

E então ouvi em som familiar: a porta se abrindo no fim do corredor. Havia mais alguém ali.

- Droga! Droga! Droga! - resmunguei. Tive dois segundos para criar um plano. - Pegue as suas coisas e vamos para debaixo do balcão! - Cole pegou a lâmina, o suco e a embalagem do curativo e eu conferi para ter certeza de que ele estava bem escondido antes de apagar a luz do laboratório e me enfiar ali embaixo com ele.

A porta do fim do corredor se abriu lentamente e voltou a ser fechada. Escutei o suspiro de irritação de minha mãe, alto e exagerado o bastante para ser ouvido do laboratório. Torci para que sua irritação fosse por pensar que alguém havia esquecido a luz do corredor acesa.

Não vi nada do Cole, além do brilho dos seus olhos na escuridão, a luz do corredor refletia neles. Não havia muito espaço embaixo do armário, por isso ficamos perto um do outro, joelho perto de joelho, pé perto de pé, impossível de distinguir as respirações. ficamos em total silêncio, ouvindo a movimentação de minha mãe. Escutei seus saltos em uma das primeiras salas - provavelmente a recepção. Ela ficou ali por muitos minutos, mexendo nas coisas. Cole reposicionou um dos pés de modo que minha bota não pressionasse o osso de sua canela. Ouvi seu ombro estalar quando ele se mexeu. Apoiou um dos braços na parede atrás de mim. Uma de minhas mãos estava entre suas pernas, então eu a tirei dali.

Esperamos.

Minha mãe disse com muita clareza: "Inferno". Atravessou o corredor e entrou em uma das salas de exame. Escutei barulho de papel. Estava muito escuro embaixo do armário, escuro demais para meus olhos se acostumarem, e parecia que havia mais pernas entre nós dois do que deveria. Minha mãe derrubou papéis; consegui escutar o barulho de folhas se espalhando pelo chão e sobre a mesa. Mas ela não xingou dessa vez.

Cole me beijou. Eu deveria ter dito a ele que parasse, para ficar quieto, mas eu queria aquele beijo. Não me mexi de onde estava encolhida contra a parede, apenas permiti que ele me beijasse sem parar. Era o tipo de beijo do qual eu demoraria a me recuperar. Se todos os nossos beijos fossem analisados em lâminas num microscópio, eu tinha certeza do que seria visto. Até mesmo um especialista

não veria nada no primeiro, e um começo de alguma coisa no segundo ... que não significava quase nada e podia ser destruído com facilidade ... e então cada vez mais até finalmente chegar àquele último, algo que até mesmo um leigo veria. Evidência de que nós provavelmente nunca nos curaríamos um do outro, mas que podíamos impedir que aquilo nos matasse.

Ouvi passos de minha mãe um segundo antes de a luz do laboratório ser acesa. E então, um suspiro forte.

- Isabel, por quê?

Cole se afastou e ficamos como dois gambás encolhidos atrás de uma lata de lixo quando ela nos viu. Percebi que ela fez uma análise vital rápida. Nós estávamos vestidos, nada estava rasgado, não estávamos injetando nada na veia. Ela olhou para Cole, que sorriu.

- Você ... você é da ... - começou, analisando-o com atenção. pensei que ela diria NARKOTIKA, mas nunca pensei que ela pudesse ser fã da banda. Mas ela disse: - O menino da escada. Da casa. O menino nu. Isabel, quando eu disse que não queria que você fizesse isso em casa, não quis dizer que na clínica não havia problemas. Por que estão embaixo do balcão? Não quero saber. Não quero mesmo.

Eu não tinha nada a dizer.

Minha mãe coçou uma das sobrancelhas com a mão na qual segurava um formulário.

- Meu deus, onde está o seu carro?

- Do outro lado da rua - respondi.

- Claro. - Ela balançou a cabeça. - Não direi a seu pai que vi você aqui, Isabel. Mas, por favor, não ... - Ela definiu o que eu deveria evitar. Jogou minha garrafa meio cheia de suco na lata de lixo perto da porta e apagou a luz de novo. Ela atravessou o corredor e a porta da frente se abriu e se fechou. E foi trancada.

Na escuridão, Cole estava invisível, mas eu ainda conseguia sentir sua presença ao meu lado. Ás vezes, não era preciso ver algumas coisa para saber que ela existia. Senti um arrepio na pele; demorei um pouco a perceber que Cole percorria meu braço com o Mustang de brinquedo. Ele estava rindo baixinho, contido, como se ainda houvesse motivo para não fazer barulho. Virou o carrinho

em meu ombro e desceu de volta em direção á minha mão, com as rodas escorregando em minha pele, e riu de novo. Pensei que aquilo era a coisa mais verdadeira que já havia escutado de Cole St. Clair.

Capítulo 46

SAM

Só percebi que eu havia me acostumado à falta de rotina até voltar a ter uma. De alguma forma, com Grace na casa e os estudos científicos de Cole mais concentrados, nossa vida voltou a uma certa normalidade.

Voltei a ser diurno. A cozinha voltou a ser um local para as refeições; em cima do balcão, os frascos de remédios e as anotações foram lentamente sendo trocados por caixas de cereal e canecas de café que deixavam marcas. Grace se transformava apenas uma vez a cada três dias, e mesmo assim apenas por algumas horas, voltando trêmula para a cama depois de se trancar no quarto enquanto a transformação durava. Os dias pareciam mais curtos, de certa forma, quando a noite e o sono entraram cm nossa rotina. Eu ia trabalhar e vendia livros a clientes desconfiados e voltava para casa com a sensação de ser um homem condenado com alguns dias de descanso. Cole passava seus dias tentando prender lobos e adormecia num cômodo diferente a cada noite. De manhã, eu via Grace colocando pratos de granola para os dois guaxinins e, à noite, eu a flagrava navegando em sites de universidades e conversando com Rachel. Estávamos todos caçando algo ilusório e impossível.

A caça aos lobos era noticiada na TV quase todas as noites.

Mas eu não estava... muito contente. Esperando a alegria. Sabia que aquela não era a minha vida; era uma vida emprestada, que eu estava usando até resgatar a minha. A data da caça aos lobos parecia distante e não plausível, mas era impossível de se esquecer. O fato de eu não conseguir pensar no que fazer não significava que algo não precisasse ser feito.

Na quarta-feira, telefonei para Koenig e perguntei se ele podia me ensinar a chegar á península para eu poder analisar seu potencial adequadamente.

Foi isso mesmo o que eu disse - "analisar seu potencial adequadamente " . Koening parecia me deixar daquele jeito.

- Eu acho - disse ele, com ênfase no *acho*, o que indicava que ele sabia - que seria melhor se eu o levasse. Não quero que acabe indo parar na península errada.

Podemos ir no sábado.

Só percebi que ele havia feito numa piada depois que desligamos, e me senti mal por não ter rido.

Na quinta-feira, o jornal telefonou. O que eu tinha a dizer a respeito do caso de Grace Brisbane, que estava desaparecida?

Nada, era o que eu tinha para dizer. Na verdade, o que eu disse a meu violão na noite anterior:

Pare *de procurar*

Pare de procurar

Mas a canção não estava pronta para o público, então apenas desliguei o telefone sem dizer mais nada.

Na sexta-feira, Grace me disse que iria comigo e com Koenig até a península.

- Quero que Koenig me veja - disse ela, sentada em minha cama, separando as meias enquanto eu tentava maneiras diferentes de dobrar as toalhas. — Se ele tiver certeza de que estou viva, não haverá o caso de uma pessoa perdida.

A incerteza embrulhou meu estômago. As possibilidades criadas por aquela atitude pareciam crescer com rapidez e intensidade.

- Ele vai dizer que você precisa voltar para a casa de seus pais.

- E então nós iremos até lá — disse Grace. Ela jogou uma meia furada na ponta da cama. — Primeiro, a península; depois, meus pais.

- Grace? — chamei, mas não sabia o que perguntar.

- Eles nunca estão em casa — disse ela. — Se estiverem, e porque precisava conversar com eles, mesmo. Sam, não me olhe desse jeito. Estou cansada disso... de não saber. Não consigo relaxar, esperando a guilhotina descer. Não quero que as pessoas fiquem desconfiadas de você, pensando que... que... sei lá o que elas pensam. Que você me sequestrou. Que me matou. Não sei. Não consigo consertar muitas coisas ultimamente, mas isso eu posso fazer. Não tolero que elas enxerguem você dessa forma.

- Mas seus pais...

Grace fez uma bola grande de meias sem pares. Eu me perguntei se todo esse tempo vinha usando meias de pares diferentes.

- Daqui a dois meses, completarei dezoito anos, Sam, e então eles não poderão mais dizer o que eu devo fazer. Eles podem escolher o caminho difícil e me perder para sempre assim que eu fizer aniversário, ou podem ser razoáveis e um dia poderemos voltar a nos falar. Talvez. É verdade que meu pai bateu em você? O Cole me disse.

Ela leu a resposta no meu rosto.

- É — Grace suspirou, a primeira evidência de que aquele assunto a magoava. — E é por isso que não terei problemas em ter essa conversa com eles.

- Odeio confrontos - repliquei. Provavelmente foi a coisa mais desnecessária que eu já dissera.

- Não compreendo - disse Grace, esticando as pernas - um cara que parece nunca usar meias tem tantas sem par.

Nos dois olhamos para os meus pés descalços. Ela esticou a mão como se pudesse alcançar meus dedos de onde estava. Segurei sua mão e beijei a palma. Ela tinha cheiro de manteiga, farinha e casa.

- Certo - eu disse. - Vamos fazer como você quer. Koenig, depois seus pais.

- É melhor ter um plano — completou ela.

Eu não sabia se era melhor, mesmo. Mas parecia.

Capítulo 47

ISABEL

Eu não havia me esquecido de Grace para descobrir a respeito das aulas de verão, mas demorei para perceber como encontrar a resposta. Não era como se eu pudesse fingir que as informações eram para mim, e quanto mais precisas minhas perguntas fossem, mais eu levantaria suspeita. Por fim, achei uma solução sem querer. Ao esvaziar minha mochila, encontrei um bilhete da sra. Mackay, minha professora favorita do ano anterior. O que não queria dizer muita coisa, mas mesmo assim. Esse bilhete tinha sido escrito em meu "período problemático" - segundo minha mãe – e nele, a sra. MacKay dizia que ficaria feliz em me ajudar se eu permitisse. Lembrei que a sra. MacKay era boa em conseguir respostas sem fazer perguntas.

Infelizmente, todo mundo também achava isso da sra. MacKay, por isso sempre havia uma fila de pessoas que queriam conversar com ela depois da aula. Ela não tinha uma sala, apenas a de aula de inglês, então, para quem via e não sabia, parecia que havia cinco alunos esperando desesperadamente para entrar e aprender um pouco sobre Chaucer.

A porta se abriu e fechou quando Hayley Olsen saiu da sala e a menina da minha frente entrou. Dei um passo à frente e me encostei na parede. Esperava que Grace soubesse o quanto eu fazia por ela. Eu poderia estar em casa naquele momento, sem fazer nada. Sonhando acordada. A qualidade de meus sonhos havia aumentado muito ultimamente.

Ouvi passos atrás de mim, seguidos por um som inconfundível de uma mochila sendo colocada no chão. Olhei para trás.

Rachel.

Rachel parecia a caricatura de uma adolescente. Havia algo totalmente consciente na maneira como ela se portava, nas listras, na bata, nas tranças e nos coques que fazia com os cabelos. Ela tinha um jeito engraçado, divertido, tolo, ingênuo. Mas havia inocência e inocência projetada. Eu não tinha nada contra nenhuma das duas, mas gostava de saber com o que estava lidando. Rachel sabia perfeitamente bem como queria que as pessoas a vissem, e era isso que dava às

pessoas. Não era uma idiota.

Rachel percebeu que eu olhava para ela, mas fingiu que não me viu.

Mas eu já estava desconfiada.

Legal vê-la aqui – comentei.

Rachel fez uma careta para mim que teve a duração de uma cena de filme: rápido demais para o olho humano perceber.

Legal.

Eu me inclinei para ela, falando mais baixo.

- Você não estaria aqui para falar sobre Grace, não é?

Ela arregalou os olhos.

- Já estou à procura de um consultor, mas isso não é da sua conta.

Ela era boa.

- Certo. Entendi. Então não vai confessar nada à sra. MacKay a respeito de Grace nem dos lobos. Porque isso seria tão incrivelmente burro de sua parte que não dá nem pra comentar.

O rosto de Rachel mudou de repente.

- Você sabe.

Eu só olhei para ela.

- Então é verdade, mesmo. - Rachel coçou o braço e olhou para o chão.

- Eu vi.

Rachel suspirou.

- Quem mais sabe?

- Ninguém. E vai continuar assim, certo?

A porta se abriu e se fechou. A aluna que estava na minha frente entrou; eu seria a próxima. Rachel emitiu um ruído de irritação.

- Olha, não fiz a minha leitura de inglês. Por isso estou aqui. Não por causa da Grace. Espere. Isso quer dizer que você está aqui por causa dela.

Eu não sabia como ela havia conseguido chegar àquela conclusão, mas não mudou o fato de ela estar certa. Por um segundo, pensei em contar a Rachel que Grace havia pedido para eu descobrir informações sobre as aulas de verão, principalmente porque queria enfatizar que Grace confiara em mim primeiro e porque era infantil a esse ponto, mas não seria muito útil fazer isso.

- Só quero obter informações de créditos de graduação – afirmei.

Ficamos naquele silêncio esquisito de pessoas que têm um amigo em comum e nada mais. Os alunos passavam do outro lado do corredor, rindo e fazendo barulhos esquisitos porque eram meninos e era isso o que meninos de colégio faziam. A escola continuava com cheiro de burritos. Eu continuava a planejar uma maneira de fazer as perguntas à sra. MacKay.

Rachel, recostada na parede e olhando para os armários do outro lado, disse: - Assim o mundo parece maior, não é?

A ingenuidade da pergunta me irritou um pouco.

- É só outra maneira de morrer.

Rachel me olhou.

O seu modo operacional normal é megera, não é? Isso só vai dar certo enquanto você for jovem e gostosa. Depois disso, só vai conseguir lecionar História.

Olhei para ela e estreitei os olhos. E disse: - Posso dizer a mesma coisa em relação a pessoas exóticas.

Rachel abriu um sorrisão, o mais inocente.

- Então você está dizendo que me acha gostosa.

Certo, Rachel era bonita. Eu não daria a ela a satisfação de ver meu sorriso, mas senti que meus olhos me entregavam. A porta se abriu. Nós nos olhamos. No quesito aliados, acho que Grace estava bem-servida.

Quando entrei para conversar com a sra. MacKay, concluí que Rachel tinha razão. O mundo parecia maior a cada dia.

Capítulo 48

Cole

Outro dia, outra noite. Nós – Sam e eu – estávamos no QuikMart a poucos quilômetros de minha casa, com o céu muito preto. Mercy Falls propriamente dita ficava ainda mais um quilometro e meio dali; aquela loja de conveniência do posto servia para os momentos em que faltava algum item básico, como o leite, por exemplo. E exatamente por isso estávamos no QuikMart. Bem, Sam estava.Em parte porque não tínhamos leite em casa e em parte porque eu estava começando a perceber que Sam só dormia se tivesse alguém para dizer que ele deveria dormir, e eu não ia dizer isso a ele. Normalmente, essa tarefa era de Grace, mas Isabel havia acabado de telefonar para mostrar o modelo exato do helicóptero que levaria os atiradores de elite e estávamos meio nervosos. Grace e Sam haviam começado uma discussão sem palavras que acabou envolvendo apenas os olhares e ela vencera, porque havia começado a preparar bolinhos, e Sam se retraiu no sofá com o violão. Se ela e Sam tivessem filhos, eles seriam intolerantes a glúten por uma questão de autodefesa.

Para fazer bolinhos, era preciso usar leite.

Então, Sam estava ali para comprar leite porque a loja fechava às nove horas. Eu, por outro lado, estava no QuikMart porque se passasse mais um segundo na casa de Beck, acabaria quebrando alguma coisa. Eu estava entendendo mais e mais sobre a ciência lupina a cada dia, mas a caça já ia começar. Em poucos dias, meus experimentos seriam tão úteis quanto as pesquisas médicas a respeito do pássaro dodô.

E, assim, estávamos no QuikMart às onze da noite. Dentro da loja, apontei para uma prateleira de camisinhas e Sam olhou para mim sem qualquer senso de humor. Ele já tinha usado camisinhas demais ou de menos para ver a graça nelas.

Parei de rir e caminhei pelos corredores da loja, tomado por uma energia, um nervosismo. Aquela lojinha de conveniência ruim parecia o mundo real. O mundo real, meses depois de eu ter assassinado a NARKOTIKA ao desaparecer com Victor. O mundo real no qual eu sorria para câmeras de vigilância que, em algum lugar,

sorriam de volta para mim. A música country ressoava pelas caixas acústicas penduradas ao lado da placa que indicava os banheiros (APENAS PARA CLIENTES DA LOJA). As janelas de vidro eram pintadas com o preto-esverdeado da noite que existia apenas do lado de fora das lojas de conveniência. Não havia ninguém acordado além de nós, e eu nunca estivera tão acordado. Procurei doces que tinham nomes mais interessantes do que seu gosto, conferi os tablóides para ver se havia alguma notícia sobre mim, por hábito, olhei para as prateleiras de remédios para gripe caros que não mais conseguiam afetar meu sono ou minhas vontades, e percebi que não havia nada ali na loja que eu quisesse.

Dentro do bolso, senti o peso do pequeno Mustang preto que Isabel havia me dado. Não conseguia parar de pensar nele. Tirei o carrinho e o passei em cima das prateleiras, na frente de onde Sam estava, diante das caixas de leite, suas mãos dentro do bolso da jaqueta. Apesar de olhar para o leite, ele franzia o cenho levemente, seus pensamentos tomados por um problema de algum outro lugar.

- Dois por cento é uma boa porcentagem de gordura por litro de leite, se não tem certeza ainda – sugeri. Eu queria que Sam perguntasse a respeito do Mustang, perguntasse o que diabos eu estava fazendo com ele. Eu estava pensando em Isabel, nos tubos de ensaio na porta da geladeira, na primeira vez em que me transformei em lobo, no céu escuro pressionado contra as janelas.

Sam disse:

- Estamos ficando sem tempo, Cole.

A campainha eletrônica da porta do QuikMart se abrindo o impediu de continuar falando, e me impediu também de responder a ele. Não me virei para olhar, mas um tipo de instinto fez com que os pelos de meu pescoço se eriçassem. Sam também não tinha virado a cabeça, mas vi que sua expressão havia mudado. Ele estava mais alerta. Era a isso que meu subconsciente reagia.

Em minha mente, apareciam as lembranças. Lobos na mata, orelhas em pé, atentas de repente. O ar em nossas narinas, o cheiro de veado na brisa, hora de caçar. O pacto sem palavras de que era hora de agir.

No balcão, escutei o murmúrio de vozes enquanto o cliente e o atendente se cumprimentavam. Sam colocou a mão no apoio do refrigerador, mas não abriu. Ele disse:

- Talvez não precisemos de leite.

SAM

Era John Marx, o irmão mais velho de Olivia.

Conversar com John nunca foi fácil para mim – nós mal nos conhecíamos, e todos os nossos encontros tinham ocorrido em momentos tensos. E agora, a irmã dele estava morta e Grace tinha desaparecido. Eu me arrependi de termos ido àquela loja. A única coisa a fazer era agir normalmente. John não estava exatamente na fila; estava olhando para os chicletes. Eu me aproximei do balcão ao lado dele. Senti o cheiro de álcool, o que era deprimente, porque John parecia tão jovem antes.

- Oi – eu disse, baixinho, apenas por educação.

John balançou a cabeça, o cumprimento de homem.

- E aí. – Não foi uma pergunta.

- Cinco e vinte e um – disse o atendente. Era um homem esguio que olhava para baixo o tempo todo. Contei as notas. Não olhei para John. Torci para ele não reconhecer Cole. Olhei para a câmera de vigilância, observando todos nós.

- Você sabia que esse é Sam Roth? – perguntou John. Fez-se um silêncio até o atendente perceber que John estava falando com ele.

O atendente olhou para os meus olhos amarelos e então para as notas que eu havia colocado em cima do balcão e respondeu educadamente: - Não, não sabia.

Ele sabia quem eu era. Todo mundo sabia. Senti simpatia pelo atendente.

- Obrigado – agradeci a ele enquanto guardava meu troco, grato não apenas pelas moedas. Cole empurrou o balcão ao meu lado. Hora de ir.

- Você não vai dizer nada? – perguntou John. Havia sofrimento em sua voz.

Meu coração acelerou quando me virei para ele.

- Sinto muito por Olivia.

-Conta pra mim por que ela morreu – disse John. Ele deu um passo em minha direção, instável. Seu hálito ressentia a um tipo de álcool, forte e recente, pelo cheiro. – Conte-me por que ela estava lá.

Estendi a mão, com a palma virada para o chão, um tipo de essa distância está boa, não chegue mais perto.

- John, eu não se...

John deu um tapa em minha mão e, com aquele gesto, vi Cole se inquietar.

- Não minta para mim. Sei que foi você. Eu sei.

Aquilo era um pouco mais fácil. Eu não podia mentir, mas era preciso.

- Não fui eu. Não tive nada a ver com o fato ela estar ali.

O atendente disse:

- Boa conversa para vocês terem lá fora!

Cole abriu a porta. O ar da noite entrou.

John segurou com força minha camiseta na altura do ombro.

- Onde está Grace? Por que, entre todas as pessoas do mundo, você escolheu a minha irmã? Por que Grace? Por que elas, seu doente...

E eu vi em seu rosto, ou ouvi em sua voz, ou senti na maneira com que me segurava o que faria em seguida, por isso, quando ele me atacou, ergui um braço para amortecer o impacto. Não conseguia fazer nada mais do que aquilo.

Não ia brigar com ele, não por aquele motivo. Não depois de ele ter engolido toda a tristeza que suas palavras deixavam à mostra.

- Certo, vocês devem sair – disse o atendente. – Conversem lá fora. Tchau! Boa noite!

- John – falei, meu braço latejando onde ele havia me atingido.

A adrenalina percorria as minhas veias: a ansiedade de John, a tensão de Cole, minha disposição em alimentá-la.

- Sinto muito, mas isso não vai adiantar.

- Que se dane – disse John, e partiu para cima de mim.

De repente, Cole se colocou entre nós.

- Acabou – disse ele. Cole não era mais alto do que nós mas cresceu ali. Estava olhando no meu rosto, julgando minha reação. – Não vamos deixar a situação feia

na loja desse cara.

John, à distancia de um braço, do outro lado de Cole, olhos fixamente para mim, com os olhos arregalados como os de uma estátua.

- Eu gostava de você quando o conheci – disse John. – Consegue imaginar uma coisa dessas?

Eu me senti enjoado.

- Vamos – eu disse a Cole. E disse para o atendente – Obrigado mais uma vez.

Cole deu as costas para John, com os movimentos calculados.

Quando a porta se fechou, escutamos a voz de John:

- Todo mundo sabe o que você fez, Sam Roth.

O ar da noite tinha cheiro de gasolina e de madeira queimada. Em algum lugar, estavam queimando algo. Eu senti o lobo dentro de mim arder.

- As pessoas adoram bater em você – disse Cole, ainda alerta.

Meu humor se alimentava do de Cole e vice-versa, e éramos lobos, nós dois. Eu estava confuso e fora da realidade. O Volkswagen não estava estacionado muito longe; era o carro da última vaga do estacionamento. Havia um risco comprido e claro no lado do motorista. Pelo menos eu sabia que o encontro com John não tinha sido uma coincidência. Um reflexo fluorescente da loja de conveniência brilhou na tinta do automóvel. Nenhum de nós entrou.

- Tem que ser você – disse Cole. Ele abriu a porta do passageiro e ficou em pé do lado de fora, inclinando-se sobre o teto na minha direção. – Tem que ser você a levar os lobos para longe. Já tentei. Não vou conseguir pensar enquanto for lobo.

Olhei para ele. Meus dedos coçaram. Eu havia esquecido o leite dentro da loja. Estava pensando no ataque de John, na intervenção de Cole, na noite viva dentro de mim. Sentindo-me como me sentia naquele momento, eu não poderia dizer Não, não posso fazer isso, porque tudo parecia possível.

Eu disse:

- Não quero voltar. Não posso fazer isso.

Cole riu, apenas um ha.

- Você vai se transformar em algum momento, Ringo. Ainda não está totalmente curado. Pode aproveitar e salvar o mundo.

Eu queria dizer Por favor, não me faça fazer isso, mas que sentido isso teria para Cole, que havia feito aquilo e pior a si mesmo?

- Você está supondo que eles me escutarão – afirmei.

Cole tirou as mãos do teto do Volkswagen; as marcas dos dedos evaporaram segundos depois.

- Todos nós escutamos você, Sam. – Ele pulou para a calçada. – É você que nem sempre conversa conosco.

Capítulo 49

GRACE

No sábado, o policial Koenig foi até a casa de Beck para nos levar à península.

Todos nós observamos quando ele estacionou, espiando pela janela da sala de estar. Era emocionante e irônico convidar um policial para ir onde estávamos, depois de tanto tempo tentando evitar a polícia. Como Mogli, o menino-lobo, convidando o tigre Shere Khan para tomar chá. Koenig chegou à casa de Beck ao meio-dia, vestindo uma camiseta polo marrom e calça jeans que eu imaginei que ele havia passado a ferro, provavelmente. Ele dirigia uma Chevy cinza imaculada, que também devia ter passado a ferro. Bateu à porta — um eficiente toc toc toc, que, por algum motivo, me fez lembrar da risada de Isabel — e quando Sam abriu, Koenig estava ali com as mãos posicionadas diante de seu corpo, como se esperasse uma namorada.

— Entre — disse Sam.

Koenig entrou na casa, ainda com as mãos segurando uma a outra, de um jeito bem profissional. Parecia que já fazia décadas desde que eu o vira pela última vez, em pé, daquela maneira, na nossa sala de aula enquanto um monte de alunos do ensino médio o bombardeavam com perguntas a respeito dos lobos. Olivia havia se inclinado para mim e sussurrado que ele era bonitinho. Agora, ele estava ali e Olivia, morta.

Olivia estava morta.

Eu estava começando a entender aquele olhar inexpressivo que Sam adotava quando alguém dizia algo sobre seus pais. Eu não sentia nada quando pensava Olivia está morta. Eu me sentia apática, como as cicatrizes de Sam.

Percebi que Koenig havia me visto.

— Oi — cumprimentei-o.

Ele suspirou fundo, como quem se prepara para mergulhar. Eu teria dado qualquer coisa para saber em que ele pensava.

— Muito bem, aqui está você — disse ele.

— Sim — respondi. — Aqui estou eu. — Cole saiu da cozinha e ficou atrás de

mim, e Koenig franziu o cenho. Cole sorriu, um sorriso firme e decidido. Eu observei Koenig dar-se conta de quem ele era.

— Claro — disse Koenig. Ele cruzou os braços e se virou para Sam. Movendo os braços ou parado, algo em Koenig dava a impressão de que seria difícil derrubá-lo. — Há mais pessoas desaparecidas vivendo sob o mesmo teto? Elvis? Jimmy Hoffa? Amelia Earhart? Eu gostaria de saber já, antes de continuarmos.

— São só eles — disse Sam. — Até onde eu sei. Grace quer ir junto, se não houver problema.

Koenig pensou.

— Você também vai? — ele perguntou a Cole. — Porque se for, terei que abrir espaço no meu táxi. Além disso, é uma viagem longa. Se vocês têm a bexiga pequena, melhor irem ao banheiro antes de partirmos. — E só isso. Após estabelecer as regras do dia — eu era um lobo às vezes, Cole era um cantor de rock desaparecido — fomos ao que interessava.

— Não vou — respondeu Cole. — Tenho trabalho de homem para fazer.

Sam lançou a Cole um olhar de alerta. Foi um olhar que pensei ter algo a ver com a cozinha finalmente ter cara de cozinha de novo e Sam querendo que continuasse daquele jeito.

A resposta de Cole foi enigmática. Bem, um pouco. Sempre que Cole não era totalmente alegre, era misterioso.

— Levem seus telefones. Para o caso de eu precisar conversar com vocês.

Sam passou os dedos sobre os lábios como se estivesse conferindo o resultado do barbear.

— Não incendeie a casa.

— Tudo bem, mãe — respondeu Cole.

— Vamos — eu disse.

Foi uma viagem esquisita. Não conhecíamos Koenig direito, e ele não sabia nada a nosso respeito além do que todos sabiam. Ficou ainda mais esquisita porque ele estava sendo gentil de um modo muito estranho e não sabíamos se era

sincero. Era difícil conversar desse jeito.

Então, nós três nos sentamos no banco da caminhonete. Koenig, Sam e eu. O carro tinha um cheiro leve de refrigerante. Koenig dirigia treze quilômetros acima do permitido. A estrada nos levava ao nordeste, e logo a civilização começou a desaparecer. O céu estava aberto, sem nuvens, muito azul, e todas as cores pareciam carregadas. Se o inverno já tinha estado ali, não havia deixado lembranças.

Koenig não disse nada, apenas passou a mão nos cabelos curtos. Ele não se parecia com o Koenig de quem eu me lembrava, aquele cara dirigindo no meio do nada uma caminhonete de cidadão comum, vestindo uma camiseta de loja de departamento. Não era o tipo de pessoa em quem eu esperava confiar naquele momento. Ao meu lado, Sam praticava um acorde de violão em minha coxa.

As aparências enganam muito, pensei.

A caminhonete era silenciosa. Depois de um tempo, Sam comentou sobre o clima. Disse que achava a estrada tranquila a partir daquele ponto. Koenig disse que concordava, mas nunca se sabia o que Minnesota reservava. Ela podia surpreender, segundo ele. Eu achei bacana ele se referir a Minnesota como "ela". Dessa forma, Koenig se mostrava mais bonzinho, de certo modo. Koenig perguntou a Sam o que ele pensava em estudar na faculdade, e Sam respondeu que estava considerando uma oferta de Karyn para trabalhar em período integral na livraria. Koenig disse que não havia nada de ruim naquilo. Pensei nas duzentas aulas, nas matérias de graduação, nos sucessos medidos por um pedaço de papel e desejei que eles mudassem de assunto.

Koenig mudou.

— E o St. Clair?

— Cole? Beck o encontrou — disse Sam. — Foi um caso de caridade.

Koenig olhou para ele.

— Para St. Clair ou para Beck?

— Está aí uma coisa que me pergunto muito ultimamente — respondeu Sam. Ele e Koenig trocaram um olhar, e eu fiquei surpresa ao ver que Koenig tratava Sam como um semelhante ou, se não como semelhante, pelo menos como adulto.

Eu passava tanto tempo sozinha com Sam que a reação das outras pessoas a ele e a nós juntos sempre me chocava. Era difícil imaginar como um cara podia tantas reações diferentes nas pessoas. Era como se existissem quarenta versões distintas de Sam. Sempre pensei que todos me viam como eu me mostrava, mas comecei a pensar se existiam quarenta versões diferentes de Grace também.

Todos nós nos assustamos quando o telefone de Sam tocou dentro de minha bolsa — na qual eu levava uma muda de roupa para o caso de me transformar e um romance para o caso de eu precisar parecer ocupada — e Sam perguntou: — Pode atender, Grace?

Parei ao ver que não reconhecia o número no visor. Mostrei o telefone a Sam quando tocou de novo. Ele balançou a cabeça, confuso.

— Devo atender? — perguntei, mexendo no telefone como se fosse abri-lo.

— Nova York — disse Koenig. Ele voltou a olhar para a estrada. — É o código de Nova York.

Aquela informação não ajudou Sam. Ele deu de ombros.

Abri o telefone e o levei à minha orelha.

— Alô?

A voz do outro lado da linha era baixa, de um homem.

Ah... certo. Alô. Cole está?

Sam olhou para mim e eu percebi que ele conseguia ouvir a voz também.

— Acho que ligou para o número errado — respondi. Imediatamente, meu cérebro processou o que aquilo significava: Cole havia usado o telefone de Sam para ligar para alguém. Para sua casa? Será que Cole fizera isso?

A voz não se alterou. Tinha um toque preguiçoso e lento, como um pedaço de manteiga se derretendo.

— Não liguei para o número errado, não. Mas compreendo. Aqui é o Jeremy. Nós formávamos uma banda.

— Com essa pessoa que eu não conheço — respondi.

— Isso — disse Jeremy. — Gostaria que você desse um recado a Cole St. Clair,

se puder. Gostaria que você dissesse que dei a ele o melhor presente do mundo, e precisei me esforçar bastante, por isso seria legal se ele tomasse o cuidado de não rasgar o embrulho e jogar fora.

— Estou ouvindo.

— Daqui a dezoito minutos, o presente vai ao ar na rádio Vilkas. Os pais de Cole também escutarão, cuidei disso. Você conhece essa rádio?

— Vilkas? Que rádio é essa? — perguntei. — Não que eu vá passar esse recado.

— Eu sei qual é — disse Koenig, sem tirar os olhos da estrada. — Rick Vilkas.

— Essa mesma — disse Jeremy, que havia escutado. — Alguém aí tem bom gosto. Tem certeza de que Cole não está por perto?

— Não está, não — retruquei.

— Pode me dizer uma coisa? Da última vez que vi nosso intrépido herói, Cole St. Clair, ele não estava na melhor situaçao. Na verdade, posso dizer que ele estava bem mal. Só quero saber se ele está feliz.

Pensei no que eu conhecia a respeito de Cole. Pensei na importância de ele ter um amigo que se importava tanto com ele. Cole não podia ter sido totalmente terrível se alguém de seu passado se importava tanto com ele daquele jeito. Ou talvez ele tenha sido tão maravilhoso antes de ficar terrível que tinha um amigo que via o seu outro lado. Aquilo mudou um pouco a visão que eu tinha de Cole, e também não mudou nada.

— Está batalhando para isso. Fez-se uma breve pausa, e então Jeremy disse: — E o Victor?

Eu não disse nada. Nem Jeremy. Koenig ligou o rádio, com o volume baixo, e começou a sintonizar.

Jeremy disse:

— Os dois morreram há muito tempo. Eu estava lá e vi. Você já viu um amigo morrer? Ahh. Bem, alguns podem ser ressuscitados. Está batalhando para isso. — Demorei um pouco para perceber que ele repetia minha resposta. — Entendi. Diga a ele para escutar a Vilkas, por favor. Ele mudou minha vida. Não me esquecerei

disso.

— EU não disse que sei onde ele está — argumentei.

— Eu sei — respondeu Jeremy. — Não me esquecerei disso também. O telefone ficou mudo. Sam e eu nos olhamos. O sol de quase verão iluminava seu rosto e tornava seus olhos surpreendentemente amarelos. Por um segundo, tentei imaginar se seus pais teriam tentado matar um garoto de olhos castanhos, ou de olhos azuis. Algum filho que não tivesse olhos de lobo.

— Telefone para o Cole — disse Sam.

Eu teclei o número da casa de Beck. O telefone tocou muitas vezes e quando eu estava prestes a desligar, alguém atendeu e um segundo depois disse: — Hã?

— Cole, ligue o rádio — ordenei.

Capítulo 50

Cole

Quando comecei tudo, e, com tudo, eu me refiro à vida, o suicídio era uma piada. Se eu tiver que andar naquele carro com você, vou cortar os pulsos com uma faca de manteiga. Era tão real quanto um unicórnio. Não, menos real do que isso. Era tão real quanto a explosão ao redor de um coiote do desenho animado. Mil pessoas ameaçam se matar todos os dias e fazem mil outras pessoas rirem, porque, como um desenho animado, é engraçado e sem sentido. Desaparece antes mesmo de você desligar a televisão.

Então, tornou-se uma doença. Algo que outras pessoas pegariam se vivessem num lugar sujo o bastante para pegar a infecção embaixo das unhas. Não foi uma conversa agradável para a hora do jantar, Cole, e, assim como a gripe, matava apenas os fracos. Se você tivesse sido exposto, não falaria sobre isso. Ninguém queria deixar as pessoas enojadas.

Apenas no ensino médio ele se tornou uma possibilidade. Não imediata, não do tipo Existe a possibilidade de eu baixar esse disco porque a guitarra e muito doida e me faz querer dançar, mas a possibilidade na maneira com que alguns diziam que, quando crescessem, poderiam ser bombeiros ou astronautas ou contadores que trabalham até tarde todo fim de semana enquanto a esposa tem um caso com o cara que dirige o caminhão da empresa de entrega. Tornou-se uma possibilidade do tipo Talvez, quando eu crescer, eu esteja morto.

A vida era um bolo que parecia bom na padaria, mas que tinha um gosto muito ruim.

Eu fiquei bonito cantando o fim.

Foi preciso a NARKOTIKA para tornar o suicídio um objetivo. Uma recompensa por serviços prestados. Quando as pessoas aprenderam a falar

NARKOTIKA na Rússia, no Japão e em lowa, tudo e nada importavam e eu me cansei de tentar descobrir se essas coisas eram de verdade. Eu era uma coceira que tinham coçado tanto a ponto de sangrar, Eu havia me preparado para fazer o impossível, o que quer que o impossível fosse, até descobrir que isso seria conviver comigo mesmo. O suicídio virou uma data de validade, o dia depois do qual eu não

teria mais que tentar.

Pensei que tinha ido a Minnesota para morrer.

Às duas e quinze daquela tarde, Rick Vilkas havia terminado seu primeiro intervalo comercial. Ele era um deus da música que havia conseguido fazer com que tocássemos ao vivo em seu programa e então havia me pedido para autografar um pôster para a esposa, afirmando que só fazia amor com ela ao som da nossa canção “Navio afundando”. Eu escrevera Continue remando embaixo de minha foto e assinara meu nome. Rick Vilkas era confiante no ar, o melhor amigo para uma cerveja, que contava segredos com a voz baixa, dando uma cutucadinhas com o cotovelo.

A voz dele naquele momento, soando pelas caixas acústicas na sala de estar de Beck, era íntima.

— Todo mundo que escuta este programa sabe... Caramba, todo mundo que escuta o rádio sabe que Cole St. Clair, líder da NARKOTIKA e ótimo compositor, desapareceu há quase o quê... um ano? Alguma coisa assim. Eu sei, eu sei... meu produtor está irritado aqui. Pode dizer o que quiser, Buddy, ele podia ser um doido de primeira, mas sabia compor uma música.

Pronto, ali estava meu nome na rádio. Eu tinha certeza de que já o tinham dito muitas vezes no último ano, mas aquela era a primeira vez em que eu estava presente para escutar. Esperava sentir alguma coisa — uma pontada de arrependimento, culpa, agonia —, mas não senti nada. A NARKOTIKA era uma ex-namorada cuja foto não tinha mais o poder de emocionar.

Vilkas continuou:

— Bem, parece que temos notícias, e somos os primeiros a transmiti-las. Cole St. Clair não morreu, gente. Ele também não se tornou refém de um monte de fãs nem de minha esposa. Temos uma declaração de eu agente que agora afirma que St. Clair teve um problema de saúde relacionado ao uso de drogas — olha só, vocês podiam imaginar que esse cantor, líder da NARKOTIKA, pudesse ter problemas com drogas? — e que ele começou, com seus colegas de banda, um trabalho secreto de reabilitação fora do país. Diz aqui que ele voltou aos Estados Unidos, mas quer ficar em paz enquanto " decide o que fazer a seguir". É isso aí, pessoal. Cole St. Clair. Ele está vivo. Não precisam agradecer agora. Agradeçam

depois. Vamos torcer por uma turnê de reunião, certo? Para deixar minha esposa feliz. demore quanto precisar, Cole, se estiver escutando. O rock vai esperar.

Vilkas tocou uma de nossas músicas. Desliguei o rádio e passei a mão nos lábios. Minhas pernas doeram por eu ter ficado agachado na frente do rádio.

Seis meses atrás não teria nada pior no mundo do que aquilo. Não havia nada que eu quisesse mais do que ser considerado desaparecido ou morto, a menos que realmente estivesse desaparecido ou morto.

No sofá ao meu lado, Isabel disse:

—Então, agora, você oficialmente renasceu.

Liguei o rádio de novo para poder pegar o fim da canção. Mantive uma das mãos aberta no joelho e parecia que o mundo todo estava na palma de minha mão. O dia mais parecia uma folga da cadeia.

—Sim — concordei. — Parece que sim.

Capítulo 51

SAM

Assim que vi a península, soube que era a solução.

Não que a entrada fosse extremamente propícia. Havia uma entrada com plantas mal-podadas com as palavras KNIFE LAKE LODGE entalhadas, e do outro lado dela havia uma paliçada. Koenig disse um palavrão ao se deparar com a trava de segredo do portão até ela ceder, e então nos mostrou como a paliçada dava espaço à cerca de arame farpado presa a árvores perenes de poucos em poucos metros. Ele foi educado e direto, como um corretor mostrando a clientes em potencial um terreno caro.

— O que acontece quando chega à água? — perguntei. Ao meu lado, Grace deu um tapa num mosquito. Havia muitos deles, apesar do frio. Fiquei feliz por termos chegado tão cedo, porque o vento estava cortante.

Koenig puxou o arame; que permaneceu preso ao casco incerto do pinheiro.

— Ele vai alguns metros lago adentro, como eu disse. Comentei isso antes? Quer dar uma olhada?

Eu não sabia ao certo se queria ver. Não sabia o que estava procurando. Acima de mim, um melro cantava sem parar, com o som de um balanço enferrujado em movimento. Um pouco mais além, consegui escutar outro pássaro cantando como alguém fazendo um som de "r" forte e, além dele, outro som — o tipo de camada densa e sem fim de árvores e aves que se tem quando não se vê nenhuma pisada em metros e metros de terra. Em pé naquela floresta conífera, há muito abandonada pelas pessoas, senti o cheiro de um bando de veados e fuinhas e pequenos roedores revirando terra com pedras, e quando a ansiedade nervosa tomou conta de minhas veias, me senti lobo como há muito não me sentia.

— Eu quero, se você não se importar — disse Grace.

— É por isso que estamos aqui — disse Koenig, e passou pelas árvores, firme como sempre. — Não se esqueçam de procurar carrapatos quando terminarmos.

Eu os segui, deixando Grace ver os detalhes concretos de vida enquanto eu passava pela floresta e tentava imaginar a matilha ali. Aquela mata era fechada e difícil de atravessar; o chão estava coberto por mato que escondia buracos e

rochas. A cerca bastava para manter animais grandes fora dali, por isso, diferentemente do Bosque da Fronteira, não havia caminhos naturais batidos pela vegetação rasteira. Os lobos não teriam concorrência ali. Nenhum perigo. Koenig tinha razão; se os lobos fossem levados, não poderia haver lugar melhor.

Grace apertou meu cotovelo, fazendo tanto barulho até chegar a mim que eu percebi que havia sido deixado bem para trás.

— Sam — disse ela, e estava ofegante, como se estivesse pensando a mesma coisa que eu. — Você viu a cabana?

— Eu estava olhando para o mato — respondi.

Ela segurou meu braço e riu, uma risada clara e feliz que eu não escutava havia muito tempo.

— Mato — ela repetiu e abraçou meu braço. — Que menino maluco. Venha aqui.

Ficar de mãos dadas era estranho na presença de Koenig, provavelmente porque foi a primeira coisa para a qual ele olhou quando aparecemos na clareira onde ficava a cabana. Ele estava usando um boné para afastar as moscas no espaço aberto — o que, de certa forma, fez com que ele ficasse mais formal, não menos — e estava diante de uma cabana de madeira que me parecia enorme. Era repleta de janelas e ripas de madeira e parecia algo que os turistas imaginavam ser como Minnesota.

— É essa a cabana?

Koenig liderou o percurso, chutando pedras do chão de concreto da frente do prédio. — Sim, costumava ser muito melhor.

Eu estava esperando — não, nem mesmo esperando, apenas torcendo para encontrar — uma cabana pequena, algum resto da vida antiga do resort dentro do qual os membros da matilha pudessem se abrigar quando se tornassem seres humanos. De certa forma, quando Koenig dissera resort, não pensei que ele estivesse falando sério. Pensei que se tratava de outro tipo de negócio de família falido. Deve ter sido algo bonito de se ver quando foi construído.

Grace afastou a mão de mim para poder analisar melhor. Ela espiou por uma janela empoeirada, fazendo uma concha com as mãos no vidro. Havia um galho em

cima de sua cabeça; o restante dele subia pela lateral da cabana. Ela ficou em pé no meio do mato alto que havia crescido na brecha entre o piso de concreto e a base. Ela parecia muito pequena, calça limpa, uma de minhas jaquetas, os cabelos loiros espalhados pelos ombros.

— Parece bem bacana — disse Grace, sempre gentil comigo.

Também foi gentil com Koenig. Quando ele percebeu que ela não estava sendo sarcástica, completou:

— Também acho. Não há eletricidade aqui, no entanto. Não mais. Acho que daria para religar a energia, mas os homens da empresa de eletricidade teriam que vir aqui uma vez por mês.

Grace, com o rosto ainda grudado no vidro, disse:

— Nossa, parece o começo de um filme de terror. Mas há ali uma grande lareira, não é? É possível viver sem eletricidade, se usarem a inteligência.

Eu me aproximei dela e pressionei o rosto contra a janela. Do lado de dentro, vi uma sala grande e escura dominada por uma enorme lareira. Tudo era escuro e abandonado: tapetes sem cor por causa da poeira, uma planta no vaso morta, uma cabeça de animal empalhado difícil de identificar por ser muito velha. Era uma recepção abandonada de hotel, uma imagem do Titanic embaixo d'água. De repente, uma cabana pequena parecia mais fácil de se manter.

— Posso olhar o resto da propriedade? — perguntei, afastando-me do vidro. Puxei Grace delicadamente para longe da trepadeira. Era uma hera venenosa.

— Fiquem à vontade — disse Koenig. E então, depois de uma pausa, ele disse: — Sam?

Ele fez uma pausa ao dizer isso, e eu conclui que não ia gostar do que ele diria em seguida.

— Sim, senhor? — perguntei. O senhor escapou sem querer e Grace não olhou para mim, apenas para Koenig. Será que ele havia sido formal ao me chamar?

— Geoffrey Beck é seu pai adotivo, certo?

— Sim — eu disse. Meu coração pulou com a pergunta, não porque minha resposta era uma mentira, mas porque eu não compreendia por que ele estava

perguntando. talvez fosse mudar de ideia sobre nos ajudar. Tentei parecer tranquilo. — Por que está perguntando? —Estou tentando entender se considero o que ele fez a você um crime.

Apesar de estarmos muito fora de contexto, ali em Lugar Nenhum, Minnessota, eu sabia o que ele queria dizer. Era o seguinte: eu, num banco de neve diante de uma casa comum, com a respiração de lobo quente em meu rosto. Meu coração estava acelerado de verdade. Talvez ele nunca tenha tido a intenção de nos ajudar. Talvez aquela viagem toda, todas as conversas, tenha servido para incriminar Beck. Como saber do que se tratava? Senti o rosto quente; talvez tivesse sido ingênuo de minha parte pensar que um policial estaria tão disposto a nos ajudar.

Encarei Koenig apesar de meu coração estar acelerado.

— Ele não tinha como saber que meus pais tentariam me matar. — Ah, mas isso torna as coisas mais odiosas, em minha opinião —respondeu Koenig, com tanta rapidez que ele devia saber como eu reagiria. — Se eles não tivessem tentado matar você e saído de cena, quais seriam as intenções dele? Sequestro? Ele teria levado você se eles não tivessem facilitado?

Grace interrompeu.

— Você não pode acusar alguém de algo que ele poderia ter feito.

Olhei para ela. Tentei imaginar se ela podia estar pensando a mesma coisa que eu. Koenig continuou:

— Mas ele fez aqueles dois lobos atacarem Sam, com intenção de ferir.

— Não ferir — discordei, mas desviei o olhar. A voz de Koenig soou grave.

— Considero que ele quis feri-lo, sim. Você morderia o filho de alguém, Grace?

Grace fez uma careta.

— E você, Sam? Não? O fato de grande parte do mundo não ter conhecimento a respeito da arma que conhecimento a respeito da arma que Geoffrey Beck usou em vocês não faz com que isso seja um ataque.

Por um lado, eu sabia que ele tinha razão, mas do outro estava o Beck que eu conhecia, o Beck que havia me transformado em quem eu era. Se Grace me considerava uma pessoa gentil, generosa, era porque eu havia aprendido com

Beck. Se ele era um monstro, certamente eu teria me tornado um monstrinho também? Todos aqueles anos eu tivera conhecimento de minha chegada à matilha. O carro lento, os lobos, a morte de Sam Roth, filho de pais de classe média em Dufurth, um dos quais havia trabalhado no correio, o outro que havia trabalhado num escritório fazendo algo parecido com o trabalho para uma criança de sete anos. Analisando o passado pela perspectiva de um adulto, o ataque do lobo claramente não tinha sido acidente. E, como adulto, eu sabia que Beck estava por trás daquilo. Que ele havia arquitetado — " arquitetado" era uma palavra adequada, difícil de atenuar.

— Ele fez mais alguma coisa a você, Sam? — perguntou Koenig.

Por um longo minuto, não entendi o que ele queria dizer. Então, olhei para a frente.

— Não!

Koenig apenas me olhou, tentando se reaproximar. Eu o odiei naquele momento por tirar Beck de mim, mas odiei Beck ainda mais, por ter sido levado com tanta facilidade. Eu perdi o certo, o errado e tudo que havia entre ele.

— Pare — supliquei. — Pode parar, por favor?

Grace disse com delicadeza;

— Beck é um lobo agora. Acho que você teria muitas dificuldades para acusá-lo, e mesmo que fizesse, acho que ele já está cumprindo sua sentença neste momento.

— Sinto muito. — Koenig ergueu as mãos como se estivéssemos apontando uma arma para ele. — Mente de policial. Vocês têm razão. É que eu... deixa pra lá. É muito difícil colocar pensamentos em palavras quando começamos a pensar nessa história. Na história de vocês. Na história da matilha. Querem entrar na cabana? Vou entrar um pouco. Quero ter certeza de que não há nada ali dentro que os membros da família queiram reaver.

— Vou andar na frente — eu decidi. Sentia-me oco de alívio, por ver que Koenig era mesmo o que parecia ser. Tudo a respeito do plano dele parecia fraco. — Se não houver problemas.

Koenig assentiu, ainda como quem se desculpa. Ele levou a mão à maçaneta da

porta, que se abriu sem dificuldade, e não olhou para nós quando entrou.

Depois de desaparecer de vista, dei a volta por trás da cabana, e Grace me seguiu após tirar um carrapato da perna da calça e amassá-lo com a unha. Eu não sabia aonde queria ir, só queria me afastar, ir para o mato, mais para dentro; acho que não fazia ideia de que queria ver o lago. Um caminho de madeira nos levou a um quilômetro de distância da cabana, de volta para as árvores, que logo deram espaço a samambaias e espinhos. Escutei os pássaros e os sons de nossos pés na vegetação rasteira. O sol da tarde pintava tudo de dourado e verde. Eu me sentia quieto, pequeno e imóvel por dentro.

Grace disse:

— Sam, pode dar certo. — Não olhei para ela. Estava pensando nos quilômetros de estrada entre nós e a casa. A casa de Beck já havia se tornado uma lembrança saudosa.

— Aquela cabana é de assustar.

— Pode ser limpa — disse Grace. — Pode dar certo.

— Eu sei — concordei. — Sei que pode.

Vimos um enorme afloramento diante de nós, e então rochas mais compridas do que o Volkswagen, planas como telhas. Grace parou por um segundo antes de escalar a lateral. Caminhei atrás dela e ficamos lado a lado, mais altos do que antes, mas ainda não altos o bastante para vermos o topo das árvores mais compridas. Ouvimos apenas o murmúrio que se ouve ali em cima, aquela sensação de que o chão se move lentamente, para dizer que estávamos mais perto do céu do que do chão. Eu nunca tinha visto pinheiros tão altos em Mercy Falls. Um pinheiro se aproximava do topo do afloramento e Grace passou os dedos pelo tronco, surpresa.

— Que lindo. — Ela precisou parar, com as mãos no casco, para olhar para cima e observar o topo. Era adorável ver seus lábios entreabertos de admiração, era adorável ver a linha de suas costas e pernas, confortável no topo daquele monte de rochas no meio do nada.

Eu disse:

— É Fácil amar você.

Grace afastou a mão da árvore e se virou para mim. Olhou para os lados. como se eu tivesse dito uma charada que ela tinha que desvendar. — Por que está parecendo tão triste? — perguntou ela.

Coloquei as mãos dentro dos bolsos e olhei para o chão além da rocha. Havia uma dezena de tons diferentes de verde, era só prestar atenção para ver. Como lobo, eu não veria nenhum deles.

— Este é o lugar. Mas eu terei que fazer, Grace. É o que Cole quer. Não podemos prender todos os lobos e não temos pessoas em número suficiente para tirá-los. A única chance que temos será guiá-los para fora, e precisa ser um lobo com senso de direção. Eu queria que Cole fizesse isso. Pensei: se tudo fosse justo e lógico, seria ele, que gosta de ser lobo; é a ciência dele, seus brinquedos. Se o mundo fosse um lugar justo, ele deveria levar todos para fora. Mas não. Ele me disse que não consegue manter nada na mente quando se transforma em lobo. Ele disse que gostaria, mas não consegue.

Escutei Grace respirando, lenta e cuidadosa, mas não disse nada imediatamente.

— Você não se transforma mais — disse ela.

Eu sabia que resposta dar. Com quase total certeza.

— Cole pode dar um jeito.

Grace puxou uma de minhas mãos de um dos bolsos e repousou meus dedos curvados na palma de sua mão. Senti sua pulsação, leve e constante, contra o meu polegar.

— Eu estava começando a me esquecer disso — sussurrei, passando os dedos por sua pele. — Estava começando a achar que nunca teria de fazer isso de novo. Estava começando a gostar da pessoa em quem estava me transformando. — Quis dizer a ela que não queria me transformar em lobo de novo, que não queria pensar em me transformar. Que estava começando a pensar em mim no tempo presente, na vida em movimento e não na vida preservada. Mas não consegui falar. E admitir aquilo em voz alta não tornaria mais fácil o que precisava ser feito. Então, mais uma vez, me calei.

— Sam — disse ela, abraçando-me pelo pescoço e permitindo que eu

descansasse o rosto em sua pele. Passou os dedos pelos meus cabelos. Escutei quando ela engoliu em seco. — Quando nós...

Mas ela não terminou, Apenas apertou meu pescoço com força e precisei virar um pouco a cabeça para conseguir respirar. Beijei seu pescoço, sentindo seus cabelos em meu rosto. Ela suspirou.

Por que tudo parecia estar se despedindo?

A floresta estava barulhenta a nosso redor, aves cantando, a água espirrando, o vento sussurrando shh-shh-shh pelas folhas; era o som de sua respiração antes de chegarmos e continuaria a ser depois de nossa partida. A essência daquele mundo natural era formada por pesares particulares e não expressados, e os nossos eram apenas mais um fator.

— Sam — Koenig estava em pé na base do afloramento. Grace e eu nos afastamos. Um dos fios de cabelo de Grace estava em minha boca e eu o tirei. - Seu telefone tocou e ninguém deixou mensagem. O sinal aqui é muito ruim. Era o número de telefone de sua casa.

Cole.

— É melhor voltarmos — disse Grace, já descendo com a mesma desenvoltura da subida. Ela ficou ao lado de Koenig e juntos eles analisaram a rocha e a floresta ao redor até eu me aproximar dos dois.

Koenig fez um pequeno gesto com a mão para a floresta ao nosso redor.

— O que vocês acharam?

Olhei para Grace, e Koenig também olhou. Ela apenas assentiu.

— Você também? — ele me perguntou.

Sorri sem jeito.

— Foi o que pensei — disse ele. — É um bom lugar para se perder.

Capítulo 52

COLE

Em uma hora, telefonei para o celular de Sam a mesma quantidade de vezes que telefonara para Isabel em dois meses. E obtive o mesmo resultado. Nada. Poderia levar isso para o lado pessoal, mas queria que aprendera a lição. Paciência. Era uma virtude.

Nunca tinha sido um dos meus pontos fortes.

Telefonei para Sam. O telefone tocou e tocou até meus ouvidos pesarem que todos os outros toques anteriores tinham sido mais compridos.

Os minutos passavam sem parar. Liguei o rádio e até as canções passavam em câmera lenta. Eu me irritava sempre que um refrão começava; era como se já tivesse escutado aquilo cem vezes antes. Telefonei para Sam.

Nada.

Desci correndo a escada que dava para o porão, até a cozinha. Eu já tinha organizado as minhas coisas, mas, por bondade e para me distrair, usei uma toalha de papel para secar o balcão da cozinha e fazer uma pequena pirâmide de borra de café e migalhas da tostadeira.

Telefonei para Sam. Mais toques. Desci correndo de volta ao porão, para as minhas coisas que estavam no quarto. Procurei em todos os objetos que havia reunido ao longo dos últimos meses, não precisava de nada exatamente, só queria me manter ocupado, mexer em alguma coisa, Meus pés não paravam, independentemente de eu estar em pé, então achei melhor ficar levantado mesmo.

Telefonei para Sam.

Trim, trim, trim, trim. Trim, trim. Trim, trim.

Peguei uma calça de moletom e uma camiseta e as levei para o porão.

E as coloquei em cima da cadeira, Tentei decidir se deveria pegar uma camiseta de manga comprida ou uma blusa de lã. Não. Uma camiseta serviria. Não. Talvez um casaco.

Peguei uma blusa de moletom da Herkeley de uma gaveta.

Telefonei para Sam.

Nada. Nada. Onde diabo ele estava?

Fiz um rabisco no caderno de Beck que agora era meu. Desci para oporão. Conferi o termostato. Eu o girei no máximo. Peguei aquecedores da garagem. Encontrei todas as frestas do porão e as fechei. Ali embaixo estava um forno. Mas não estava quente o suficiente. Precisava criar o verão ali dentro.

Telefonei para Sam.

Dois toques. Três.

- Cole, o que foi? — Era Sam. A voz dele soou em meio à estática, irreconhecível, mas era ele, sim.

- Sam — eu disse. Eu estava um pouco irritadiço naquele momento, mas senti que merecia. Olhei para o corpo de lobo no chão na minha frente. Os efeitos dos sedativos estavam começando a passar.

- Peguei o Beck.

Capítulo 53

SAM

Eu não havia percebido antes de Cole pegar Beck que era ano-novo chinês. Durante muito tempo, pensei que o ano-novo chinês fosse um feriado de verdade. Todos os anos, no mesmo dia de maio, Ulrik e Paul e quem mais estivesse ali, levava Shelby e eu para um dia de comemorações — balões na mão, visitas a museus, carros bonitos que não pretendíamos comprar, mas nos quais fazíamos test-drive — que termina com uma refeição épica no Fortune Garden, em Duluth. Eu não comia muito além dos rolinhos primavera e dos biscoitos da sorte, mas a relação com o dia de folia tornava aquele restaurante o meu preferido. Sempre acabávamos com uma dúzia de caixas brancas de alimentos embrulhados que passavam semanas na geladeira. Bem depois do escurecer, chegávamos em casa e eu tinha que ser arrastado e carregado escada acima para minha cama.

Beck nunca ia conosco. Paul sempre dava uma desculpa diferente a cada ano. Ele tem que trabalhar e precisa que saiamos de casa ou Ele dormiu tarde ontem ou Ele não celebra o ano-novo chinês. Eu não pensava muito nisso, na verdade. Havia muitas outras coisas acontecendo naquele dia que prendiam minha atenção. A verdade era que eu era jovem e me distraía e, como fazemos quando somos jovens, eu não pensava no que meus pais faziam quando não estava com eles. Era fácil pensar em Beck trabalhando muito no escritório naquele dia, se eu tentasse imaginar.

Então, durante anos, o ano-novo chinês chegava e passava. Entrava e saía da casa. Conforme fui ficando mais velho, comecei a ver mais detalhes que havia perdido quando era mais jovem. Quando saíamos, Ulrik ou Paul sempre tiravam o telefone do gancho, e trancavam a porta da frente, como se não houvesse ninguém na casa.

Quando eu já tinha treze ou quatorze anos, não mais dormia assim que chegava em casa. Geralmente, eu fingia estar com sono para poder me fechar no quarto com o livro ou qualquer objeto novo que tivesse comprado naquele dia. Eu saía de meu quarto apenas para ir ao banheiro e depois, enfim, apagava a luz. Mas um ano, ao sair de meu quarto, escutei... algo. Ainda não me lembro o quê

naquele som fez com que eu parasse no corredor. Alguma coisa nele era estranha, desconhecida.

Então, pela primeira vez, passei pelo banheiro, em silêncio, até a porta entreaberta do quarto de Beck. Hesitei, escutando, olhando para trás para ter certeza de que não estava sendo observado. Então, dei mais um passo à frente sem fazer barulho para poder ver dentro do quarto do Beck.

O pequeno abajur na mesa de cabeceira iluminava pouco seu quarto. Havia um prato no meio do quarto com um sanduíche inteiro e fatias escurecidas de maçã dentro dele, além de uma caneca cheia de café ao lado, com uma marca ao redor da borda, onde o leite se separava. A alguns metros dali, sentado no chão, diante da cama, de costas para mim, estava Beck. Fiquei chocado com sua postura, algo que mais tarde eu não conseguiria esquecer. Ele estava sentado com os joelhos contra o peito como um menino e as mãos entrelaçadas atrás da nuca, empurrando-a para frente como se protegesse de um golpe que estava por vir.

Não entendi. E então, escutei o som suave de novo, e vi os ombros dele chacoalharem. Não, não os ombros, mas o corpo inteiro, um tremor mais leve, os soluços intermitentes e silenciosos de alguém que está poupando forças para o baque forte que ainda viria.

Eu me lembro de não ter sentido nada além de surpresa por Beck ter algo daquele tipo vivendo dentro dele sem que eu soubesse, nem adivinhasse. Mais tarde, eu descobriria que aquele não era o único segredo de Beck, talvez fosse apenas o mais bem guardado.

Deixei Beck lá em cima, ele e seu pesar particular, e desci a escada para encontrar Ulrik, que mudava de canal da televisão pelo controle remoto na sala de estar.

Eu disse apenas:

- Qual o problema com ele?

Foi assim que fiquei sabendo sobre a esposa de Beck e como ela havia morrido naquele dia de maio, nove anos antes. Um pouco antes de eu ser mordido. Eu não havia feito a ligação, ou se tinha, não de uma maneira importante, não de um modo que importasse.

Agora, importava.

Capítulo 54

SAM

Quando entramos na garagem, meu telefone celular tocou de novo.

Koenig nem sequer desligou o carro. Ele pisou no freio. Olhou para o relógio e então no espelho retrovisor ao sairmos.

- Você vai entrar? — perguntou Grace, inclinando-se para dentro do carro. Nem pensei que ele pudesse querer entrar.

- Não — disse Koenig. — Tenho certeza de que o que está acontecendo ali é... prefiro ser punido por ignorância culpável. Não vi vocês hoje. Você vai falar com seus pais mais tarde, certo?

Grace assentiu.

- Sim. Obrigada. Por tudo.

- Sim — eu disse.

Não era o suficiente. O telefone ainda estava tocando. Ainda era Cole. Eu precisava dizer mais a Koenig, mas... Beck. Beck estava ali.

- Telefonem para mim mais tarde, quando decidirem — disse Koenig. — E Sam, atenda o telefone.

Grace fechou a porta e deu um tapinha na lateral da caminhonete, mandando Koenig embora.

-Estou aqui — eu disse, atendendo o telefone.

-Demorou demais — disse Cole. — Voltaram andando?

- O quê?— perguntei. A luz da tarde estava entrando forte e baixa pelos pinheiros. Precisei piscar e olhar para o outro lado. Pensei que não tivesse compreendido Cole. — Estou na garagem agora.

Cole fez uma pausa e continuou:

- Que bom. Apresse-se. E se você for mordido, lembre-se de que isso foi idéia sua.

Perguntei a Cole.

- Será que devo saber?

- Posso ter errado na dosagem dos tranqüilizante para cães. Nem tudo que se lê na internet é verdade. Parece que os lobos precisam de mais do que os pastores alemães neuróticos.

-Jesus - eu disse. - Então Beck esta solto na casa? Andando por lá?

A voz de Cole estava um pouco tensa.

- Gostaria de dizer que já fiz a parte impossível por você. Consegui tirá-lo da mata. Você pode tirá-lo de seu quarto.

Nós corremos até a porta da entrada. Sob aquela luz, as janelas da casa eram espelhos repletos de sol. No passado, seria a hora do jantar. Eu entraria numa casa repleta de restos esquentados no micro-ondas, com a lição de álgebra para fazer, Iron Butterfly soando nas caixas acústicas e Ulrik tocando bateria invisível. Beck diria: *"Certa vez alguém disse que os homens europeus tinham ótimo gosto. Essa pessoa errou feio."* A casa pareceria cheia; eu iria para o meu quarto para ter um pouco de sossego.

Eu sentia aquele tipo de barulho.

Beck. Beck estava ali.

Cole fez um som baixo.

- Já entrou? Que Deus abençoe os Estados Unidos e todos os seus filhos. Por que está demorando tanto?

A porta da frente estava trancada.

- Fale com Grace — sugeri.

- A mamãe não vai me dar uma resposta diferente da do papai — disse Cole, mas eu entreguei o telefone a ela mesmo assim.

- Converse com ele. Preciso pegar minha chave. — Procurei no bolso, tirei a chave e abri a porta da frente.

- Oi — disse Grace. — Estamos entrando. — E então ela desligou na cara dele.

Empurrei a porta de entrada e tentei ajustar os olhos à escuridão. A primeira

impressão que tive foi do vermelho em listras sobre a mobília, a luz da tarde entrava pela janela e repousava na mobília. Não havia sinal de Cole nem de um lobo. Ele não estava no andar de cima, apesar de sua resposta sarcástica.

Meu telefone tocou.

- Shiiii - disse Grace, entregando-o a mim.

Eu o segurei contra a orelha.

- Porão - disse Cole. - Siga o cheiro de carne queimada.

Encontrei a porta do porão aberta e o calor emanando da escada. Dali conseguia sentir o cheiro de lobo: nervosismo, floresta úmida e plantas crescendo. Ao descer a escada em direção à luz fraca do porão, senti meu estômago revirar de ansiedade. No fim da escada, Cole estava com os braços cruzados. Ele estalou todos os dedos da mão direita com o polegar e começou a fazer a mesma coisa com a esquerda. Atrás dele, vi aquecedores, a fonte do calor sufocante.

- Finalmente — disse Cole. — Ele estava bem mais grogue há quinze minutos. Por que você demorou tanto? Vocês foram ao Canadá? Tiveram que inventar o motor de combustão interna antes de vir embora?

- O trajeto de ida e volta demorou algumas horas — respondi e olhei para o lobo. Ele estava deitado em posição contorcida e improvável para qualquer animal consciente. Meio de lado, meio virado de peito para cima. Cabeça mexendo, olhos entreabertos, orelhas moles. Minha pulsação estava rápida e superficial, e uma mariposa destruía a si mesma na luz.

- Era possível correr — disse Cole. — Os policiais não são multados.

- Por que está usando os aquecedores? — perguntei. — Eles não impedirão que ele se transforme.

- Pode prolongar a carreira dele de humano e lobo se der certo — disse Cole. — Se não formos comidos antes, o que é uma possibilidade se ficarmos aqui por muito mais tempo.

- Shhh — disse Grace. — Vamos fazer isso ou não, Sam?

Ela olhou para mim, não para Cole. A decisão era minha.

Eu me uni a ela e fiquei agachado ao lado do lobo e, ao sentir minha presença,

ele remexeu a cabeça, como se tivesse retomado os movimentos de repente. Instantaneamente, suas orelhas ficaram mais atentas e os olhos se remexeram para olhar para mim. Os olhos de Beck. Beck. Beck. Meu coração estava apertado. Esperei por aquele momento de reconhecimento por parte dele, mas não ocorreu. Apenas aquele olhar, e então as patas se remexendo sem coordenação, tentando mover seu corpo mole.

De repente, pensar em injetar nele o conteúdo de uma injeção de epinefrina e só Deus sabia mais o quê pareceu ridícula. Aquele lobo, era tão lobo que Beck nunca poderia ser arrancado de dentro dele. Não havia nada ali além dos olhos de Beck, sem Beck dentro deles. Minha mente buscou letras, algo que me tirasse daquele momento, algo que me salvasse.

Casas vazias não precisam de janelas

Porque ninguém está olhando

Por que uma casa precisaria de janelas

Se ninguém está olhando para fora?

Pensar em vê-lo de novo, apenas vê-lo como ele mesmo, era uma idéia muito forte. Até aquele momento, não havia me dado conta de como eu queria isso. Eu precisava disso.

Cole se agachou ao nosso lado com a seringa na mão.

- Sam?

Mas ele estava olhando para Grace, que estava olhando para mim.

No mesmo instante, minha mente reproduziu aquele segundo no qual os olhos do lobo encontraram os meus. O olho dele, sem qualquer compreensão ou raciocínio. Não tínhamos ideia do que estávamos fazendo ali. Não tínhamos ideia do efeito que as drogas teriam nele. Cole já havia errado na dosagem de Benadryl. E se aquilo que havia na seringa matasse Beck? Eu conseguiria conviver com tal fato?

Eu sabia qual caminho escolheria — escolhera — na mesma situação.

Se eu pudesse escolher entre morrer e ter a chance de me tornar ser humano, correria o risco. Mas eu tive escolhas. Eu pude dizer sim ou não.

- Espere — pedi. O lobo estava começando a ficar em pé, com o lábio superior afastando-se lentamente de seus dedos em sinal de aviso. Mas, então, em seguida eu estava na neve, com a vida trocada por aquilo, portas de carro batendo, Beck arquitetando o plano de me morder, de tirar tudo de mim. Não tive escolha; simplesmente foi imposto a mim num dia que não poderia ter sido diferente de nenhum outro dia de minha vida. Ele havia tomado a decisão por mim. Então, aquilo era justo. Nem sim nem não naquele momento. Nem sim mm não agora.

Eu queria que desse certo. Eu queria torná-lo humano para exigir uma resposta para cada uma das perguntas que nunca havia feito, eu queria forçá-lo a se tornar humano para ele poder ver meu rosto pela ultima vez e me dizer por que ele havia feito aquilo comigo, entre todos os seres humanos do mundo, por que eu, por que alguém, por quê? E, por mais impossível que fosse, eu queria vê-lo de novo para poder dizer que sentia muito a falta dele.

Eu queria aquilo.

Mas não sabia se ele queria.

Olhei para Cole.

- Não, não. Eu mudei de ideia. Não consigo fazer isso. Não sou assim.

Os olhos verdes e brilhantes de Cole se prenderam nos meus por um momento. Ele disse: - Mas eu sou.

E então, rápido como serpente, ele fincou a agulha na coxa do logo.

COLE

- Cole - disse Grace. - Não acredito" Simplesmente não...

Então, o lobo se remexeu, afastando-se de nós, e ela ficou em silêncio. Ele estava tendo uma convulsão com espasmos que tomavam conta de seu corpo numa pulsação cada vez mais forte. Era impossível saber se estávamos diante de uma morte ou de um renascimento. Um espasmo chacoalhou o pêlo do lobo, e ele ergueu a cabeça num movimento violento e não natural. Um gemido lento e alto foi emitido.

Estava dando certo.

A boca do lobo se abriu em um gesto de agonia silenciosa.

Sam olhou para o lado.

Estava dando certo.

Naquele momento, eu queria que meu pai estivesse ali, observando, para eu poder dizer: Veja isso. Por todos os testes em que não passei, veja isso. Eu estava louco por isso.

Num movimento repentino, o lobo se retraiu de repente e se deitou no carpete gasto na base da escada. Não era mais um lobo. Estava deitado de lado, com os dedos em garras no carpete, os músculos tensos e protuberantes sobre os ossos proeminentes. Cicatrizes sem cor desciam por suas costas, como se fosse uma concha e não pele. Fiquei fascinado. Não era um homem, mas sim uma escultura de um animal em forma de homem, feita para resistência e caça.

As mãos de Sam estavam soltas nos lados do corpo. Grace olhava para mim, furiosa.

Mas eu estava olhando para Beck.

Beck.

Eu o havia afastado daquele lobo.

Passei os dedos pela parede ate encontrar o interruptor no fim da escada. Quando a luz amarela inundou o porão, iluminando as estantes que pontuavam a parede, ele se remexeu para cobrir os olhos com o braço. Sua pele ainda estava

arrepiada, como se não soubesse se deveria continuar na forma atual. Com todos os aquecedores em funcionamento ali, a temperatura estava sufocante. O calor atingia com tanta força a minha pele de ser humano que não conseguia me imaginar sendo qualquer outra coisa. Se aquele inferno não o mantivesse como ser humano, nada o manteria.

Silenciosamente, Sam subiu a escada para fechar a porta do porão impedir qualquer corrente de ar.

- Você tem muita sorte por isso não ter acabado mal — disse Grace, com a voz baixa, apenas para mim.

Ergui uma das sobrancelhas para ela e então olhei para Beck.

- Ei - eu disse a ele —, quando terminar tudo isso, tenho roupas para você. Pode me agradecer depois.

O homem emitiu um som suave ao respirar e mudar de posição, o tipo de som que alguém faz sem pensar quando está com dor. Ele tirou a parte superior do corpo do chão em um movimento que mais parecia de lobo do que de ser humano e, por fim, olhou para mim. Meses antes, eu estava no corpo que havia arruinado.

Existe uma outra maneira de sair disso, dissera ele. *Posso tirar você deste mundo Posso fazer você desaparecer. Posso consertar você.*

Depois de todo aquele tempo - parecia fazer anos desde que ele havia injetado em mim a toxina de lobo - ali estava ele de novo. Era um ciclo bem perfeito: o homem que me transformara em lobo que eu transformei em homem.

Pelos olhos dele. ficava claro que sua mente estava distante, muito distante. Ele havia adotado uma posição estranha de animal, não estava nem sentado nem agachado, e olhava para mim com cuidado. Suas mãos tremiam. Eu não sabia se tinha sido em decorrência da transformação ou da injeção.

- Diga quando me reconhecer - eu disse a ele. Peguei o conjunto de moletom da cadeira sobre a qual o havia deixado, sem dar as costas para ele.

Fiz um rolo com as roupas e as joguei na direção de Beck. As peças caíram no chão diante dele, mas ele não prestou atenção a elas. Seus olhos passaram de mim às estantes atrás de mim, que subiam até o teto. Consegui ver a expressão deles mudando, lentamente, passando a ser de reconhecimento quando ele ergueu como

Beck, o homem, e não como Beck, o logo.

Por fim, ele vestiu a calça de maneira desajeitada e ficou de frente para mim. Deixou a blusa de moletom no chão.

- Como você fez isso? - Ele desviou o olhar, como se não esperasse que eu tivesse a resposta, e então olhou para suas mãos, os dedos bem abertos. Analisou os dois lados deles, as costas e então as palmas, com o cenho franzido. Foi um gesto tão estranho e íntimo, que eu desviei o olhar. Por algum motivo, aquilo lembrou o velório que fizemos para o Victor.

- Cole - disse ele, com a voz grossa. Ele pigarreou, e a voz saiu um pouco melhor na segunda vez. - Como você fez isso?

- Adrenalina. - Era a resposta mais simples. - E alguns amigos da adrenalina.

- Como sabia que daria certo? - perguntou, então, antes que eu conseguisse responder, ele mesmo disse: - Você não sabia. Foi uma experiência.

Não respondi.

- Você não sabia que era eu?

Não havia por que mentir. Assenti.

Beck olhou para frente.

- Que bom que sabia. Há lobos que deveriam permanecer como lobos nessa mata. - De repente, ele notou que Grace estava do outro lado. - Grace. - disse ele. - Sam... deu certo? Ele está...?

- Deu certo - disse Grace. Ela mantinha os braços cruzados. - Ele é humano. Não voltou a se transformar desde então.

Beck fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, soltando os ombros. Observei quando ele engoliu em seco. Era alívio puro e difícil de ver.

- Ele está aqui?

Grace olhou para mim.

Escutei a voz de Sam da escada, totalmente diferente de antes.

- Estou aqui.

SAM

Beck.

Não conseguia manter os pensamentos em ordem. Eles se espalhavam pela escada, pelo chão.

Ele é uma mão em meu ombro Pneus de carro sibilando no asfalto molhado Sua voz narra minha infância O cheiro da floresta na minha rua de bairro residencial Minha caligrafia se parece com a dele Lobos

Ele grita pela casa, sam, dever de casa Neve contra a minha pele

Calma, disse ele. Não tema. Você ainda é o Sam Minha pele se abriu

Minha mesa nova para todos os meus livros Eu

Minhas mãos suadas no volante de seu carro Nunca

Noites sem fim, todas iguais, ao lado da churrasqueira Quis

Você é o melhor de nós, Sam Isso

Capítulo 55

GRACE

A primeira coisa em que pensei foi que Sam precisava conversar com Beck, para entender todas as emoções conflitantes que se apossavam dele; e a segunda foi que Cole precisava conversar com Beck a respeito dos diversos conceitos científicos que ele havia testado em si mesmo; mas a terceira coisa em que pensei foi que parecia que eu era a única pessoa a lembrar exatamente o motivo pelo qual nós precisávamos muito falar com Geoffrey Beck.

- Beck — chamei-o, sentindo-me um pouco esquisita por me dirigir a ele, mas os meninos não acharam esquisito, então tudo bem —, sinto muito por termos que fazer perguntas a você neste momento.

Estava claro que ele sofria; Cole o transformara em ser humano, mas só um pouco. Havia um cheiro e uma energia na sala que continuavam sendo de lobo. Se eu tivesse fechado os olhos e usado meus sentidos ocultos para me concentrar em Beck, duvido que o veria como ser humano.

- Vá em frente — disse Beck. Ele olhou para Cole, para Sam e então para mim de novo.

- Tom Culpeper conseguiu aprovar uma caçada aérea. Começa em uma semana. — Esperei que ele absorvesse aquilo, para ver se eu teria que explicar mais o que queria dizer com aquilo.

Beck disse baixinho:

- Merda

Eu assenti.

- Estávamos pensando que podíamos levar a matilha para outro lugar. Precisamos saber como.

- Meu diário... - Beck, inexplicavelmente, apertou uma das mãos contra o ombro por um momento, segurando. E soltou em seguida. Pensei que era mais difícil ver alguém com dor do que agüentar um sofrimento.

- Eu o li - respondeu Cole. Ele se aproximou. Parecia menos irritado do que eu

com o desconforto de Beck; talvez estivesse mais acostumado a ver as pessoas sofrendo. - Você disse que Hannah os levou embora. Como? Como ela manteve o destino em sua mente?

Beck olhou para cima buscando o lado onde Sam ainda estava em silêncio na escada, e então respondeu:

- Hannah era como o Sam. Ela conseguia manter um pouco da racionalidade quando se transformava em loba. Melhor do que o restante de nós. Não tão bem quanto Sam, mas melhor do que eu. Ela e Derrick eram muito habilidosos. Derrick era bom em enviar as mensagens. Paul e ela reuniram os lobos, e Derrick permaneceu como ser humano. Ele manteve na mente a imagem de onde estávamos indo e deu a ela, que liderou os lobos. Ela a guiou.

- Sam conseguiria fazer isso? - perguntou Cole.

Eu não queria olhar para Sam. Eu sabia que Cole já acreditava que ele podia.

Beck franziu o cenho para mim.

- Se um de vocês conseguir enviar imagens a ele enquanto estiverem como seres humanos...

Olhei para Sam naquele momento, mas sua expressão não indicava o que ele estava pensando. Eu não sabia se os momentos breves e descontrolados que tínhamos contavam, ocasião em que ele havia mostrado a mim a mata dourada quando eu era humana e ocasião em que eu havia mostrado a ele as imagens de nós dois na clínica, injetando nele o sangue infectado de meningite. Isso, no mínimo, havia sido próximo, íntimo. Eu estivera bem ao lado dele. Eu não estava lançando as ideias da janela de um carro enquanto ele saía da mata. Perder Sam para sua forma de lobo mais uma vez por conta de um plano doido como aquele... eu detestava tal ideia. Nós havíamos nos esforçado tanto para que ele se mantivesse naquele corpo. Ele detestava se perder tanto.

- Minha vez — disse Beck. — Minha vez de fazer perguntas. Mas uma exigência, antes de tudo. Quando eu me transformar de novo, devolvam-me à floresta. O que quer que aconteça aos lobos por lá, quero que aconteça comigo. Se eles sobreviverem, eu sobrevivo. Se eles morrerem, eu morro. Entenderam?

Pensei que Sam protestaria, mas ele não disse nada. Nada. Eu não sabia o que

fazer. Aproximar-me dele? Sua expressão distante assustava muito.

Cole concordou:

- Tudo bem.

Beck não parecia decepcionado.

- Primeira pergunta. Conte-me sobre a cura. Vocês estão me perguntando a respeito da possibilidade de Sam levar os lobos, mas ele é humano. Então a cura não funcionou?

- Funcionou — disse Cole. — A meningite está lutando contra o lobo. Se eu estou certo, ele ainda vai se transformar com freqüência. Mas, por fim, vai parar. Equilíbrio.

- Segunda pergunta — disse Beck. Fez uma careta, demonstrando claramente a dor ao enrugar a testa e então seu rosto ficou menos retorcido. - Por que Grace é uma loba agora? - Quando ele me viu olhando para ele com atenção, apontou para o próprio nariz com uma expressão irônica. Era, de certo modo, gratificante que, apesar de tudo, ele ainda se lembrasse de meu nome e se preocupasse comigo.

Era difícil não gostar dele, mesmo por Sam; era difícil acreditar que ele havia ferido Sam. Se a situação se mostrava tão conflitante para mim, que o havia visto poucas vezes, eu conseguia imaginar como Sam devia estar se sentindo.

- Você não tem tempo para escutar a resposta inteira - disse Cole. - o resumo é: por que ela foi mordida e tudo o que vai, volta.

- Certo, terceira pergunta - disse Beck. - Vocês podem curá-la?

- A cura matou o Jack - disse Sam, as primeiras palavras ditas por ele. Ele não estivera presente, como eu, para ver Jack morrer de meningite, com os dedos ficando azuis quando o coração desistiu de levar sangue a eles.

Cole não parecia abalado.

- Ele pegou meningite como humano. Batalha impossível de vencer. Você pegou como lobo.

Sam prestou atenção em Cole e em mais ninguém.

- Como saberemos se você está certo?

Cole fez um gesto expansivo para Beck.

- Porque nunca errei.

Mas Cole já tinha errado. Acontece que, no fim, ele estivera certo. Parecia uma diferença importante.

Beck disse:

- Quarta pergunta. Para onde vocês vão levá-los?

- A uma península no norte — disse Cole. — É de propriedade de um policial. Ele descobriu a respeito dos lobos e quis ajudar. Por bondade.

Beck não acreditou muito.

- Sei o que está pensando — disse Cole. — já decidi, vou comprar a propriedade dele. Bondade é ótimo. Uma propriedade em meu nome, melhor ainda.

Assustada, olhei para Cole, e ele olhou para mim também, com os lábios contraídos. Mais tarde, precisávamos conversar com ele sobre isso.

- Última pergunta — disse Beck. Algo em sua voz me fez pensar na primeira vez em que havia conversado com ele, ao telefone, quando estava sendo mantida refém por Jack. Sua voz parecera tão simpática, tão gentil, que quase havia me derrubado. E tudo em seu rosto agora parecia reforçar isso: o formato de sua mandíbula, as marcas de expressão ao redor dos lábios e olhos que pareciam sorrir, suas sobrancelhas franzidas de preocupação. Ele passou a mão pelos cabelos ruivos e então olhou para Sam. Parecia totalmente arrasado.

- Você vai falar comigo algum dia?

SAM

Ali estava Beck na minha frente e em breve voltaria a ser lobo e eu não conseguia dizer nada.

- Estou tentando pensar no que posso dizer — disse Beck, olhando para mim. — Talvez eu tenha dez minutos para criar um filho que eu pensei que não fosse passar dos dezoito anos. *O que devo dizer, Sam? O que devo dizer?*

Segurei o balaústre diante de mim, fazendo força. Eu devia fazer as perguntas, não Beck. Ele tinha que dar as respostas. O que ele esperava de mim? Eu não podia caminhar sem seguir as pegadas deixadas por ele.

Beck se agachou diante de um dos aquecedores, sem desviar o olhar de mim.

- Talvez, depois de tudo isso, não haja nada a dizer. Ah, eu...

Ele chacoalhou a cabeça um pouco e olhou para o chão. Seus pés estavam pálidos e marcados. Tinham um quê de pés de criança.

A sala estava em silêncio. Todos me observavam, como se o próximo movimento dependesse de mim. Mas a pergunta dele era a minha também: o que dizer, em dez minutos? Havia mil coisas que precisavam ser ditas. Que eu não sabia como ajudar Grace, agora que ela era uma loba. Que Olivia havia morrido, que a polícia estava de olho em mim, que Cole mantém nossos destinos em tubos de ensaio. O que fazer, como nos salvarmos, como eu conseguiria ser Sam quando inverno e verão forem a mesma coisa?

Minha voz saiu rouca e grave:

- Você estava dirigindo?

- É — disse ele baixinho. — É, você ia querer saber isso. Não é?

Mantive as mãos nos bolsos. Por um lado. Eu queria tirá-las dali e cruzá-las, mas não queria demonstrar ansiedade. Grace parecia estar em movimento, apesar de ainda estar parada, em pé; como se ela quisesse se mexer, mas seus pés ainda não tivessem se decidido. Eu a queria ali comigo. Não queria que ela escutasse a resposta dele. Eu era só impossibilidades.

Beck hesitou mais uma vez. Quando olhou para nós de novo, sua expressão era uma bandeira branca. Entregando a verdade. Oferecendo-se para ser julgado. E disse:

- Ulrik estava dirigindo.

Emiti um som sem querer, quase inaudível, quando me virei para não olhar. Queria pegar uma das caixas de minha cabeça e entrar nela, mas Beck tinha sido a pessoa a me falar a respeito das caixas. Então, eu estava naquela situação. Deitado na neve com a pele exposta ao céu e havia um lobo, que era Beck.

Não podia pensar naquilo.

Não conseguia parar de pensar naquilo.

Fechei os olhos, e aquilo continuou ali.

Um toque em meu cotovelo fez com que eu abrisse os olhos. Era Grace, olhando com atenção para o meu rosto, segurando meu cotovelo como se fosse feito de vidro.

- Ulrik estava dirigindo - disse Beck de novo, um pouco mais alta. - Paul e eu éramos os lobos. Eu... eu não acreditava que Ulrik se manteria concentrado. Paul não quis fazer aquilo. Eu o perturbei. Eu sei que você não tem que me perdoar. Eu não me perdoei. Independente do que eu fizer de bom depois disso, o que eu fiz para você sempre terá sido errado. - Ele parou, Respirou profundamente.

Eu não conhecia aquele Beck.

Grace sussurrou em meu ouvido:

- Pelo menos olhe para ele, Sam. Você não sabe quando o verá de novo.

Como ela pediu, olhei para ele.

- Quando pensei que você não viveria mais um ano, eu... – Beck não terminou. Balançou a cabeça, como se tentasse organizar os pensamentos. — Nunca pensei que a mata colocaria você diante de mim. E agora tive que fazer de novo: encontrar alguém para cuidar de nós. Mas, escute, Sam. Tentei acertar dessa vez.

Ele continuava a me observar para ver como eu reagiria. Eu não reagi. Eu estava longe daquilo. Estava em outro lugar. Poderia encontrar, se tentasse, uma série de palavras para compor uma letra. Algo que me tirasse daquele momento e

me levasse para outro lugar.

Beck percebeu. Ele me conhecia como ninguém, até mesmo melhor do que Grace. Ele disse:

- Não... Sam. Não vá embora. Ouça: preciso dizer algo a você. Eu tinha onze anos de lembranças para reviver. Sam, onze anos da expressão que você demonstrava sempre que percebia que estava prestes a se transformar. Onze anos com você me perguntando se tinha mesmo que fazer aquilo mais um ano. Onze anos de...

Ele então parou e levou a mão diante dos lábios, com os dedos trêmulos na mandíbula. Ele estava muito diferente do Beck que eu tinha visto da última vez. Aquele não era o Beck de verão. Não era o Beck de um ano terminando. Ele não tinha força nenhuma no corpo; estava tudo em seus olhos.

De repente, a voz de Cole ecoou pelo quarto.

- Sam, você sabe que eu estava tentando me matar quando ele me encontrou. Eu estava ficando muito bom nisso também. — Ele olhava para mim, um desafio, sem pestanejar. - Eu estaria morto se não fosse ele. Ele não me forçou. Também não forçou o Victor. Nós dois escolhemos. Não foi como você.

Eu sabia que aquilo era verdade. Eu sabia que existira e provavelmente sempre existiriam dois Coles: aquele que silenciava as pessoas com um sorriso e o Cole que sussurrava canções a respeito de ter encontrado seus Alpes. E eu sabia que Beck, de alguma forma, ao tirar Cole do palco, o havia transplantado naquele segundo Cole, mais calmo, dando a ele uma chance de viver.

E a mim também. Beck havia me mordido, mas meus pais haviam me destruído, não ele. Eu tinha chegado a ele como um pedaço de papel amassado que ele desamassou lentamente. Não foi apenas Cole que ele havia reconstruído.

Havia muitas versões diferentes dele. Eram versões incontáveis de urna canção, e todas eram originais, e todas eram verdadeiras, e todas certas. Deve ter sido impossível. Será que eu tinha que amar todas elas?

- Certo — disse Beck, precisando de um momento para firmara voz. - Se eu só tenho dez minutos, Sam, é isso o que quero dizer. - Você não é o melhor de nós. É mais do que isso. É melhor do que todos nós. Se eu tenho apenas dez minutos, digo

a você para sair e viver. Digo... pegue o seu violão, por favor, e cante as suas canções para o máximo de pessoas que conseguir. Por favor, faça mais dobraduras daqueles malditos pássaros. Por favor, beije essa menina um milhão de vezes.

Beck de repente, parou de falar e abaixou a cabeça; entrelaçou os dedos das mãos na nuca. Eu vi os músculos de suas costas tensos. Sem levantar a cabeça, ele sussurrou:

- E, por favor, me esqueça. Eu queria ter sido melhor, mas não fui.

Por favor, me esqueça totalmente.

Suas mãos ainda faziam força na nuca. Tantas maneiras de dizer adeus.

Eu disse:

- Não quero.

Beck levantou a cabeça. Era possível ver a pulsação em seu pescoço, rápido e forte.

Grace me soltou e eu sabia que ela queria que eu partisse escada abaixo. Ela tinha razão. Eu desci a escada, dois degraus por vez. Beck tentou ficar em pé, sem sucesso, no mesmo momento em que eu me ajoelhei diante dele. Nossas testas estavam quase se tocando. Beck tremia muito.

Muitos dias antes daquele, era Beck quem estava ajoelhando ao meu lado, e eu tremendo no chão.

Eu me senti instável como Beck, naquele momento. Era como se eu tivesse desdobrado todas as minhas garças de papel e tivesse encontrado algo desconhecido impresso em uma delas. Durante toda a minha vida, eu havia pensado que minha história era assim> Era uma vez um menino, e ele teve que arriscar tudo para manter o que amava. Mas, na verdade, a história era: Era uma vez um menino e o medo que ele sentia e o comia vivo.

Eu já estava cansado de ter medo. Havia começado naquela noite, eu e meu violão na banheira, e só terminaria quando eu desaparecesse se ao me transformar em lobo de novo. Eu não teria medo.

- Maldição — sussurrou Beck. O calor não o afetava. Estávamos frente a frente, pai e filho. Beck e Sam, como sempre tinha sido. Ele era todos os demônios e todos

os anjos.

Eu pedi:

- Diga que quer que curemos você.

As pontas dos dedos de Beck estavam brancas e ficaram vermelhas pressionadas contra o chão.

- Sim — disse ele baixinho, e eu sabia que ele estava dizendo aquilo para mim, apenas para mim. — Faça o que for preciso. — Ele olhou para Cole. — Cole. Você é...

E então sua pele se abriu, violentamente, e eu saltei para tirar o aquecedor do caminho antes de Beck cair no chão. Remexendo-se.

Cole deu um passo adiante e inseriu uma segunda agulha na dobra do braço de Beck.

E naquele milésimo de segundo, quando Beck olhou para cima, com os olhos imutáveis, eu vi meu próprio rosto.

Capítulo 56

Cole

EPINEFRINA/ MISTURA DE PSEUDOEFEDRINA 7

MÉTODO: INJEÇÃO ENDOVENOSA

RESULTADO: BEM-SUCEDIDO

(EFEITOS COLATERAIS: NENHUM)

(OBSERVAÇÃO: FATORES AMBIENTAIS AINDA CONTROLAM A TRANSFORMAÇÃO PARA O LOBO)

Capítulo 57

SAM

Eu me senti sujo quando Beck se transformou, como se eu tivesse sido cúmplice de um crime. Eu me lembrei tanto de minha vida de antes, de quando me escondia do inverno e de quando tinha família, que conseguia sentir meus pensamentos desaparecendo para me proteger. Aparentemente, eu não era o único: Cole anunciara que "ia sai de carro" e partiu na velha BMW de Ulrik. Depois de sua partida, Grace me seguiu enquanto eu fazia pão como se minha vida dependesse daquilo, e então deixei que ela cuidasse do forno enquanto eu tomava um banho. Para esfregar as lembranças de meu corpo. Para lembrar que, por enquanto, eu tinha as mãos, a pele e o rosto de um ser humano.

Quando eu ouvi a porta do banheiro sendo aberta e fechada, não sabia quanto tempo eu estava ali dentro.

- Ficou ótimo – disse Grace. A tampa fechada do vaso sanitário fez um barulho enquanto ela tentava encontrar uma maneira de torná-la um assento confortável. – Bom trabalho, Sam.

Não conseguia vê-la, mas senti o cheiro do pão. Fiquei um pouco desconfortável por saber que ela estava dentro do banheiro enquanto eu tomava banho. De certa forma, tomar banho na presença dela era mais intimo do que o sexo. Eu me sento mil vezes mais nu, mesmo atrás da cortina escura do chuveiro.

Olhei para o sabonete na minha mão. E o passei nas costelas.

- Obrigado.

Grace ficou calada, a poucos centímetros do outro lado da cortina. Eu não conseguia vê-la, assim ela não conseguia me ver.

- Você está todo limpinho aí dentro? – perguntou ela.

- Ai, meu Deus, Grace – respondi e ela riu.

Fez-se outra pausa. Lavei entre os dedos. Uma das unhas estava lascada por ter sido esfregada em uma corda do violão. Analisei para ver se precisava fazer alguma coisa em relação a ela: era difícil conseguir um diagnostico adequado sob a

meia luz alaranjada da cortina do banheiro.

- Rachel disse que ela pode ir comigo, amanhã, para ver meus pais – disse Grace. – Amanhã à noite, quando ela estiver desocupada.

- Você está nervosa?

Eu estava nervoso e, a pedido de Grace, não iria com ela.

- Sei lá. É uma coisa que tem que acontecer. Vai limpar a sua barra. Além disso, preciso estar oficialmente viva para o velório da Olivia. Rachel disse que eles a cremaram. – Ela fez uma pausa. Fez-se um silencio repleto de nada, além da água batendo em mim e nos azulejos. Ela disse: - este pão está excelente.

Entendi. Mudança de assunto.

- Foi Ulrik quem me ensinou a fazer.

- Que cara talentoso. Fala com sotaque alemão e faz pão. – Do outro lado, ela cutucou a cortina; quando senti o toque no quadril, desviei. – Sabe, podemos ficar assim daqui a cinco anos.

Eu não tinha mais o que lavar. Estava preso no chuveiro a menos que conseguisse pegar a toalha atrás da cortina ou convencer Grace a entregá-la para mim. Mas não achava que ela entregaria.

- Fazer pão com sotaque alemão? – sugeri.

- Exatamente isso – disse ela. Escutei o tom brincalhão em sua voz. Fiquei feliz por detectá-lo. Eu poderia ser leviano naquele momento.

- Pode me entregar a toalha?

- Vai ter que vir pegá-la.

- Malvada – murmurei. Havia água quente no chão. Fiquei em pé em cima dela e olhei para o piso embaixo do chuveiro. Meus dedos estavam ficando enrugados, os pelos de minhas pernas estavam reunidos e a água escorria deles em direção a meus pés.

- Sam? – disse Grace. – Você ache que Cole tem razão a respeito da cura? No fato de a meningite funcionar se você a contrair enquanto for lobo? Acha que eu deveria tentar?

Aquela pergunta era bem difícil de responder depois da noite com Beck. Sim, eu queria que ela se curasse. Mas queria mais provas de que daria certo. Queria algo que fizesse com que o ocorrido a Jack se transformasse numa porcentagem muito, muito baixa. Eu havia arriscado tudo por aquilo, mas agora que Grace considerava a hipótese, não queria que ela fizesse a mesma coisa. Mas como ela conseguiria ter uma vida normal sem tentar?

- Não sei. Quero mais informações. – Minha resposta pareceu formal, como algo que eu diria a Koenig. Estou reunindo mais dados.

- Só precisaremos nos preocupar com isso no inverno – disse ela. – Só queria saber se você se sentia curado.

Não soube o que responder. Eu não me sentia curado. Eu me sentia como Cole dissera: quase curado. Um sobrevivente de guerra sem um membro. Eu ainda me sentia aquele lobo que havia sido: vivendo em minhas células, dormindo com dificuldade, esperando ser espantado pelo clima, por uma onde de adrenalina ou por uma agulha nas veias. Eu não sabia se aquilo era real ou sugerido. Eu não sabia se um dia me sentiria seguro comigo mesmo, sem me preocupar com meu corpo de ser humano.

- Você parece estar curado – disse Grace.

Eu só consegui ver o rosto dela na ponta da cortina, olhando para mim. Ela sorriu e eu gritei. Grace enfiou o braço o suficiente para fechar o chuveiro.

- Sinto informar – disse ela, abrindo a cortina totalmente e entregando minha toalha – você terá que lidar com esse tipo de coisa quando envelhecer.

Fiquei ali, pingando, me sentindo completamente ridículo, e Grace estava em pé do outro lado, sorrindo. Não restava nada além de superar o desconforto. Em vez de pegar a toalha, segurei o queixo dela com os dedos molhados e a beijei. A água de meus cabelos escorreu pelo meu rosto e correu até nossos lábios. Eu estava molhando toda a camiseta dela, mas Grace não parecia se importar. Uma vida toda vivendo daquele jeito parecia muito interessante. Eu disse de modo galanteador:

- Melhor que isso seja uma promessa.

Grace entrou no box com meias e abraçou meu peito úmido. E respondeu:

- É uma garantia.

Capítulo 58

ISABEL

Escutei um toque na porta do quartinho. Passei por cima de botas, uma espátula e um saco de sementes e a abri.

Cole St. Clair estava ali, na entrada, com as mãos no bolso.

- Posso entrar? – perguntou ele.

Capítulo 59

GRACE

Já estava escuro quando Rachel e eu chegamos à casa dos meus pais no domingo à noite. Rachel, graças a sua maneira de dirigir reprovada pelo Departamento de Transito de Minnesota, não tinha carteira de habilitação, por isso precisei buscá-la. Ela me mostrou uma bolsa de contas com uma carinha alegre na lateral como uma maneira de dizer "oi" e sorriu discretamente no escuro. Em minha opinião, estava tão escuro que parecia surreal estar na frente da casa de meus pais. Porque com apenas a luz da varanda para iluminar a frente da casa e um canto da rua, tudo parecia exatamente como na noite em que parti.

Puxei o freio de mão do lado do carro que eu havia comprado com o dinheiro do seguro do meu carro anterior – e me lembrei, de repente, de outra noite, quando um veado tinha sido prensado contra o pára-brisa de meu carro e eu pensara que perderia Sam para os lobos para sempre. Aquilo parecia ter ocorrido há um milhão de noites e, ao mesmo tempo, apenas horas antes. Aquela noite parecia um começo e um fim.

Ao meu lado, Rachel abriu sua bolsa de carinha e tirou um brilho labial de morango. Aplicou duas camadas com determinação, e voltou a guardá-lo na bolsa. Em seguida, caminhamos até a porta da frente, irmãs de luta, com o som de nossos sapatos na calçada sendo nosso único grito de guerra. Eu não tinha chave, por isso precisei bater.

Agora que estava ali, não queria continuar.

Rachel olhou para mim. Disse:

- Você é como se fosse minha irmã mais velha preferida, o que não faz sentido já que somos da mesma idade.

Eu me senti lisonjeada, mas disse:

- Rachel, você diz coisas esquisitas.

Nós duas rimos, e nossas risadas foram criações incertas sem quase nenhum som.

Rachel limpou os lábios na manga; no brilho amarelo oferecido pelo terraço

repleto de mariposas, enxerguei evidencias de onde ela havia feito aquilo antes, porque vi diversos beijos em sua manga.

Tentei pensar no que dizer. Tentei imaginar qual deles abriria a porta. Já eram quase nove da noite. Talvez nenhum dos dois atendesse. Talvez...

Foi meu pai quem abriu a porta. Antes de ele conseguir reagir ao me ver, minha mãe gritou na sala de estar:

- Não deixe o gato sair!

Meu pai olhou para Rachel e então para mim e, enquanto isso, um gato malhado do tamanho de um coelho saiu pela porta e correu pelo quintal atrás de nós. Eu me senti ridiculamente traída pela presença do gato. A única filha deles havia desaparecido e eles tinham arranjado um gato para me substituir.

E foi a primeira coisa que eu disse:

- Vocês compraram um gato?

Meu pai estava tão chocado por me ver que respondeu com sinceridade:

- Sua mãe estava se sentindo sozinha.

- Os gatos não dão gastos. – Não foi o comentário mais simpático, mas ele também não tinha sido muito caloroso. Eu esperara, de certo modo, encontrar evidencia de minha ausência no rosto dele, mas meu pai estava como sempre esteve. Ele era corretor de imóveis caros e tinha cara de corretor de imóveis caros. Seu cabelo era bem contado, no estilo anos 1980, e ele mantinha um sorriso que incentivava boas entradas na compra dos imóveis. Eu não sabia o que estava esperando. Olhos vermelhos de chorar ou olheiras, ou dez anos a mais na aparência, ou perda ou ganho de peso – apenas uma prova clara da passagem do tempo sem minha presença, de não ter sido fácil para ele. Era tudo o que eu queria. Prova concreta da angustia dos dois. Qualquer coisa que provasse que eu estava tomando a decisão errada ao confrontá-los naquele momento. Mas não vi nada. Então, senti vontade de ir embora. Eles tinham me visto. Sabiam que eu estava viva. Já tinha feito a minha parte.

Mas, então, minha mãe apareceu num canto do corredor.

- Quem é? – Ela congelou. – Grace? – E sua voz mudou ali, por isso eu soube que entraria.

Antes de eu decidir se estava pronta para um abraço, ela me abraçou, me apertando com tanta força pelo pescoço que meu rosto ficou pressionado contra sua blusa de lã. Escutei quando ela disse: *Deus, obrigada, Grace, obrigada*. Ela estava rindo ou chorando, mas, quando me afastei, não consegui ver sorriso nem lagrimas. Seu lábio inferior tremia. Segurei meus braços para que eles não tremessem.

Não pensei que voltar seria tão difícil.

Acabei sentada à mesa de café da manhã com meus pais diante de mim. Havia muitas lembranças naquela mesa, geralmente de mim sentada sozinha, mas lembranças queridas mesmo assim. A cozinha tinha um cheiro esquisito, como de muita comida comprada pronta, odores de alimentos comidos, guardados e descartados. Nunca o cheiro que se sentia por usar a cozinha para cozinhar. O cheiro não familiar fazia com que a experiência parecesse um sonho; estranha e familiar ao mesmo tempo.

Pensei que Rachel tivesse me trocado pelo carro, mas depois de alguns momentos de silencio ela atravessou o corredor segurando o gato malhado. Sem dizer nada, ela o colocou-o no sofá e ficou em pé atrás de mim. Parecia que ela preferia estar em qualquer lugar, menos ali. Foi algo corajoso, e meu coração se derreteu ao ver aquilo. Todo mundo deveria ter amigos como Rachel.

- Isso é muito chocante, Grace – disse meu pai, diante de mim. – Você nos fez passar por coisas terríveis.

Minha mãe começou a chorar.

Eu mudei de ideia bem ali. Não queria mais ter provas da angustia deles. Não queria ver minha mãe chorar. Eu havia passado tanto tempo torcendo para que eles tivessem sentido minha falta, desejando que eles me amassem o suficiente para sofrerem por eu não estar ali, mas agora que via o rosto de minha mãe, a culpa e a pena formavam um nó em minha garganta. Eu só queria já ter conversado e poder voltar para casa. Aquilo era difícil demais.

Comecei:

- Não queria fazer com que vocês...

- pensamos que você estivesse morta – disse meu pai. – e durante todo esse

tempo, você estava com ele. Apenas nos deixando...

- Não – contestei. – Não fiquei com ele esse tempo todo!

- Estamos muito aliviados por você estar bem – declarou minha mãe.

Mas meu pai não estava naquele nível.

- Você poderia ter telefonado, Grace. Poderia ter telefonado para sabermos que estava viva. Só precisávamos disso.

Eu acreditei nele. Ele não precisava de mim realmente. Precisava de uma prova da minha existência.

- Da última vez que tentei falar com vocês, escutei que só poderia ver Sam quando completasse dezoito anos, e passaram por cima da minha...

- Vou ligar para a policia e dizer que você está aqui – disse meu pai. Ele já tinha começado a se levantar.

- Pai – eu disse. – Em primeiro lugar, eles sabem. Em segundo lugar, você não está ouvindo o que estou dizendo.

- Estou ouvindo sim – disse ele, e olhou para Rachel. – Por que você trouxe Rachel?

Rachel estremeceu um pouco ao ouvir seu nome. Ela disse:

- Eu sou a juíza.

Meu pai ergueu as mãos como se estivesse desistindo, e é o que as pessoas fazem quando não estão desistindo de fato, e então ele as pressionou contra a mesa como se estivéssemos numa sessão espírita e a mesa tivesse tentado se mexer.

- Não precisamos e um juiz – disse minha mãe. – Nada desagradável vai acontecer.

- Sim, vai – contestou meu pai. – Nossa filha fugiu de casa. Isso é um crime, Amy. Um crime de verdade perante as leis de Minnesota. Não vou fingir que não aconteceu. Não vou fingir que ela não fugiu para viver com o namorado.

Eu não sei o que, naquela frase, fez com que eu visse tudo com perfeita clareza, de repente. Meu pai estava agindo como manda a paternidade: uma reação

automática provavelmente aprendida em programas de televisão e filmes de fim de semana. Eu observei os dois: minha mãe segurando o gatinho, quando havia subido no sofá e se aninhado em seu colo, e meu pai olhando fixamente para mim como se não me reconhecesse. Sim, eles eram adultos, mas eu também era. Era como Rachel dissera a respeito de eu ser a irmã mais velha dela. Meus pais tinham me criado para ser adulta o mais rápido que conseguissem e não podiam se ofender por eu ter crescido.

Pressionei as mãos na mesa, também, imitando a postura de meu pai.

E então eu disse o que queria dizer havia muito tempo:

- Eu não vou fingir que não cheguei perto de morrer em seu carro, papai.

- Ah, pare com isso – disse ele.

Senti um enjôo de indignação.

- Não, sem essa de pare com isso. É apenas um sintoma. Você se esqueceu de que tinha uma criança dentro do carro. E antes disso, fui arrastada do balanço por lobos enquanto a mamãe estava no andar de cima, pintando. E, sim, meu namorado dormia na minha cama aqui, mas vocês demoraram semanas para perceber. Será que percebiam que eu estava dormindo aqui? Vocês me deram quilômetros de rédeas. Acharam que eu não usaria?

Rachel começou a passar o brilho lábia de novo sem parar.

- Certo – disse minha mãe. O gato estava se enroscando em seu pescoço. Ela o tirou e o entregou para Rachel, o que imaginei que fosse contra a política de juizado. Rachel parecia mais feliz com o gato. – Certo. Sendo assim, o que devemos fazer? Não vou mais brigar. Pelo amor de Deus, Lewis. Não quero brigar com ela. Pensei que ela estivesse morta.

Meu pai contraiu os lábios, mas se manteve calado.

Eu respirei profundamente e fiquei firme. Precisava terminar aquilo direito.

- Vou sair de casa.

- Não vai, não – discordou meu pai, imediatamente.

- É por isso que vou sair de casa – respondi. – Você não pode me dizer o que fazer de repente. Não pode esperar que eu comece a formar minha família, minha

vida e minha felicidade e simplesmente dizer “não, Grace, você não pode. Volte a ser solitária, triste e uma ótima aluna”. Não é justo. Seria diferente se vocês fossem presentes como os pais de Rachel ou Sam.

Meu pai fez uma careta.

- Aqueles que tentaram matá-lo.

- Não, o Beck – eu disse. Pensei naquela tarde, Beck e Sam, cara a cara, aquele elo silencioso tão forte que era visível para quem estivesse lá. Pensei nos gestos de Sam, colocando as mãos atrás da cabeça, como havia aprendido aquilo com Beck. Tentei imaginas se havia algo de meus pais em mim ou se eu era uma copia do que vira em livros, televisão e com os professores da escola. – Sam faria qualquer coisa que Beck pedisse, porque Beck sempre esteve presente. Vocês sabem quem esteve presente para mim? Eu. Família de uma pessoa.

- Se você acha que vai me convencer – ameaçou meu pai -, não vai. E a lei está do meu lado, por isso não preciso ser convencido. Você tem dezessete anos. Não pode tomar decisões.

Rachel fez um barulho e eu pensei que ela fosse intervir, mas era porque o gatinho estava mordendo a mão dela.

Eu não pensei que convenceria o meu pai tão facilmente. Era uma questão de principio agora, pelo o que eu podia ver, e meu pai não abriria mão disso. Senti um aperto no estomago de novo, e o nervosismo percorreu meu corpo. Eu disse com a voz mais baixa:

- É o seguinte. Vou estudar no verão para concluir o ensino médio, e então vou para a faculdade. Se me deixarem sair de casa, conversarei com vocês depois de completar dezoito anos. Ou podem chamar a policia e me forçar a ficar e dormirei naquela cama e seguirei todas as novas regras e então, assim que o dia do meu aniversário chegar, meu quarto ficará vazio e nunca mais voltarei. Não pensem que estou brincando. Olhem para mim. Vocês sabem que estou falando sério. E não venha me falar de lei, pai! Você bateu no Sam. De que lado a lei ficaria?

Eu estava muito enjoada. Precisei me controlar para não dizer mais nada, guardar as minhas palavras.

Fez-se um silencio total na mesa. Meu pai desviou o olhar para a janela, ainda

que não houvesse nada a ser visto além da escuridão. Rachel acariciava o gato sem parar e ele miava como se fosse estourar, alto o suficiente para tomar o ambiente. Minha mãe segurava a borda da mesa, com o polegar e o dedo indicador pressionados um contra o outro enquanto movia a mão de um lado a outro, como se eles estivessem medindo um fio invisível.

- Vou sugerir um acordo – disse ela. Meu pai a olhou surpreso, mas ela não retribuiu.

Senti a decepção pesar em meu peito. Não conseguia imaginar um acordo que pudesse ser aceitável.

- Estou escutando – disse em voz séria.

Meu pai se alterou.

- Amy! Um acordo? Não pode estar falando sério. Não precisamos disso.

- As coisas da sua maneira não estão dando certo! – disse ela.

Meu pai olhou para a minha mãe com seriedade de novo, com o olhar repleto de ódio e decepção.

- Não acredito que você vai entrar nesse jogo – lamentou ele.

- Não estou entrando em jogo nenhum. Conversei com Sam, Lewis. Você estava enganado em relação a ele. Então, agora é minha vez de falar. – Para mim, ela disse: - Veja o que vou sugerir. Você fica aqui até os dezoito anos, mas trataremos você como adulta. Pode ver o Sam e não precisa cumprir horários desde que... – ela parou enquanto pensava nas condições naquele momento - ...você continue estudando e demonstre estar correndo atrás de suas metas acadêmicas. Sam não poderá dormir aqui, mas ele pode ficar o dia todo se quiser, e tentaremos conhecê-lo melhor.

Ela olhou para o meu pai. Ele tentou dizer algo, mas apenas deu de ombros. Os dois olharam para mim.

- Ah – completou minha mãe. – E você vai continuar conversando conosco quando fizer dezoito anos. Faz parte do acordo.

Pressionei os dedos nos lábios, com o cotovelo apoiado na mesa. Não queria abrir mão de minhas noites com Sam, mas parecia um acordo justo, principalmente

porque eu pensei que aquilo não seria possível. Mas e se eu me transformasse? Eu não podia voltar para casa antes de ter certeza de que estava estável. Precisava ser logo. Talvez naquele momento? Eu não sabia. A crua de Cole viria tarde demais.

- Como saberei se vocês não tentarão mudar as regras de novo? – perguntei. – Não negociarei nada que envolva o Sam, por exemplo. Vou ficar com ele. Para sempre. Acho melhor já dizer agora. Ele é o homem da minha vida.

Meu pai fez mais uma careta, mas não disse nada. Minha mãe, para minha surpresa, assentiu brevemente.

- Certo, eu disse que tentaríamos. E não impediremos você de vê-lo.

- E chega de agressão – completou Rachel. Eu olhei para ela. Senti que aquilo era um pouco de traição, esperar até que o conflito tivesse perdido boa parte do peso para dar a sua opinião.

- Certo – disse minha mãe. – Grace, o que você acha?

Olhei ao redor; de onde eu estava, conseguia ver a cozinha e a área do café da manhã e me senti esquisita. Pensei que seria a última vez em que estaria ali. Que teríamos uma briga horrível e que eu viraria a pagina e nunca mais os veria. Pensar em voltar para aquela casa e voltar para a vida antiga era, ao mesmo tempo, aliviante e exaustivo. Pensei no medo que Sam sentia de se transformar de novo depois de pensar que já havia melhorado e entendi totalmente.

- Eu... eu preciso pensar nisso – falei. – Quero pensar esta noite.

- Não pode pensar aqui? – perguntou minha mãe.

Rachel balançou a cabeça.

- Não porque ela precisa me levar para casa. Decisão de juíza.

Eu fiquei de pé, sem deixar alternativa. Não conseguia entender por que um estomago continuava doendo se o pior já tinha passado.

- vou pensar e volto para conversarmos.

Minha mãe ficou em pé também, tão rapidamente que o gatinho se assustou e miou no colo de Rachel. Mamãe deu a volta na mesa e me abraçou de novo, um abraço apertado e esquisito que fez com que eu me desse conta de que não me

lembrava de nosso último abraço antes daquela noite. Eu não sabia muito bem como retribuir o abraço, agora que o tempo havia passado. Ela aprecia ter muito peito e cabelo, então eu simplesmente... a abracei de um jeito qualquer.

- Você vai voltar? – perguntou ela, cochichando em meu ouvido.

- Sim – respondi, sendo sincera.

Meu pai ficou em pé e me abraçou pelo ombro, como se soubesse que seria difícil me abraçar por excesso de peito e cabelos.

- Tome o seu gato – disse Rachel, e entregou o gatinho a minha mãe.

- Obrigada por trazê-la de volta – disse minha mãe. Eu não sabia se ela se referia ao gato ou a mim.

Rachel deu de ombros e passou o braço no meu.

- Não precisa agradecer. – E, assim, ela me levou para fora da casa, de volta ao carro. Meus pais ficaram na porta de casa e observaram o carro, sem jeito, enquanto dávamos ré e descíamos a rua. Eu me sentia feliz e enjoada.

Fez-se silencio dentro do carro por um minuto.

Então, Rachel disse:

- Não acredito que eles trocaram você por um gato.

Eu ri, e aquilo me causou arrepios.

- Sim, é maluquice. Obrigada por ter ido comigo. Obrigada de verdade. Eles foram razoáveis porque você estava lá.

- Eles foram razoáveis porque pensaram que você tinha morrido. Você... está bem Grace?

Errei a marcha e o carro deu um solavanco até engatar a marcha certa. Não me dava muito bem com cambio manual, e de repente parecia muito difícil me concentrar para dirigir. Senti meu estomago embrulhado de novo naquele momento, no mesmo instante em que um tremor subiu pelos meus braços, e percebi que o que eu havia considerado nervosismo era coisa pior.

- Ah, não – resmunguei, a náusea tomando conta de mim. – Preciso parar. Sinto muito. Estou...

A estrada estava deserta. Encostei o carro e abri a porta. Vomitei atrás do veiculo. O rosto de Rachel estava pálido na escuridão. Eu não havia notado que ela tinha saído.

Ela ergueu as mãos.

- O que devo fazer? Não sei dirigir carros com cambio manual!

Eu estava começando a tremer forte, tremores involuntários que faziam meus dentes bater.

- Rach, sinto muito, muito mesmo. Você precisa... – parei para me curvar ao lado do carro. Nossa! Como odiava essa parte. Meus ossos estavam quebrando. Não, não, não.

- Preciso do quê? Grace, você está me assustando. Ai, não. Não!

De repente Rachel percebeu o que estava acontecendo.

- Chame o Sam – pedi. – Diga a ele que me transformei e para vir buscar você. Cole pode... ai. Cole pode dirigir o carro. Rachel... vá, espere no carro. Não...

Meus joelhos não quiseram me manter em pé. Eles estavam perdendo a força, prontos para se transformarem em outra coisa. De repente, fiquei com medo do que Rachel pensaria ao ver eu me transformar. Ela precisava esperar dentro do carro. Não podia ver... aquilo arruinaria tudo entre nós. Eu me sentia outra pessoa. Eu devia estar péssima.

Mas Rachel me abraçou, um abraço forte, e encostou o rosto no meu. Eu fedia a loba e devia estar com uma aparência monstruosa, e ela me abraçava com força a ponto de eu conseguir sentir aquilo em cima da dor. Ela foi tão corajosa que me emocionou.

- Está doendo? – sussurrou ela, me soltando.

Balancei a cabeça com força. Fechei as mãos com força.

- Eu amo você e eu... estou...

- Transformando-se em um lobo – disse ela. – Eu sei. – Ela passou as costas da mão no nariz. – Eu causo isso nas pessoas.

Tentei dizer alguma coisa, mas perdi o rumo. As estrelas brilhavam sobre mim, e eu me lembrei de outra noite: Sam e eu sob as estrelas, observando a aurora

boreal. Em minha mente, as luzes cor-de-rosa da aurora boreal se tornaram as luzes do painel refletidas em todas as partes do pára-brisa de meu carro, Sam e eu atrás dele, dizendo adeus e então eu fiquei sozinha, arrasada, prateada como o vidro, transformada em algo novo.

Capítulo 60

SAM

Era estranhamente estressante perder uma noite de sono com a Grace daquela maneira - de repente, comigo longe de onde ela havia se transformado. Depois de deixar Rachel em casa, quis sair à procura dela, mas Cole me convenceu de que não fazia sentido; ela não voltaria para mim, e se ela se transformasse em um ser humano novamente perto da casa dos pais, pelo menos saberia onde estava. Eu não acreditava que conseguiria dormir sem ela, mas depois que Cole me convenceu a não voltar ao ponto onde Rachel a deixara, eu fiquei deitado na cama olhando para as garças de papel e as lures de Natal e fingindo que estava apenas esperando Grace voltar para a cama. O dia havia sido muito longo e, quando não consegui mais pensar no que havia acontecido, o sono me pegou.

Sonhei que rodeava a casa, passando de cômodo em cômodo. *Todos os cô*modos estavam vazios, mas era um vazio repleto, com *uma* brisa que se assemelhava a um suspiro, como *se eu* pudesse *me virar e* ver alguém atrás de mim a qualquer momento. A *casa em si pare*cia vazia - não recentemente, mas *naquele momento* -, *como se os moradores* tivessem saído apenas para tomar um *ar e logo fossem retornar. Os* quartos tinham sinais de presença de *pessoas: em* todas as camas havia uma mala ou mochila cheia de *roupas, sapatos colocados* cuidadosamente ao lado dela, objetos pessoais dispostos, esperando ser usados. Na cama de Ulrik, estavam seu laptop e o barbeador elétrico. Na de Paul, havia uma pilha de paletas e alguns CDs gravados que eu nunca tinha visto. Havia objetos até mesmo em cima dos beliches: os protetores de ouvido de Derek em cima de sua câmera e o livro de recortes de Melissa ao lado de seus sapatos. A cama de Beck estava vazia.

Passei de cômodo em cômodo, apagando as luzes de cada um deles. *Adeus* ao quarto de Beck, nunca ocupado. Adeus ao quarto de Ulrik onde assistíamos assistido a filmes de terror em seu laptop. Desci a escada sem ir ao meu quarto. Adeus à sala de estar, ao sofá onde eu já havia me sentado com Grace, quase um lobo, onde Isabel havia ajudado a conter o ataque de Cole. Apaguei a luz. Adeus para sala amarela onde Cole vivera e Jack morrera. Luzes apagadas no banheiro que eu vinha evitando havia uma década. Adeus à cozinha, as nossas fotos presas

em todos os armários, mil sorrisos, todos eles verdadeiros. Apaguei a luz e fui para o porão.

E ali na biblioteca de Beck, cercados por livros, estavam as coisas de Beck que haviam desaparecido de seu quarto, a mala e os sapatos, em cima da cadeira da escrivaninha. Sua gravata estava dobrada com cuidado perto deles e ao lado havia um CD com galhos retorcidos na capa. O título estava rabiscado no único espaço em branco disponível: Ainda Acordando.

Tudo ao meu redor era Beck, vivendo dentro de todos aqueles livros que ele havia lido. Ele habitava todas as páginas. Ele era todos os heróis todos os vilões, todas as vítimas e todos os agressores. Ele era o começo e o fim de tudo.

Die letzte aller Türen

Doch nie hat man an alle schon geklopft (A última de todas as portas

Mas ninguém nunca *bateu em* todas as outras) Aquele foi o último adeus. Apaguei a luz.

Restava apenas mais um lugar. Subi a escada lentamente até o andar térreo e então fui ao segundo andar. Atravessei o corredor até o meu quarto. Ali dentro, as garças de papel tremiam no varal, presas na premonição de um terremoto. Eu conseguia ver todas as lembranças que as aves guardavam, imagens brincando em suas asas como uma tela de televisão, todas elas cantando músicas felizes que eu já havia cantado. Eram lindas e assustadoras, procurando se libertar.

- Más notícias, Ringo – disse Cole. – Vamos todos morrer.

Despertei com o barulho do telefone.

A adrenalina percorreu meu corpo meio sonolento e o primeiro pensamento claro que tive, inexplicavelmente, foi Ah, não, aqui não. Um segundo depois, eu percebi eu o barulho era apenas o telefone, e não consegui pensar por que havia pensado naquilo. Atendi.

- Sam? – Era Koenig.

Ele parecia muito, muito desperto.

- Eu deveria ter telefonado antes, mas estava no turno da noite e... não importa. – Koenig respirou fundo. – A caçada foi adiantada.

- Foi... o quê? – Pensei que talvez eu ainda estivesse dormindo, mas minhas garças e papel estavam totalmente paradas.

Koenig disse um pouco mais alto.

- Começa amanhã. De madrugada. Cinco e quarenta e sete da manhã. O helicóptero foi liberado de repente e eles adiantaram. Levante.

Ele não precisava mandar. Eu tive a sensação de que nunca mais voltaria a dormir.

Capítulo 61

Isabel

Eu não estava muito adormecida quando o telefone tocou.

Já passava da meia-noite e eu estava tentando dormir mais por autodefesa. As tensões ficavam mais fortes na casa dos Culpeper conforme a data da caçada se aproximava e a ameaça da mudança para a Califórnia, e meus pais estavam envolvidos em uma das maratonas de gritos das quais eu sentira tanta saudade nas últimas semanas. Parecia que minha mãe estava choramingando - pelo menos ela havia citado pontos mais importantes do que meu pai nos últimos vinte minutos -, mas também parecia que eles estavam longe deparar.

Então, a porta de meu quarto estava fechada e eu usava os protetores auriculares, criando estática com letras ofensivas. Meu quarto era uma concha cor-de-rosa e branca que se tornava menos inóspita graças à falta de luz do sol. Cercada por minhas coisas, podia ter sido qualquer dia de qualquer ano desde que havíamos nos mudado para lá. Eu podia descer a escada, atravessar o corredor e gritar com Jack para não deixar o cachorro sair enquanto eu estivesse fora. Eu podia telefonar para meus amigos da Califórnia que ainda se lembravam de mim e combinar de voltar para conhecer os campi universitários próximos das casas deles. O fato de o quarto estar tao igual e de a noite conseguir me enganar era engraçado e assustador ao mesmo tempo.

Bem eu quase perdi as estribeiras quando meu telefone celular tocou.

Número da chamada: casa do beck.

- Oi – atendi.

- Advinhe o que o idioda de seu pai fez agora? – Cole parecia meio sem fôlego.

Não senti vontade de responder. Eu não esperava que meu próximo telefonema com Cole fosse começar desse jeito.

- Ele ferrou com a gente – disse ele, sem esperar minha resposta. – A caçada vai começar de madrugada. Eles adiantaram.

Como se fosse combinado, a linha fixa tocou, em cima da mesa de cabeceira. Não toquei no telefone, mas mesmo dali consegui ver quem telefonava: LANDY,

MARSHALL.

Aquilo significava que meu pai e eu teríamos a mesma conversa, basicamente, ao mesmo tempo, com duas pessoas diferentes. A briga no andar de baixo havia diminuído. Estava demorando muito tempo para aquilo se ajeitar.

- O que você vai fazer? – perguntei.

- Bem, primeiramente vou fazer Sam se acalmar – disse Cole. – Grace se transformou esta noite e está na mata, por isso ele está maluco.

Agora eu acordei. Tirei o protetor que ainda permanecia num dos meus ouvidos e me sentei.

- A Grace está lá? Inaceitável.

Era mais do que inaceitável. Grave versus Esquadrão Thomas Culpeper, não era uma batalha que eu quisesse ver, porque eu sabia como terminaria.

- Eu sei, princesa – disse Cole, curto e grosso. – Quero que você procure seu pai e peça a ele para pegar o telefone e fazer tudo isso parar.

Mas eu também sabia como aquilo terminaria.

- Não vai dar – respondi. – Isso se tornou maior do que ele agora.

- Eu. Não. Quero. Saber. – disse Cole, lenta e pacientemente, como se eu fosse uma criança. – Encontre aquele maldito e faça-o parar. Sei que pode fazer isso.

Fiquei irritada com o tom de voz dele.

- Olha, em primeiro lugar, não venha me dizer o que fazer. Em segundo lugar? O que vai acontecer é que eu vou descer, vou deixá-lo totalmente irritado comigo sem motivo e talvez, se tiver sorte, ele comece a se perguntar por que eu, de repente, estou sendo tão legal com os lobos e, talvez, isso dê início a um monte de porcarias com as quais terei que lidar pelo resto do ano. E sabe o que ele dirá? Que não depende mais dele agora. Está na hora de você fazer a sua parte.

- Minha parte? Minha parte só funcionaria se Grace estivesse presente para fazer funcionar. Sem ela, eu me vejo cercado por um lobo emocionalmente desequilibrado e um Volkswagen.

A casa estava assustadoramente silenciosa em comparação aos gritos de antes. Tentei me imaginar descendo lá e confrontando meu pai a respeito da

caçada. Era ridículo demais só de pensar.

- Não vou fazer isso, Cole.

- Você me deve pelo menos uma tentativa.

- Devo? – Eu ri, uma risada irônica e curta. Por um momento, pensei em todos os nossos encontros, tentando pensar se ele tinha razão no que dizia. Não consegui pensar em nada. No mínimo, era ele quem me devia muito. – Por que devo alguma coisa a você?

A voz de Cole estava totalmente controlada:

- O filho da mãe do seu pai matou o Victor e o jogou na minha frente.

Senti meu rosto esquentar.

- Eu não sou ele. Não devo coisa alguma a você, Cole St. Clair. Eu posso até ter pensado em descer para conversar com meu pai antes disso, mas agora quero que você se dane.

- Certo, bem legal. Uma maneira madura de lidar com seus problemas. Encontre uma brecha, faça uma ceninha e jogue tudo nas costas do outro. Você é mesmo a filhinha do papai.

Aquilo me atingiu, por isso ri dele.

- Você fala demais. A única coisa que me surpreende nisso tudo é que você me parece bem sóbrio. Se der errado, você pode se matar, certo?

Ele desligou.

Meu coração estava acelerado, minha pele arrepiada e de repente eu me senti zonza. Sentei e coloquei as mãos diante dos lábios. Meu quarto estava exatamente igual ao momento em que atendi o telefone.

Joguei meu celular na parede. Enquanto ele voava, pensei que meu pai me mataria se eu o destruísse, mas ele bateu na parede e deslizou para o chão sem nenhuma avaria. Estava exatamente como antes.

Nada havia mudado. Nada.

Capítulo 62

SAM

Cole invadiu a cozinha como uma bomba. Já era quase uma da manhã, e em quatro horas e meia, os lobos começariam a morrer.

- Não deu, Ringo. Culpeper não pode parar. - Seus olhos externavam um caos que sua voz disfarçou.

Não pensei que Culpeper faria isso, mas parecia muito tolo pelo menos não tentar.

- Isabel está vindo? - Minha voz parecia normal, para minha surpresa, uma gravação de mim mesmo sendo repassada quando o meu eu verdadeiro perdera a voz.

- Não. - Cole disse apenas isso. Só uma palavra. Apenas parte de uma respiração. Ele abriu a geladeira com tanta força que os condimentos na porta bateram uns nos outros. O vento gelado saía da geladeira e envolvia meus tornozelos. - Então, depende de nós. Seu amigo Koenig virá?

Teria sido bom: alguém prático e do lado da lei com muito menos envolvimento emocional do que eu parecia perfeito.

- Ele soube da notícia porque estava trabalhando. Seu turno termina às seis da manhã.

- Que horário perfeito - Cole pegou vários tubos e seringas com uma mão e os jogou em cima do balcão à minha frente. Eles ROLARAM em círculos sem forma na superfície.

- Aqui estão nossas opções.

Meus ouvidos zuniram.

- Temos mais de uma?

- Três, na verdade - retrucou Cole. Ele apontou para cada um deles. - Este aqui transforma você em lobo. Este me transforma em lobo. Aquele ali causará ataques em nós dois.

Mas não havia três opções, realmente. Apenas *uma. Só haveria* uma, sempre.

Eu disse:

- Preciso ir buscá-la.

- E os outros?

- Primeiro ela. **-** Era a coisa mais horrível que *eu* já *tivera de* dizer. Mas qualquer outra coisa que dissesse seria mentira**.** Ela era a única coisa de que eu me lembrava como lobo, quando não havia mais nada a lembrar. Ela era a única coisa ***a*** qual eu sabia que me prenderia, à qual eu tinha que me prender. Eu salvaria os outros se pudesse, mas tinha que ser Grace antes.

Não achei que tinha sido muito persuasivo, mas Cole *assentiu. Seu* movimento de cabeça tornou tudo real c-, agora que havia se tornado um plano, eu me senti mal. *Não só* um pouco, mas de um modo que meus ouvidos zuniam e minha visão embaçava nos cantos. Eu precisava me transformar em lobo. Não num futuro distante. Naquele momento.

- Certo, vamos repassar o plano. Vou ao lago - disse Cole.

Agora ele era o general, enfiando a seringa *que o transformaria* num lobo num dos bolsos de sua calça cargo, apontando para um mapa imaginário no ar para demonstrar aonde iríamos.

- O estacionamento perto de Two Island Lake. É onde vou esperar você. Você. Grace. Quem você levar. Depois, precisamos atravessar aquela área daquele lado da mata antes do amanhecer. Não temos disfarce. Está pronto?

Ele precisou repetir a pergunta. Pensei em mim dentro da banheira com meu violão, cantando "Ainda acordando". Pensei em quando tirei o vestido de Grace. Pensei em Cole dizendo que todos me escutava, mas nem sempre eu dizia alguma coisa. Pensei em tudo o que me constituía e no medo que sentia de perder tudo aquilo.

Eu não ia perder.

-Estou pronto.

Não havia mais tempo.

Do lado de fora, tirei as roupas com cuidado e fiquei ali enquanto Cole deu tapinhas na seringa até as bolhas subirem ao topo. Estava surpreendentemente

claro ali; faltava uma semana para a lua cheia, mas havia nuvens baixas e névoa que pegavam a luz dali e a lançavam em todas as partes. Aquilo fez com que a mata atrás da casa parecesse misteriosa e infinita.

- Em que está pensando? – perguntou Cole. Ele segurou meu braço e virou a palma da minha mão para o céu. Sob a luz da lua, dava para ver minhas cicatrizes repusadas e feias.

Eu estava pensando: a mão de Grace na minha mão, Beck tremendo no porão, enterrando Victor, tornando-se humano. Eu estava pensando que, em algum lugar, talvez Grace estivesse à minha procura também. Eu me concentrei nos pensamentos que queria levar comigo.

- Sou Sam Roth. Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos. Vou levá-los ao lago.

Cole assentiu.

- É melhor que faça isso mesmo. Certo, essa precisa ir fundo. Segure firme. Diga de novo. Espere, diga onde suas chaves estão, de novo, antes de eu começar.

Meu coração batia acelerado com a ansiedade, medo e esperança.

- No meu bolso.

Cole olhou para o chão.

- Não estou mais vestindo uma calça – eu disse.

Cole olhou para o chão.

- Não, não está. Certo. Agora espere.

- Cole – eu disse. – Se eu não...

Ele escutou o tom de minha voz.

- Não. Nós nos veremos do outro lado.

Cole procurou uma veia entre as minhas cicatrizes, perto de meu cotovelo. Eu fechei os olhos. Ele enfiou a agulha.

Capítulo 63

SAM

Por um segundo, uma parte de um segundo, uma fração de uma respiração, a dor afastou todos os meus pensamentos para longe. Minhas veias ficaram derretidas. Meu corpo se reformulava, criando novos caminhos, planejando novos ossos enquanto transformava os antigos em poeira. Todas as partes de meu corpo passaram por mudanças.

Eu tinha me esquecido do sofrimento. Não havia alívio para aquilo, Na primeira vez em que me transformara, eu tinha sete anos. Minha mãe foi a primeira a ver. Eu nem conseguia me lembrar do nome dela naqueJe momento.

Minha coluna estalou.

Cole jogou a seringa no chão.

A mata cantava na linguagem que eu só entendia sendo lobo.

Da ultima vezem que fizera isso, eu tinha visto o rosto de Grace na minha freme. Da última vez cm que fizera isso, tinha sido um adeus. Não mais. Nada de despedidas.

Eu sou Sam Roth. Vou encontrar a Grace.

Capítulo 64

ISABEL

Demorei cinco minutos depois de cole desligar para perceber que o que ele havia dito não era tão ruim quanto eu pensara. Demorei dez minutos para concluir que deveria telefonar para ele naquele instante. Demorei quinze minutos para descobrir que ele não atendia ao meu chamado. Vinte para pensar que eu não deveria ter dito aquilo a respeito de ele se matar. Vinte e cinco para concluir que aquela poderia ter sido a última coisa que eu teria dito a ele.

Por que eu havia dito aquilo? Talvez Rachel estivesse certa quando disse que eu era uma megera. Queria saber usar aas minhas armas para ajudar e não para destruir.

Demorei o que parecia ser metade da noite para perceber que não conseguiria viver comigo mesma se não tentasse fazer algo em relação à caçada.

Tentei telefonar para Cole e para Sam pela ultima vez... nada... e então desci a escada. Em minha mente, fui ensaiando o que diria a meu pai. Primeiros os argumentos, depois os pedidos e, por fim, a justificativa para as minhas preocupações que não levassem a Sam e Beck, porque eu sabia que isso não surtiria efeito com meu pai. Aquilo não daria em nada, de qualquer modo.

Mas pelo menos eu poderia dizer a Cole que havia tentado. Então, talvez, não me sentisse tão mal.

Detestava tudo aquilo. Detestava. Detestava me sentir tão mal por causa de outra pessoa. Pressionei a mão contra meu olho direito, mas a lagrima ficou ali dentro.

A casa estava escura. Precisei acender as luzes ao descer a escada. Não havia ninguém na cozinha. Ninguém na sala de estar. Por fim, encontrei minha mãe na biblioteca, sentada no sofá de couro, segurando uma taça de vinho branco. Assistia a um reality show de hospital. Normalmente, a ironia da situação teria sido divertida, mas, naquele momento, eu só conseguia pensar na ultima coisa que dissera a Cole.

- Mãe – tentei parecer casual. – Onde está papai?

- Hum?

Algo em seu *hum?* me trouxe à realidade, fez com que eu me sentisse mais firme. Mundo não estava ruindo. Minha mãe ainda fazia *hum?* quando eu fazia perguntas.

- Meu pai. A criatura que casalou com você para me constituir. Onde ele está?

- Gostaria muito que você não falasse desse jeito – disse minha mãe. – Ele foi até o helicóptero.

- O. Helicóptero.

Minha mãe mal desviou o olhar da televisão. Não havia nada de diferente em minha voz para assustá-la.

- O Marshall conseguiu um lugar para ele. Disse que como ele atira muito bem, não seria um lugar perdido no helicóptero. Ficarei feliz quando tudo isso terminar.

- O papai vai dentro do helicóptero que vai matar os lobos – repeti.

Lentamente. Eu me sentia uma idiota. Era claro que o meu pai desejaria ficar na linha de frente com uma arma de caçar elefante. Era claro que Marshall possibilitaria aquilo a ele.

- Ele vai decolar num horário horrível – disse minha mãe. – Por isso saiu para tomar café com Marshall. Então, fiquei com a televisão.

Era tarde demais. Eu havia desperdiçado muito tempo pensando e agora era tarde demais.

Não tinha mais nada que eu pudesse fazer.

Cole dissera *Você me deve pelo menos uma tentativa*.

Eu continuava achando que não devia nada a ele. Mas tomando cuidado para não demonstrar minha irritação, saí da biblioteca e caminhei pela casa. Peguei minha jaqueta branca, as chaves do carro e o telefone celular e abri a porta dos fundos. Não muito tempo atrás, Cole estivera ali como um lobo, com os olhos verdes nos meus. Eu havia dito a ele que meu irmão tinha morrido. Que eu não era uma boa pessoa. Ele havia apenas me observado, sem se mexer, preso naquele corpo que ele escolhera para si mesmo.

Tudo tinha mudado.

Quando saí, acelerei tanto que os pneus cantaram.

Capítulo 65

SAM

Eu sou Sam Roth. Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos. Vou lavá-los ao lago. Eu sou Sam Roth. Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos. Vou levá-los ao lago.

Entrei na mata correndo. Minhas patas batiam nas pedras; minhas passadas percorriam as distancias. Eu estava muito nervoso. Eu estava controlando os meus pensamentos como se eles fossem um monte de garças de papel. Com força suficiente para mantê-los presos. Mas não sou forte o bastante para amassá-los.

Eu sou Sam Roth. Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos. Vou levá-los ao lago. Eu sou Sam Roth. Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos. Vou levá-los ao lago.

Havia mil coisas para escutar. Dez mil coisas para farejar. Um milhão de pistas para inúmeras formas de vida naquela mata. Mais eu não precisava de muitas. Precisava de uma.

Ela estava recostada em mim, sentindo o cheiro de uma loja de doces. Todas as cores que eu não conseguia ver naquele momento estavam pintadas nas paredes e nas etiquetas ao nosso redor.

Eu sou Sam Roth. Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos. Vou lavá-los ao lago.

A noite estava iluminada pela lua crescente; a luz refletia em algumas nuvens baixas e na névoa. Eu conseguia enxergar um espaço sem fim à minha frente. Mas não era uma visão que me ajudaria. De vez em quando eu ia mais devagar, prestando atenção. Seu uivo. Era para mim, eu tinha certeza.

Os lobos uivavam; fiquei em pé na janela dela, olhando para fora. Éramos desconhecidos e conhecíamos um ao outro como conhecíamos um caminho pelo qual passávamos todos os dias. *Não durma no chão*, disse ela.

Eu sou Sam Roth. Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos. Vou lavá-los.

Havia mais vozes agora respondendo aos chamados dela. Não foi difícil

diferenciá-las. Foi difícil lembrar por que eu precisava diferenciá-las.

Os olhos dele, castanhos e complexos, com a face do lobo.

Eu sou Sam Roth. Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos.

Titubeei quando minhas patas escorregaram na terra molhada. Escutei algo cair na água, perto dali.

Ouvi uma voz me atacar, na minha mente. Alguma coisa ali era perigosa. Fui mais devagar, com cuidado, e ali estava – um buraco grande, água profunda. Caminhei ao redor e ouvi. A mata estava em silencio. Minha mente hesitou e se confundiu, ferida... joguei a cabeça para trás e uivei, um gemido longo e tremulo que ajudou a diminuir a dor dentro de mim. Alguns momentos depois, escutei a voz dela e parti de novo.

Vou encontrar Grace. Vou encontrar os lobos.

Um bando de pássaros apareceu de repente diante de mim, assustados no poleiro ao verem minha aproximação. Elas voaram alto, brancas contra a escuridão, e algo na variedade de suas formas, as asas esticadas, a maneira com que voavam em cima de mim, levadas com o vento, com as estrelas brilhando sobre elas, fez com que eu me lembrasse de uma coisa.

Eu me esforcei muito para reter a lembrança, mas ela me escapou. A perda parecia enorme, mas eu não conseguia pensar no que havia perdido.

Vou encontrar Grace.

Não perderia aquilo. Não perderia aquilo.

Encontrar Grace.

Algumas coisas não podiam ser tiradas de mim. Algumas coisas eu não suportaria perder.

Grace.

Capítulo 66

Cole

Duas e trinta e quatro da madrugada.

Eu estava sozinho.

O lago se estendia ao lado da área de estacionamento, a água parada refletindo, como um espelho, uma imagem perfeita da lua imperfeita. Em algum lugar do outro lado da água ficava a propriedade de Culpeper.

Eu não ia pensar nisso.

Duas e trinta e cinco da madrugada.

Eu estava sozinho.

Era possível que Sam não voltasse.

ISABEL

Eram três da madrugada e não havia ninguém na casa de Beck. Encontrei uma pilha de roupas e uma seringa abandonada perto da porta dos fundos e, dentro, o telefone celular de Sam em cima do balcão da cozinha – não surpreendia o fato de meu telefonema não ser atendido. Eles não estavam mais ali. Tinham feito exatamente o que eu dissera – eles haviam adotado o plano de Cole sem minha ajuda. Caminhei pelos como dos no andar de cima, com as botas fazendo barulho no piso de madeira, e, se houvesse alguém ali, eu tinha certeza de que eles teriam reagido.

No final do corredor ficava o quarto no qual Jack havia morrido. Estiquei o braço e acendi a luz. Instantaneamente, o quarto ficou com o mesmo tom forte de amarelo com o qual eu me lembrava. Evidente que aquele era o quarto de Cole agora. Uma calça de moletom estava jogada no chão. Copos, tigelas, canetas e papeis estavam por toda a parte. A cama estava desarrumada, e em cima do edredom, todo embolado havia um livro de capa de couro como um diário ou caderno de registros.

Subi na cama – senti o cheiro de Cole como naquele dia em que ele fora à minha casa com um perfume gostoso – e deitei de barriga para cima, pensando em Jack morrendo bem ali. Era uma lembrança dolorosa, mas não foi forte o bastante para trazer emoção. Eu me senti aliviada e triste ao mesmo tempo; eu o estava perdendo.

Depois de alguns momentos, eu estiquei o braço e peguei o diário. Uma caneta havia sido colocada dentro dele para marcar uma pagina. Pensar que cole pudesse escrever seus pensamentos íntimos era estranho; eu não achava que ele pudesse ser honesto de verdade, nem mesmo no papel.

Eu o abri e analisei as paginas. Ao mesmo tempo, descobri que aquilo era tudo e nada do que eu esperava.

Honestidade, porém sem emoção. Uma cronologia clara da vida de cole no último mês. Palavras saltaram para mim.

Ataque. Arrepios. Sucesso médio. Tremor incontrolável das mãos. Aprox. duas horas. Eu me transformei por vinte e sete minutos. Vomitei muito, devo jejuar.

Era o que não estava escrito que eu queria daquele diário. Não o que precisava, mas o que queria. Folheei, procurando ver se os relatos se tornavam mais eloquentes, mas não foi o que vi. Mas encontrei o que precisava na última pagina. *Encontro no estacionamento do Two Island, para depois seguirmos para o norte, no Knife Lake*.

Eu precisaria de um tempo para descobrir em qual ponto do Two Island Lake eles se encontrariam, já que o lago era enorme. Mas agora sabia por onde começar.

Capítulo 67

GRACE

E então, finalmente, ali estava ele, como eu me lembrava dele, depois de todo aquele tempo.

Eu estava na mata formada por arvores de casco branco quando ele me encontrou. Meus uivos para ele haviam reunido outros dois membros da matilha quando nos vimos. Quanto mais perto chagávamos um do outro, mais ansiosa eu ficava; era difícil uivar em vez de chorar. Os outros tentavam me consolar, mas eu mostrava a eles imagens dos olhos dele, tentando mostrar... algo. Eu não acreditava que aquele era mesmo a voz dele. Só quando vi seus olhos.

E então, ali estava ele, ofegante, incerto. Ele caminhou para dentro da clareira e hesitou quando viu os outros dois lobos ao meu lado. Mas o odor dele, aparentemente, fez com que eles o identificassem, e muitas imagens passaram entre nós, imagens dele brincando, caçando, entre a matilha.

Eu me aproximei dele, com a cauda levantada, as orelhas em pé, animada e trêmula. Ele lançou a mim uma imagem tão forte que me fez parar. Eram arvores ao nosso redor, os troncos brancos com vincos pretos subindo pelas laterais, as folhas caindo, seres humanos em pé entre nós.

Devolvi uma, na qual eu corria até ali para encontrá-lo, usando sua voz como guia para me aproximar.

Mas, mais uma vez, ele lançou a imagem a mim.

Não entendi. Aquilo seria um aviso? Aqueles seres humanos estavam se aproximando? Seria uma lembrança? Eu os tinha visto?

A imagem se transformou: um menino e uma menina, com folhas nas mãos, a imagem tomada por desejo, saudade. O menino tinha os seus olhos de lobo.

Algo doeu dentro de mim.

Grace.

Gemi baixinho.

Não entendi, e agora sentia aquele baque familiar de perda e vazio dentro de

mim.

Grace.

Era um som que não significava nada e também significava tudo. Meu lobo caminhou cuidadosamente na minha direção, esperando que meus ouvidos se aguçassem para lamber meu queixo e cheirar milhas orelhas e focinho. Eu tinha a sensação de que estava esperando a vida toda por ele ali; eu tremia naquele momento. Não conseguia para de me pressionar contra ele, empurrando meu focinho contra a face dele, mas tudo bem, porque ele foi igualmente insistente. Para demonstrar carinho, era preciso tocar e brincar.

Naquele momento, finalmente, ele enviou a mim uma imagem que consegui compreender: nós dois, queixo erguido, cantando juntos, chamando os outros lobos de todas as partes da mata. Tinha um tom de urgência, de alerta. Eram imagens com as quais eu me sentia familiarizada.

Ele levantou a cabeça e uivou. Foi um uivo longo e forte, triste e nítido, e fez com que eu compreendesse aquela palavra, *Grace*, mais do que entendera com as imagens dele. Depois de um tempo, abri a boca a uivei também.

Juntas, nossas vozes soaram mais altas. Os outros lobos se aproximaram de nós, cheirando, gemendo e, por fim, uivando.

Não havia um só lugar na mata onde não pudessem nos ouvir.

Capítulo 68

Cole

Eram cinco e quinze da manhã.

Eu estava tão cansado que não conseguia me imaginar dormindo. Estava cansado a ponto de sentir as mãos tremendo e de perceber pontos luminosos na visão, movimentos que não existiam.

Sam não estava aqui.

Que mundo estranho aquele, onde eu podia perder tudo relacionado a mim, e acabar perdendo tudo, menos eu mesmo. Talvez eu tivesse jogado muitos coquetéis Molotov na propriedade de Deus. Afinal, seria um castigo divinamente irônico observar-me aprender a cuidar das coisas e então destruir as coisas das quais eu cuidava.

Eu não sabia o que faria se aquilo não desse certo. Percebi, naquele momento, que, em algum ponto do caminho, eu havia começado a pensar que Sam podia mesmo conseguir. Nenhuma parte de mim, por menor que fosse, acreditava no contrario, por isso, naquele momento, o sentimento que eu percebia fervendo em meu peito era de decepção e traição.

Eu não podia voltar para aquela casa vazia. Ela não era nada sem as pessoas dentro dela. E não podia voltar para Nova York. Há muito tempo ali deixara de ser o meu lar. Eu era um homem sem lar. Em algum momento, eu havia me tornado a matilha.

Pisquei, esfreguei os olhos. Percebi uma movimentação no canto do meu olho de novo, fragmentos diversos, prêmios de consolação por conseguir enxergar àquela luz fraca. Esfreguei de novo e pousei a mão no volante.

Mas o movimento era de verdade.

Era Sam, os olhos amarelos observando o carro com atenção.

E atrás dele estavam os lobos.

Capítulo 69

SAM

Tudo ali estava errado. Estávamos ao ar livre, unidos, próximos demais do veiculo. O instinto fazia meus pelos eriçarem. A luz da lua rescendia entre a névoa, tornando o mundo artificialmente claro. Alguns dos lobos começaram a voltar para a escuridão das arvores, mas eu comecei a correr, pastoreando-os de volta para o lago. Imagens apareciam em minha mente: nós, perto do lago, todos juntos. Eu e ela. *Grace*.

Grace. Encontrar os lobos. O lago.

Eu já tinha feito aquelas coisas. E agora? Não havia *e agora*.

Grace conseguia farejar minha ansiedade. Ela cheirou meu focinho, recostou-se em mim, mas não me acalmei.

A matilha não parava. Eu precisava correr de novo para direcionar alguns animais afastados de volta ao lago. A loba branca – Shelby - rosnou para mim, mas não me atacou. Os lobos não paravam de olhar para o veiculo; havia uma pessoa dentro dele.

E agora, e agora?

Fique arrasado com o desconhecido.

Sam.

Eu me remexi. Reconheci aquela voz.

Sam, está ouvindo?

E então, claramente, uma imagem. Os lobos correndo pela estrada, com a liberdade logo à frente, e algo... algo ameaçador atrás.

Eu remexi as orelhas, tentando encontrar a direção da informação. Eu me virei para o veiculo; eu e o jovem nos entreolhamos. Mais uma vez, eu vi a imagem, ainda mais clara dessa vez. Do perigo vindo. Da matilha descendo pelo caminho. Peguei a imagem, ajeitei-a e lancei aos outros lobos.

Grace olhou para mim no mesmo momento enquanto fazia minha tarefa:

impedia que um lobo voltasse para as arvores. Do outro lado de onde duas dúzias de corpos se moviam, olhei nos olhos dela e mantive o olhar fixo por um breve momento.

Nas minhas patas, senti a vibração de algo desconhecido. Algo que se aproximava.

Grace lançou outra imagem para mim. Uma sugestão. A matilha, comigo na liderança, levando-a para longe das ameaças que prometiam chegar atrás de nós. Ela acompanhando, guiando-os atrás de mim.

Eu não podia desconfiar daquela imagem que estava sendo lançada do carro, porque ela vinha sempre da mesma maneira: *Sam*. E isso tornava tudo certo, ainda que eu não compreendesse totalmente o conceito em minha mente.

Enviei uma mensagem para a matilha. Não um pedido. Uma ordem: nós, em movimento. Eles me seguindo.

O certo seria que as ordens todas fossem dadas por Paul, o lobo preto, e que os outros fossem punidos por insubordinação.

Por um momento, nada aconteceu.

Então, começamos a correr, quase simultaneamente. Era como se estivéssemos em uma caçada, mas o que procurávamos estava longe demais para ver.

Todos os lobos me escutaram.

Capítulo 70

COLE

Estava dando certo.

Mas quando comecei a seguir dentro do Volkswagen, eles se espalharam e demorou um pouco para que se reagrupassem. Já era quase madrugada; não tínhamos tempo para esperar eles se acostumarem com o carro. Então, eu saí, lançando imagens da melhor maneira que conseguia – estava melhorando, mas precisava me aproximar – e corri a pé. Não muito perto deles, porque não era tolo; me mantive mais no canto, para manter o controle, e eles estavam a dezenas de metros. Tentei ficar perto o bastante para mantê-los no caminho. Não conseguia acreditar que eu havia reclamado da lerdeza deles antes. Se eles se concentrassem mais, eu não conseguiria acompanhá-los. Mas ali estava eu, correndo com eles, quase fazendo parte da matilha de novo, enquanto eles percorriam o caminho iluminado pela luz da lua. Eu não sabia ao certo o que aconteceria quando me cansasse. Naquele momento, tomado pela adrenalina, não conseguia imaginar.

E eu precisava admitir que era interessante observar os lobos, pulando, correndo e dando encontrões uns nos outros. Era interessante também observar Sam e Grace.

Eu conseguia enviar imagens a Sam, claro, mas obviamente ele precisava se esforçar para entender. Sam e Grace, por outro lado, lobos, tinham uma ligação – Sam apenas virava a cabeça e Grace voltava a incentivar um lobo que havia parado para investigar um odor fascinante. Ou Grace interceptava uma de minhas imagens e a traduzia para Sam com um movimento da cauda, e de repente todos mudavam de direção, como eu queria. E sempre, enquanto corriam, apesar de haver urgência, Sam e Grace se tocavam, cheiravam e empurravam um ao outro. Tudo que eles tinham como seres humanos era traduzido.

Mas ali estava o problema: Norte do Bosque da Fronteira, uma extensão de terra plana, coberta por arvores frondosas. Enquanto os lobos atravessavam para o outro lado da mata, eles se tornavam alvos fáceis. Eu já tinha passado por ali antes e não parecia uma área muito ampla. Mas eu estava dentro do carro a mais

de noventa quilômetros por hora. Agora, estávamos à pé, correndo a dez ou doze quilômetros por hora. E o horizonte se tornava rosado enquanto o sol decidia nascer.

Cedo demais. Ou talvez tarde demais. A vegetação se espalhava por quilômetros. Os lobos não conseguiriam atravessar antes de o sol nascer. Eu só podia torcer para que o helicóptero demorasse. Para que ele partisse do lado mais distante do Bosque da Fronteira e se preocupasse com a falta de lobos ali. Se tivéssemos sorte, as coisas seriam assim. Se o mundo fosse justo.

Capítulo 71

ISABEL

Quando encontrei o carro, abandonado no estacionamento perto do lago, já estava amanhecendo. Xinguei Cole por ter esquecido o celular de Sam em casa, por ter deixado o carro para trás, mas então vi que a matilha havia deixado pegadas no orvalho. Quantos seriam? Dez lobos? Vinte? A vegetação estava destruída onde eles tinham ficado esperando, e então as pegadas levavam de volta para a estrada. Como estava escrito no diário. Eles continuaram andando.

Fiquei tão feliz por estar no caminho certo que não percebi a principio, que era possível ver as pegadas com clareza. O sol estava nascendo, o que significava que estávamos ficando sem tempo. Não, já estávamos sem tempo, a menos que os lobos já estivessem muito distantes da mata. Havia uma área ampla e feia desconhecida que levava para fora do Bosque da Fronteira de Mercy Falls. Se os lobos fossem pegos ali, ficariam totalmente expostos a meu pai e seu rifle ávido.

Eu só conseguia pensar que as coisas ficariam bem se ao menos eu conseguisse chegar até onde os lobos estavam. Assim, percorri o caminho em alta velocidade com o utilitário. Eu estava congelando, percebi; ainda que não estivesse tão frio assim, apenas o frio normal do começo da manhã, não conseguia me manter aquecida. Liguei o aquecedor e segurei o volante. Não encontrei nenhum outro veiculo pelo caminho – quem estaria naquela estrada àquela hora, além dos lobos e das pessoas que os caçavam? E eu não sabia bem em qual categoria me enquadrar.

Então, de repente, vi os lobos. À meia luz da alvorada eles eram marcas escuras contra o chão repleto de mato, e os diferentes tons de cinza e preto só foram percebidos quando me aproximei. Claro, eles estavam bem no meio de uma área desconhecida, organizados em fila, dois ou três fora, alvos perfeitos. Quando me aproximei, vi a loba que era Grace bem na frente – de jeito nenhum eu conseguiria me esquecer do formato do seu corpo e do comprimento de suas patas e da maneira com que mantinha a cabeça erguida – e, ao lado dela, Sam. Vi uma loba branca e, por um breve momento de confusão, pensei que fosse Olivia. Mas então lembrei e percebi que devia ser Shelby, a loba maluca que nos seguira até a clinica tanto tempo antes. Os outros lobos eu não conhecia. Eram apenas lobos.

E ali, bem à frente, percorrendo pelo canto do caminho, um ser humano. O sol baixo estendia sua sombra e a tornava cem vezes mais alta do que ele. Cole St. Clair, correndo com os lobos, desviando de rochas no caminho de vez em quando e saltando alguns buracos. Ele mantinha os braços abertos para se equilibrar ao saltar, de modo não consciente, como um menino. Havia algo grandioso no gesto de Cole correndo com os lobos e a última coisa que eu havia dito a ele não parava de ressoar em meus ouvidos. A vergonha me aquecia, como nada mais.

Eu tinha um novo objetivo. Pediria desculpa a ele depois de tudo aquilo.

Percebi, então, que algo em meu painel estava tremendo. Pousei a mão sobre ele, e então na porta, tentando localizar o que tremia.

E aí me dei conta que não era nada dentro do veículo. Desci o vidro da janela do passageiro.

Na direção da mata, escutei o barulho da hélice do helicóptero cortando o ar enquanto se aproximava.

COLE

O que aconteceu em seguida foi tão rápido que não consegui acompanhas os fatos direito e não entendi mais nada.

Escutei o *vum vum vum* do helicóptero, cada *vum* duas vezes mais rápido do que as batidas do meu coração. Ele estava rápido comparado conosco, e baixo, e mais alto do que uma explosão. Sob aquela luz, estava escuro contra o céu; apesar de estar ali como ser humano, eu o vi como um monstro. Parecia a morte. Senti um arrepio, uma premonição. O ritmo das hélices tinha exatamente a mesma batida de uma de minhas canções antigas, e a letra surgiu em minha mente, descontrolada. *Eu sou descartável*.

O efeito nos lobos foi imediato. O som chegou a eles antes, e eles começaram a se mover desordenadamente, reunindo-se e espalhando-se. E então, quando o helicóptero se aproximou, eles olharam para cima e continuaram correndo. Vi rabos entre as pernas, orelhas abaixadas.

Terror.

Não havia proteção. As pessoas do helicóptero não tinham me visto ali ou, se viram, não ficaram interessadas. Sam estava meio virado para mim. Grace estava próxima, tentando manter os lobos unidos no meio do pânico. Continuei transmitindo a imagem de todos nós chegando à mata do outro lado daquela área, mas as arvores pareciam distantes e inatingíveis.

Vi os lobos, o helicóptero e o chão, e tentei formular um novo plano, algo que pudesse salvá-los nos próximos vinte segundos. Vi Shelby perto do fim da matilha. Estava preocupada com Beck, que guiava os lobos pela parte de trás. Ele rosnou para ela, mas ela não desistiu. Como uma mosca, ela voltava o tempo todo. Durante muito tempo, ela não pôde desafiar ninguém na matilha por causa dele e agora, quando ele se distraía, ela entrava em ação.

Ela e Beck estavam ficando cada vez mais para trás. Desejei ter lutado mais quando a encontrei na mata antes. Eu me arrependi por não tê-la matado.

Sam, de alguma forma, percebeu que Beck estava ficando para trás, por isso ele também foi para o fundo, deixando Grace na dianteira. Ficou de olho em Beck.

O barulho do helicóptero era tão forte, tão alto, que dava a impressão de que

nunca havia escutado mais nada. Parei de correr.

E foi quando tudo começou a acontecer depressa. Sam rosnou para Shelby, e ela abandonou Beck como se nunca tivesse desejado atacá-lo. Por um momento, pensei que a autoridade de Sam tivesse predominado.

E então, ela o atacou.

Pensei ter enviado um alerta. Eu devia ter enviado um alerta.

Agora seria tarde demais, ainda que eles escutassem.

A poeira se levantou ao redor deles, e, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, Beck caiu. Ele voltou a levantar, sentiu a coluna e caiu de novo. Ouvi mais um som, quase inaudível em meio ao barulho do helicóptero e, dessa vez, ele caiu e ficou caído. Seu corpo estava destruído.

Não consegui pensar naquilo. Beck. Ele se debatia, e remexia e não levantava. Não se transformou. Estava morrendo. Seu corpo estava arruinado demais para se recuperar.

Eu não conseguia olhar.

Sam parou e eu vi que ele uivou, mas não ouvi de onde estava. Nós dois ficamos abismados; Beck não podia morrer. Ele era um gigante.

Estava morto.

Aproveitando a distração e Sam, Shelby jogou o corpo contra o dele, derrubando-o no chão. Eles rolaram e se sujaram de lama. Tente enviar mensagens a Sam, dizendo a ele para se afastar dela e continuar, mas ele não estava escutando porque não conseguia ver nada além e Beck ou porque Shelby tirava a sua concentração.

Eu devia tê-la matado.

À frente deles, o helicóptero ainda voava lentamente atrás dos lobos. Vi mais uma explosão de terra, e mais uma, mas nenhum lobo caiu dessa vez. Só tive tempo de pensar *talvez o Beck seja o único lobo* quando outro membro da matilha caiu durante a fuga, rolando e se debatendo. As duas armas do helicóptero muitos minutos para acabar a tarefa.

Aquilo era um desastre.

Eu havia levado os lobos para fora da mata para que eles fossem atingidos lentamente, um por vez, a morte em sete balas lentas.

O helicóptero desceu. Eu adoraria pensar que ele estava abandonando a perseguição, mas sabia que estava apenas dando a volta para conseguir atingir os lobos de um ângulo melhor. A matilha estava espalhada, amedrontada; com Sam brigando com Shelby, todos praticamente pararam de avançar. Mas os lobos estavam muito próximos da mata. Eles poderiam se proteger se continuassem em movimento. Precisavam de apenas alguns momentos sem aquele helicóptero assustando todos eles.

Mas não avançamos. E com Sam e Shelby separados do restante da matilha, eu sabia que eles seriam os próximos a morrer.

Ainda conseguia ver a morte de Beck.

Não podia permitir que a mesma coisa acontecesse com Sam.

Não pensei. Minha sombra, estendida na minha frente, procurou no bolso de minha calça cargo ao mesmo tempo em que procurei. Tirei a seringa, arranquei a tampa com os dentes e a finquei em minha veia. Não tive tempo para pensar. Não tive tempo para me sentir nobre. Apenas... uma onda de dor tomou conta de mim e então a força silenciosa da adrenalina ajudou a apressar a transformação. Senti muita dor e então me transformei em lobo e comecei a correr.

Shelby. Matar Shelby. Salvar Sam.

Aquilo foi tudo de que precisei me lembrar e as palavras já estavam fugindo quando atingi Shelby com toda minha força. Ataquei com os dentes e intensidade. Meus dentes atingiram a região do olho dela, como eu havia aprendido com ela. Ela se virou para retribuir, sabendo que dessa vez não me afastaria. Não havia raiva no meu ataque. Apenas determinação incansável. Nossa briga deveria ter sido daquela forma antes.

Senti o gosto de sangue na boca, de Shelby ou meu, de minha língua. Lancei uma imagem a Sam: *saia*. Queria que ele ficasse com Grace. Queria que ele ficasse longe de mim, que voltasse para a matilha, um entre muitos, e não um alvo solitário e imóvel.

Por que ele não me deixava? SAIA. Não havia como ser mais claro. Havia

maneiras de convencê-lo, mas minha mente não mais as dominava. E então, uma imagem de Grace chegou até nós. A matilha espalhada, a mata próxima, mas tão longe do alcance sem ele. O helicóptero estava voltando. Beck estava morto. Eles estavam aterrorizados. Ele. Eles precisam dele. Ela precisava dele.

Ele não queria me deixar sozinho.

Eu me afastei de Shelby para rosnar para ele com toda a minha vontade. Ele abaixou as orelhas e se foi.

Desejei ardentemente poder ir com ele.

Shelby tentou acompanhar, mas me lancei contra ela de novo. Rolamos pela terra e pelas pedras. Senti terra na boca e nos olhos. Ela estava furiosa. Sem parar, ela enviava as mesmas imagens, quase me dominando com o peso de seu medo, inveja, raiva. Sem parar, ela enviava as imagens. Ela matando Sam. Ela matando Grace. Ela assumindo a liderança da matilha.

Pulei em seu pescoço. Não havia alegria naquela vingança. Ela se retorceu, mas eu me mantive firme, porque precisava fazer aquilo.

Capítulo 72

GRACE

A matilha estava totalmente desordenada. No principio, meu lobo havia enviado imagens a mim e, por mais estranho que parecesse, o menino que corria conosco também. Agora, não via nenhum dos dois por perto e eu tive que reagrupar os membros da melhor maneira, mas eu não era ele. Eu havia acabado de aprender ser a loba. Tinha que ser ele a reuni-los. Mas a tristeza dele ressoava forte em minha mente para dar espaço ao que quer que fosse. *Beck, Beck, Beck*, e naquele momento consegui entender que se tratava do nome do primeiro lobo derrubado. Meu lobo queria voltar até onde estava o corpo de Beck, mas eu já tinha visto as imagens transmitidas a mim. Seu corpo destruído, pouca evidencia de que ele já tinha sido um ser vivo. Estava morto.

O veiculo barulhento, escuro contra o céu, se aproximava de novo, ensurdecedor. Era um predador, sem pressa de nos cobrir.

Desesperadamente, passei a meu lobo uma imagem da matilha se estabilizando sob nossa orientação, escapando para se esconder sob as arvores. Enquanto isso, eu passava pelos lobos mais próximos de mim, incentivando-os a se mover de novo, empurrando-os na direção das árvores. Quando meu lobo foi ao meu encontro, suas imagens formavam um muro de visões e sons que eu não conseguia interpretar. Vi uma entre cem. Nenhuma delas fazia sentido, unidas. E, ainda assim, ali estava o monstro acima das árvores.

Meu lobo lançou um pensamento urgente.

Cole. Shelby.

E talvez por causa da força do pensamento, ou talvez porque o sol estivesse me esquentando e eu sentisse a sombra de outra pessoa que eu tinha sido dentro de mim, entendi o que ele queria dizer.

Olhei para trás, ainda correndo meio de lado para manter o equilibro. Ali, como esperava, estavam Cole e Shelby, envolvidos em uma briga de tirar o fôlego. Estavam quase longe demais para que eu os visse com clareza, bem mais abaixo na descida na qual nos encontrávamos. Mas não houve nada que bloqueasse minha visão quando a criatura negra apareceu atrás deles.

Escutei uma série de baques, quase indistinguíveis em meio ao barulho que vinha de cima, e então Shelby soltou Cole.

Ele se afastou dela quando ela partiu sem direção. Antes de cair ela olhou para mim. Sua cara estava vermelha, ou talvez fosse uma cara dentro de uma mancha vermelha.

O helicóptero voava baixo.

Um segundo depois, Cole também caiu.

Capítulo 73

ISABEL

De certa forma, nunca pensei que as coisas pudessem chegar àquele ponto.

Cole.

A loba branca ainda estava de pé, apenas com a pata traseira machucada, mas Cole – Cole estava imóvel no lugar onde havia caído.

Senti um aperto no coração. Pequenas explosões de terra ocorriam após os tiros que meu pai dava em direção à matilha. Sam e Grace corriam em disparada, seguindo no caminho para as árvores que eles nunca alcançariam. O restante da matilha corria atrás deles.

Meu primeiro pensamento foi egoísta: por que Cole, dentre todos os lobos? Por que aquele com quem eu me importava?

Mas então, eu vi que o chão estava coberto de corpos, que Cole era apenas um entre meia dúzia de caídos. E ele havia se colocado naquela situação, quando percebera que Sam corria perigo. Ele sabia o que podia...

Cheguei tarde demais.

O helicóptero parou para ir atrás de um animal desgarrado. O sol era um disco vermelho e intenso no horizonte; refletido nas letras de identificação na lateral do helicóptero. As portas se abriram e, atrás do piloto, dois homens estavam sentados com as armas apontadas para o chão, um de cada lado. Um deles era meu pai.

A certeza se firmou dentro de mim.

Eu não podia... não podia salvar Cole.

Mas podia salvar Sam e Grace. Eles já estavam quase no destino. Muito, muito perto. Só precisavam um pouco mais de tempo.

O desgarrado morreu. Eu não sabia quem era. O helicóptero voou para mais uma aproximação. Olhei para trás na direção de Cole; só quando ele não se mexeu eu percebi como desejava que ele se movesse. Não consegui ver onde ele tinha levado o tiro, mas vi que havia sangue ao redor de seu corpo, e ele estava caído

no chão em uma posição muito estranha. Pelo menos ele não tinha sido arruinado como alguns dos outros lobos. Teria sido demais para mim.

Deve ter sido rápido. Eu disse a mim mesma que tinha sido rápido.

Prendi a respiração.

Não podia pensar naquilo. Não podia pensar que ele estava morto.

Mas pensei.

E de repente não me importou que meu pai ficasse irritado comigo, que aquilo causasse um milhão de problemas, que todo o progresso que parecíamos estar fazendo fosse acabar desaparecendo.

Eu podia para aquilo.

E quando o helicóptero se aproximou de novo, joguei meu utilitário para fora do caminho e entrei na mata, subindo numa pequena elevação ao lado da estrada. O utilitário provavelmente não era um veiculo *off road* de fato, porque chacoalhava e fazia uns barulhos esquisitos, dando a impressão de que almas do inferno tentavam escapar de sua carroceria, e eu pensei que acabaria quebrando um eixo, se tal coisa fosse possível.

Mas apesar de todo barulho, fui mais rápida do que os lobos e entrei com o carro no meio do grupo, entre dois membros da matilha, separando-os e forçando-os a seguir na minha frente.

Instantaneamente, os tiros cessaram. A terra subia atrás de mim em nuvens enormes, tirando o helicóptero de vista. À minha frente, vi os lobos entrando na mata atrás de Sam e Grace, um atrás do outro. Parecia que meu coração explodiria.

A terra baixou ao meu redor. O helicóptero sobrevoava o local onde eu estava. Respirando fundo, abri o teto solar e olhei para o céu. Ainda havia poeira ao nosso redor, mas pelas laterais abertas do helicóptero, eu sabia que meu pai havia me visto. Mesmo tão alto, eu conhecia aquele rosto. Choque, surpresa e vergonha misturados.

Eu não sabia o que aconteceria naquele momento.

Senti vontade de chorar, mas fiquei olhando para cima até o ultimo lobo

desaparecer na mata.

Meu celular tocou. Uma mensagem e texto do celular de meu pai.

Saia daí

Respondi:

Quando você sair daí.

Capítulo 74

SAM

Eu me transformei em ser humano de novo sem qualquer cerimônia. Como se não fosse um milagre. Foi assim: o sol nas costas, o calor do dia, o lobo passando por minhas veias alteradas e então, Sam, o homem.

Eu estava na cabana e Koenig esperava. Sem tecer qualquer comentário sobre minha nudez, ele entregou a mim uma camiseta e uma calça de moletom que pegou de seu carro.

- Há uma mangueira atrás da cabana se você quiser se limpar – disse ele, apesar de eu não estar sujo. Minha pele naquele momento era nova em folha.

Mas eu dei a volta na cabana, percebendo meus passos, minhas mãos, o ritmo lento das batidas de meu coração de ser humano. Quando a água começou a espirrar da velha bomba de metal, percebi que as palmas das mãos e os joelhos estavam sujos de quando eu havia me transformado.

Esfreguei a pele, me vesti e bebi um pouco de água. Naquele momento, meus pensamentos voltavam e ainda eram selvagens, exagerados e incertos. Eu tinha conseguido – eu levei a matilha até ali, voltei a ser eu mesmo, me transformei em lobo e mantive minha essência, pelo menos a verdade de meu coração.

Era impossível, mas ali estava eu, em pé na cabana, em meu corpo.

E então vi a morte de Beck e minha respiração se tornou irregular, um barco à deriva, inconstante e ameaçado.

Pensei em Grace na mata, nós dois como lobos. A sensação e correr ao lado dela, ter aquilo com que eu sonhara todos aqueles anos antes de conhecê-la adequadamente como uma menina. Àquelas horas passadas como lobos, juntos, foram exatamente o que eu havia imaginado que seriam, sem palavras para atrapalhar. Eu queria que os invernos fossem daquela maneira, mas sabia que agora estávamos fadados, de novo, a passar os meses de frio separados. A felicidade era um caco espetando as minhas costelas.

E então pensei em Cole.

Aquele ato impossível só se fizera possível por causa dele. Fechei os olhos.

Koenig me viu ao lado da bomba de água.

- Você está bem? – perguntou ele.

Abri os olhos lentamente.

- Onde estão os outros?

- Na mata.

Assenti. Eles provavelmente estavam à procura de um lugar onde se sentissem à vontade para descansar.

Koenig cruzou os braços.

- Bom trabalho.

Olhei para a mata.

- Sam, sei que você não quer pensar nisso agora, mas eles voltarão para pegar os corpos – disse ele. – se quiser pegar o...

- Grace vai se transformar em breve – interrompi. – Quero esperar por ela.

Na verdade, eu precisava de Grace. Não podia voltar lá sem ela. E mais do que isso, eu precisava vê-la. Não podia confiar em minhas lembranças de lobo acreditando que ela estava bem até vê-la.

Koenig não me pressionou. Entramos na cabana, e então ele pegou mais uma muda de roupa do carro e colocou do lado de fora da cabana, como uma oferenda. Voltou com um copo de isopor com café de uma loja de conveniência enquanto já bebia um. O gosto estava péssimo, mas bebi, agradecido demais pela gentileza para recusar.

Então, me sentei em uma das cadeiras empoeiradas de nossa nova casa, com a cabeça nas mãos, olhando para o chão, analisando minhas lembranças de lobo. Lembrei da ultima coisa que Cole dissera para mim: *Vejo você do outro lado*.

Escutei uma batida suave na porta e era Grace, vestindo uma camiseta um pouco larga demais e uma calça de moletom. Tudo o que eu pretendera dizer a ela – *Perdemos cole. Beck morreu. Você está viva* – dissolveu-se em minha língua.

- Obrigada – disse Grace a Koenig.

- Salvar a vida das pessoas – disse Koenig – é o meu trabalho.

Então ela caminhou na minha direção e me abraçou com força e eu pressionei o rosto em seu ombro. Por fim, ela se afastou e disse com um suspiro: - Vamos buscá-los.

Capítulo 75

SAM

Em comparação a nossa viagem daquela manhã, não demoramos nada para voltar ao campo onde o helicóptero havia nos encontrado.

E ali estava Beck, seu corpo destruído. Muitos de seus órgãos estavam para fora de seu corpo, partes que eu nunca pensei que ele tivesse.

- Sam – disse Grace.

O corpo dele estava muito achatado e fino, como se não houvesse mais nada dentro. E talvez não houvesse, mesmo. Talvez tudo tivesse sido aniquilado no ataque. Mas aquelas partes. Que ele levava consigo antes de morrer. Eu me lembrei da ave que Shelby havia matado na nossa garagem.

Sam.

Sua boca estava entreaberta, a língua sobre os dentes. Não como um cão ficaria, mas de modo estranho e pouco natural. O ângulo da língua me fazia pensar que o corpo devia estar rígido. Como um cão atropelado por um carro, na verdade, apenas mais um cadáver.

Sam

Diga

Mas os olhos dele

Algo

Estava em seus olhos

Sam

Eu tinha muito o que dizer a ele

Você está me *assustando*

Eu ia ficar bem. Era como se eu soubesse, desde sempre, que ele morreria. Morto. Que encontraríamos o corpo dele daquele jeito, arruinado e destruído, que ele se afastaria de mim e nunca mais consertaríamos os estragos. Eu não ia chorar

porque aquilo era como tinha que ser. Ele partiria, mas ele já tinha partido antes, e não seria diferente dessa vez, dessa vez eterna, dessa vez definitiva, dessa vez sem esperança de primavera e clima quente que o levasse de volta a mim.

Eu não sentiria nada, porque não havia o que sentir. Eu sentia ter vivido aquele momento mil vezes, tantas vezes que não tinha mais energia nem emoção para colocar naquela cena. Pensei em tudo, *Beck está morto, Beck está morto, Beck está morto*, esperei pelas lágrimas, por algum sentimento, por algo.

O ar cheirava primavera ao nosso redor, só que parecia inverno.

GRACE

Sam ficou ali, tremendo, com as mãos ao lado do corpo, calado e olhando para baixo, para o corpo que estava aos nossos pés. Algo terrível na expressão dele fez com que lágrimas e mais lagrimas escorressem pelo meu rosto, sem qualquer som.

- Sam – implorei. – por favor.

Sam disse:

- Estou bem.

E então ele se abaixou lentamente. Curvou-se, com as mãos na nuca, empurrando o rosto contra os joelhos, indo muito além de chorar e eu não sabia o que fazer.

Eu me agachei ao lado dele e o abracei. Ele tremia sem parar, mas nenhuma lagrima rolava.

- Grace – sussurrou ele e, naquela palavra, ouvi a dor. Ele estava passando uma das mãos pelos cabelos sem parar, segurando e soltando as mechas. – Grace, me ajude. Preciso de ajuda.

Mas eu não sabia o que fazer.

Capítulo 76

GRACE

Usei o telefone de Koenig para telefonar para Isabel.

Sam, Koenig e eu havíamos passado uma hora na mata, na mórbida tarefa de contar os corpos de lobos e vendo se Sam conseguia identificá-los. Sete lobos mortos, incluindo Beck. Ainda não havíamos chegado aos corpos de Shelby e de Cole.

Sam estava a poucos metros de mim, observando a mata, com as mãos unidas atrás da cabeça. Como sempre, era um gesto muito dele, mas também de Beck. Eu não me lembrava se já havia dito isso a Sam. Não sabia se isso ajudaria ou se o machucaria naquele momento.

- Isabel – falei quando ela atendeu.

Isabel apenas suspirou.

- Eu sei. Como foram as coisas para você aí ?

A voz de Isabel estava estranha. Pensei que ela talvez estivesse chorando.

- Normal. Estou de castigo pelo resto da vida, que será até semana que vem, mais ou menos, porque, depois disso, eles vão matar. Estou no meu quarto porque estou cansada de gritos.

Isso explica a voz.

- Sinto muito - eu disse.

- Não se preocupe. Eu cheguei aí um pouco tarde, não foi?

- Não se culpe, Isabel Sei que é o que você gosta de fazer, mas você não devia nada aos lobos e veio mesmo assim.

Ela ficou muito tempo calada, e eu tentei imaginar se ela acreditava em mim. Por fim, ela disse: - E eles vão me mandar para a Califórnia para viver com a vovó até conseguir vender a casa.

- O quê?

Minha reação foi tão exagerada que Sam olhou para mim, franzindo o cenho.

A voz de Isabel não tinha entonação.

- Sim, vou fazer meus exames finais e então vou embarcar com as minhas coisas. Isabel Culpeper. Será assim seu nobre fim. De volta à Califórnia com o rabo entre as pernas. Você acha que sou covarde por não fugir?

Agora era minha vez de suspirar.

- Se você conseguir seus pais por perto, acho que é o que deve fazer. Seus pais amam você, apesar de seu pai ser um babaca. Mas não quer dizer que quero que você se vá. Isabel na Califórnia? Não acredito. Tem certeza de que eles não vão mudar de idéia?

Ela riu. Foi um som forte, uma nova ferida.

- Diga obrigado a ela – disse Sam.

- Sam está dizendo obrigado.

Isabel riu. Ha ha ha.

- Por sair do Estado?

- Por salvar nossas vidas

Ficamos caladas por um momento. No lago, um mergulhão grasnou. Se eu não soubesse, logicamente, que estivera ali de manhã, nem teria lembrado. Como loba, tudo naquele lugar parecia diferente.

Isabel disse:

- Não salvei a vida de todos.

Eu não soube o que dizer, porque era verdade. Não era culpa dela, mas mesmo assim eu não podia dizer que não era verdade. Então, eu disse: - Estamos na mata. Onde está o... bem...onde Cole...

Ela me interrompeu.

- Havia uma elevação na beira do caminho. As marcas do pneu devem estar visíveis. Ele ficou poucos metros antes delas. Preciso ir. Preciso...

O telefone ficou mudo.

Suspirei e fechei o celular, repassando a informação. Juntos, seguimos as direções que nos levaram ao corpo de Shelby. Surpreendentemente, ele não

estava muito afetado, apenas o rosto, tão destruído que eu não conseguia nem olhar. Havia muito sangue ali.

Tentei sentir compaixão por ela, mas só pensava que por causa de Shelby, Cole havia morrido.

- Finalmente ela morreu – disse Sam. – Morreu como loba. Acho que foi como ela queria.

Ao redor do corpo dela, a grama estava manchada de vermelho. Eu não sabia onde Cole tinha morrido. Seria o sangue dele? Sam hesitou, olhando para ela, e eu percebi que ele estava vendo além do monstro. Eu não conseguia fazer a mesma coisa.

Koenig disse que precisava dar um telefonema e se afastou de nós.

Toquei a mão de Sam. Ele estava em cima de tanto sangue que parecia ter se ferido.

- Você está bem?

Ele esfregou os próprios braços; estava esfriando de novo ao por do sol.

- Eu não detestei aquilo, Grace.

Ele não precisou explicar. Eu ainda me lembrava da sensação de alegria ao vê-lo correr na minha direção como lobo, apesar de não conseguir me lembrar do nome dele. Eu nem lembrei de ter trocado imagens com ele na liderança da matilha. Todos confiavam nele, como eu. Sussurrei baixinho: - Porque você foi melhor naquilo.

Ele balançou a cabeça

- Porque eu sabia que não seria para sempre.

Toquei os cabelos dele e ele se inclinou para me beijar, discreto como quem conta um segredo. Eu me recostei em seu peito e ficamos ali juntos, protegidos do frio.

Depois de muitos minutos, Sam se afastou de mim e observou a mata. Por um momento, pensei que ele estivesse prestando atenção, mas é claro que nenhum lobo uivara do Bosque da Fronteira naquele momento.

Ele disse:

- Este é um dos últimos poemas que Ulrik me fez decorar:

"endlich entschloss sich niemand Und niemand klopfte

Und niemand sprang auf

Und niemand offnete

Und damstand niemand

Und niemand trat ein

Und niemand sprach: willkomm

Und niemand antwortete: endlich"

O que quer dizer? – perguntei.

A principio não pensei que Sam fosse responder. Ele semicerrou os olhos por causa do sol do fim da tarde, olhando para a mata para onde havíamos fugido há uma eternidade, e então para a mata onde vivíamos, uma eternidade antes daquilo. Ele era uma pessoa muito diferente daquela que eu conhecera, sangrando na porta dos fundos de minha cassa. Aquele Sam era tímido, ingênuo, delicado, envolvido em suas palavras e canções, e eu sempre amaria aquela versão dele. Mas a mudança era boa. Aquele Sam não teria conseguido sobreviver a tudo. Da mesma forma, a Grace de antes também não teria conseguido.

Sam disse, olhando para o Bosque da Fronteira: "finalmente, ninguém decidiu

E ninguém bateu

E ninguém saltou

E ninguém abriu

E não restou ninguém

E ninguém entrou

E ninguém disse: seja bem-vindo

E ninguém respondeu: finalmente"

As nossas sombras estavam altas como árvores, sem nada que as bloqueasse. Era como se estivéssemos em outro planeta, ali naquela área de mata abundante, riachos que brilhavam em tons laranja e cor de rosa, exatamente da mesma cor do

por do sol. Eu não sabia mais onde procurar o corpo de Cole Não havia qualquer sinal dele ao redor, além de seu sangue no mato e desníveis.

- Pode ser que ele tenha se arrastado para dentro da mata – disse Sam de modo sério. – Por instinto, ele se esconderia, mesmo prestes a morrer.

Meu coração saltou:

- Você acha...

- Há sangue demais – respondeu Sam. Não olhou para mim. – Veja tudo isso. Lembre-se de que não consegui me curar de um tiro no pescoço. Ele não conseguiria se recuperar. Só espero... só espero que ele não tenha sentido medo antes de morrer.

Eu não disse o que estava pensando: Mas todos nós sentimos medo.

Juntos, passamos pela beira da mata, só para confirmar. Apesar de estar escurecendo, continuamos procurando, porque sabíamos que o olfato nos ajudaria mais do que a visão.

Mas não encontramos sinais dele. Por fim, Cole St. Clair fez o que fazia de melhor.

Desapareceu.

Capítulo 77

ISABEL

Quando nos mudamos para aquela casa, a sala de piano era o único cômodo que eu adorava. Eu tinha detestado o fato de termos saído da Califórnia para um estado dos dois oceanos que meu pais oferecia. Detestei o cheiro de mofo de nossa casa e a mata assustadora que a cercava. Detestei o fato de ela deixar meu irmão irritado ainda mais irritado. Detestei as paredes inclinadas de meu quarto, a escada que rangia e as formigas na cozinha, apesar dos eletrodomésticos caros.

Mas eu havia adorado a sala do piano. Era uma sala redonda com janelas e paredes mais curtas pintadas de vinho. Não havia nada na sala além do piano, três cadeiras e um candelabro surpreendentemente elegante, em comparação ao resto da decoração da casa.

Eu não tocava piano, mas gostava de ficar sentada no banco, mesmo assim, de costas para o piano, observando a mata pela janela. Dali de dentro, aquela vegetação não assustava, pois era possível manter uma distância segura entre mim e ela. Talvez houvesse monstros ali, mas nada que pudesse vencer vinte metros de quintal, uma polegada de vidro e um piano Steinway. A melhor maneira de aproveitar a natureza, pensei.

Ainda havia dias em que eu achava que aquela era a melhor maneira de lidar com a natureza.

Naquela noite, eu saí de meu quarto, evitando meus pais, que conversavam na biblioteca, e entrei na sala do piano. Fechei a porta para que nenhum som fosse ouvido e me sentei com as pernas cruzadas em cima do banco. Era noite, por isso não havia nada a ser visto do lado de fora além do círculo de grama iluminada pela luz da porta de trás. Mas não me importei por não conseguir ver as árvores. Não havia mais monstros ali.

Cobri a cabeça com o capuz de minha blusa e encolhi as pernas contra o peito. Eu tinha a sensação de que sempre sentira frio ali em Minnesota. Ficava esperando pelo verão, que parecia nunca chegar.

Voltar para a Califórnia não me parecia uma péssima ideia naquele momento. Eu queria me enterrar na areia e hibernar até não mais me sentir oca por dentro.

Quando o telefone tocou, me assustei e bati o cotovelo nas teclas do piano, emitindo um som baixo e agonizante Eu não tinha percebido que o telefone continuava em meu bolso.

Eu o peguei e olhei para o visor, e vi o número do celular de Sam. Eu não estava a fim de me mostrar como a Isabel que eles conheciam. Será que não podiam me dar uma noite de sossego?

Levei o telefone ao ouvido.

- Oi? - Não escutei nada do outro lado da linha. Conferi para ter certeza de que o sinal estava bom. – Alô? Tem alguém aí?

- Bipe.

Amoleci por dentro. Escorreguei do banco, tentando manter o telefone encostado na orelha, tentando manter a cabeça erguida porque meus músculos pareciam incapazes de realizar a tarefa. As batidas de meu coração ressoavam com tanta força em meus ouvidos que percebi, depois de um tempo, que se ele tivesse algo a dizer, eu não conseguiria escutar.

- *Você* – eu disse, porque não consegui pensar em mais nada. Eu tinha certeza de que o restante da frase viria. – Você quase me matou de susto!

Ele riu, aquela risada que tinha escutado na clínica, e eu comecei a chorar.

- Agora, Ringo e eu temos ainda mais coisas em comum – disse Cole. – O seu pai atacou nós dois. Quantas pessoas podem dizer isso? Você está engasgada?

Pensei em me levantar, mas minhas pernas ainda estavam fracas.

- Sim, sim, você acertou em cheio, Cole.

- Eu esqueci de dizer meu nome quando você atendeu.

- Onde você estava?

Ele fez um som indicando que não importava - Na mata. Cuidando da reconstrução de meu baço ou algo assim.

Além disso, de partes de minhas coxas. Não sei mais se as minhas melhores partes ainda funcionam. Você é bem-vinda para vir dar uma olhada no motor.

- Cole – eu disse. – Preciso dizer uma coisa.

- Eu vi – respondeu ele. – Eu sei o que você fez.

- Sinto muito.

Ele fez uma pausa.

- Eu sei.

- Sam e Grace sabem que você está vivo?

- Vou me reunir com eles mais tarde. Mas precisava falar com você primeiro.

Por um momento, aproveitei a sensação causada por aquela frase. Eu a memorizei para poder repassá-la mentalmente sem parar mais tarde.

- Meus pais vão me mandar de volta para a Califórnia por causa do que eu fiz. – Eu não sabia como contar aquilo de outra forma.

Cole calou-se por um momento.

- Já estive na Califórnia – disse ele, por fim. – É um lugar meio mágico. Calor, vaga-lumes e carrões importados. Estou imaginando você ao lado de um cacto decorativo. Você está deliciosa.

- Eu disse a Grace que não queria ir.

- Mentirosa. Você é uma menina da Califórnia – disse. – Fica parecendo uma alienígena aqui.

Eu me surpreendi ao rir.

- O que foi?

- Estou rindo porque você me conhece há cerca de quatorze segundos e sete deles nós passamos nos beijando e mesmo assim, você sabe mais sobre mim do que todos os meus amigos, deste lugar idiota – confessei.

Cole pensou no que eu disse.

- Bem, sou excelente em julgar a personalidade das pessoas.

Só de pensar que ele estava na casa de Beck, vivo, com o telefone de Sam, me deixava feliz e mais feliz, e então comecei a rir sem parar. Meus pais podiam ficar bravos comigo para sempre, se quisessem.

- Cole – eu o chamei. – Não perca meu número.

Capítulo 78

GRACE

Eu me lembro de ter ficado deitada na neve, uma pequena mancha vermelha esfriando, cercada por lobos.

- Tem certeza de que este é o lugar? – perguntou Sam. Era o mês de outubro, por isso o ar frio da noite havia tirado o verde das folhas e deixado a vegetação rasteira vermelha e marrom. Ficamos em uma pequena clareira. Era tão pequena que eu conseguia ficar no meio e esticar os braços para os dois lados e tocar uma bétula com uma das mãos e os galhos de um pinheiro com a outra, e foi o que fiz.

A voz de Sam estava firme.

- Sim, tenho.

- Eu lembro que ele parecia maior.

Eu era menor na época, claro, e estava nevando – tudo parecia mais amplo na neve. Os lobos tinham me arrastado do balanço de pneu até ali, me derrubaram e me tornaram um deles. Eu havia chegado muito perto da morte.

Eu me virei lentamente, esperando reconhecer, esperando uma lembrança, algo que indicasse que aquele era, realmente, o ligar. Mas a mata continuava comum a meus olhos, e a clareira continuava sendo uma clareira normal. Se eu estivesse sozinha, eu provavelmente a teria atravessado com um ou dois passos, sem perceber que se tratava de uma clareira.

Sam passou entre as folhas e raízes.

- Então seus pais acham que você vai para... a Suíça?

- Noruega – corrigi. – A Rachel vai de verdade e eu vou com ela.

- Você acha que eles acreditam em você?

- Eles não tem motivo para não acreditar. Rachel se tornou muito boa em enganar.

- Preocupante – disse Sam, apesar de não parecer preocupado.

- Sim – concordei.

O que eu não disse, mas nós dois sabíamos, era que não era essencial que eles acreditassem em mim. Eu já tinha completado dezoito anos, me formado no ensino médio durante o verão, como prometi, e eles estavam sendo gentis com Sam, permitindo que eu passasse os dias e as noites com ele, conforme o prometido, e agora eu estava livre para fazer faculdade ou sair de casa quando quisesse. Minhas malas estavam prontas, na verdade, dentro do porta-malas do carro de Sam, na garagem da casa de meus pais. Tudo de que eu precisava para partir.

O único problema era o inverno. Eu sentia o frio em meus membros, apertando meu estômago, incentivando a me transformar em loba. Eu não poderia fazer faculdade, não poderia me mudar, nem mesmo ir para a Noruega, a menos que tivesse certeza de que poderia continuar como ser humano.

Observei Sam se abaixar e remexer nas folhas do chão da floresta. Algo havia chamado a sua atenção enquanto ele procurava.

- Você se lembra daquele mosaico na casa de Isabel? – perguntei.

Sam encontrou o que estava procurando, uma folha amarela em forma de coração. Ele a endireitou e torceu pelo longo caule. – Fico tentando imaginar o que vai acontecer com ele agora que a casa está vazia.

Por um momento, ficamos calados, em pé um ao lado do outro dentro da pequena clareira, com as sensações familiares do Bosque da Fronteira ao nosso redor. As árvores tinha um cheiro único, uma mistura de fumaça e brisa do lago. As folhas se resvalavam umas nas outras de um modo sutilmente diferente das folhas da península, na região mais alta. Aqueles galhos tinham lembranças presas a eles, vermelhas e morrendo nas noites de frio, de um modo que as outras árvores não tinham.

Um dia, pensei, aquela mata seria um lar, e esta mata seria desconhecida.

- Tem certeza de que quer fazer isso? – perguntou Sam com delicadeza.

Ele se referia á seringa com sangue infectado por meningite, claro, que esperava por mim nos fundos da cabana. A mesma quase-cura que havia ajudado Sam e matado Jack. Se as teorias de Cole estivessem certas e eu combatesse a meningite como loba, ela lentamente incapacitaria a loba que existia dentro de

mim e me tornaria um ser humano para sempre. Se Cole estivesse enganado e a sobrevivência de Sam tivesse sido aleatória, eu teria problemas.

- Eu confio no Cole – afirmei. Naqueles dias, ele estava sendo forte, uma pessoa mais nobre do que quando eu o conhecera. Sam dissera estar feliz por Cole estar usando seus poderes para o bem e não para o mal. Fico feliz por vê-lo transformar a cabana em seu castelo. – Tudo o que ele descobriu estava certo.

Por um lado, eu sentia uma perda, porque, em alguns dias, eu adorava ser loba. Adorava aquela sensação de conhecer a mata, de fazer parte dela. A completa liberdade nela. Mas, por outro lado, eu detestava a confusão, o desejo de saber mais, sem conseguir. Apesar de adora ser loba, eu adorava ainda mais ser Grace.

- O que você fará enquanto eu estiver longe? – perguntei.

Sem responder, Sam pegou minha mão esquerda e eu permiti. Ele torceu o caule da folha ao redor de meu dedo anelar de modo a formar um anel amarelo. Nós dois o admiramos.

- Vou sentir sua falta – disse ele. Sam soltou a folha, que caiu no chão entre nós dois. Ele não disse temer que Cole estivesse errado, apesar de eu saber que ele temia.

Eu me virei na direção da casa de meus pais. Não consegui vê-la entre as árvores; talvez, no inverno, ela se tornasse visível, mas, por enquanto, estava escondida atrás das folhas de outono. Fechei os olhos e senti o cheiro das árvores mais uma vez. Aquilo era um adeus.

- Grace? – chamou Sam, e eu abri os olhos.

Ele estendeu a mão para mim.

Observação da Autora

É um pouco estranho dizer adeus a um mundo no qual vivi por quase quatro anos, uma série que mudou minha vida completamente, mas aqui estou. Agora que cheguei ao fim, vejo que está na hora de dizer algo a respeito de minha história que existe fora das páginas dos livros.

Em primeiro lugar, lobos.

Tentei me manter fiel em relação ao real comportamento dos lobos ao logo da série (ainda que não recomende a ninguém beijar um desses animais). Para os leitores que querem saber mais sobre o comportamento dos lobos, recomendo o documentário *Vivendo com lobos* como um bom ponto de partida. Os papéis de Ulrik, Paul e Salem são padrão dentro de uma matilha de lobos de verdade: o pacificador, o alfa e o ômega. A realidade da dinâmica da matilha é algo fascinante.

Também é verdade que o lugar de um lobo em nosso mundo é altamente discutido. A caçada que Tom Culpeper ajudou a criar se baseia em caçadas de verdade ocorridas no oeste dos Estados Unidos e no Canadá, na busca por equilíbrio perpetrada por fazendeiros e lobos. Os fatos permanecem – os lobos são adoráveis, mas também são predadores poderosos e os seres humanos são ciumentos zeladores de seu território e de sua vida - , de modo que mais lobos morrerão com a arma de um caçador ou à sombra de um helicóptero antes de tudo ser finalizado.

Em segundo lugar, Mercy Falls, Minnesota.

Muitos leitores me disseram que é impossível encontrar Mercy Falls no mapa, e sinto muito. Calafrio, originalmente, foi ambientado em Ely, Minnesota, que é um lugar que existe de verdade, depois em Bishop, Minnesota, que não existe, e finalmente em Mercy Falls. Em minha mente, Mercy Falls é bem próxima de Ely e de Boundary Waters. Fora de minha mente, ela fica perto de lugar nenhum, ou seja, não existe. Mas essa parte de Minnesota abriga uma população real de lobos cinza.

Entre outros lugares de verdade nos livros, estão a doceria (baseada na Wythe Candy, em Williamsburg, VA), a Crooked Shelf (baseada na Riverby Books, em

Fredericksburg, VA), e a Loja de Pesca do Bem (mas não revelarei onde fica a loja, para proteger a identidade do homem suado que é o proprietário).

Em terceiro lugar, as pessoas.

Alguns dos personagens são um pouco baseados nas pessoas reais. Dmitra, a engenheira de som, é uma pessoa de verdade, ainda que na vida real ela não tinha nariz grande, nem seja mulher. Os pais de Grace são de verdade, mas não são os meus. E Ulrik é uma pessoa de verdade, mas não é um lobo.

Em quarto lugar, a poesia.

Rilke é a preferida de Sam, por isso mais proeminente, mas também há Mandelstam, Roethke, Yeats, e outros poetas alemães relacionados. Ainda que você seja fã de poesia, como eu, recomendo procurar por sua obras.

E, por fim, o amor.

Muitos, muitos leitores escreveram questionando o relacionamento de Sam e Grace, e posso garantir a vocês que ele é bem real. Amor mútuo, respeitoso e duradouro é totalmente alcançável , desde que você prometa a si mesmo que não se contentará com menos.

Então, este é um adeus a Mercy Falls. Está na hora de encontrar outros mundos desconhecidos.